1955

JULHO - N.458

O SÉCULO



CRUZEIROS 7

ANO 39 - Nº 2 - JULHO — 1955

QUANTOS ANOS PODEMOS VIVER? ★ PESCADORES DE BELEZA ★ ESTA TERRA VERTIGINOSA ★ O POVO ALEMÃO TRANSFORMOU UM TÚMULO EM COLMEIA

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

Gose suas férias economizando e desfrutando o confôrto e fino trato do GRANDE HOTEL PRATA em AGUAS DA PRATA.

Desconto de 20% nas diárias a partir de 1º de maio até 30 de junho. (Vinte por cento).

Reservas c/s Sxprinter ou diretamente com o hotel - telefones: 20-29-4 — Aguas da Prata — Estado de São Paulo.

Água Prata a melhor água para o tratamento do fígado, intestino, estômago, diabete — cura a azia.

Água do Villela — a água mais radioativa do Brasil.

Meios de transporte — Cia. Mogiana, Viação Cometa — Expresso Brasileiro — Limousines — Panair e Nacional.



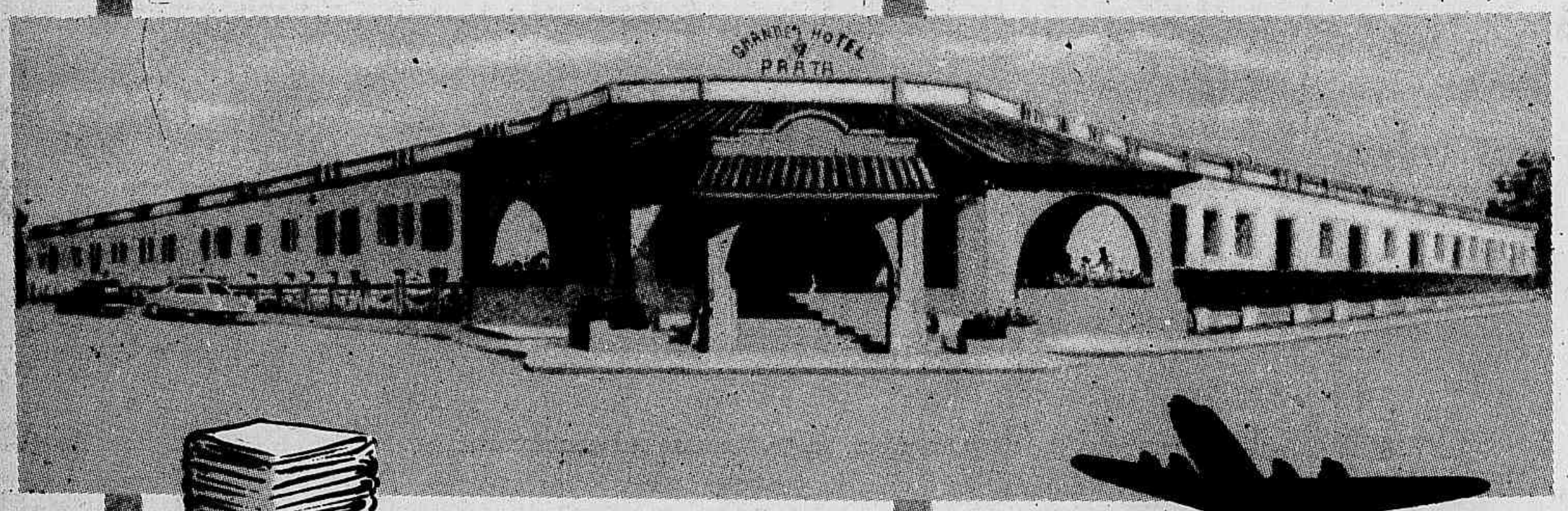
EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

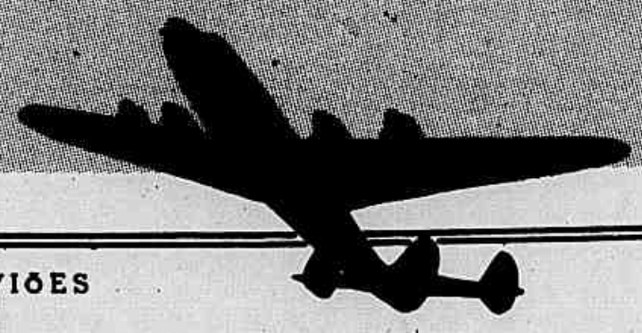




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

É A "MELHOR CABEÇA" DA ESCOLA... E USA O "MELHOR CALÇADO DO MUNDO".





insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

O Brasil fabrica o melhor calçado do mundo e a **INSINUANTE** vende o melhor calçado do Brasil

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

CONFEITARIA
COLOMBO



A COLOMBO caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e "cocktaills" acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutís prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC.

★

MATRIZ:
RUA GONÇALVES DIAS, 32/36
ANEXO À RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:
AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA:
RUA LIVRAMENTO, 174/184
Fone: 43-6925
RIO

FRANÇA & CIA. LTDA.



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: — L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em São Paulo: — Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: 'Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 7,00. Número atrasado — Cr$ 8,50. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 90,00, para o estrangeiro: Cr$ 120,00.

O Mendigo

Por

WILLIAM SOMERSET MAUGHAM

SABE Deus as vêzes que tenho lamentado não poder dispor da metade do tempo necessário para fazer a metade das coisas que tenho desejado. Recentemente, recordava que não tivera sequer um minuto para dedicar a mim mesmo. Oh! Quantas vêzes formara a ilusão de gozar uma semana de completa folga — até que, por fim, consegui êsse sonho.

Muitos pensam que o lograram quando não estão presos a nenhum trabalho, mas apenas ocupados em caçar, montar a cavalo, jogar o tênis ou o gôlfe ou praticar algum dos chamados jogos de azar. Mas não era assim que eu entendia.

Costumava passar a manhã folgando, a tarde perdendo tempo e a noite espreitando o que faziam os outros. Mas a minha mente era fria e cada momento que transcorria era como uma esponja que apagava as anteriores sensações mundanas.

O tempo, por ser tão fugitivo e irrecuperável, é o mais apreciado dos tesouros, de modo que mal-gastá-lo é o desperdício mais criminoso que um homem pode praticar. Conta-se que Cleópatra ofereceu a Marco Antônio uma taça de vinho na qual havia dissolvido uma pérola de grande valor. Algo dêsse gesto magnífico, mas absurdo, está nesse desperdício do tempo, que é como ouro que escorre das mãos.

Assim, pois, decidi não fazer durante a semana outra coisa senão ler porque, para o leitor empedernido, a leitura é uma espécie de droga que o vicia.

Privar da leitura uma pessoa habituada a ela é torná-la nervosa, azêda e inquieta





Pois, à semelhança do alcoólico, a quem se priva de sua bebida e toma, então, qualquer zurrapa, sem importar-lhe que seja goma-laca ou aguardente, o leitor consuetudinário recorre até mesmo aos anúncios de um jornal de cinco anos atrás ou a um catálogo telefônico.

O escritor profissional não costuma ler sem selecionar sua leitura. Eu ao contrário, queria buscar na leitura um meio de distração. Havia decidido que, se alguma vez surgisse a oportunidade, levaria a cabo um projeto longamente acariciado, que até então não passara de um sonho como o do explorador em terra distante e que se dedica, forçosamente, a reconhecimentos prévios: leria as obras completas de Nick Carter.

Em minha imaginação havia decidido fazê-lo, quando o momento chegasse, dentro de uma atmosfera agradável e não imposta. E, repentinamente, encontrei-me sem nada que fazer, exatamente como havia ambicionado. É claro, diante do fato me senti um pouco alarmado, como se no centro do Pacífico tivesse convidado um amigo a visitar-me em Londres, caso alguma vez passasse pela City, e, repentinamente o mesmo ali se apresentasse, sem prévio aviso e carregado de malas. Estava

em Veracruz, disposto a embarcar num dos pequenos vapores da Companhia Ward, que fazem a travessia a Yucatán, quando foi declarada uma greve que impediu a saída do barco.

Detido por êsse fato na cidade, hospedei-me no Hotel Diligências, diante da praça, dedicando a manhã a conhecer a cidade, vagando pelas ruas laterais, vendo "pátios" originalíssimos. Visitei também a igreja paroquial com sua cúpula de azulejos brancos e azuis. Depois, convencido de que tinha visto tudo o que tinha interêsse na cidade, sentei-me à sombra, sob a arcada que circundava a praça e pedi um refrêsco. O sol abrasava a praça, onde as palmeiras, poeirentas e descuidadas, tinham lamentável aspecto. De vez em quando, grandes pombos negros irrompiam na paisagem; dos ramos desciam ao solo para colhêr algum desperdício e logo, com celeridade incrível, subiam para a tôrre da igreja.

À medida que a manhã transcorria, as mesas iam sendo ocupadas em meu **refot**, especialmente por homens que tomavam um aperitivo, antes de almoçar. Quase todos se vestiam de branco, embora, apesar do calor, alguns se vestiam de prêto, que parece infundir maior respeito. Uma orquestra minúscula, formada por um guitarrista, um violinista cego e uma harpista, executava música sincopada; ao finalizar cada peça, o guitarrista ia de mesa em mesa com um prato de metal na mão.

Os vendedores ambulantes me assediavam para que comprasse seus jornais, embora eu já tivesse um. Repeli pelo menos vinte vêzes as importunações de uma dezena de meninos, esquálidos e imundos, que tentavam lustrar meus sapatos e, dêsse modo, sem ter um só níquel trocado no bôlso, optei por mover a cabeça negativamente aos que ainda teimavam em pedir esmola.

Algumas índias com saias amplas e pouco asseadas passavam pela praça, carregando, cada uma, um filho envôlto num chale. Também elas estendiam o braço magro, implorando em voz baixa e monocorde, uma esmola. Vários cegos e mutilados se aproximaram de minha mesa, conduzidos por meninos, exibindo para meu exame suas feridas e deformações de nascença; meninos nus e desnutridos, gemiam sem cessar, implorando uma moeda. Porém êstes eram perseguidos por um volumoso representante da lei, que os fustigava com uma correia, de modo que os meninos se espalhavam, desaparecendo logo que o viam surgir. Mas não tardavam a voltar à carga, e o guarda, depois de gastar tantas fôrças com êles, fixava exausto.

Foi então quando atraiu minha atenção um mendigo, que se diferençava de todos os outros pela côr dos cabelos. Enquanto os demais os tinham negros, o dêle era vermelho, mas de um tom tão vivo què causava assombro. Sua barba estava descuidada e os cabelos, que lhe chegavam ao pescoço, pareciam não ter sido penteados há meses. Como roupa tinha apenas calças e uma camisa de algodão, mas tão andrajosos e manchados, que parecia inexplicável que pudessem ser usadas. Através dos orifícios de sua camiseta viam-se, claramente marcadas, suas costelas, e seus braços e pernas eram como uns sacos de ossos. Entre todo aquêle lixo humano era, sem dúvida, o mais abjeto. Não



era velho, pois quando muito poderia ter quarenta anos e não pude deixar de pensar na razão que o fizera cair tão baixo.

Era ilógico imaginar que não tivesse trabalhado, podendo fazê-lo. Entre todos aquêles mendigos verbosos, era o único que se aproximava em silêncio. Enquanto os outros contavam suas penúrias, repetindo-as como litanias, êle permanecia sempre imutável. Talvez acreditasse que seu desastroso aspecto era suficiente para amolecer os corações.

Não estendia a mão como os demais mendigos. Recorrera à artimanha de cravar o olhar nas pessoas, revelando tanta miséria e desespêro, que observar sua figura infundia realmente terror.

Aproximava-se das mesas, contemplando em silêncio os consumidores; se não lhe faziam caso, seguia tranqüilamente até outra mesa vizinha. Não demonstrava a menor desilusão se continuava com as mãos vazias e no caso de alguém lhe oferecer uma moeda, dava um passo curto para a frente, estendia a mão, que mais parecia uma garra, e, sem agradecer, afastava-se, impassìvelmente.

Quando se aproximou da minha mesa, como nada tinha para dar, fiz um movimento negativo com a cabeça, para que não esperasse em vão, dizendo-lhe ao mesmo tempo: "Perdone, por Dios", fórmula cortês com que os espanhóis recusam dar uma esmola. Ficou imóvel à minha frente o mesmo tempo que costumava estar diante dos demais freqüentadores, mirando-me com o infortúnio cravado nos olhos. Jamais eu tinha visto um homem tão derrotado. Horrorizava olhá-lo e além do mais dava a impressão de que não estava em seu juízo. Felizmente, afastou-se, afinal.

Era mais de meio-dia e pensei que era boa hora para almoçar. O dia estava morno, porém, ao entardecer, depois de dormir a sesta, notei que entrava leve brisa pela janela. Senti desejos de voltar à praça. Voltei a sentar sob a arcada e pedi um refrêsco. Logo começou a chegar gente, ocupando as mesas próximas. Uma banda de música, instalada numa plataforma central, começou a tocar, atraindo grande multidão, que formava grupos compactos, semelhantes a cachos de uvas, enquanto no ar flutuava um rumor de conversações alegres. Os pombos continuavam descendo em busca de restos de coisas vendidas pelos "ambulantes" e não de todo consumidas pelo povo, logo sumindo nos telhados próximos. Mas agora também estranhas corujas negras, com as primeiras sombras do anoitecer, chegavam dos quatro cantos da cidade, refugiando-se nos desvãos dos telhados, emitindo sons discordantes.

De novo os pequenos engraxates voltaram a importunar-me com suas súplicas para que os deixasse limpar meus sapatos, os vendedores de jornais a cacetear-me oferecendo-me úmidos diários e os mendigos a pedir esmolas.

Foi quando tornei a ver o homem da barba ruiva e observei a maneira como ia de mesa em mesa, com aquela cara que despertava compaixão. Não parou à minha frente. Imaginei que, ao recordar que pela manhã não lhe dera esmola, considerava inútil insistir.

Não é comum ver um mexicano com cabelos ruivos e como sòmente na Rússia havia visto homens de aspecto tão miserável, fiquei pensando se não seria, talvez, russo. Mas não tinha cara de russo; seu perfil bem desenhado e os olhos azuis não eram características dessa gente. Talvez algum marinheiro inglês, escandinavo ou norte-americano, desertor, e que acabara nesse deplorável estado. Mas logo desapareceu. E como eu nada tinha que fazer, continuei sentado até sentir apetite. Depois do jantar, voltei ao mesmo lugar, ocupando a mesma mesa, onde fiquei como simples espectador, até que a clientela começou a retirar-se. Pensei que já era hora de ir dormir e retirei-me para o hotel.

O dia transcorrera irritante e lento e comecei a conjeturar sôbre quantos dias iguais seria obrigado a passar ali. Não pude conciliar o sono. O calor era insuportável. Levantei-me, abri a janela e contemplei a igreja. Embora não houvesse lua pude perceber seus contornos. As corujas se haviam acocorado na cruz da cúpula e na tôrre. O quadro era tétrico. Sem saber como a lembrança daquele indivíduo voltou a ocupar meu pensamento e de improviso tive a sensação de o haver conhecido, visto ao menos... em outro lugar. Essa idéia me torturou a tal ponto que não consegui dormir o resto da noite.

Sim. Estava certo de havê-lo encontrado, tempos antes, mas não conseguia saber onde e como. Só ao amanhecer consegui adormecer, por mais uma hora apenas.

O segundo dia de minha permanência em Veracruz prometia ser igual ao primeiro, apenas que agora esperava com alguma ansiedade a .chegada do mendigo de cabelos ruivos. Enquanto se detinha, imóvel, diante das mesas, tratei de observá-lo atentamente. E fiquei absolutamente convencido de que o conhecera e com êle privara, mas sem saber em que circunstâncias.

Passou novamente diante de minha mesa, sem deter-se. Num momento nossos olhares se cruzaram e tratei de descobrir em seus olhos algum indício orientador. Foi inútil. Pensei que me havia enganado, assim como às vêzes, por estranho reflexo mental, pensamos estar fazendo algo que já havíamos feito anteriormente. Não obstante, a idéia de que já vira aquêle indivíduo continuava cada vez mais firme. Doía-me a cabeça. Acabei concluindo que era um inglês ou norte-americano, mas não me atrevia a dirigir-lhe a palavra. Exasperava-me não poder identificá-lo, assim como nos irrita não poder pronunciar a palavra que parece estar à flor dos lábios. Chegou o domingo e a praça ficou ainda mais cheia de gente e as mesinhas tôdas ocupadas. Como de costume, o mendigo de cabelos ruivos passou diante das mesas, impassível e com a mesma aparência miserável. Parou diante de uma, separada da minha por outras duas, pedindo esmola em silêncio, como era seu hábito. Repentinamente, o guarda que se escondera atrás de uma coluna, caiu sôbre êle, assestando-lhe ressonante correiada.

O mendigo se encolheu, mas não lançou qualquer protesto nem revelou ressentimento algum. Pareceu aceitar o castigo como coisa natural e afastou-se lentamente, apagando-se nas sombras da noite.

Aquela correiada teve a virtude de fazer-me recordar quanto dizia respeito àquele indivíduo, embora sem poder recordar seu nome. Sem dúvida, êle me reconhecera, pois não mudei muito nestes vinte anos. Por isso, talvez, não tornasse a vir a mim, depois daquela manhã em que me pediu esmola pela primeira vez. Eu o havia conhecido, vinte anos atrás, em Roma, onde passava a temporada do inverno. Tôdas as noites jantávamos num restaurante da Via Sixtina, que oferecia aos seus clientes um maravilhoso talharim e um vinho adorável. Ali comparecia um grupo de inglêses e norte-americanos, estudantes de arte e dois ou três escritores, ficando todos até bem tarde, discutindo arte e literatura. Aquêle homem estava quase sempre acompanhado de um jovem pintor, seu amigo. Era, então, quase um rapazola. Não poderia ter mais que vinte ou vinte e um anos. Seu porte era gentil, realçado por olhos azuis,

(Continua no fim da revista)



REMENDO PARA UM CORAÇÃO INFANTIL

MÃE E FILHA UNEM SUAS TORRENTES SANGUINEAS NUMA DELICADA OPERAÇÃO

RODEADAS de cirurgiões e especialistas, duas criaturas anestesiadas jaziam sôbre mesas paralelas, na sala de operação do Hospital da Universidade de Minnesota.

Eram Marsha Gilliam, de cinco meses, nascida com uma perfuração cardíaca e sua mãe, Mary Gilliam, de 32 anos, que arriscava a própria vida para salvar a da filhinha.

Marsha foi submetida a uma intervenção, que realizava o sonho dos médicos: o de operar no coração vivente, com visão total e livre, e sem pressa.

O dr. C. Walton Lillehei e três colegas seus, os doutôres Richard Varco, Morley Cohen e Herbert Warden, desenvolveram uma novíssima técnica, verdadeiramente revolucionária, a fim de isolar o coração do enfêrmo do resto do seu organismo, o qual passou então a nutrir-se do sangue de outro ser humano.

O orifício no coraçãozinho de Marsha estava num tabique interno, pelo qual o sangue escapava de uma cavidade para outra... em vez de circular pelo organismo.

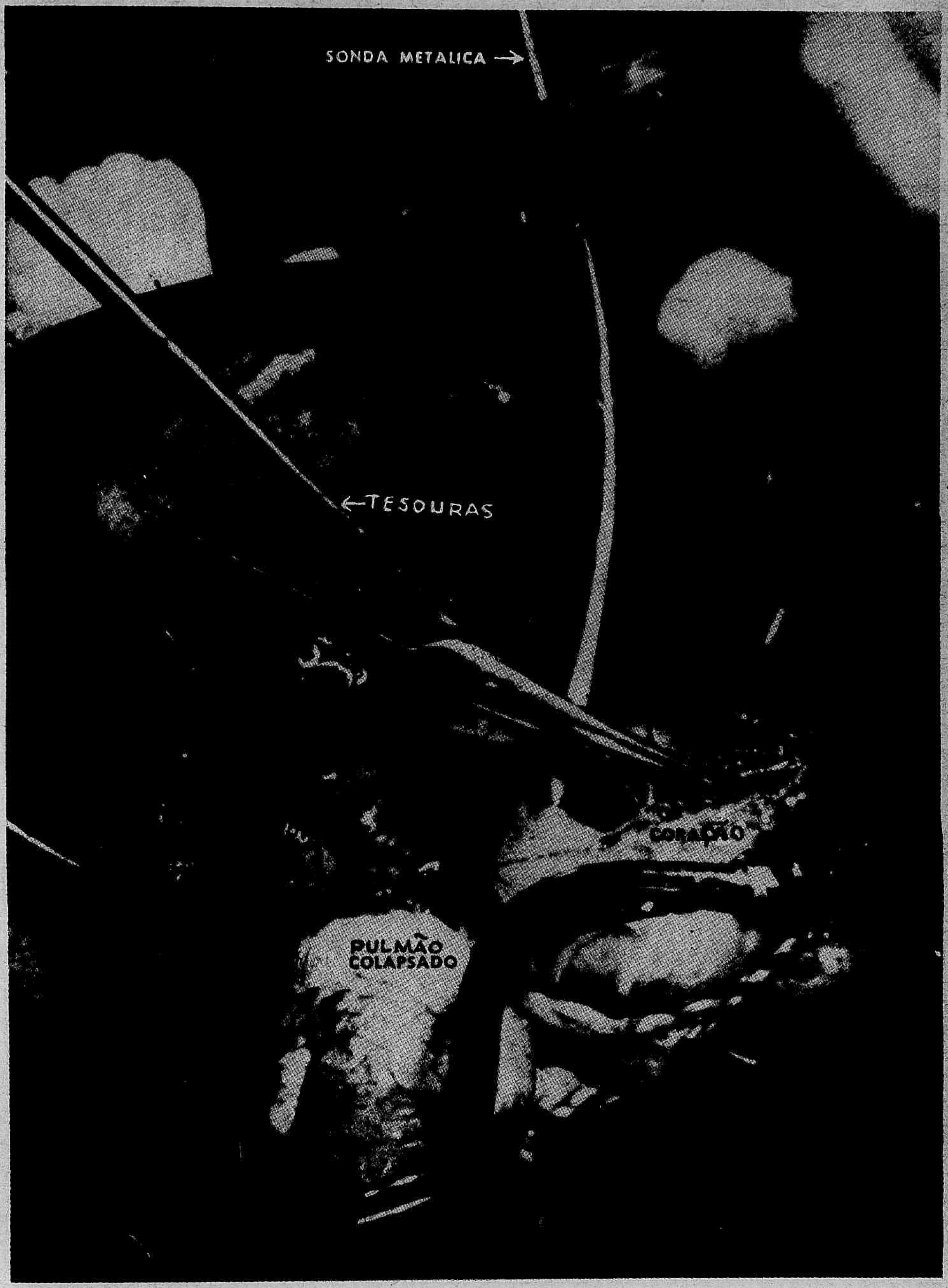


Iniciando a operação, o dr. Lillehei introduz finíssimo tubo plástico numa das veias que vão ao coração da criança. O sangue é desviado por êsse tubo para uma bomba e dela para o organismo da mãe.

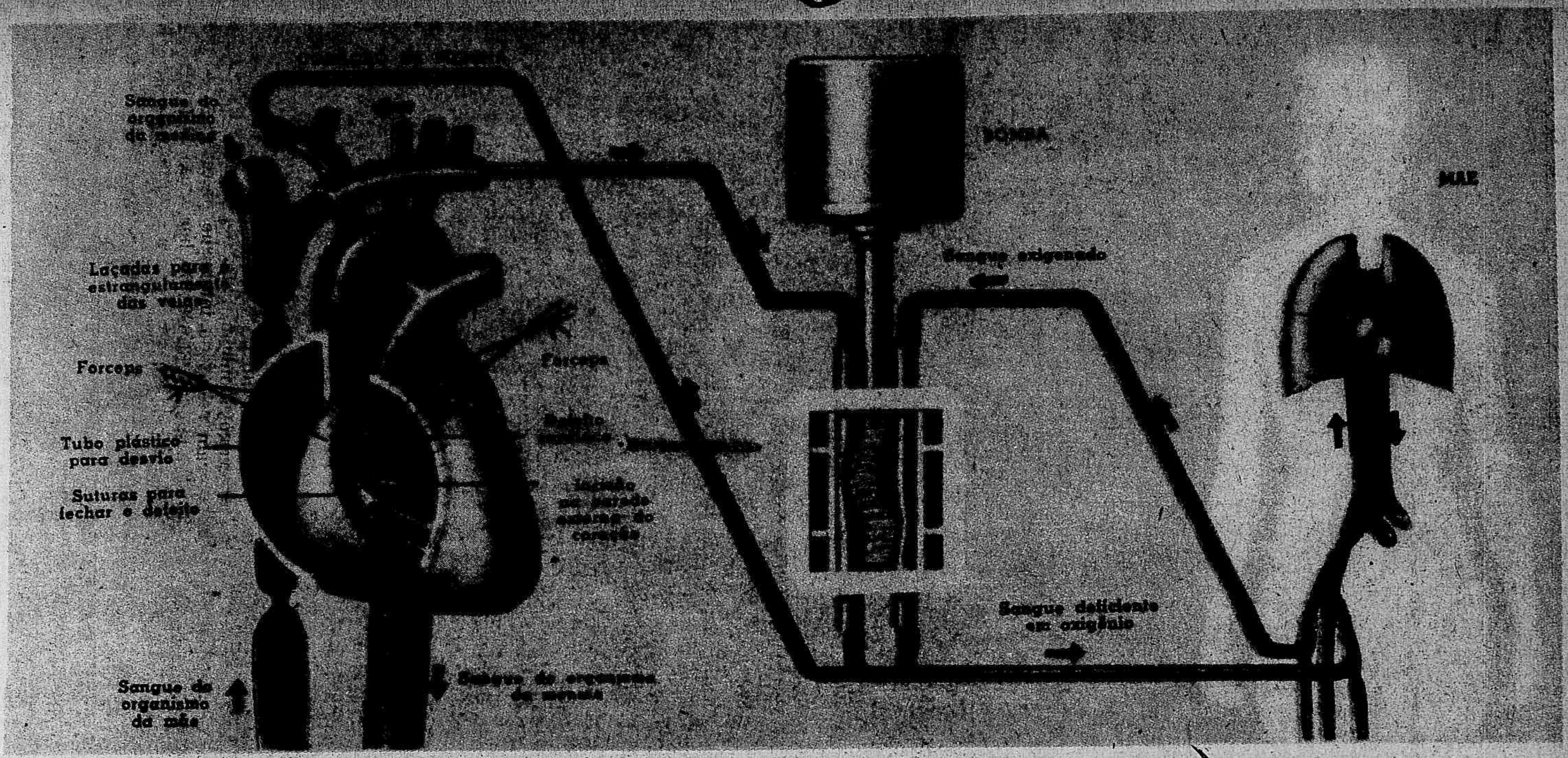
As tesouras fazem uma incisão na parede exterior do coração, desprovido de sangue, enquanto é introduzida uma sonda nas cavidades. Os pulmões substituídos em sua função oxigenadora, foram colapeados para facilitar o acesso ao coração.



Para coser o defeito foram passadas suturas pela periferia, as quais serão apertadas, depois, para fechar completamente o orifício. A parede exterior do coração fica aberta por meio de forceps.



Os cirurgiões uniram a torrente sanguínea da mãe à da filha. A seguir, o doutor Lillehei, inclinando-se sôbre o corpo de Marsha, fêz a incisão no coração palpitante, a fim de dar início à operação verdadeiramente histórica e que se documenta nesta página e nas seguintes, em sensacionais fotografias.



A NOVA TÉCNICA CIRÚRGICA está ilustrada no esquema acima. As veias que conduzem ao coração da menina são estranguladas por meio de laçadas passadas em tôrno de um tubo plástico, que desvia o sangue deficiente em oxigênio para uma bomba mecânica, que faz as vêzes de coração, dali os médicos fazem passar para o organismo da mãe, através de uma veia da coxa. Depois de ser oxigenado nos pulmões da mãe, que substituem os da menina, o sangue volta por uma artéria da coxa materna para as artérias da menina, impulsionado cadenciadamente pela bomba. A parte externa do coração, na qual se praticou a incisão, é mantida aberta mediante forceps e suturas, enquanto se cose o orifício ou perfuração interna. A operação está terminada, depois de cosida a parede externa.



ANTES DE OPERAR, Marsha Gilliam, que se vê acima com sua abnegada mãe, pesava só cinco quilogramas! O defeito ingênito lhe dava, realmente, poucas probabilidades de viver.



Êsse apêrto de mãos entre o dr. Lillehei (dir.) e seu colega dr. Varco marca o final feliz da operação, que teria tido gravíssimas conseqüências se formassem borbulhas de ar no sangue.

UMA ANEDOTA DO GRANDE LISZT

LISZT andava, certa vez, em "tournée" musical com o tenor Rubini, pelo norte da Europa e, na cidade onde esta história ocorreu, nada haviam descurado para preparar aos dois artistas um acolhimento digno da sua reputação. Anúncios sensacionais haviam dado conta do concêrto e prometido um soberbo programa; apesar disso, porém, chegados à sala, encontraram lá, quando muito, umas 60 pessoas.

Furioso, Rubini não queria cantar, mas Liszt, de opinião contrária, convenceu-o, assim:

— É preciso que cantes e o melhor que possas. Êste embrião de público é, evidentemente, a fina flor dos entendedores de música desta cidade; cumpre-nos tratá-los com tôdas as atenções.

E, dando o exemplo, Liszt executou da maneira admirável o trecho da abertura.

Rubini cantou, em seguida, com igual perfeição, e Liszt, tendo executado um segundo trecho, subiu a uma cadeira, saudou amàvelmente os assistentes e assim lhes falou:

— Minhas senhoras e meus senhores (quanto a senhoras, na sala havia apenas uma), creio que de música já basta; permitam-me, pois, que os convide a cear conosco.

Decorridos alguns momentos, o convite foi aceito e então todos passaram uma noite alegre, que custou cêrca de quatro contos (um exagêro para a época) a Liszt.

Depois desta aventura, os artistas saíram convencidos de que nunca mais se fariam ouvir naquela terra. Puro engano. O segundo concêrto teve uma enchente colossal; os espectadores haviam afluído em torrentes, esperando, todos, sem dúvida, uma outra ceia.

★

QUAL A MAIOR ILHA DO MUNDO?

NÃO nos referimos à Austrália, por certo, pois que esta é conhecida como Ilha-Continente, e como continente é considerada por muitos geógrafos. É Bornéu ou Nova Guiné? Em 1928, a questão foi dirimida em favor da segunda.

Certos cálculos planimétricos efetuados no famoso estabelecimento geográfico de Justus Berthes, de Gotha, davam a Bornéu a preeminência sôbre a Nova Guiné, atribuindo-se a esta uma superfície de um pouco mais de 71 milhões de hectares, e àquela cêrca de 75.

Porém, outros cálculos mais recentes, planimétricos também, e feitos no mesmo instituto, deram resultado inteiramente diverso. Bornéu tem apenas 73.390.000 hectares, ao passo que a superfície da Nova Guiné ascende a 78.536.200.

Esta supremacia inesperada da Ilha dos Papuas provém de que a península do sueste tem muito maior extensão do que se julgava e de que a ilha em questão é mais larga do que o indicado nos mapas.

CURIOSIDADES DA NOSSA TERRA

CAÇANDO JACARÉS ENTERRADOS

Por JOSÉ LOUZEIRO

AS graves conseqüências das sêcas prolongadas, que assolam o nordeste brasileiro, são temidas não sòmente pelo caboclo, que vive nos sertões, mas, também, pelos próprios animais, que procuram evadir-se para as regiões úmidas, onde murmuram regatos cristalinos e a vegetação é exuberante e farta.

O jacaré porém, não possuindo agilidade igual à de muitos outros bichos, interna-se nos matagais que marginam os rios ou charcos, e ali fica aguardando as chuvas abundantes. Mas as chuvas não caem e as giniparanas e guarimães, que cresceram nas terras até então férteis, principiam a murchar.

A canícula aumenta e o solo resseca, ordenando ao jacaré pôr em prática o seu último recurso, a fim de livrar-se de morte certa.

O sáurio, esfomeado, submete-se à dura prova: enterra-se na lama para sobreviver ao prolongado estio, deixando visível apenas um pedaço de focinho, por onde respira, e grande parte da cauda, a qual passa a funcionar, não como arma de ataque — os jacarés atacam também com a cauda — mas como uma espécie de termômetro carnal. Se as primeiras chuvas caem, êle sabe que é tempo de se desenterrar e, para isso, emprega considerável esfôrço, pois a lama, agora transformada em crosta, na superfície, apresenta forte consistência.

NA ânsia de vencer a intempérie, o pobre animal olvida o seu maior inimigo: o homem. E, embora refugiado nas proximidades das balsas, onde o sol causticante não pôde matar as touceiras de aninga, que cresceram à sombra dos buritizais, é, mais cedo ou mais tarde, descoberto no seu esconderijo pelo nordestino, que lhe aproveita a carne.

Na incapacidade de movimentos, o jacaré não percebe o caboclo que se aproxima da sua cova, munido de facão e comprida forquilha. A parte da cauda que lhe ficou descoberta, numa atenta perscrutação climática não pressente a algidez do facão afiado, prestes a desfechar o certeiro golpe. O jacaré esturra de dor ao ser ferido e muitas vêzes consegue, numa só contorsão, livrar-se da lama que lhe impossibilita a defesa. O caboclo, porém, de há muito se livrou da fúria do bruto sangrento, e, agora, parte, sorrateiro, à procura de outros animais dessa espécie, que, imersos na lama, esperam pelas chuvas.



O NOSSO PLANÊTA É COMO UMA MULHER IDOSA, INDECISA E CAPRICHOSA, QUE NEM SEMPRE SA... ANDAR ... é como uma excêntrica e velha mulher, que nem sempre sabe como deve andar. A descoberta da instabilidade da terra tornou tudo mais difícil para os astrônomos, que até recentemente, nela confiavam para a realização dos seus



ESTA TERRA VERTIGINOSA...

Por SYDNEY COOPER

DO norte do Maine até ao sul da Flórida, uma longa e estreita estrada de rodagem, pavimentada, estende-se através dos Estados Unidos. Essa estrada é muito movimentada, e utilizada diàriamente por milhares de caminhões e carros de tôdas as espécies. Superficialmente, a estrada é pouco afetada pelo movimento dos veículos que por ela passam; quando um carro se dirige para o norte, a terra que está sob suas rodas, gira um pouco mais depressa, fazendo que o dia seja infinitesimalmente mais curto. Do mesmo modo, quando um veículo corre rumo ao sul, decai a rotação da terra e o dia vem a ser mais longo.

Os astrônomos acham que a rotação da terra, sob nossos pés, não mantém uma velocidade constante, sendo afetada pelo movimento de qualquer corpo sôbre sua superfície — e, ainda mais, pela ação de muitas fôrças, estando algumas próximas e outras a milhares de milhas de distância.

A idéia de que a Terra é **uma plataforma que se move uniformemente e que não muda sua média de rotação**, deixou de ser respeitada há quase um século, porém só recentemente, com a descoberta de novos métodos para medir o tempo, é que tivemos a **prova** de que o nosso planêta, em lugar de ser firme e constante em seu movimento, cálculos. Não sòmente os astrônomos, mas todos os humanos, em geral, serviram-se da Terra como de um relógio, e, isto, desde que, pela primeira vez, a idéia da medida do tempo ocorreu ao homem primitivo. A princípio, o dia era definido como sendo o lapso de tempo entre dois "meio-dia". As horas, os minutos e os segundos não são mais que meras subdivisões dêste intervalo.

As pequenas variações que os astrônomos registraram até agora não determinam, na realidade, uma apreciável diferença no curso normal da vida; entretanto, com o decorrer de séculos e milênios, virão a ser notadas.

Em um passado muito distante, a terra girava em tôrno de seu eixo com tal velocidade que perfazia o ciclo rotacional num tempo "record" de apenas quatro horas! E a sua fôrça centrífuga era tão grande que, segundo várias autoridades no assunto, um enorme bloco de matérias foi arremessado ao espaço transformando-se no nosso satélite: **a lua**!

E, num futuro distante, sobrevirão transformações ainda maiores; é provável que a rotação diminuirá de tal forma que serão necessários 50 dos nossos dias atuais para que se complete um único ciclo rotacional.

Devido a limitações de precisão, que nos são impostas pelo relógio-pêndulo, antigamente só era possível apreender mutações

ocorridas no espaço de alguns séculos. O novo invento, que nos permite medir as variações anuais, e mesmo cotidianas, é o cristal de quartzo que pode ser introduzido em um relógio, permitindo ao mesmo contar o tempo melhor do que a própria Terra..

O cristal de quartzo tem esta propriedade peculiar: ao aplicarmos nêle uma corrente elétrica, alternada, perceberemos a sua vibração mecânica. Se a corrente alternada tiver uma freqüência proporcional à freqüência natural de oscilação do cristal (que depende do tamanho e da forma do cristal) a vibração é grandemente aumentada em intensidade.

Esta propriedade do quartzo é hoje comumente utilizada para regular a freqüência das estações de rádio. Como um relógio, uma freqüência de cêrca de cem quilociclos por segundo é usada; com um instrumento elétrico apropriado esta freqüência pode servir para dirigir um motor que produzirá impulsos, cada segundo.

Um relógio dêste tipo funcionará apenas durante um milésimo de segundo por dia, mas a vibração por êle produzida **com exatidão** terá a precisão de uma pequena fração de segundo num ano inteiro! São êstes os relógios que nos estão permitindo uma melhor observação dos movimentos da Terra.

O que há de mais surpreendente relativamente às novas descobertas, é o fato de que, além do chamado atrito das marés, causado principalmente pela lua — e que faz o movimento da Terra tornar-se mais vagaroso — ainda podemos dizer que o nosso planêta tem duas fases, mais ou menos definidas: A **fase primaveril** e a **outonal**. (Estas denominações, é claro, têm um valor meramente figurativo.) Durante o período **primaveril** a sua velocidade diminui, ao passo que, na fase **outonal**, aumenta. Em suma, a velocidade da Terra cresce e decresce, muitas vêzes anàrquicamente, e sem que saibamos a razão.

Porém, antes de entrar nos detalhes dessas mutações, vejamos **por que a Terra gira**.

Há bilhões de anos, a Terra passou pelo processo de formação e começou a girar. E, uma vez girando, sua capacidade para conservar-se neste estado dependia — e ainda hoje depende — do princípio físico da conservação da quantidade de movimento. Como, por exemplo, o seu automóvel que contniua em movimento mesmo depois de freado ou, então, o "pião" de seu filho, que continua a girar, mesmo depois de caído. No caso do automóvel ou do pião, a fricção com a terra e com a atmosfera ambiente fazem que tendam para a paralisação ou a imobilidade; mas, com relação à Terra, **que gira livremente no espaço vazio, não existem fricções que a perturbem e ela continuará a girar imutàvelmente, a menos que haja intervenção de fôrças estranhas**.

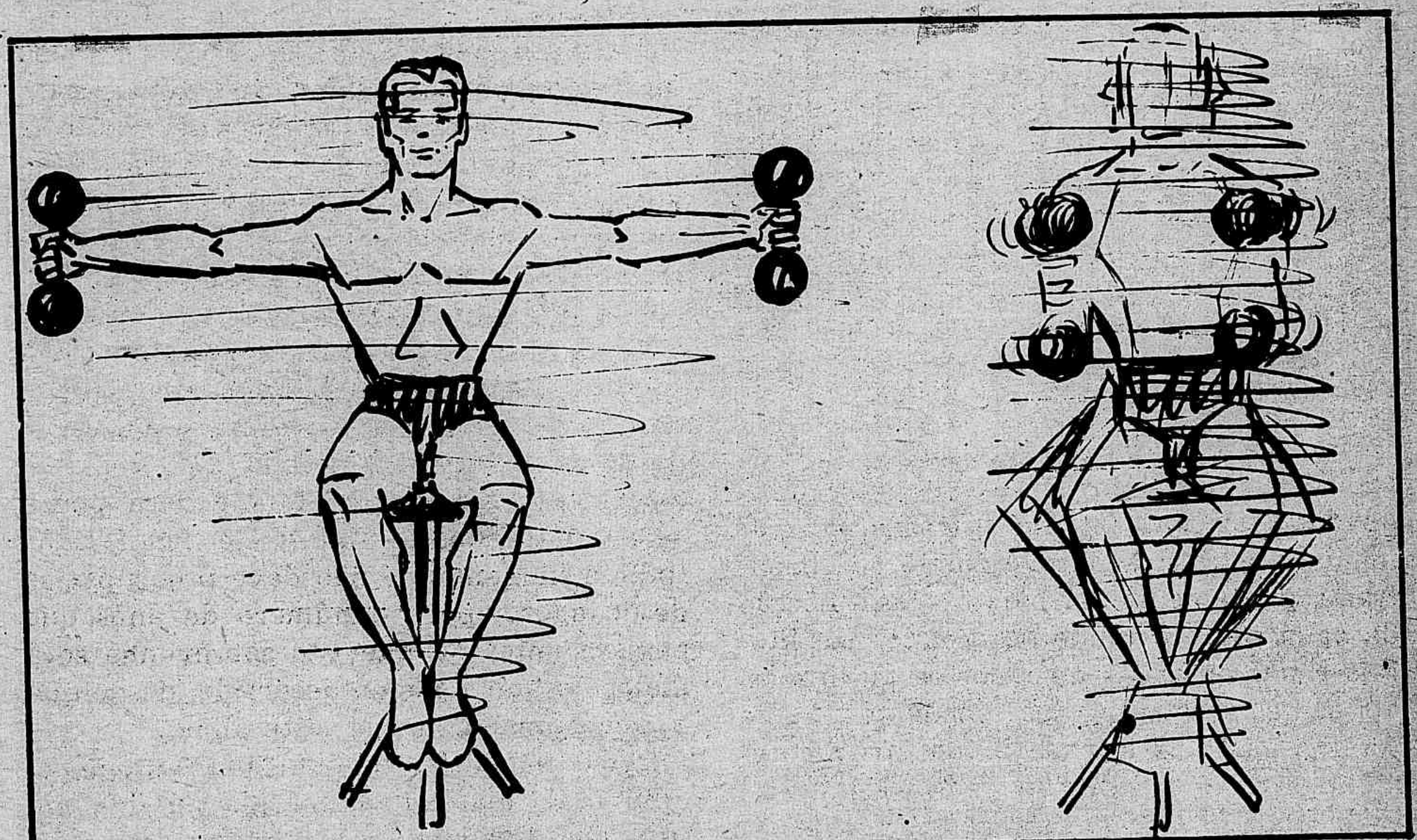
Essa **quantidade** de movimento giratório é uma das coisas mais curiosas que existem; e o próprio leitor pode fazer uma demonstração. Poderá, por exemplo, sentar-se num banco, que possa girar livremente, como o de um piano, segurando um objeto pesado em cada mão. Depois de ganhar velocidade, levantar os braços, afastando os objetos ao máximo, num sentido horizontal; verificará, então, que a velocidade diminui. A seguir, recolha novamente os braços e junte os pesos ao próprio corpo; notará, então, que recomeçará a girar ràpidamente! Assim, pois, a **quantidade de movimento angular** depende tanto da velocidade rotacional como da distância do eixo de rotação. Portanto, se diminuir a distância do eixo (exatamente como na experiência acima exposta, quando recolheu os braços com os respectivos pesos para junto do seu corpo) o sistema rotatório aumenta de velocidade, conservando, assim, a sua original quantidade de movimento angular. Agora, apliquemos isto à Terra e à estrada de rodagem e entenderemos melhor os motivos dessa alteração de velocidade.

No hemisfério norte, quando nos dirigimos para o norte, é claro que estamos mais próximos do eixo **norte-sul**, em tôrno do qual gira a Terra; pois bem, neste caso, acontece a mesma coisa que com os pesos da experiência acima proposta: a Terra é **forçada** a dilatar sua velocidade, a fim de manter sua **quantidade** de movimento. Por outro lado, quando nos deslocamos para o sul, em direção ao equador, estamos-nos afastando do eixo, e a média de rotação da Terra decresce proporcionalmente!

Vejamos, agora, como êste princípio da conservação da **quantidade** de movimento está de acôrdo com o que diz o relógio de quartzo sôbre o comportamento da Terra. A variação anual (tão insignificante que só recentemente surgiram as primeiras suspeitas) ainda não foi adequadamente explicada, muito embora existam explanações parciais. Durante o período de um ano, a soma das diferenças não chega a um segundo; mas sua regularidade mostra que a causa está provàvelmente ligada às estações.

Esta idéia, em si, acarreta inúmeras dificuldades, porque nos EE. UU. quando é outono, na América do Sul é primavera e vice-versa; é evidente, pois, que qualquer explicação que adotemos terá de esclarecer **porque a terra apresenta uma diferença em sua "quantidade" de movimento entre as estações do hemisfério sul e do hemisfério norte!**

Sir Harold Spencer Jones, famoso astrônomo britânico, crê que a mudança de



estação é produzida pelo movimento da superfície material sôbre o globo. O total do movimento necessário é considerável, e certamente a fuga dos norte-americanos para o sul, em busca da Flórida e nela encontrar alívio do rigoroso inverno do norte não é suficiente para explicar.

A base das explanações correntes repousa no fato de haver mais terra no hemisfério norte do que no hemisfério sul, determinando visíveis diferenças no aspecto das estações nas duas metades do mundo. O movimento de ar, no outono do hemisfério norte, é diferente do movimento das massas de ar, no outono do hemisfério sul; em conseqüência, mais ar é transferido do Equador para o pólo norte, em setembro, do que do Equador para o pólo sul, em março. Isto significa que a terra gira mais ràpidamente em setembro do que em março.

A segunda sugestão recorda o fato de ser a camada de gêlo do pólo sul cinco vêzes maior do que a do pólo norte.

Durante o inverno, no norte, a camada gelada do pólo sul derrete, e uma certa porção de água flui, gradualmente, rumo ao Equador. Ao mesmo tempo, a camada de gêlo do pólo norte está aumentando de extensão, à proporção que a água vai escorrendo do Equador para o norte. Este segundo fluxo, no entanto, é menor do que o primeiro, uma vez que a camada de gêlo do norte é, várias vêzes, menor do que a do sul.

Considerando êsses fatos, temos de convir que há um apreciável aumento na quantidade de água nas proximidades do Equador, e que também a inércia rotacional

da Terra sofreu um acréscimo; por sua vez, quando a primavera, no norte, escoa, êste aumento se torna bastante grande para apontar uma mensurável decadência na velocidade rotacional.

Durante o verão, no norte, ocorre o processo inverso: desloca-se mais água para o pólo sul do que do pólo norte para o Equador. A inércia diminui e, em setembro ou outubro, a rotação aumenta novamente.

Mas ainda existem outros efeitos similares. Por exemplo: os ventos reinantes impelem água para o hemisfério norte, no mês de agôsto, com mais intensidade do que para o hemisfério sul, no mês de fevereiro. Juntamos todos êsses fatos, como o fazem os astrônomos, e teremos uma explicação parcial para a variabilidade das estações.

Pode ser que as variações das estações ainda contenham alguma sombra de mistério, mas o decréscimo da velocidade da Terra, provocado pela Lua e pelas enchentes, é conhecimento bem definido. É verdade que êste decréscimo não atinge grandes proporções, mas, mesmo assim, a Terra já está com um atraso de duas horas e meia, desde o ano 1.º, antes de Cristo. Talvez seja difícil provar que a rotação da Terra pode ser afetada pela presença de um objeto a 250.000 milhas de distância; mas, se observarmos as praias, quando as marés sobem e descem, verificaremos que os vínculos invisíveis existentes entre a Terra e a Lua são bastante poderosos.

Não fôsse a fricção hidráulica, a Lua provocaria duas enchentes por dia; uma, quando o nosso satélite estivesse diretamente acima; e a outra quando se encontrasse diretamente por baixo. Mas a fricção da água sôbre o fundo do oceano, nos litorais e nas enseadas ou recortes marítimos, atrasa a formação das enchentes. Êste retardamento friccional, que freqüentemente atinge a duração de várias horas, varia de acôrdo com os recortes litorâneos e a configuração do leito do oceano. E é ela que faz a Lua usar seus tentáculos gravitacionais para diminuir a velocidade da rotação da Terra!

Acontece simplesmente isto: a gravitação da Lua exerce sua influência sôbre três coisas: sôbre a própria Terra, sôbre o bôjo de maré (no lado próximo da Terra) e sôbre o bôjo de maré, no lado afastado.

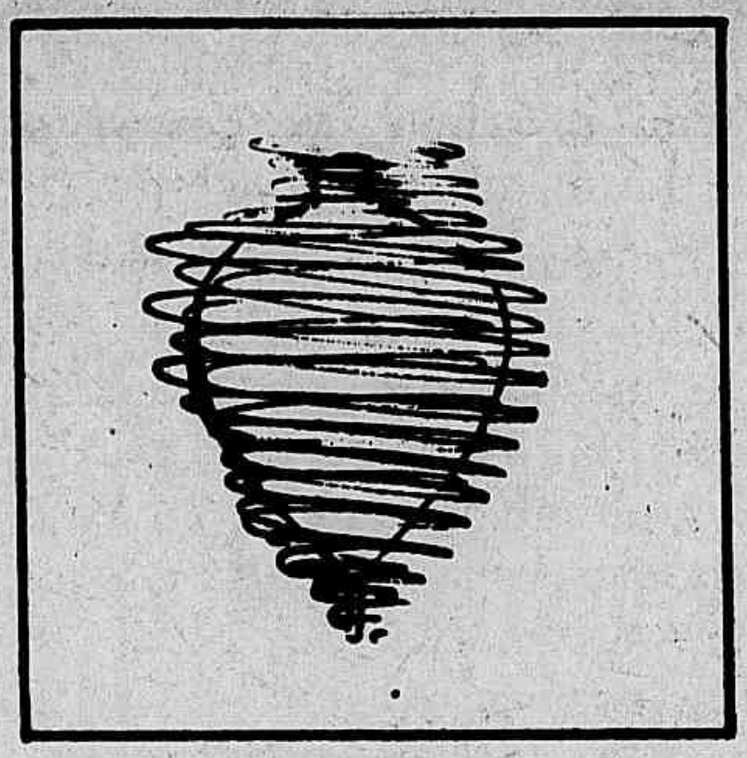
Se êsses três elementos se encontrassem em **linha**, não haveria interferência na rotação. Mas não estão assim. A enchente é retardada atrás da Lua, e o resultado é que a atração gravitacional dêste satélite sôbre o bôjo próximo provoca, também, um retardamento da rotação atual da Terra.

Da mesma maneira, a atração sôbre o bôjo mais afastado influi efetivamente sôbre a rotação da Terra, sempre tendendo para aumentar a sua velocidade. Mas a atração sôbre o bôjo próximo (8.000 milhas mais perto, equivalente ao diâmetro da Terra) é maior, e o resultado total não será mais do que a queda na média de gravitação da Terra.

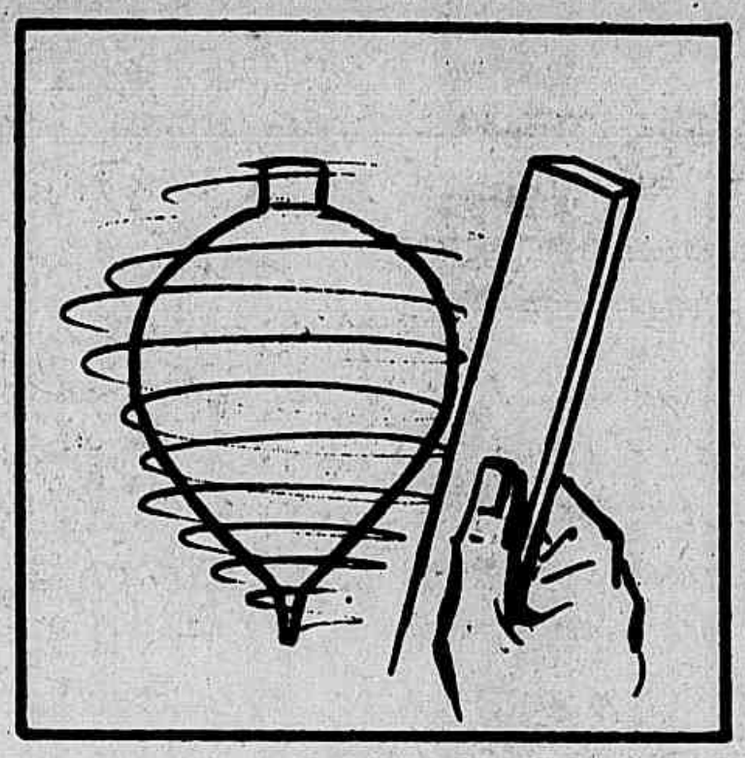
Isto tem acontecido desde que a Lua foi arremessada ao espaço pela Terra; a rotação foi decrescendo gradualmente de 4 horas até chegar a 24; por outro lado (e recìprocamente) a rotação da Lua em tôrno da Terra sofreu a mesma queda.

Durante milênios e milênios, a Lua continuará a provocar a diminuição da rotação da Terra, até que algum dia, num futuro distante, quando a Terra girar em tôrno do seu eixo num lapso de tempo idêntico ao que a Lua levar para completar a rotação ao redor daquela; então, êste espaço de tempo terá a duração equivalente a 50 dos nossos dias atuais! E, quando isto suceder, a Terra sempre mostrará a mesma face à Lua, que estará, então, muito afastada; e, em vez de enchentes varrerem a superfície da terra, permanecerão em dois lugares: diretamente abaixo da Lua e num ponto diretamente oposto, do outro lado! Contudo, a humanidade não deve preocupar-se desde agora, pois, o número de anos que passará antes de que isto sobrevenha será maior do que o tempo decorrido, desde que a raça humana surgiu neste globo.

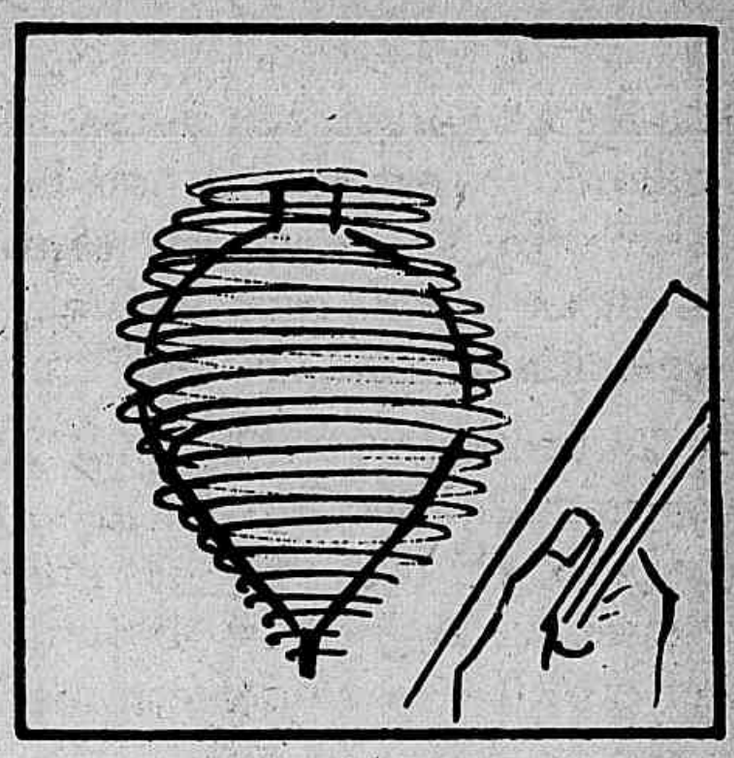
Como sabemos, quando um automóvel diminui a marcha, a energia contida em sua **quantidade** de movimento perdida, surge como calor, calor nos freios e calor nos pneus. O mesmo deverá suceder quando a Terra perder sua quantidade de movimento angular, através da fricção das enchentes. Esta energia aparecerá em forma de calor. E não será dissipada no espaço essa energia porque será transfor-



Se, num pião (dêsses que as crianças costumam brincar) lançado a tôda velocidade...



encostarmos, de leve, uma régua, êle perderá parte de sua velocidade.



embora muito Mas recuperará muito da velocidade perdida, logo que venhamos a afastar a régua.

mada em calor produzido pela fricção das enchentes; e esta fricção só assume grandes proporções na região litorânea.

Na realidade, apenas uma pequena porção da superfície oceânica é responsável pela maior parte dessa fricção hidráulica. O mar de Bhering, por exemplo, situado entre a Sibéria e o Alaska. É em seu litoral que a queda de velocidade da Terra dissipa mais de 70 por cento da sua energia; a seguir vem o mar da Irlanda, com cêrca de dois por cento.

Ainda que, astronômicamente falando, a soma total de energia despendida seja insignificante, humanamente falando é muito grande; atingindo mais de 2 bilhões de cavalos-vapor, representa mais de dez vêzes a capacidade total da fôrça elétrica gerada por tôdas as usinas existentes no mundo!

Em suma, estas são as causas das variações na rotação do nosso planêta: primeiro, o movimento da matéria sôbre a superfície do globo; segundo, a atração da Lua (e, de maneira mais atenuada, a do sol). O terceiro ou irregular tipo de variação ainda continua em observação.

Como explica o astrônomo-chefe britânico, "a nossa capacidade observadora não está suficientemente preparada para decidir se essas inesperadas mutações ocorrem repentinamente ou se, contràriamente, se prolongam por semanas e meses. Mas, com o contínuo aperfeiçoamento do relógio de quartzo, esperamos conhecer muito mais ainda!"

Entretanto, o mesmo astrônomo é de opinião que "essas mudanças não são causadas pelo movimento da matéria sôbre a superfície da Terra, pois tais movimentos (que ocorrem repentinamente) não seriam bastante grandes para permitir a anotação."

Sem dúvida alguma, a rotação da terra deve compensar tais movimentos como os que foram descritos no princípio dêste artigo, mas considerando que a própria terra tem uma massa de aproximadamente seis bilhões de trilhões de toneladas, os movimentos de um caminhão de 10 toneladas não forneceriam resultados mensuráveis.

Acresce que os transportes de materiais realizados pelo homem sôbre a face da Terra tendem a aumentar constantemente. Se, numa estrada de rodagem existem muitos veículos ligando o norte ao sul, e vice-versa, conclui-se que todo efeito será anulado.

Uma recente sugestão chama a atenção para o centro da Terra. É que uma densa esfera, a milhares de milhas abaixo de nossos pés, sugere a presença de fôrças desconhecidas em ação, e que já têm ocasionado mudanças que poderiam explicar imprevisíveis variações. Antes de que possamos saber quais são essas causas, serão necessários muitos anos para que os astrônomos, manejando seus instrumentos e usando os relógios de quartzo, nos contem tôda a história.

Esperemos, pois, que dêsses estudos surjam melhores conhecimentos sôbre o planêta que habitamos.



Ouvimos um grito de horror e fomos encontrar Ann junto à porta. Foi a primeira a ver o cadáver.

CRIME ANTES DO BAILE

Por OCTAVUS ROY COHEN

AQUELA QUE IA FICAR NOIVA ERA LINDA, RICA E ESTAVA MORTA! QUALQUER UM PODERIA SER O ASSASSINO. MAS QUEM TERIA MOTIVO PARA ISSO?

ROMPÍAMOS o intenso tráfego com as nossas sirenas de alarma. A voz, ao telefone, dissera: "Assassinato", o que, de qualquer maneira, era excitante, mesmo para dois profissionais, como eu e o tenente Walsh. Em homens como nós, a roupagem da fantasia sempre vai além da realidade criminal. Assim imaginava eu as coisas mais absurdas possíveis, procurando satisfazer a minha própria extravagância.

Dobramos a esquina em duas rodas e, finalmente, paramos. Walsh tomou as informações preliminares de um dos policiais, que lá já se encontravam, o que me pareceu algo demasiadamente importante e por isso mesmo improvável. Sharon Webster, de 22 anos de idade, era a vítima. Estava morta. Em verdade, eu não a conhecia pessoalmente, mas tinha a certeza de ter visto sua fotografia nas seções sociais dos jornais.

A casa se encontrava apinhada de gente. De fato, um grande baile principiava quando ocorreu a terrível tragédia. E um dos policiais explicou:

— O baile tinha por fim anunciar o noivado de miss Webster com Paul Duncan.

Walsh perguntou quem era Paul Duncan. O policial informou que êle trabalhava para o **velho** Sharon, pai de miss Webster.

Havia talvez exagerada excitação na casa, coisa fora do comum se se considerar que o assassinato já tinha sido consumado. A tensão ia do simples comentário à mais indiscreta histeria. Walsh se dirigiu a um velho, que se achava de pé, junto da lareira. Sua atitude era a de quem tivesse sofrido uma grande pancada na cabeça e ainda se encontrasse atordoado. Chamava-se George L. Webster e era presidente da George L. Webster Incorporation, importante companhia imobiliária. Webster era um viúvo de 54 anos de idade. Homem forte, bem estruturado, com os cabelos já começando a pratear e uma expressão de grande tristeza nos olhos. Em resposta às perguntas de Walsh, explicou que, **embora aquela fôsse uma festa de apresentação, o noivado de sua filha com Paul Duncan, de fato, não constituía novidade para nenhum dos convidados, pois todos eram amigos, e a maior parte era constituída de empregados da Companhia Webster**. Tudo corria muito bem, quando o cadáver de Sharon Webster foi encontrado, no seu quarto do primeiro pavimento. Tinha o coração perfurado por uma bala de calibre 22. Por causa do barulho que fazia o rádio, ninguém ouviu o tiro fatal, ou, se o ouviram, não lhe deram a menor importância.

Levou-nos, a seguir, para onde se encontrava o cadáver. Êste jazia no chão, exatamente entre a cama e uma mesinha de pau de rosa. Uma das gavetas da mesinha estava aberta.

— Ela foi assassinada com sua própria arma, que ela sempre guardava nessa gaveta e que agora ali está, no chão — explicou, apontando para o revólver.

Um rápido exame demonstrou claramente que aquilo jamais poderia ter sido suicídio; o interrogatório revelou que a maioria dos hóspedes sabia que miss Webster possuía um revólver, e até conhecia o lugar onde ela o guardava. Sharon conservava, segundo explicou o pai, por duas razões: primeiro, porque era uma amadora de "tiro-ao-alvo", e, depois, parecia-lhe uma boa idéia conduzi-lo como proteção nas várias noites em que o pai se ausentava de casa, em viagem de negócios.

— E, em tais ocasiões — perguntou Walsh — ela ficava aqui, sòzinha?

— Não. Minha secretária particular sempre lhe fazia companhia. Elas eram muito amigas.

Mister Webster chamou sua secretária e apresentou-a com o nome de Ann Foster, acrescentando que fôra ela quem descobrira o corpo de sua filha.

Ann Foster era alta, morena, graciosa e dava a impressão de ser inteligente. Naquele momento parecia ter sofrido um grande abalo, evitando, a todo custo, fixar o olhar no louro e lindo cadáver que se achava prostrado, como se aquilo fôsse sacrifício superior às suas fôrças. Não era possível dizer, com certeza, se miss Foster era ou não bonita. Tinha uma expressão inteligente, isto sim. Os cabelos presos na nuca davam ao seu resto uma aparência antes interessante do que severa. Usava o mínimo de pintura e quase não exibia jóias; apenas um anel comum, um broche verde, em forma de escaravelho, e um relógio-de-pulso. Tinha 26 anos; mas já faziam sete que trabalhava para mister Webster — e esta era, provàvelmente, a primeira vez em que não sabia o que fazer ou como começar a fazer!

Walsh deixou um policial no quarto com ordem de não deixar fôsse quem fôsse tocar em qualquer coisa. A seguir, descemos para o salão da festa.

A história do que havia acontecido era mais simples do que a sua explicação. Fôra preparado um jantar para aproximadamente vinte convidados, todos amigos íntimos da família. Depois, ligaram o rádio e começaram a dançar. Então, mr. Webster achou que aquela era a melhor oportunidade para anunciar os dois grandes acontecimentos, que eram o noivado de sua filha com Paul Duncan e a entrada dêste como sócio da firma, como presente de casamento.

Porém Sharon Webster não parecia estar no seu quarto, pois que a chamaram e não obtiveram resposta. Mr. Webster pediu que sua secretária fôsse ver se ela lá se encontrava e Ann subiu. Um momento depois, ouviram um grito e precipitaram-se para cima, encontrando Ann no hall a olhar para dentro do quarto de miss Webster. Marty Walsh falou:

— Já estava tudo silencioso, cá em baixo, quando miss Foster subiu?

Webster disse que sim. Explicou que haviam desligado o rádio logo que ela saiu da sala, pois faziam preparativos para solenemente anunciar os dois fatos.

— De modo que se tivessem disparado um tiro...? — começou o tenente Marty. Mas mr. Webster o interrompeu, dizendo:

— Não houve tiro algum, neste espaço de tempo! Sharon deve ter sido assassinada antes disso!

Ninguém sabia quando o fato havia ocorrido e nem sequer podia dizer por quanto tempo miss Sharon estivera fora da sala. Eu e Walsh trocávamos olhares desolados, inteiramente desorientados. Era um dêsses crimes em que **há muitos de quem suspeitar e pouquíssimo motivo para o crime**. De acôrdo com as circunstâncias, não havia uma única pessoa na casa que não tivesse podido seguir miss Sharon, um pouco antes do desfecho fatal.

— Neste caso — disse Walsh — teremos que interrogar a todos os que aqui se encontravam.

Porém, nesse instante, mr. Webster moveu a cabeça negativamente e disse esta coisa surpreendente:

— Não é necessário!

— Por que não?

— Porque tenho mêdo de conhecer o assassino!

O eco das conversações morreu como por encanto. O silêncio se fêz completo! E Marty, calmo como sempre, falou:

— De quem suspeita o senhor?

Mr. Webster hesitou. Era como se lhe impusessem uma terrível e amarga missão.

— Paul Duncan — disse, frouxamente.

Isto me causou profundo abalo. É certo que eu não conhecia aquelas pessoas e pouco sabia acêrca do caso; mas, pelo que pude apreender em minha profissão, pareceu-me que Paul Duncan tinha menos motivo para matar aquela pobre moça do que qualquer outra pessoa. Era alto e de boa aparência, e no seu rosto havia qualquer coisa que denunciava inteligência e equilíbrio; não contava mais de 32 anos.

Duncan olhou para o velho Webster com ar de estupefação, como se lhe tivessem atingido com um sôco no estômago. Pareceu mergulhado numa grande depressão, sem, contudo, demonstrar isso visìvelmente. Continuou olhando, com um ar incrédulo, para mr. Webster, e sem dizer palavra, quando, de repente, Ann Foster interveio.

— O senhor não prova o que está dizendo, mr. Webster! — gritou ela. — O

senhor... está transtornado e... não sabe o que está dizendo!

Webster, porém, voltou a mover a cabeça, como homem desolado:

— Sei muito bem o que estou dizendo, Ann. Conheço fatos que você desconhece completamente. Fatos que o próprio Paul nem imagina que eu saiba...

Então, Marty Walsh exigiu uma explicação. O velho Webster não hesitou em dá-la sem o menor rodeio.

— O verdadeiro nome de Paul é Harvey Powell! Aos 19 nos estêve envolvido no caso de um assalto em Nova Orléans. A polícia andou a sua procura, mas não conseguiu agarrá-lo; algumas estações de rádio chegaram a descrever suas características físicas, pois não havia fotografias e nem impressões digitais.

Fêz uma pausa para observar o acusado e prosseguiu:

— Não sei como êle veio parar aqui, onde trocou sua identidade. Sei que, para ocultar-se melhor, êle se registrou em algum cartório local com o nome de Paul Duncan. Serviu no exército de 1942 a 1946, tendo tido excelente comportamento. Antes de 1942, êle contou, vagamente, que havia nascido e fôra criado em New York; mas, então, não havia motivo para interrogá-lo.

Mr. Webster respirou profundamente e continuou:

— Ontem, porém, num inexplicável rasgo de honestidade, êle narrou tôda a sua história à minha filha, e pediu-lhe que guardasse segrêdo. Porém Sharon contou-me; sim, contou-me tudo! Creio que êle não sabia, mesmo agora, que ela revelou o seu segrêdo e, talvez arrependeu-se de ter confessado... E, por isso, matou-a, a fim de impedir que ela traísse o seu segrêdo! E o pior de tudo é que não o desmascarei... porque Sharon o amava!

Houve um prolongado silêncio, durante o qual todos os presentes olhavam para o acusado. Ann Foster, tendo os olhos arregalados pela surprêsa, tocou de leve no braço de Paul Duncan:

— Diga-lhes que não é verdade, Paul! — implorou ela. — Diga-lhes que é mentira!

Duncan baixou a cabeça.

— Não é mentira, Ann. Bem desejaria que o fôsse! Tudo o que aqui se disse a respeito do meu passado é verdade!

— E, então — perguntou Walsh. — O senhor matou Sharon?

— Não... — disse Duncan, movendo a cabeça pacientemente. — Não matei ninguém, tenente! Eu a amava e pretendia desposá-la.

— Estêve no andar de cima, antes de miss Foster subir e encontrar o cadáver?

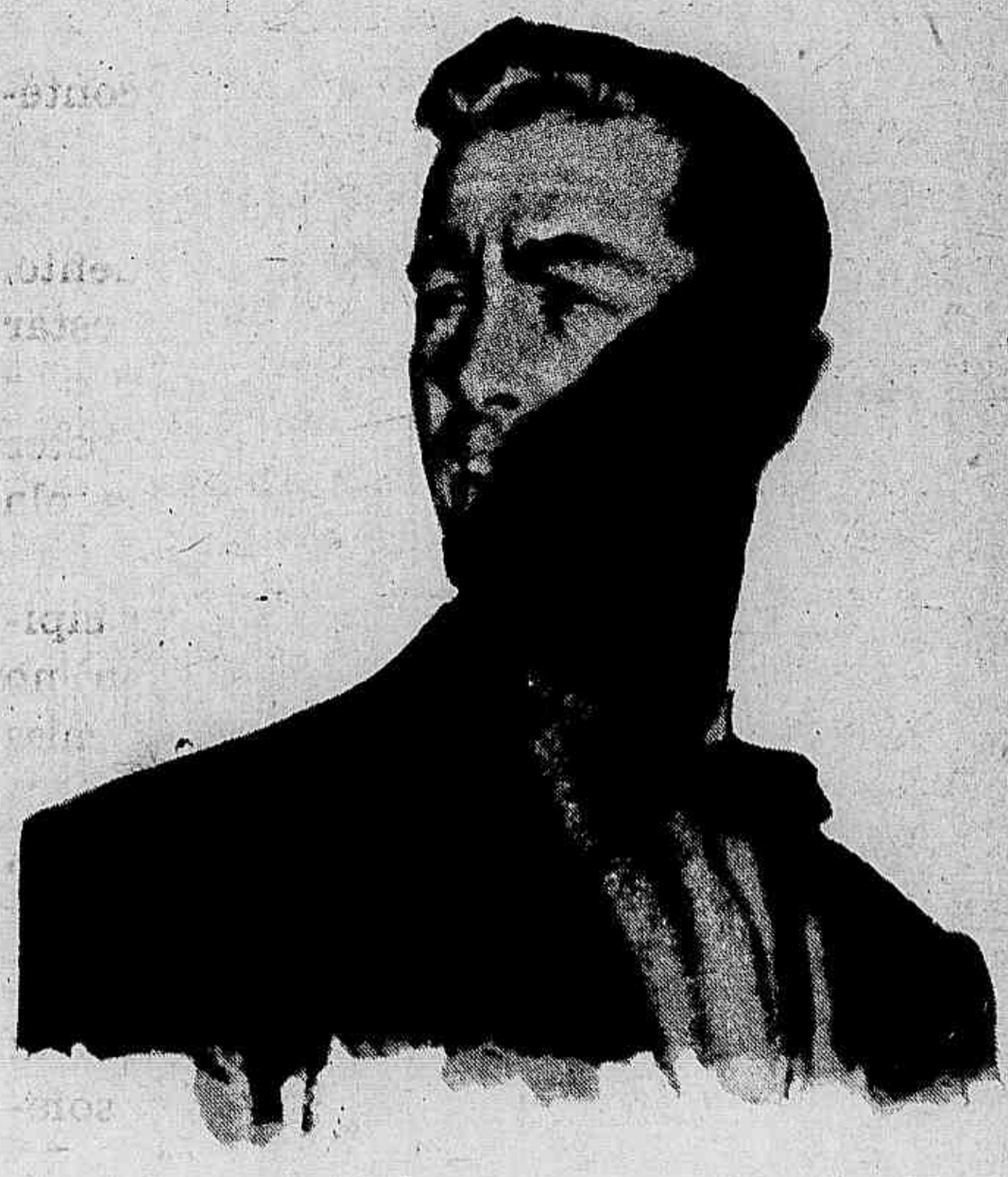
Duncan hesitou um instante, mas, depois, respondeu negativamente.

— É mentira! — gritou uma voz áspera e tonitroante.

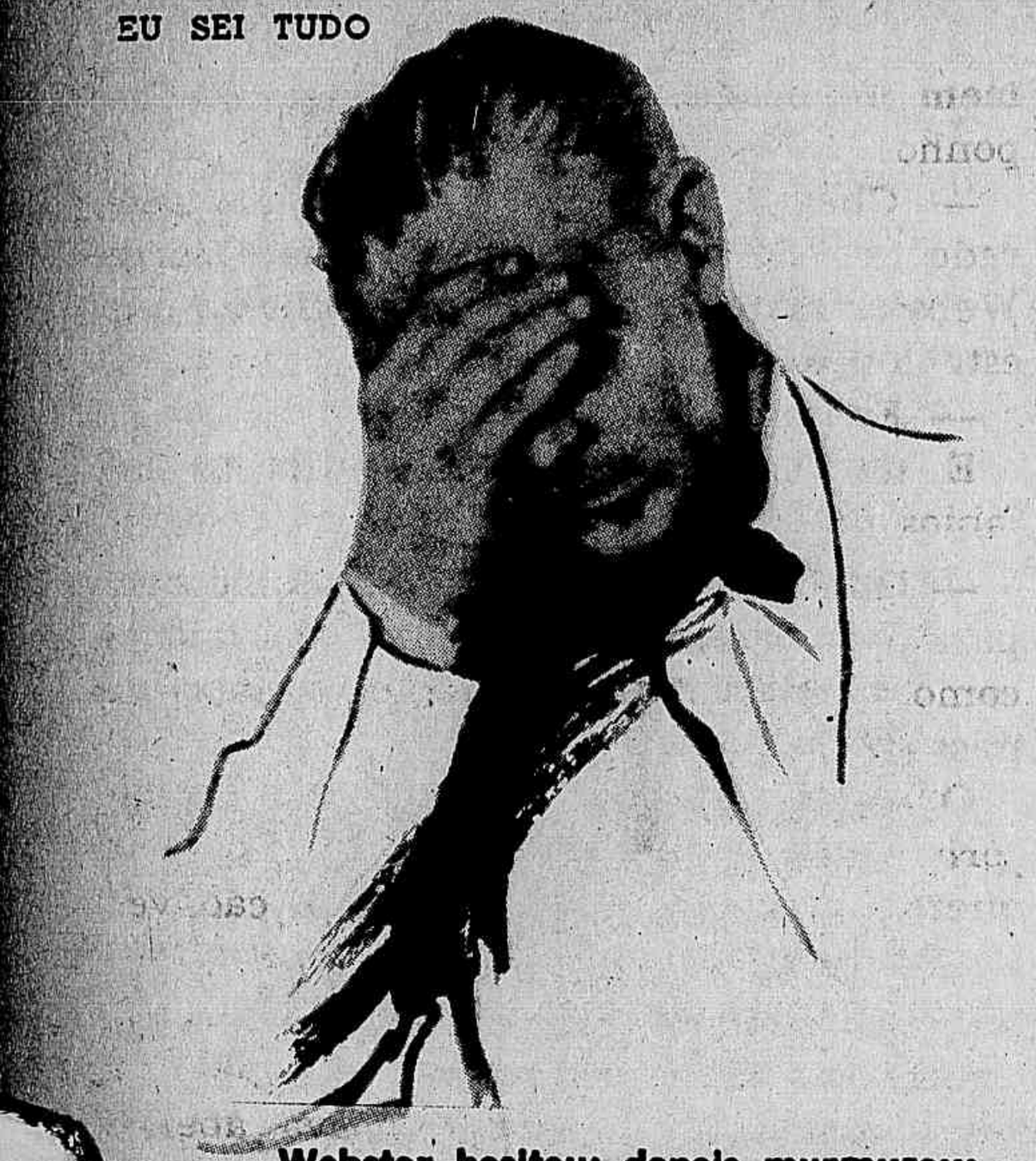
Imediatamente nos voltamos para o que falava. Era um homem moço e de fisionomia bem formada. Sua idade não devia ir além de 29 anos. Tinha cabelos e olhos castanhos, enquanto que o rosto, pelo menos naquele momento de revolta e agitação, estava sanguíneo. Walsh perguntou quem era êle.

— Sou Ronald Norton — respondeu prontamente. — Mas todos me chamam Ronnie. Trabalho para mr. Webster, como a maioria dos que aqui se acham. E quero declarar que vi Paul Duncan subir para o primeiro pavimento uns dez ou quinze minutos antes de Ann Foster encontrar o corpo de Sharon.

Duncan caminhou para aquêle que o acusava. Walsh também avançou, a fim de



— Eu não poderia matar Sharon! — declarou Paul. — Eu a amava muito!



Webster hesitou; depois murmurou: — "Eu sei quem matou minha filha."

evitar um possível choque entre os dois homens.

— Devia ter dito ao tenente que também você pode ser acusado — disse Duncan, finalmente.

— Eu vi quando você ia subindo... — insistiu Ronnie.

Duncan fuzilou-o com um terrível olhar, antes de dizer:

— Ronnie devia ter acrescentado, tenente, que êle estêve apaixonado por Sharon durante vários anos — e que os dois estiveram virtualmente comprometidos — e que, finalmente, ela o desprezou por mim!

— Suponhamos que a metade do que êle disse seja verdade, tenente — retrucou Ronnie. — E note que só vou responder porque parece que com isto Duncan está tentando salvar-se, acusando-me. Mas, como eu dizia, presumindo que o que êle disse é verdade, que motivo plausível eu teria para eliminar Sharon?

Era essa a dificuldade. Se a vítima tivesse sido Paul Duncan, poderíamos estabelecer um encadeamento lógico. Mas não, tratando-se de Sharon...

— O ciúme pode ter sido a causa — disse Ann Foster. — É possível que até esta noite você não soubesse, positivamente, que Sharon pretendia casar com Paul. Não duvido de que você a tenha acompanhado ao quarto a fim de discutir o assunto. A verdade é que você sabia onde o seu revólver estava guardado...

— Oh! Pelo amor de Deus, tenente! — exclamou Ronnie Norton assumindo uma atitude de ódio e impaciência.

— Verifico, com prazer, que as coisas se tornam menos nebulosas... — disse Walsh, que, a seguir, dirigiu-se a todos:

— Alguém mais, além de mr. Norton, viu Paul Duncan subir ao primeiro pavimento?

Não houve resposta. Walsh tentou outra brecha:

— Se alguém viu Ronnie Norton subir para o quarto de miss Webster deve falar!

Como da primeira vez, as palavras de Walsh foram recebidas com absoluto silêncio.

— Isto significa que as coisas continuam indecisas — declarou o policial. — Agora vou novamente examinar o cadáver. Suponho que vem conosco, sr. Duncan.

— Por que não vou, também? — perguntou Ronnie, furioso. — Duncan vai tentar incutir em sua cabeça uma porção de acusações fantásticas!

— Fique socegado, Norton — aconselhou Walsh, depois, voltando para mr. Webster: — O senhor poderá vir, caso queira — concluiu.

Mr. Webster preferiu ficar com os outros. Parecia agora mais velho e alquebrado. Então, o tenente, Paul Duncan e eu subimos.

O quarto era grande, bem arranjado, bem feminino; em suma, formava um gritante contraste com o corpo que ali jazia. Walsh e eu olhávamos atentamente para Paul Duncan, sem que êle notasse a nossa insistência.

Tinha um ar extremamente infeliz. De vez em quando enxugava o suor da fronte, com um lenço. Pouco a pouco a expressão de seu rosto assumiu um aspecto terrível, e dava a impressão de que estava pensando rápido demais. Esperávamos pacientemente. É isto o que fazem os investigadores profissionais — **deixar que o suspeito se coloque no centro do palco**.

E essa paciência foi recompensada. Duncan ensaiou falar por duas vêzes, respirou profundamente e, afinal, rendeu-se:

— Eu podia muito bem dizer, tenente, que Ronnie Norton tinha razão. Realmente, eu vim até cá, em busca de Sharon.

— Para falar com ela?

— Sim — disse, com voz sumida. — Quando cheguei, encontrei-a... morta — exatamente como a vejo agora! — acrescentou, com esfôrço.

— E por que motivo você conta isto, agora, Duncan?

— Talvez para auxiliá-lo, simplesmente... Porque desejo dizer tôda a verdade.

— Então — disse Walsh, vagarosamente — afirma que estêve aqui, e que encontrou sua noiva já morta? E por que, então, desceu, misturando-se com os outros convidados, em vez de revelar o que vira?

— **Porque eu tinha mêdo!**

— Mêdo? De quê?

— Ainda não sabia que Sharon havia falado a seu pai acêrca do meu passado. Isto sempre constituía uma ameaça para mim... Temia dizer que havia encontrado o **cadáver, porque tinha absoluta certeza de que suspeitariam de mim**...

— Acha que o assassino é Norton? — perguntou Walsh, abruptamente.

— Não vejo por que motivo. Não compreendo que alguém mais tenha tido motivo. Apenas posso dizer positivamente que eu não sou o assassino!

— Mas sabia que Norton estivera enamorado de miss Webster?

— Sim — disse Duncan, depois de alguma hesitação.

— Qual foi a reação de miss Webster, quando você falou sôbre o seu caso de New Orléans?

— Maravilhosa! Até jurou que não diria nada, **a ninguém**! Cheguei mesmo a supor que não tinha o direito de esperar que ela nada contasse ao pai.

— Suponho que ela contou tudo ao pai; suponho, também, que êste ficou fulo de raiva; suponho, ainda, que os dois discutiram... e que êle repetiu aquela frase trivial de que **preferia ver a filha morta do que casada com um homem implicado num caso de assalto**. Suponho...

— Chega! — gritou Duncan, desesperado. — Se está insinuando que George Webster matou a própria filha, afirmo que está louco!

— Eu disse isso?

E um sorriso zombeteiro aflorou nos lábios de Marty Walsh.

— Duncan — continuou êle — olhe bem para êste quarto. Tudo está exatamente como você viu ao deparar com o corpo de miss Webster?

O rapaz relanceou o olhar pelo dormitório, num evidente esfôrço que parecia querer descobrir algo. Fitou o cadáver longamente, enquanto Walsh e eu observávamos, sem nada dizer.

O quarto estava em ordem. A gaveta da escrivaninha ainda se encontrava aberta, como antes. Dentro dela havia uma pequena caixa — provàvelmente a caixa onde o revólver era guardado — e que também estava aberta. Também lá se encontrava uma outra caixa de papelão, de umas quatro polegadas de tamanho.

Então Duncan voltou a contemplar o cadáver, como se buscasse recordar os pormenores. Afinal, enrugou a fronte e olhou para nós.

— Parece que **alguma coisa** desapareceu daqui — disse.

— Que foi?

— Não tenho certeza, tenente, porque não estou muito calmo. Mas creio que, junto da mão direita de Sharon havia um escaravelho de turquesa. E agora não o vejo.

A seguir empenhamo-nos na busca do broche, mas sem resultado.

— Fora isso, tudo mais continua como você encontrou?

— Penso que sim. Mas não posso ter a certeza.

— Quando você aqui estêve não viu ninguém mais?

— Não; ninguém!

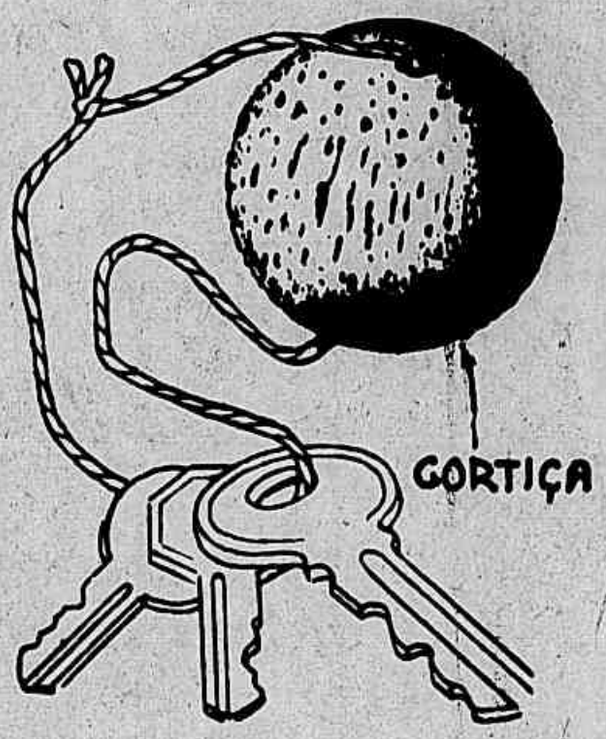
(Continua no fim da revista)



"Prendam-me!" — disse Ronnie Norton. — "Prendam-me... e deixem o assassino livre!"

BOM CONSELHO PARA OS PESCADORES

PARA que se encontre mais fàcilmente as chaves na caixa de apetrechos de pescaria, quando saímos em canoa ou lancha, aconselhamos passar um pedaço de linha de pescar numa bola de cortiça e também nas chaves necessárias, dando um nó bem forte para unir as duas pontas, segundo o desenho ao lado.

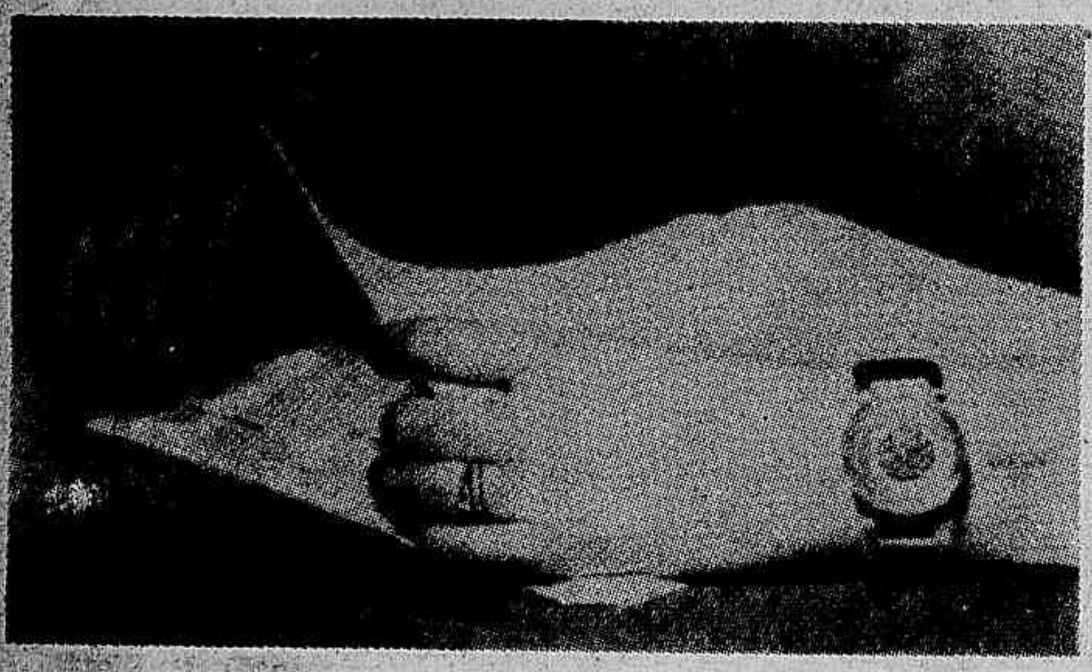


Outra vantagem (e grande) é a de que, caso as chaves, como às vêzes acontece, venham a cair na água... flutuarão não afundando como ocorreria com qualquer molho de chaves ordinário.

★

ESPONJA HIGIÊNICA PARA OS DEDOS



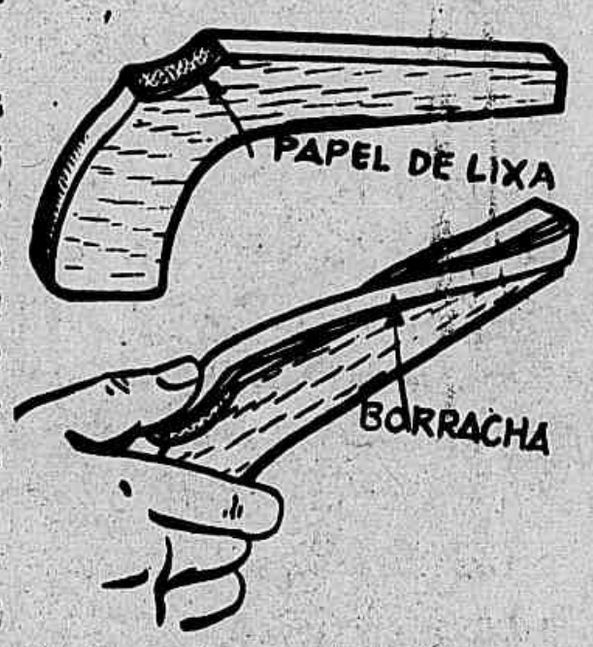


OS que trabalham em escritório, contando dinheiro ou selecionando correspondência, têm que estar sempre umedecendo a ponta de um dedo, a fim de melhor apanhar cada fôlha de papel. Para êles sugerimos essa pulseira semelhante a um relógio, porém contendo um pequeno depósito de água protegido por uma esponja e que, depois de abastecida, dará para um dia de trabalho.

★

A MAIS PRÁTICA "ATIRADEIRA"

DIZEMOS mais prática porque dispensa complicações tais como o uso de cordões para amarrar o elástico, presilhas, peça de couro, etc. Pode ser feita "num instante e agradará mais à criança por que lembra um revólver.

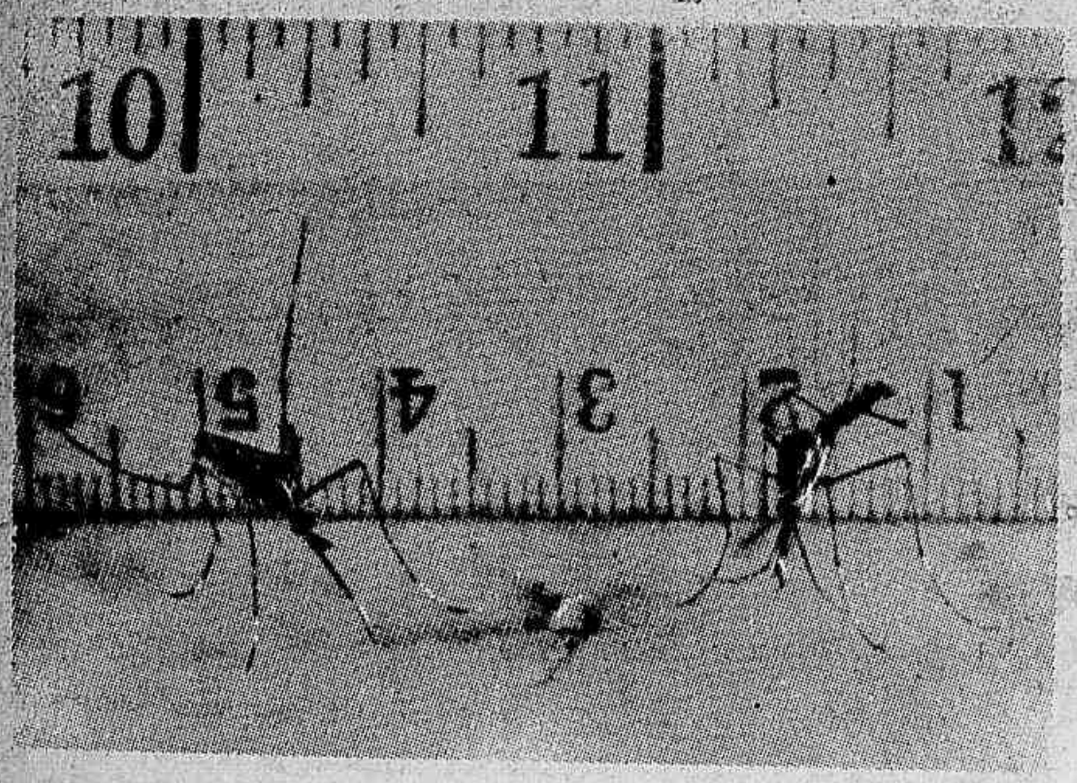


Tem ainda a vantagem de não ser perigosa, pois que sua fôrça de impulso é muito menor que a das atiradeiras que geralmente são confeccionadas. Um simples pedaço de madeira, recortado, e um elástico (fita contínua).

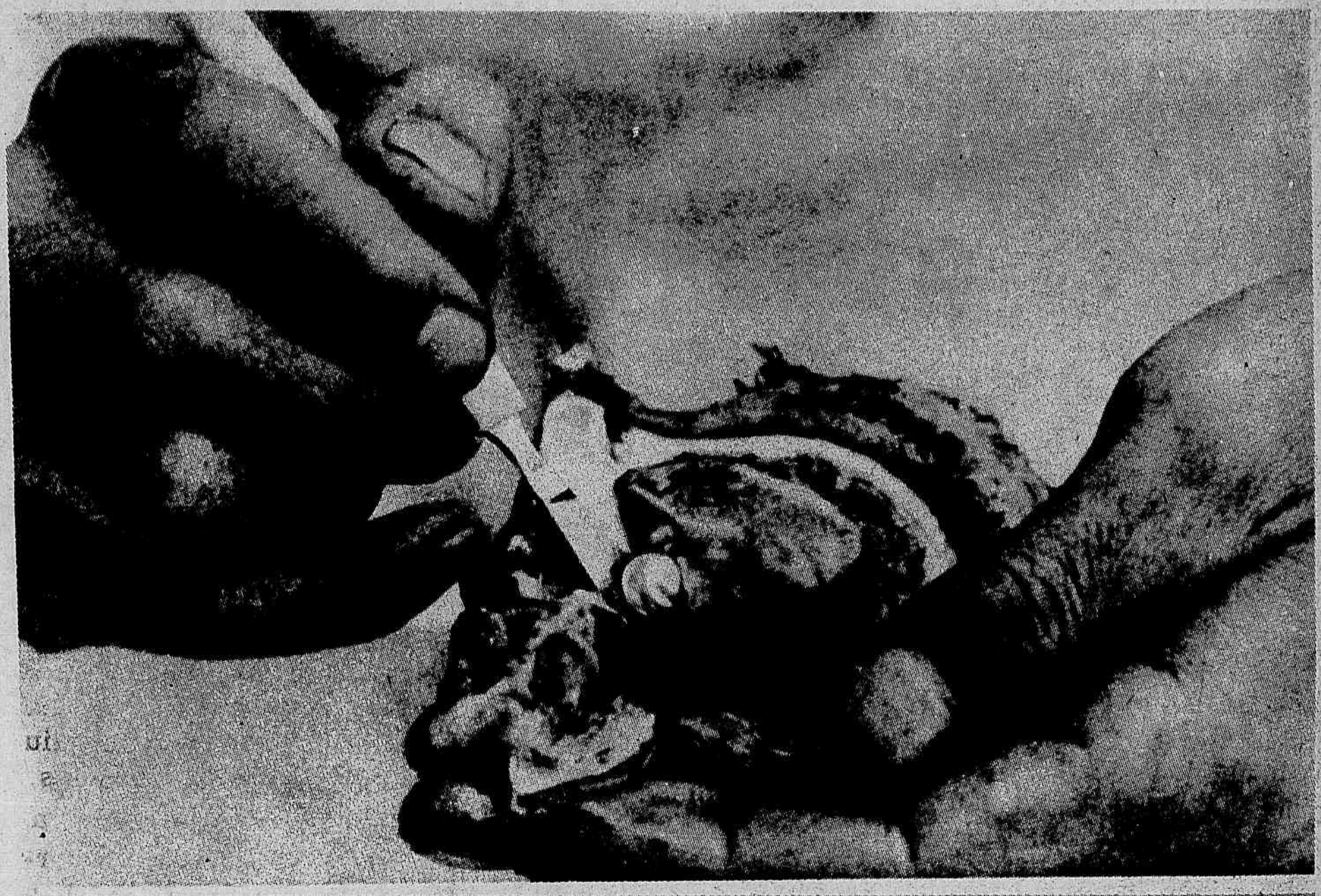
O mais o leitor entenderá muito melhor com a ajuda do desenho ao lado.

★

SUPERMOSQUITOS PARA COMER MOSQUITOS ORDINÁRIOS



AS autoridades hawaianas estão criando mosquitos gigantes, para que auxiliem o govêrno a combater os mosquitos comuns e assim dêem mais alívio à população. Êsses "mosquitões" são os chamados "Canibais da África do Sul", absolutamente inofensivos para o homem, e alimentando-se exclusivamente dos mosquitos de menor porte. Eis porque foram importados e estão sendo criados e multiplicados com carinho, a fim de que combatam e acabem com os mosquitos nativos, menores sim, porém terríveis pela série tenebrosa de moléstias que propagam. Uma idéia do tamanho dêsses supermosquitos o leitor poderá ter com a fotografia que os apresenta pousado diante de uma régua.



A FEIA E DURA OSTRA PRODUZ SUA PÉROLA EM OITO ANOS — A gema é imperfeita porque é vista de um só lado. Apenas 5 por cento das pérolas cultivadas são perfeitamente esféricas, porém, em sua maioria, são excelentes para colares. O processo é o seguinte: um núcleo-mãe é incestado na ostra e esta volta à água, onde a polpa, irritada, formará a pérola.

PESCADORES DE BELEZA

UMA ORGIA QUE IMORTALIZOU A RAINHA DOS REIS

MARAVILHAS DA INDÚSTRIA

Por
DE MATTOS PINTO

THOMAS Carlyle qualificou a vaidade o sexto sentido, enquanto Gustave Flaubert descobre a vaidade como base de tudo e até da consciência e Friedrich Nietzsche insinua que o espírito humano não saberia viver sem vaidade. A paixão do adôrno envolve-se nas suas lendas e exibe a sua história como qualquer fase do mundo. A arte de enfeitar o aspecto exterior das coisas vive em tôda parte.

Inclinação dos bárbaros como dos civilizados, o atavio aparece em todos os povos, ignaros ou experientes nos requintes das ostentações. Obscura e ingênita tendência da pessoa humana, a gala se impôs mundana como mística, tanto frívola como ritualista. Manifestação íntima e universal das gentes, a loução precedeu o artista e nasceu instinto antes de ser hábito, patenteou-se emoção antes de ser indústria. Conheceram as pedras preciosas, os árias e os egípcios, os hebreus e fenícios, os hindus e os gregos, os romanos e os cartagineses, antigos e modernos.

Entre as jóias, nenhuma mais imemorial e decantada do que a pérola, a gôta de rocio sublimada nas valvas do ser marinho, como a imaginava a gentil poesia da antiguidade. Indefinível na sua lenda e ambicionada pela presunção das criaturas, a pérola saiu da mitologia e penetrou na história moderna, confundindo-se com as

fontes de riqueza e das glórias mundanas, consumindo milhões em tôdas as moedas do mundo. Reis e princesas, amantes e



Júlio César numa estátua existente no "Museu do Latrão", na cidade de Roma. As pérolas já reinavam na sociedade romana no tempo dos Imperadores César e Nero, de Sêneca e de Sétimo Severo.

noivas, amam-na como o prêmio legítimo da beleza.

O DOM PERFEITO DA NATUREZA

Benjamin Disraeli lisonjeia as mulheres comparando a vaidade a um dom divino e julga La Rochefoucauld que não vale a pena ser jovem sem ser bela, nem ser bela sem ser jovem. E a psicologia feminina entende que as mulheres deixam de ser mulher, quando se despojam das suas vaidosas faceirices.

A origem da pérola confunde-se como a origem dos enfeites, com as mais altas civilizações do mundo primitivo. A história da vaidade não saberia dizer a sua idade certa. Qual o primeiro homem ictiófago, que abrindo o molusco para nutrir o corpo, descobriu o aderêço, cuja recatada elegância provoca admiração e jactância?

Os eruditos do sânscrito encontraram nos "Vedas", livro onde os hindus veneram a sagrada inspiração, cânticos sôbre a formosura da pérola. Assim, alguns milênios antes de Cristo, as tribos arianas conheceram a mais suave das jóias do oceano. A mitologia hindu explica a sua aparição de maneira amável e graciosa, que lisonjeia o sentimento feminino. Vishnú, uma das pessoas da trindade Trimurti, desejando dar um presente de núpcias à sua filha Pandaia, digno da sua castidade e beleza, implorou ao mar um adôrno e o oceano lhe entregou a pérola, a virgem das jóias.

A Índia, cuja majestática beleza espantou os primeiros europeus assombrados diante da sua arquitetura, também os aturdiu pelas suas coleções de pedras preciosas. Soube apreciar o lindo calcáreo da ostra, dois mil anos antes de Cleópatra, a perturbadora rainha do Egito. Pompeava com a sua beleza em tôdas oferendas principescas e em todos os atos de munificência régia.

Vijaia, rei do Ceilão, presenteando um dos seus irmãos seis séculos antes da nossa era, incluiu a pérola entre os seus donativos. Na península gangética, o palácio de Anuradhapura ostentava, na sala do trono, valiosos ornatos, onde sobressaíam as côres leitosas e róseas das pérolas, pescadas no fundo do Oceano Índico. Arqueólogos que visitaram as ruínas de Polonaruwa, encontraram entre os materiais demolidos pelo tempo conchas de ostras, expondo assim que as pescarias já se procediam com regularidade naquelas paragens e naqueles tempos. Os Rajás usavam-nas em suas roupagens, nas suas armas e nos seus turbantes, tanto por motivo de ostentação como para assombrar e intimidar os súditos. Tornou-se na Índia mais do que um enfeite, converteu-se em sentimental símbolo. As mulheres hindus amavam a pérola como o aderêço sagrado por excelência, próprio para ornar e embelecer o festim das núpcias. Irmã gêmea do diamante e da

sêda, essa adorável filha da onda azul do Ceilão, brilha com o sortilégio das noivas na sua primeira noite de amor.

Da península gangética, a pérola viajou para o antigo Império Celeste, onde pontificavam os jeitosos Mandarins, também venerada e apreciada pelos príncipes. Conforme o mito chinês, a pérola nasceu do lendário Dragão, enorme e de fauces

seu encantamento. As efígies representando as soberanas da Pérsia exibem o desenho dos glóbulos das margaritas. No Louvre, há um lindo colar de pérolas encontrado em Suse, no sarcófago de uma princesa e que data do século IV antes de Cristo.

A entrada do precioso nácar nas regiões do mediterrâneo se operou por intermédio dos fenícios, que se notabilizaram tanto



Cleópatra, a "Rainha dos Reis", reuniu opulenta coleção de pérolas e de colares de pérolas, cuja fama circulava no Egito e em todo o Oriente. Num banquete a Marco Antônio pôs uma pérolas num copo de vinho e bebeu saudando o amante romano. O naturalista Plínio fala das pérolas de Cleópatra, a inquieta rainha do Egito, que Amou Júlio César e Marco Antônio.

hiantes. Além das miraculosas virtudes, que os antigos lhe emprestaram, os chineses se serviram dela para resgatar tributos. Da China mandarinesca, o aderêço submarino caminhou para as terras do Mikado, onde recebeu novas carícias de vaidosas mãos femininas. O "Kojik", livro das tradições japonêsas e datando do século VII, refere-se às pérolas como ornamento.

Aparecem ainda mencionadas no "Shoki", obra distante e datando do ano 720 da nossa era. Se na índia, na China e no Japão, a mitologia fala do seu valor decorativo, também outras tradições orientais cantam a sua formosura na Pérsia. Aí, as rainhas se enfeitavam com elas, vangloriando-se de

como atilados comerciantes, como pelas suas ousadias de navegação.

Na Ática, os gregos que amavam a arte e o belo se apoderaram da pérola oriental, ora branca ou rósea, malvácea ou negra, cinzenta e até com tonalidades verdes. Tôdas as exteriorizações artísticas formam-se de sentimentos interiores e de excitações secretas, cujo impulso exige um simbolismo emocional.

Ontem, como hoje, o enfeite brilhou na vaidade dos povos, que W. E. Woodeward vai ao exagêro de argumentar que trouxe mais benefício à civilização do que a modéstia. Na alta antiguidade, como agora, a alva jóia deu graça à orelha da mulher



Desde a mais alta antiguidade, os árias, os hindus, os chineses, os egípcios, todos os povos do Oriente, dedicaram-se à pesca das pérolas, cuja formosura encantava a vaidade feminina. Princesas e príncipes, conquistadores e estadistas, festejaram a graça poética da jóia marinha.

e às sensualistas curvas do seu colo. As gregas de fortuna sabiam extrair do seu

sortilégio, os melhores efeitos ornamentais. A pérola, cuja sedução Leonard Rosenthal invoca poèticamente como o dom misterioso e perfeito da Natureza, parece haver feito a sua aparição na Grécia, depois da Guerra de Tróia.

Como Homero falou na "Ilíada", nas gôtas reluzentes que ataviavam as orelhas de Juno, houve quem dissesse que se tratavam de pérolas.

Contestam que Homero e Herôdoto conhecessem as margaritas, porque jamais descreveram claramente a sua existência. Mas Theofrasto falou francamente das ostras peroleiras e das suas jóias marinhas.

A GLORIFICAÇÃO DE VÊNUS EM ATENAS E ROMA

Relembraremos Marco Aurélio, para quem as coisas apreciadas na vida não passam de mesquinharias e deveremos interrogar como Túlio Cícero que glória pode ser essa, que se encontra no mercado? Sêneca definia o mais poderoso dos homens, aquêle que domina a si próprio, mas os poderosos acumulam fortunas e tesouros para exceder seus próprios poderes terrenos.

A jóia do oceano, graciosa filha do Oriente, criou fama no Egito sob os Ptolomeus. Na terra das pirâmides e dos colossos esfíngicos, existiu uma linda mulher, festejada na história e famosa no amor, cantada no drama clássico e no romance moderno, que deu à pérola o tributo do zêlo e do carinho, próprios

à vaidade feminina. A última soberana dos egípcios, vinda ao mundo meio século antes de Cristo, cuja beleza seduziu Júlio César e venceu Marco Antônio, cobria-se de pérolas nos dias de gala.

Consideraram a coleção de Cleópatra, a "Rainha dos Reis", a mais opulenta e admirável da antiguidade. Por causa de extravagante gesto, a margarita entrou na história do Egito. Num dos suntuosos e alegres banquetes, em cujas orgias passionais inebriava e enfraquecia Marco Antônio, querendo superar o desperdício do amante romano, Cleópatra o brindou com uma festiva loucura.

Conta o naturalista Plínio que a rainha egípcia retirou uma das pérolas da orelha, pérola essa que a tradição estima como valendo uma província da Ásia, e a fêz dissolver num copo com vinagre. Vinagre ou vinho, ou algum licor secreto? Uns querem que seja vinho porque a provocante Cleópatra tragou a pérola dissolvida. A inquieta rainha pretendia fazer o mesmo com a outra pérola, mas o romano Lucius Plantua salvou a jóia, levando-a para Roma e as mulheres admiraram-na. Mais tarde, essa pérola pertenceu ao imperador Sétimo Severo.

Na sua história natural, Plínio descreveu as festejadas pérolas de Cleópatra, avaliadas em dez milhões de sestércios.

Leonard Rosenthal calculou a quantia moderna de dois milhões de francos, enquanto outro avaliador orça o seu valor em três milhões e oitocentos mil francos, existindo outras avaliações inferiores de um milhão e quinhentos mil francos. A pérola salva do louco festim de Cleópatra acabou ornando a Vênus de Praxiteles, o genial escultor da Grécia. Muitas mulheres romanas gastavam todos os seus haveres em jóias. A uma dama do tempo de Nero, o filósofo e moralista Sêneca censurou de trazer na orelha uma pérola que representava tôda a riqueza da família. Distendendo o seu império, saindo da Europa para triunfar sôbre a Ásia e a África, os conquistadores romanos trouxeram dos povos vassalos os seus tesouros e, com as suas riquezas, a pérola. Da Síria, veio com Pompeu a magnífica jóia que ornamentou Júpiter Capitolino. Falando do retrato de Pompeu, glorioso e triunfante, Plínio informa que o seu retrato havia sido desenhado com pérolas.

Vencida Cartago e domados os reis do Oriente, as margaritas se tornaram o aderêço preferido dos romanos e das mulheres romanas. Quando regressou da pilhagem do Egito, Júlio César presenteou Servília, mãe de Brutus, com uma valiosa pérola.

Alexandre Severo, Calígula e Nero cultivaram a vaidade de ostentar a obra-prima dos moluscos marinhos. Incrustadas nos anéis, nas estátuas e nos brincos, ora brilhando nos colares e nas pulseiras, usufruíam de outra utilidade, além do ornato: constituíram valores financeiros em Roma, como bens móveis.

Com pérolas ataviava-se a imperatriz Lollia Paulina os dedos, os braços e os cabelos. Avaliavam a sua coleção de jóias em centenas de milhões. O público romano viu as estátuas de Vênus, glorificada em Atenas e Roma, aformoseadas pela graça dos aderêços brancos. Numa das pérolas que engalanaram a Vênus Genetrix, trouxe-a das pilhagens orientais, o invencível Júlio César. Quando a natalidade começou a decrescer em Roma, Júlio César proibiu o uso das pérolas às solteiras e às virgens como medida punitiva.

O AMULETO DAS NOIVAS

Wildon Carr interpreta a beleza mais como um fato espiritual do que como um fato físico. As mulheres não confiam muito no espírito dos homens e enfeitam-se para excitar os sentidos.

Nasceu a adoração pela pérola de pueril e vil sentimento, de ínfimo materialismo e de presunção, ou de uma exaltação mais alta como o amor da estética e do belo? Há quem justifique o uso de pedras preciosas, alegando que nem sempre representaram emblemas de ostentação mundana. Acreditavam os antigos que as esmeraldas e os rubis, as safiras e outros minérios raros ocultam miríficos dons. Também o mesmo se atribuiu à gema branca da ostra. Louis Finot e Leonard Rosenthal pesquisaram o "Ratnapariksa", tratado sôbre as pedras preciosas de outros tempos e servindo por isso de documento psicológico, verificando que utilizavam-no como amuleto, além de jóia. Mitològicamente, o livro hindu atribui oito origens à pérola —



As ostras são pescadas por jovens mergulhadores, providos de máscaras semelhantes às que são usadas por todos aquêles que fazem da pesca submarina o seu esporte.

Depois de preparadas em laboratórios, onde recebem "núcleos-mães", que consistem em um grão de areia, voltam ao mar em engradados, que são retirados ao fim de 7 anos.

o elefante, a nuvem, o javali, a concha, o peixe, a serpente, a ostra e o bambu.

Lê-se, ainda, no "Ratnapariksa", da autoria de Budhabhatta, a recomendação supersticiosa: "Nos ritos em honra de Devas, de Agni, dos Manes, nos atos de yoga, nas festas familiares, a pérola da concha deve ser sempre conservada como amuleto, para aquêle que deseja a felicidade".

Na Bíblia, Job e Salomão falaram na gema do pélago marinho, um nos seus lamentos e outro nos seus salmos. O "Talmud" dos hebreus e o "Alcorão" dos árabes também celebram-na como símbolo da casta formosura. Cristo se utilizou da sua imagem nas parábolas. Ouçamo-lo, através do evangelista Mateus: "O reino dos céus é também semelhante ao mercador que buscava boas pérolas. E tendo achado uma, de grande valor, foi vender tudo que possuía e a comprou". Como talismã da felicidade, notabilizou-se na Toscânia, onde as noivas recebem-na como presente do himeneu.

No casamento de Catarina de Médicis, a pérola brilhou como ornamento nupcial.

Ainda pompeia seu império entre as mulheres de tôdas as raças, noivas e cortesãs, como o mais ideal símbolo da formosura casta. Os pescadores de pérolas freqüentam o Oceano Índico e o Gôlfo Pérsico, o Mar Vermelho e o Oceano Pacífico, o Mar das Antilhas e o Canal de Moçambique, nos litorais da Índia, Ceilão, África, Ilhas Sandwich, Peru e Austrália. Ambicioso de burlar o segrêdo do oceano, o homem resolveu reproduzir a gema artificial. Impossibilitado de fabricá-la como a sabe criar o ser marinho, a ciência interveio na intimidade do molusco para que as valvas acelerassem o crescimento das pérolas, que a indústria deseja para obter lucros e a vaidade moderna para seduzir.

Transformando a arte das profundezas oceânicas, inventaram a ostreicultura, que se poderia traduzir paradoxalmente como a criação artificial das pérolas naturais.

Uma larva penetra na ostra e o molusco, para se defender, segrega substâncias calcáreas, que isolam, em camadas concêntricas o parasito e assim se forma a pérola.

O japonês Kokichi Mikimoto inventou o processo de cultivar ostras peroleiras e forçar, artificialmente, a segregação de nácar na concha, pela introdução de fragmentos estranhos.

Essa descoberta difundiu a indústria das pérolas cultivadas, cuja perfeição e pureza rivalizam com as jóias naturais do oceano. Os colares de pérolas deixaram de ser raridades elaboradas pelo acaso da Natureza, para ser uma das maravilhas da indústria moderna.

QUANTOS ANOS VIVERÁ VOCÊ?...

DEZ FATÔRES LHE DÃO A RESPOSTA

DE acôrdo com a informação publicada pelo Serviço de Saúde Pública, da ONU, em 1952, a média de duração da vida é de 66 anos para os homens e pouco mais de 71 para as mulheres.

Por êsses dados verificamos que a média é de 5 anos superiores à registrada em 1930, 10 anos superiores à de 1935 e quase o dôbro da média apontada em 1880.

No entanto, a longevidade de cada um de nós depende — muito — do ano em que nascemos, do estado civil a que pertençamos, da alimentação que adotamos, do próprio temperamento, além de outros vários fatôres.

Assim, se o leitor tem curiosidade de saber quantos anos lhe restam de vida, submeta-se à seguinte análise pessoal. Não podemos garantir, é claro, a sua exatidão para cada leitor. É, pelo menos o que dizem as estatísticas.

Comecemos, pois, e, antes de outra qualquer coisa, deve o leitor estar lembrado de que **supomos** esteja **gozando**, atualmente, moderada boa saúde. Apanhe o lápis depressa. Vai precisar do mesmo.

1 — **Ano de nascimento**. Escolha das seguintes colunas, o número de anos que se esperava que vivesse, no ano em que nasceu.

Período	*Homens*	*Mulheres*
1880-1900	35-40 anos	37-42 anos
1901-1904	46 anos 6 meses	48 anos 8 meses
1905-1908	48 anos 8 meses	51 anos 5 meses
1909-1912	50 anos 7 meses	54 anos 4 meses
1913-1916	51 anos 8 meses	56 anos 6 meses
1917-1920	52 anos 6 meses	56 anos 5 meses
1921-1924	59 anos 2 meses	61 anos 10 meses
1925-1928	58 anos 5 meses	61 anos 6 meses
1929-1932	59 anos 10 meses	63 anos 2 meses
1933-1936	60 anos 6 meses	64 anos 5 meses
1937-1940	62 anos	66 anos
1941-1944	64 anos 6 meses	68 anos
1945-1948	65 anos	70 anos 4 meses
1949-1952	65 anos 11 meses	71 anos 6 meses

Anote sua probabilidade básica de vida: ..... anos ..... meses.

2 — **Idade Atual**. Seja qual fôr sua provável longevidade ao nascer, ela melhora



quanto mais anos vive. Junte, então, o seguinte, de acôrdo com o número de anos que já viveu.

Idade	*Junte*	*Idade*	*Junte*
1 10	1 ano	41-45	6 anos
11-15	2 anos	46-50	6½ anos
16-20	3½ anos	51-55	8 anos
21-25	4 anos	56-65	9 anos
26-30	4½ anos	66-80	10 anos
31-35	5 anos	81-90	6 anos
36-40	5½ anos	96 e mais	5 anos

Novo total: ..... anos ..... meses.

3 — **Avanços da medicina**. Além dêsses ajustes, tem direito a outro mais, por haver sobrevivido as primeiras décadas dêste século e ter alcançado a era dos grandes progressos da medicina, das sábias medidas sanitárias e profiláticas e dos maravilhosos específicos.

Nestas condições, junte 6 meses para cada ano que tenha vivido até 1946, quando os primeiros específicos revolucionários foram postos no mercado.

Novo total: ..... anos ..... meses.

Os fatôres anteriores são apenas básicos. Passemos, agora, a considerar os fatôres humanos, coisas que o leitor fêz ou que lhe ocorreram e que possam afetar sua longevidade.

4 — **Estado civil**. Os casados geralmente vivem mais que os solteiros, segundo o revelam as estatísticas e o afirmam os psiquiatras. De modo que, se o leitor tem

mais de 25 anos e ainda não casou, deve descontar 1 ano para cada década de solteiro. Se é casado, junte 5 anos.

Novo total: ..... anos ..... meses.

5 — **Ocupação**. Recente estudo demonstra que os sacerdotes vivem pelo menos 1 ano menos que a maior parte das pessoas. E os médicos, apesar de seus conhecimentos científicos, em geral têm vida mais curta que seus pacientes. Portanto, se o leitor é médico ou sacerdote, desconte de 4 meses a 1 ano, segundo se sinta mais ou menos fatigado. Professôres, enfermeiras, advogados, empregados de escritório, devem juntar 3 anos à sua média.

A saúde dos operários industriais melhorou consideràvelmente nas últimas décadas. Se o leitor desempenhava uma tarefa industrial, antes de 1940, desconte um ano para cada 5 de trabalho. Depois de 1940, junte um ano. Os agricultores, apesar da alta proporção de acidentes, devem juntar 2 anos, em razão da vida salubre e ao ar livre.

Novo total: ..... anos ..... meses.

6 — **Lugar de residência**. Em igualdade de condições, os habitantes dos lugarejos, das cidades pequenas vivem mais do que os das grandes cidades. Se o leitor não é agricultor, mas vive em cidadezinha do interior, junte 4 anos.

Os habitantes das grandes cidades, devem diminuir 2 anos.

Novo total: ..... anos ..... meses.

7 — **Posição econômica**. As pessoas muito ricas morrem em idade relativamente curta, como as muito pobres, porque tendem a comer e beber em excesso. Com isso contraem enfermidades motivadas por êsses mesmos excessos. Os fatôres que podem encurtar a vida das pessoas muito pobres, ao contrário, são a má nutrição e a vivenda malsã, que as predispõem a contrair diversas enfermidades. Em conseqüência, se o leitor foi muito rico ou muito pobre a maior parte de sua vida, trate de descontar 4 anos.

Novo total: ..... anos ..... meses.

8 — **Sua silhueta**. Um estudo feito pela Companhia de Seguros Metropolitan, de New York, sôbre os efeitos da obesidade na saúde demonstrou que 50% mais de homens obesos e 47% mais de mulheres obesas morrem antes do tempo normal.

As mortes prematuras causadas pela obesidade são devidas a que esta produz hipertensão, enfermidades cardíacas, diabete e afecções da vesícula.

Se o leitor tem mais de 40 anos, deve diminuir um ano para cada quilo que tenha além do normal.

Novo total: ..... anos ..... meses.

9 — **Temperamento**. Seu modo de ser também exerce influência sôbre o número de anos que viverá. Os caprichosos, atormentados, neuróticos ou pessimistas sóem sofrer perturbações físicas ou mentais, que têm como resultado uma vida mais curta. Se o leitor é um dêles, desconte 5 anos. Se, ao contrário, tem um caráter plácido e está geralmente de bom-humor pode juntar até 5 anos.

Novo total: ..... anos ..... meses.

10 — **Família e meio ambiente**. Um estudo, realizado na Inglaterra, para conhecer as probabilidades de vida para os filhos de famílias numerosas revelou estas interessantes conclusões:

A — Os Filhos de famílias numerosas vivem mais que os das famílias pequenas, exceto quando a família passa das 10 pessoas.

B — A longevidade dos membros de famílias numerosas também varia. Os nascidos entre o quarto e o oitavo ano de casamento geralmente vivem mais tempo que os nascidos antes e depois que êles.

Se o senhor se acha neste caso, junte (ou tire) dois anos.

Novo total: ..... anos ..... meses.

Esta última cifra é a representação do mínimo que o leitor normalmente deveria viver, salvo uma invasão vinda de outro planêta, uma chuva de bombas atômicas ou um terremoto.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

A princesa, que escutava e não ouvia coisa alguma, olhou surpreendida para a filha, que repetiu:

— É êle! Tenho a certeza! Oh! Quem me dera morrer antes de Henrique!

Decorreram alguns momentos e a porta abriu-se.

Alguns guardas penetraram na sala. No meio dêles, via-se o cavaleiro de Lagardère, de cabeça descoberta e mãos atadas sôbre o peito. Seguia-o um sacerdote com um crucifixo na mão. Duas lágrimas sulcaram o rosto da princesa. Aurora estava de olhar fixo e imóvel como uma estátua.

Ao vê-las, Henrique de Lagardère se deteve. Esboçou um sorriso melancólico e fêz um sinal de cabeça como para agradecer.

— Permita-me que diga apenas umas palavras a estas senhoras — pediu o cavaleiro ao oficial que o acompanhava.

— As nossas ordens são severíssimas...

— Sou a princesa de Gonzaga, senhor! — exclamou a pobre mãe precipitando-se em

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que àquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em 1699, em uma estalagem próxima ao castelo Peyrolles, secretários de Gonzaga, reunem-se sequiosos para assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, junto às muralhas e vê o secretário dizer ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, a primeira anuncia, que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assustava Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam Cocordasse e Passepoil. Na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se

direção ao oficial. — Sou prima de Sua Alteza, não me recuse uma coisa destas!

O militar olhou-a assombrado. Depois, voltando-se para o condenado, disse-lhe:

— Nada se pode negar a um homem que vai morrer!...

A ÚLTIMA ENTREVISTA

A porta continuava aberta e ouvia-se o passo das sentinelas no aposento vizinho. Esta suprema entrevista não devia ter testemunhas.

Aurora levantou-se para receber Henrique e beijou-lhe as mãos atadas. Em seguida estendeu-lhe a fronte pálida como mármore, e as lágrimas principiaram a deslizar-lhe pelo rosto ao ver a mãe chorando, um pouco afastada.

— Henrique!... Henrique!... Era então assim que deveríamos tornar a ver-nos?...

Lagardère contemplava-a como se todo o seu amor, tôda a intensa afeição que lhe consagrara durante a vida inteira, quisessem concentrar-se nesse olhar derradeiro.

— Aurora, meu amor, nunca te vi tão linda! — murmurou — e nunca a tua voz me chegou tão profundamente ao coração. Obrigado, por teres vindo! As horas do meu cativeiro não foram muito longas, mas tu provaste-as com a tua querida imagem e velaste sempre por mim. Obri-

---

intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepail e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiram o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga tendo ao lado a princesa de Gonzaga, ouve junto de si uma voz anunciar: **«Aqui estou».** Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e, apontando para a cicatriz da palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém. Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora no correr da festa do regente. Mas, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha. Tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepail ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère. Pouco depois prendem Lagardère e os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue ao Regente. Lagardère é levado à presença do Regente e da princesa de Gonzaga. Esta não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, é interceptado por Gonzaga, que lhe diz que Aurora já está em seu poder... e, também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda a sôldo de Gonzaga anuncia que matou Lagardère. Porém, o corpo desaparece e surge o corcundo anunciando que o cavalheiro fôra atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, cuida de suas chagas. No dia seguinte, no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agoira acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Na mesma tarde Gonzaga afirma aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny! Logo o corcunda aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flôres. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo. Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos, que acusam o corcunda de posuir artes mágicas. Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. No final o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda assina... Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viúva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, que agora tudo compreendia, tenta defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga relata ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostre incrédulo e não esconda a sua desconfiança. No calabouço, Lagardère teve por vizinhos Cocardasse, Passepoil e Chaverny, pois o marquês tinha sido renegado por Gonzaga, por haver tomado a defesa de Aurora e de Lagardère. Os três não tardam a reunir-se, passando Chaverny por um buraco aberto no chão de sua cela para a dos dois espadachins. Eis que surge Peyrolles e Chaverny se esconde, enquanto o corcunda aliado de Gonzaga penetra na prisão. Dominar o factótum, fazer o mesmo com dois guardas, atraídos de propósito e fugir do velho presídio foi coisa fácil, embora marcada por episódios de luta e de riso. Livres, Chaverny, Cocardasse e Passepoil agiriam em favor de Lagardère. No Palácio da princesa de Gonzaga, esta aprendia a melhor conhecer a filha e a Lagardère, ouvindo o que sôbre ambos contavam Bernichon e a boa Francisca.

E ali decide tudo fazer para salvar Lagardère. Pouco depois surge Chaverny, disfarçado para fugir dos guardas de Gonzaga e entrega à princesa a mensagem em que Lagardère suplica que o deixem ver Aurora, antes de morrer. Juntas a princesa e Aurora partem para a sessão do Tribunal de Justiça, onde o prisioneiro ouviria a sentença fatal.

gado por teres vindo... Obrigado, meu anjo!...

Em seguida, voltando-se para o sítio onde se encontrava a princesa, disse:

— Obrigado também, minha senhora! Obrigado, porque me poderia ter recusado esta última alegria!

— Recusar? — exclamou Aurora impetuosamente.

O olhar do prisioneiro dirigiu-se da fronte altiva da filha para o rosto curvado da mãe, e adivinhou tudo.

— Isso não está certo, Aurora — disse. — Não devia ter sido desta forma... É esta a primeira censura que a minha bôca e o meu coração te dirigem... Ordenaste a tua mãe para obedecer, veio! Não me respondas, querida — interrompeu o cavaleiro, vendo que Aurora abria a bôca para lhe dizer qualquer coisa — o tempo passa e não terei tempo para mais lições. Ama tua mãe, obedece-lhe. Hoje tens a desculpa do desespêro, mas amanhã...

— Amanhã, Henrique — pronunciou resolutamente a jovem — se morreres, morrerei também!

Lagardère recuou um passo e a sua fisionomia tomou uma expressão severa.

— Eu tinha uma consolação, quase uma alegria — disse êle — era dizer para comigo, ao deixar êste mundo: "Deixo a minha obra e lá do alto a mão de Nevers há de estender-se para mim, pois verá a mulher e a filha felizes devido a mim!"...

— Eu, feliz?... — repetiu Aurora. — Feliz sem ti?!...

E soltou uma gargalhada.

— Enganava-me, porém — prosseguiu Lagardère — não terei essa consolação... roubaste-ma! Trabalhei durante vinte anos para ver a minha obra destruída na hora derradeira. Esta entrevista já durou o bastante. Adeus, **mademoiselle** Aurora de Nevers!

Entretanto, a princesa aproximara-se docemente e, tal como a filha, beijou as mãos **ligadas do prisioneiro.**

— E é o senhor — murmurou a princesa — quem defende a minha causa?...

Aurora, desfalecida, caiu nos braços da mãe.

— Oh! Não a torture! — pediu. — A culpada sou eu, o meu ciúme, o meu orgulho...

— Mãe! Mãe! — exclamou Aurora. — Não me despedace o coração!

E ambas se deixaram cair nas cadeiras, enquanto Lagardère se conservava de pé, diante delas.

— Sua mãe engana-se, Aurora — disse o cavaleiro. — O ciúme e o seu orgulho, minha senhora, eram amor! É a viúva de Nevers! Quem o esqueceu por momentos, fui eu... há um só culpado e êsse culpado, sou eu também!

O seu rosto nobre exprimia emoção dolorosa e grave.

— Escute, Aurora — continuou. — O meu crime só durou um instante e tinha por desculpa o sonho insensato, o sonho radiante e mil vêzes adorado que me mostrava as portas do paraíso, abertas de par em par. O meu crime, porém, foi grande, tão grande que apagou num momento a minha dedicação de vinte anos... Por instantes apenas!... pretendi arrancar a filha a sua mãe!

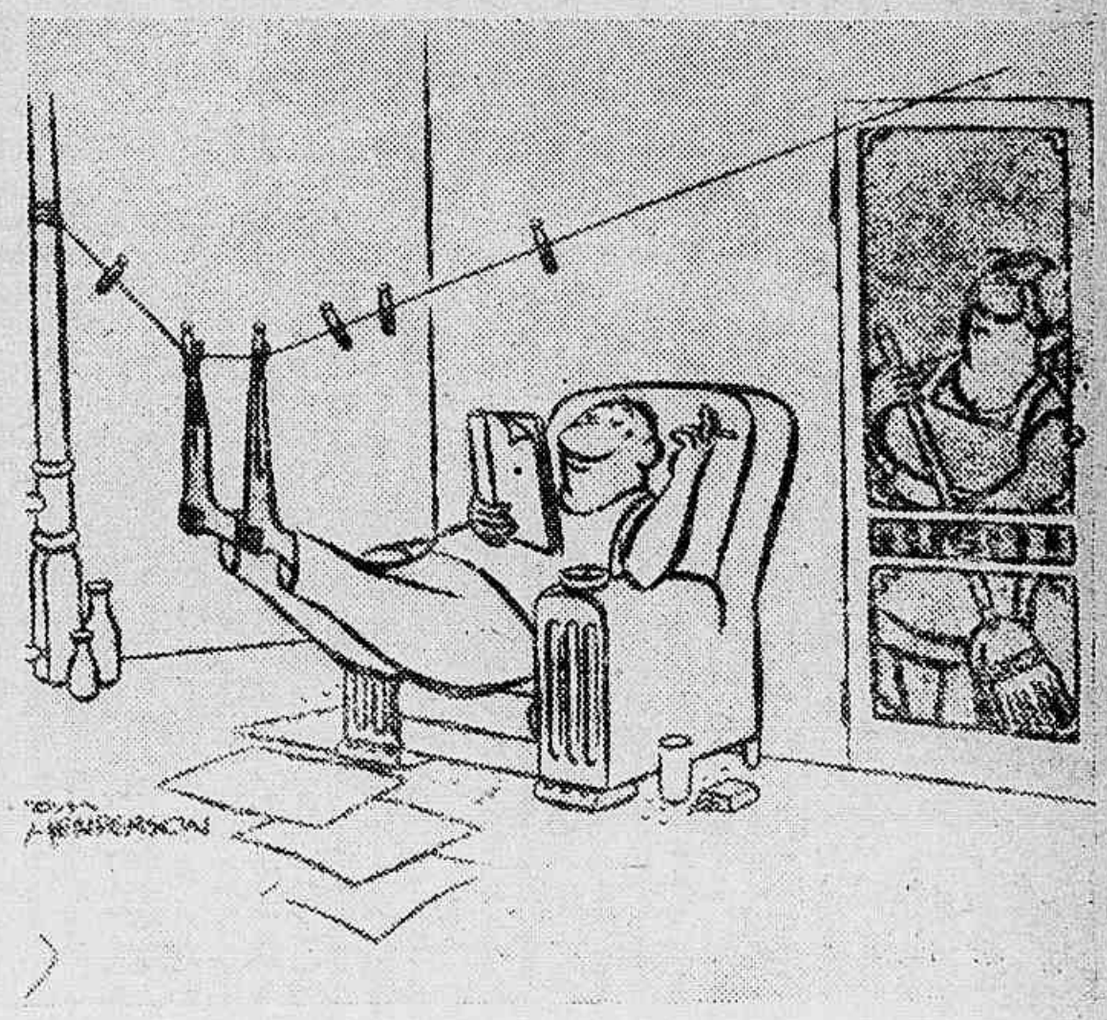
A princesa baixou os olhos e a filha escondeu a cabeça no seu peito.

— Deus castigou-me! — exclamou Lagardère. — Deus é justo e eu vou morrer!

— Mas então não há nenhum recurso? — perguntou a princesa, sentindo que a filha lhe estremecia nos braços.

— Morrer — prosseguiu Lagardère — no momento em que a minha vida parecia desabrochar como uma flor! Procedi mal, o castigo é cruel. Deus irrita-se contra os que mancham com uma falta mil ações

★



boas... Pensei isto na prisão... Que direito tinha eu para desconfiar? Devia-lhe ter entregue sua filha, sem vacilar; ter-lha levado ao seu palácio e deixar que ela lhe dissesse: "Êle gosta de mim! Ama-me!..." Então, eu cairia a seus pés e pedir-lhe-ia que nos abençoasse!...

Lagardère, lentamente, ajoelhou. Aurora imitou-o.

— E fá-lo-ia, não é verdade? — terminou o cavaleiro.

A princesa hesitava, não em abençoar, mas em responder.

— Fá-lo-ia, não é verdade, mãe? — perguntou Aurora muito baixinho. — Tal como o vai fazer nesta hora de agonia?...

Ambos se inclinaram. A princesa, com os olhos erguidos ao céu e as faces banhadas em lágrimas, exclamou:

— Senhor, meu Deus, fazei um milagre!

Depois, aproximando as duas cabeças que se tocaram, beijou-os, dizendo:

— Meus filhos!... Meus queridos filhos!

Aurora ergueu-se para se precipitar nos braços da mãe.

— Somos noivos duas vêzes, Aurora — disse Lagardère. — Obrigado, minha mãe! Nunca acreditei que se pudessem chorar lágrimas de alegria!... E agora — acrescentou, enquanto o rosto mudava de expressão — vamo-nos separar, Aurora!

Esta tornou-se pálida como uma morta. Quase esquecera a tragédia da sua vida...

— Não para sempre — prosseguiu o cavaleiro, sorrindo tristemente — ainda nos devemos tornar a ver, pelo menos uma vez. No entanto, é preciso separarmo-nos... Peço-te que te afastes um pouco, Aurora. Preciso falar a tua mãe.

Mademoiselle de Nevers colocou as mãos de Henrique sôbre o seu coração e depois retirou-se para o vão de uma janela.

— Minha senhora — disse o prisioneiro para a princesa, logo que ficaram sós — a todo o momento aquela porta pode abrir-se e eu ainda tenho muitas coisas para lhe dizer. Julgo-a sincera... Perdoou-me, porém, seria capaz de escutar e atender o pedido de um moribundo?

— Quer viva ou morra — respondeu a princesa — e viveria se para isso fôsse necessário eu dar o meu próprio sangue, juro-lhe pela minha honra que coisa alguma lhe recusaria, coisa alguma — repetiu, após um momento de reflexão. — Estava a ver se existia qualquer coisa que lhe pudesse recusar; não encontrei!

— Então, escute-me, e Deus lhe dê a recompensa com o amor de sua filha! Estou condenado à morte, bem sei, embora ainda não me tivessem lido a sentença. Não há exemplo de se ter apelado das soberanas sentenças do Tribunal Especial de Justiça, ou antes, houve um caso no reinado do falecido rei, o conde de Bossut, condenado pelo envenenamento de Hesse, salvou-se, porque o italiano Grimaldi, já condenado por outros crimes, escreveu a **madame** Maintenon e declarou-se culpado... O nosso verdadeiro culpado, porém, não fará semelhante confissão, e de resto, não era a êste ponto que eu desejava chegar...

— Se ainda houvesse uma esperança — disse a princesa.

— Não há nenhuma. São três horas da tarde, a noite desce por volta das sete. Ao anoitecer, uma escolta virá buscar-me para me conduzir à Bastilha. Às oito horas levam-me para o pátio das execuções... e tudo acabará!

— Compreendo! — exclamou a princesa. — Durante o trajeto, se tivéssemos amigos...

Lagardère meneou a cabeça e, sorrindo tristemente, replicou:

— Não me compreendeu. Vou explicar-me claramente, porque não pode adivinhar. Entre o Châtelet, de onde vou partir, e a Bastilha, destino da minha última viagem, haverá uma paragem no cemitério de Saint-Magloire.

— No cemitério de Saint-Magloire? — repetiu a princesa, tremendo.

— Então não é necessário que o assassino sofra um castigo exemplar ante o túmulo da vítima? — disse Lagardère com um sorriso de amargura.

— E Henrique vai ser castigado?... Henrique, a nossa providência e o nosso salvador?

— Não fale tão alto. Junto do túmulo de Nevers haverá um cêpo e um machado. A minha mão direita será decepada à entrada.

A princesa cobriu o rosto com as mãos. No outro extremo da sala, Aurora, ajoelhada, soluçava e rezava.

— É uma injustiça, não acha? Por muito obscuro que seja o meu nome, compreende esta angústia da minha última hora: deixar uma recordação vergonhosa!

— Mas, qual a razão dessa inútil crueldade? — perguntou a princesa.

— Parece que o presidente Sagré disse: "Pode matar-se um duque, par do reino, como se mata qualquer? É necessário um castigo exemplar para que isto não se repita!"

— Mas o assassino não foi Henrique! O Regente não tolerará...

— O Regente podia tudo antes de ser pronunciada a sentença; agora, só se o culpado confessasse... Mas deixemos isto, senhora, suplico-lhe! Aqui tem o meu último desejo: pode fazer com que minha morte seja um cântico de ação de graças de um mártir; pode reabilitar-me aos olhos de tôda a gente. Quer fazê-lo?

— Se quero — Peça, diga o que é preciso!

A escadaria da igreja é próxima. Se **mademoiselle** de Nevers, com o seu vestido de noiva, ali estivesse no limiar... se também lá se encontrasse um padre com as suas vestes sacerdotais e se fôsse possível comprar a minha escolta para me conceder o tempo necessário para eu me ajoelhar perante o altar...

A princesa recuou. As pernas vacilaram.

— Assusto-a com a minha idéia? — principiou o cavaleiro.

— Termine! — respondeu a princesa, com voz sacudida.

— ... o padre, com o consentimento da senhora princesa de Gonzaga, abençoaria a união do cavaleiro Henrique de Lagardère e de **mademoiselle** Aurora de Nevers.

— Juro-lhe pela minha salvação que assim será! — respondeu a princesa com ardor.

Os olhos de Lagardère cintilaram e os lábios procuraram a mão de Aurora de Caylus, mas ela não lho permitiu. A filha, que, entretanto, se voltara, viu a mãe abraçar o prisioneiro e muitas outras pessoas presenciaram a mesma cena porque a porta se abrira para dar passagem ao oficial e aos guardas. A princesa, porém, sem dar atenção a isso, prosseguiu com uma espécie de exaltação entusiasta:

— E quem ousará dizer que a viúva de Nevers, aquela que usou luto durante vinte anos, concedeu a mão da filha ao assassino de seu espôso?! Foi muito bem pensado, Henrique, meu filho! E depois diga que adivinho...

Desta vez o prisioneiro tinha lágrimas nos olhos.

— Adivinha, sim! E por sua causa terei saudades da vida... Julguei perder apenas um tesouro...

— Quem ousará dizer semelhante coisa? — continuou a princesa. — O padre lá estará, juro-lhe: será o meu confessor. Quanto à escolta, há de dar-lhe o tempo preciso, nem que para tal seja necessário vender tôdas as minhas jóias e até mesmo o anel trocado na capela de Caylus! Uma vez abençoada a união, padre, mãe e mulher, seguirão o condenado pelas ruas de Paris e eu direi...

— Silêncio! — pediu Lagardère. — Não estamos sós!...

O oficial avançou e disse:

— Senhor, ultrapassei os meus poderes. Peço-lhe que me siga!

Aurora precipitou-se para dar o seu beijo de adeus. A princesa curvando-se ràpidamente ao ouvido do prisioneiro, segredou:

— Conte comigo! Mas, além disso, não se podia tentar mais nada?

Lagardère, pensativo, voltou-se para seguir o oficial, mas, de súbito, disse:

★



— Vocês, irmãos siameses, ficam vigiando a aproximação dos guardas...

— Isto quase não se pode considerar uma oportunidade, mas o tribunal de família reúne-se às oito horas... não devo estar longe. Se fôsse possível fazer com que eu comparecesse ante Sua Alteza, no recinto do tribunal, talvez...

A princesa apertou-lhe as mãos e não respondeu. Aurora seguia Henrique com o olhar desolado. Os guardas rodearam o prisioneiro, junto de quem se foi colocar o lúgubre personagem que vestia o hábito dos dominicanos, e o cortejo desapareceu em direção à Tôrre Nova.

Aurora de Caylus pegou na mão da filha e arrastou-a.

— Vem! — exclamou. — Ainda não está tudo perdido e Deus, com certeza, não permitirá que se cumpra esta vergonhosa iniqüidade!

Aurora, mais morta do que viva, quase não ouvia nada. Ao subir para a carruagem, a princesa disse ao cocheiro:

— A galope, para o Palácio Real!

No momento em que a carruagem partia, uma outra equipagem pôs-se também em movimento e uma voz nossa conhecida, disse ao cocheiro:

— Se não chegares ao pátio das Fontes antes da princesa, expulso-te!

Enterrado na segunda carruagem, ia Peyrolles, em cujo rosto se adivinhava um terrível mau-humor. Também êle saía do Châtelet, onde passara dois terços do dia, metido no calabouço.

Num cruzamento, a sua carruagem ultrapassou a da princesa e chegou primeiro ao palácio das Fontes. Peyrolles desceu e atravessou o pavilhão de mestre Le Bréant sem dizer nada.

Quando a princesa de Gonzaga se apresentou para solicitar uma audiência do Regente, obteve uma recusa sêca e peremptória. Ainda pensou em esperar a saída ou a entrada de Sua Alteza, mas o dia e as horas iam passando e era necessário cumprir a promessa feita a Lagardère.

★

O príncipe de Gonzaga estava sòzinho no seu gabinete de trabalho, onde o vimos receber pela primeira vez a visita de dona Cruz. Tinha a espada em cima da mesa coberta de papéis e naquele momento vestia — sem ajuda de criados de quarto, a cota de malha, uma fina cota que podia usar fàcilmente por baixo da sua roupa de veludo prêto.

Naquele momento em que a preocupação se havia apoderado do seu espírito, o estrago dos anos que êle geralmente disfarçava com tanta habilidade, desenhava-se-lhe perfeitamente no rosto.

— Foi condenado! — dizia para consigo. — O Regente deixou-se apanhar na rêde! Teria sido a sua preguiça que o levou a isso, ou estará realmente convencido?...

Fêz uma pequenina pausa e depois, mudando de tom, prosseguiu:

— E aquêle marôto do Peyrolles?... É pena não estarmos agora em Madrid ou em Milão... Rico, arqui-milionário, o grande patife!...

Nesse momento, bateram três pancadas à porta da biblioteca.

— Entra — disse Gonzaga — estou à tua espera há mais de uma hora!

Peyrolles que, entretanto, fôra fazer nova **toilette**, apareceu no limiar:

— Monsenhor, não se dê ao trabalho de me censurar! — exclamou. — Houve caso de fôrça maior; acabo de sair da prisão do Châtelet! Felizmente, os dois marotos, embora tivessem fugido, cumpriram perfeitamente a finalidade da minha embaixada: não puseram pé no tribunal, onde fui o único a depor! Está o negócio concluído e daqui a uma hora aquêle diabo terá a cabeça cortada. Esta noite já dormiremos tranqüilos!

Como Gonzaga não compreendia, Peyrolles contou, em poucas palavras, a sua aventura na Tôrre Nova e a fuga dos dois mestres de armas em companhia de Chaverny. Ao ouvir êste nome, o príncipe franziu as sobrancelhas; no entanto, não era ocasião para se ocupar dêstes pormenores.

Peyrolles contou-lhe ainda o seu encontro com a princesa de Gonzaga e Aurora, no Châtelet.

— Cheguei três segundos antes delas ao Palácio Real — acrescentou — e foi o bastante... Monsenhor deve 5.250 libras que passei para a mão do senhor de Nancy, para recusar a audiência que elas pediram ao Regente!

— Está bem — disse Gonzaga. — E quanto ao resto?

— O resto está pronto. Cavalos de posta para as oito...

— Está bem — repetiu Gonzaga.

— É verdade que o Regente presidirá ao tribunal de família? — perguntou Peyrolles, após alguma hesitação.

— Fui eu que o convenci a ir — respondeu descaradamente o príncipe, pois enganava até os seus auxiliares.

— E dona Cruz, pode-se contar com ela?

— Mais do que nunca. Jurou-me que iria ao julgamento.

Peyrolles olhou para o príncipe, que sorriu irônicamente, e disse:

— Se dona Cruz desaparecesse de repente — murmurou — que se podia fazer? Tenho inimigos que estão interessados nisso... A criança existiu e tal fato basta; o tribunal já a viu...

— Então?...

— Vamos ver esta noite muitas coisas, amigo Peyrolles — respondeu Gonzaga. — A senhora princesa podia ter falado com o Regente porque isso não me inquietava. Tenho a minha liberdade depois de ter sido, implìcitamente, acusado de assassínio... Consegui manobrar um dia inteiro. O Regente, sem saber, fêz de mim um gigante!... Oh! Mas o tempo custa a passar e eu estou cheio de pressa!

— Então — disse Peyrolles, em tom humilde — Monsenhor tem a certeza de triunfar?

Gonzaga respondeu apenas com um sorriso de orgulho.

— Nesse caso — insistiu Peyrolles — não compreendo por que convocou os seus amigos... Ao entrar, encontrei o salão cheio de gente armada como se fôsse para um combate.

— E que aspecto tinham os meus queridos amigos?... — perguntou o príncipe.

— O de cães que tivessem apanhado uma sova...

— Não falta ninguém?

— Só Chaverny...

— Amigo Peyrolles — disse Gonzaga. — Enquanto estavas na prisão passou-se aqui qualquer coisa. Se eu quisesse, vocês podiam ter agora um mau quarto de hora...

— Se Monsenhor pudesse ter a bondade de me explicar... — pediu Peyrolles, já a tremer.

— Fatigava-me se tivesse que dizer a mesma coisa duas vêzes — retorquiu o príncipe. — Explicarei diante de tôda a gente...

— Quer que os vá prevenir? — perguntou vivamente Peyrolles.

Gonzaga olhou-o de soslaio e resmungou:

— Não quero que te afastes... eras capaz de fugir...

Tocou. Apareceu um criado.

— Manda entrar êsses senhores que estão lá fora, à espera! — ordenou.

Em seguida, voltando para o confidente, acrescentou:

— Creio que foste tu quem, no outro dia, no auge do zêlo, exclamou: "Monsenhor, segui-lo-emos, nem que seja para o inferno!"... Ora, nós estamos agora a caminho... façamos alegremente o seu percurso!

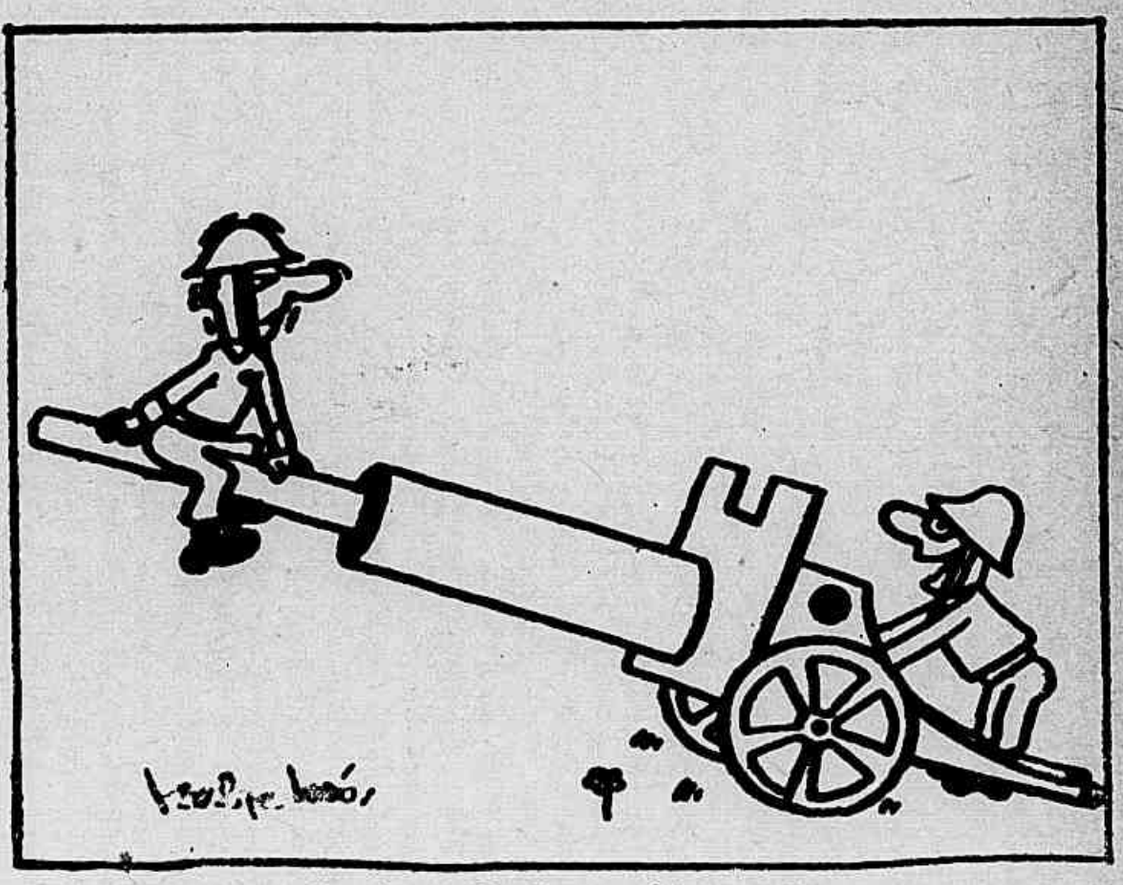
VELHA NOBREZA

No meio dos adeptos de Gonzaga, destacava-se Chaverny, que tivera pelo príncipe uma parcela de verdadeira dedicação.

Uma vez suprimido Chaverny, restava o seu amigo Navailles, a quem o lado brilhante de Gonzaga seduzira um pouco. Choisy e Nocé eram fidalgos de sangue. Quanto aos restantes, ao ligarem-se ao príncipe, apenas haviam escutado a voz do interêsse e da ambição.

Oriol, o gordo tratante, Taranne, o barão de Batz e os outros teriam vendido Gonzaga por trinta dinheiros. No entanto, nem

★



— Um instantinho só! Vais ver que te curo dêsses soluços...

mesmo êstes eram celerados, podia mesmo dizer-se que dentre êles nênhum se podia considerar como tal. O que êles seriam era jogadores inveteranos e Gonzaga tomava-os tal como eram... Haviam seguido o caminho do príncipe, primeiro de boa-vontade, depois... forçados. Não lhes agradava o mal, mas à maioria, era o perigo que os fazia arrefecer. Gonzaga sabia-o perfeitamente, mas não os trocaria por autênticos malandrins. Daqueles é que êle precisava...

Entraram todos ao mesmo tempo. O que os chocou em primeiro lugar, foi a cara triste do **factotum** e o aspecto altivo do amo.

Havia uma hora que esperavam no salão e Deus sabe quantas hipóteses tinham formulado. Alguns tinham apresentado idéias de revolta, porque a noite anterior deixara sinistras impressões nos espíritos, mas na Côrte falava-se que a situação do príncipe junto do Regente estava no apogeu. Não era, portanto, o momento de voltar as costas à felicidade e à fortuna.

Verdade seja, porém, que também corriam certos boatos.

... Dizia-se que os relatórios já tinham sido entregues a Sua Alteza e que, durante essa noite de orgia que terminara com derramamento de sangue, as paredes do pavilhão tinham sido transparentes.

No entanto, um fato dominava tudo isso: o Tribunal pronunciara a sua sentença e o cavaleiro Henrique de Lagardère fôra condenado à morte. Nenhum dentre todos aquêles personagens ignorava a história do passado... Era preciso Gonzaga ser muito poderoso!

Choisy era portador de uma estranha notícia. Nessa manhã, o marquês de Chaverny fôra prêso no seu palácio e levado numa carruagem escoltada por guardas: ia para uma viagem até à Bastilha, por meio de um passaporte chamado "ordem de prisão". Falara-se pouco do marquês, porque ali cada um tinha de cuidar de si; além disso, todos desconfiavam um pouco do vizinho...

O sentimento geral, porém, não podia ignorar-se: era uma fadiga muito próxima do desânimo e de um grande desgôsto. Todos desejavam poder deter-se à beira do abismo e de entre os cortesãos de Gonzaga, talvez não houvesse um único que não levasse a idéia reservada de romper o pacto.

Peyrolles falara verdade ao dizer que estavam todos em uniforme de campanha. O príncipe, ao convocá-los, exigira êsse traje e isso não deixava de contribuir para a inquietação que sentiam.

— Primo — disse Navailles, que foi o primeiro a entrar. — Aqui nos tem, mais uma vez, às suas ordens.

Gonzaga fêz-lhe um sinal de cabeça, enquanto sorria com ar protetor. Os outros cumprimentaram com as habituais demonstrações de respeito. O príncipe não os convidou a sentar. O seu olhar percorreu o círculo.

— Está bem — disse por entre dentes. — Vejo que não falta nenhum!

— Faltam Albret, Gironne e Chaverny — respondeu Nocé.

Fêz-se um profundo silêncio; todos esperavam a réplica do amo.

As sobrancelhas de Gonzaga franziram-se ligeiramente.

— Os senhores de Gironne e Albret cumpriram o seu dever — pronunciou sêcamente.

— Diabo! — disse Navailles. — A oração fúnebre foi curta, meu primo, e nós somos súditos do rei...

— Quanto ao senhor de Chaverny — proseguiu Gonzaga — como tem o vinho escrupuloso, mandei-o encerrar...

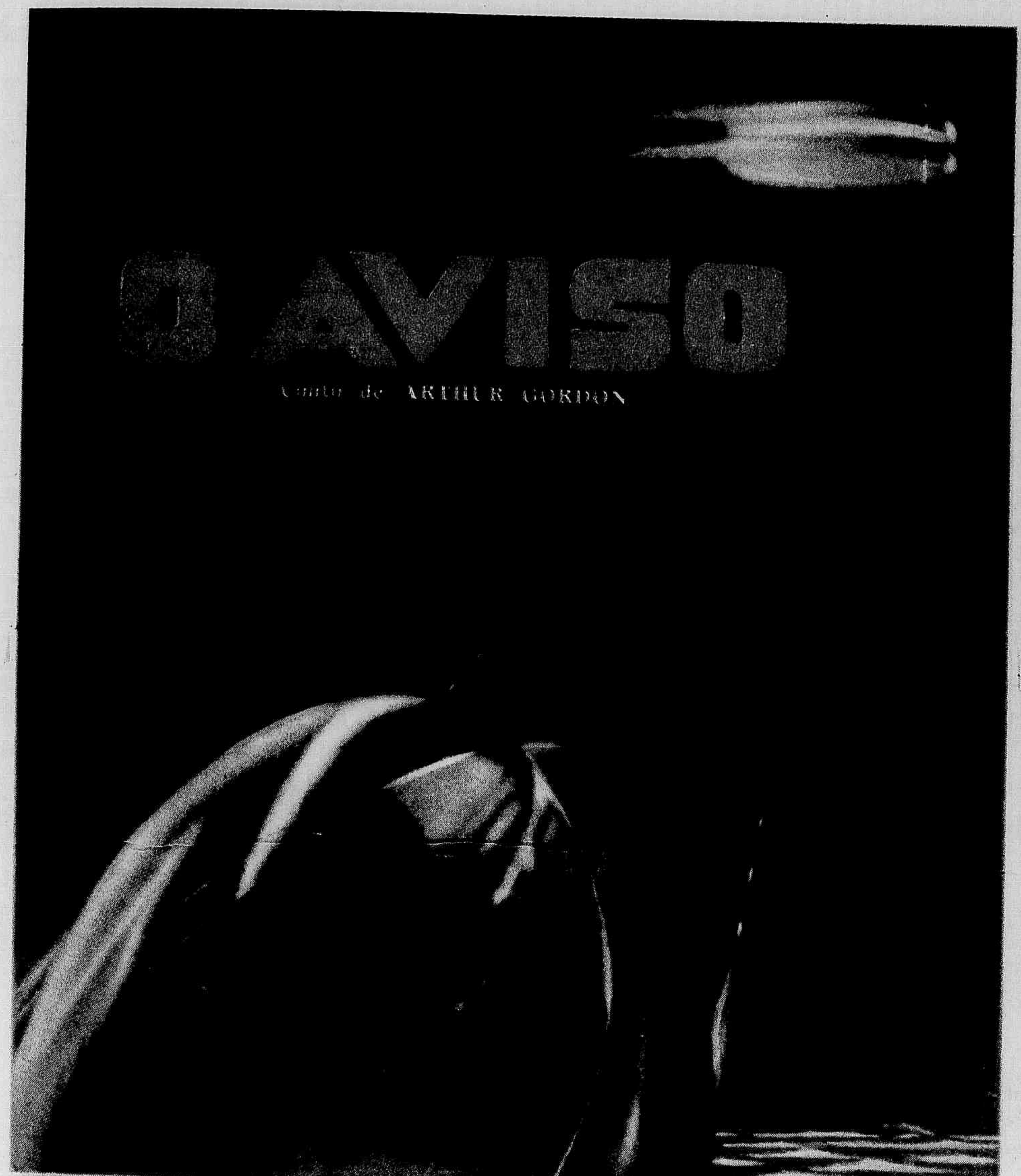
— Monsenhor quererá explicar-nos o que entende por "mandar encerrar" — perguntou Navailles. — Falaram-nos da Bastilha.

— E a Bastilha é grande e vasta! — murmurou o príncipe, cujo sorriso se tornou cruel. — Há lá lugar para muita gente...

Naquele momento, Oriol daria de boa-vontade a sua nobreza, a sua querida nobreza, metade das ações que possuía e ainda por cima o amor de Nivelle, para despertar daquele pesadelo.

Peyrolles estava encostado à chaminé, imóvel, mudo e soturno. Navailles consultou os companheiros com o olhar.

(Continua no próximo número)



"Disparei meus canhões — disse o pilôto russo em seu relatório — sem qualquer resultado aparente. Estávamos, no momento em que isto veio a acontecer, a onze mil metros de altura."

O general, que passeava com impaciência de um lado para outro, deteve-se diante da janela e ficou contemplando a cidade. A escuridão noturna já começava a envolver o Pentágono. Do outro lado do rio, e como que vigiando a cidade de Washington, a fosforescente cúpula do Capitólio arremessava-se contra os céus.

O general acendeu um outro cigarro. Era homem sólido, bem constituído, de rosto enrugado e cabelos lanosos. Na parede, atrás da escrivaninha, pendia uma fotografia que o mostrava ao lado do primitivo modêlo de uma Fortaleza-Voadora B-17. Fôra êle o comandante do primeiro grande bombardeio aéreo contra os alemães

em 1942. E já dez anos haviam passado. Esfregou a mão nos olhos, pensando que depois da terrível realidade bélica, os que por ela passaram, vêem-se, constantemente, assaltados por fantásticos pesadelos.

Nesse instante, o telefone interno chamou estridentemente.

— O coronel Courtney está aqui, senhor!

— Faça-o entrar — respondeu o general, prontamente.

A porta, abriu e Courtney apareceu trajando o blusão de couro dos aviadores. Seu porte era esbelto, o rosto, embora demonstrasse fadiga, era bem proporcionado e saudável.

— Não ligue para as formalidades, Court — principiou o general. — Deus do Céu, até pensei que você não chegasse mais aqui!

— Sinto muito, senhor. Mas enfrentei forte ventania durante a maior parte do tempo.

— Eu compreendo. Deve ter havido cerração!

O general arrastou uma cadeira, que ofereceu ao recém-chegado.

— Sente-se, homem! O secretário quer falar conosco, mas, antes, quero conversar com você. Aceita um cigarro?

— Obrigado.

Courtney acendeu o cigarro, cuja primeira fumaça tragou profundamente. A seguir, olhou para o seu superior e perguntou:

— O secretário já sabe alguma coisa?

— Ainda não — disse o general, que começou a andar com visível inquietação. — A verdade é que não tive coragem de dizer sem que você estivesse aqui. Estava ansioso por que me trouxesse o veredito dizendo se êsse homem se acha ou não afetado mentalmente.

Courtney apertou os lábios antes de dizer:

— Desejaria que assim fôsse.

— Falou com êle novamente?

— Sim. Por tanto tempo quanto os médicos permitiram, o que foi relativamente pouco.

— Conseguiu alguma confissão?

— Absolutamente nada.

— E, que tal êle?

— Oh, eu diria que êle é um caso típico. Rijo, despido de imaginação — e levando a sua fanática lealdade até às últimas conseqüências. Fisicamente desmoronado. Mas, por outro lado, não é estúpido, não tem acessos de delírios e, finalmente, está muito longe de ser um louco.

O general bateu com as mãos sôbre a mesa.

— Não me conformo com isso, Courtney! Não posso!

O jovem oficial encolheu os ombros com uma expressão de desânimo.

— Os japonêses, provàvelmente, não acreditavam que possuíamos uma terrível bomba; só se convenceram quando ela foi lançada sôbre Hiroshima...

O general o fitou em silêncio, por algum tempo. A seguir tirou uma pasta de papelão da escrivaninha:

— Vamos — disse êle. — Acompanhe-me.

Atravessaram um labirinto de corredores e de salas vazias, parcamente iluminadas. O silêncio era quebrado apenas pelo ruído surdo dos seus sapatos.

— Estava frio, lá em cima? — perguntou o general, displicentemente.

— Não muito, senhor -- respondeu o outro.

Alguns segundos mais e se achavam diante da porta em cujo prontispício havia um letreiro: **"Secretário da Fôrça Aérea"**. Foram gentilmente recebidos por uma funcionária que lhes disse:

— Entrem cavalheiros, por favor.

O homem que estava sentado à escrivaninha levantou-se quando os dois entraram. Tinha um aspecto asseado, disciplinado e calmo. Estendeu a mão ao general

— Muito bem, Bob, como vão as coisas?

O general se apressou.

— Êste é o coronel Courtney, senhor; um dos melhores homens de que dispomos. Peço-lhe desculpas por êle estar com a farda pouco brilhante. É que acaba de chegar do Alasca, num vôo direto.

— Tenho ouvido boas referências ao coronel Courtney — disse o secretário. — Aprendeu a falar o russo fluentemente, não é verdade, coronel?

— Sim, senhor — respondeu o interrogado.

A seguir, o secretário indicou duas cadeiras e falou em um microfone oculto: "Não me interrompam, por favor, a não ser que seja coisa muito urgente!"

E desligou.

O general baixou a cabeça e olhou para a pasta que trazia na mão. As palavras "ALTO SEGRÊDO" estavam impressas na capa com tinta vermelha.

— Confesso que não sei como começar — principiou a falar.

— Por que não começa? — sugeriu o secretário, com brandura.

— Está bem — disse o general. — Desde o princípio!

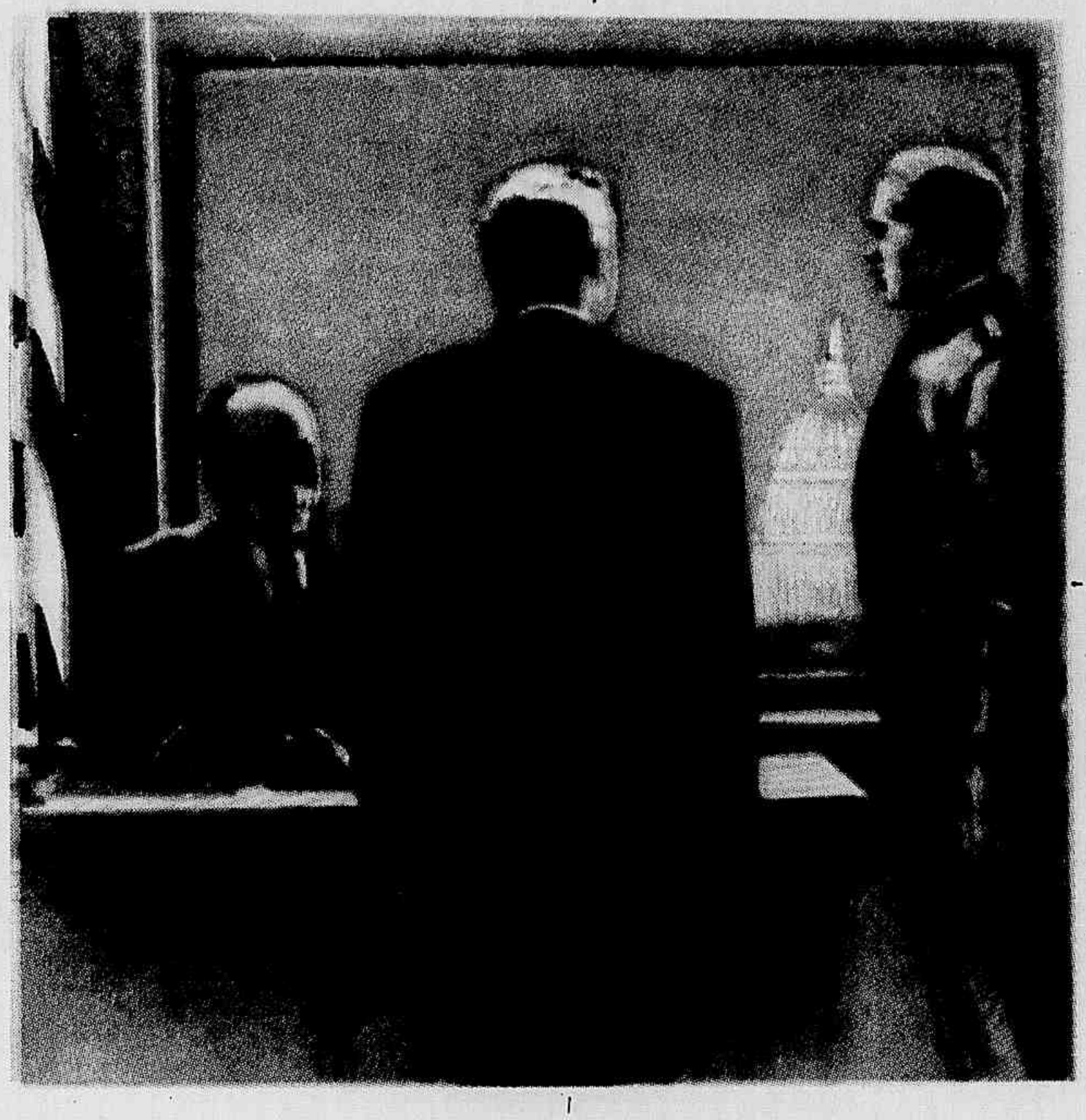
Levantou-se e pôs-se a andar de um lado para outro, com as mãos metidas nos bolsos.

— Recorda-se daquele dia, na semana passada, quando três dos nossos "F-86" desapareceram na região das Aleutas?

O secretário olhou para êle com gravidade.

— Recordo-me, sim.

— Pois bem... — disse o general — podemos dizer que **foi o começo**! Embora não saibamos... — franziu as sobrancelhas e ficou em silêncio.



Creio — disse o general — que teria acabado melhor essa história.

— Não **saibamos**... o quê? — perguntou o secretário com interêsse.

— O que aconteceu! Na verdade, nada sabemos **ainda**. O senhor leu meu relatório. A possibilidade de que se extraviaram sôbre território russo e de que lá foram abatidos, encontra-se, pràticamente, fora de cogitações, porquanto nunca sequer quebraram o silêncio do rádio. Êles teriam feito grande gritaria se alguém começasse a alvejá-los. Imaginemos que abalroaram uma montanha devido à cerração. Mas, neste caso, nunca reconheceríamos coisa alguma por causa dessas infernais condições atmosféricas...

Sua voz se arrastava com lentidão.

— Mas você ainda continua procurando?

— Ahn? Oh, sim, continuamos; mas...

O general mudou de posição e baixou a cabeça. Courtney ficou sentado, a observá-lo.

— Há quatro dias — continuou o general — o comandante da base n. 42 recebeu uma mensagem. Dizia ela que havia caído um pára-quedista na ilha Kodiak, tendo sido recolhido pelos nativos que estariam tratando de seus ferimentos numa de suas inacessíveis aldeias. O comandante pensou, como era natural, que havia de ser um de nossos rapazes desaparecidos e logo enviou um helicóptero. A história era real — havia um pára-quedista ferido. Mas não nos pertencia! Era pilôto de um "caça" russo.

Os olhos do secretário buscaram, instantâneamente, um grande mapa de parede, que se encontrava no fundo da sala.

— Kodiak? E por que não foi êle captado pelo nosso aparelho de radar?

O general passou a mão pelos cabelos.

— Acho, senhor, que devo concluir a história. Mas se o senhor...

O secretário levantou a cabeça.

— Não. Continue.

— Êste russo estava muito ferido. Tinha três costelas partidas — resultado, natural-



mente, da queda — e um pulmão perfurado. Isto, sem contar com uma fratura do tornozêlo e o rosto desfigurado pelo congelamento. Estava em estado de consciência plena, mas não disse uma palavra em inglês; assim, foi impossível qualquer informação, visto que no grupo de salvação ninguém sabia o russo.

O general acendeu um cigarro.

— Êles levaram o russo para um hospital e nos notificaram. Por isso, enviamos Courtney para lá, imediatamente. Êste fêz seu primeiro

interrogatório e remeteu-nos o resultado por intermédio de uma B-36.

O general abriu a pasta e dela retirou duas fôlhas datilografadas.

— E aqui o tenho, em forma de relatório. Não é longo. Posso ler?

O secretário endireitou o corpo na cadeira.

Prossiga — declarou.

O general apagou o cigarro e começou a ler, em voz baixa e neutra:

"Eu, Vladimir Suvuroc, capitão da Fôrça Aérea da União Soviética, juro solenemente que a seguinte declaração é verdadeira em todos os seus detalhes. No dia 5 de maio, às 14,30 horas, aproximadamente, comandava eu uma parte do meu esquadrão de combate, num treinamento de rotina entre Khabarovsk — Vladivostok, a uma distância de cêrca de 600 quilômetros...

— "Migs"? — apressou-se em perguntar o secretário.

— Êle não revelou, senhor — disse Courtney. — É ultra-reservado. Mas, naturalmente, eram os últimos tipos russos de avião a jato. E sabe-se que existem três esquadrilhas, na área de Vladivostok, embora ninguém, até agora, haja visto qualquer dêles ao sul do rio Yalu.

O secretário olhou novamente para o mapa.

— E qual é a distância de Vladivostok a Kodiak?

— Mais de três mil milhas, senhor — falou Courtney.

O secretário deixou escapar um assobio quase inaudível.

— Então deve existir algum porta-aviões naquela zona.

— O Serviço de Reconhecimento da Marinha diz que não, senhor.

— Continue, Bob, por favor! — disse o secretário.

E o general continuou a ler a declaração:

"Voávamos a uma altitude de 6.000 m, quando observei, acima do nosso nível de vôo, mas numa posição frontal, um estranho tipo de aeronave. Era desprovido de asas e tinha a forma de uma moeda. À primeira vista pareceu-me estacionário no ar, mas, ao aproximar-me, vi que êle ia a alta velocidade. Calculei que o seu tamanho era de duas ou três vêzes maior do que os nossos grandes bombardeiros..."

O general despregou o olhar do papel com um ar meditativo.

— Não lhe parece muito familiar? — perguntou.

— Continue, por favor! — disse o secretário, inclinando-se para a frente.

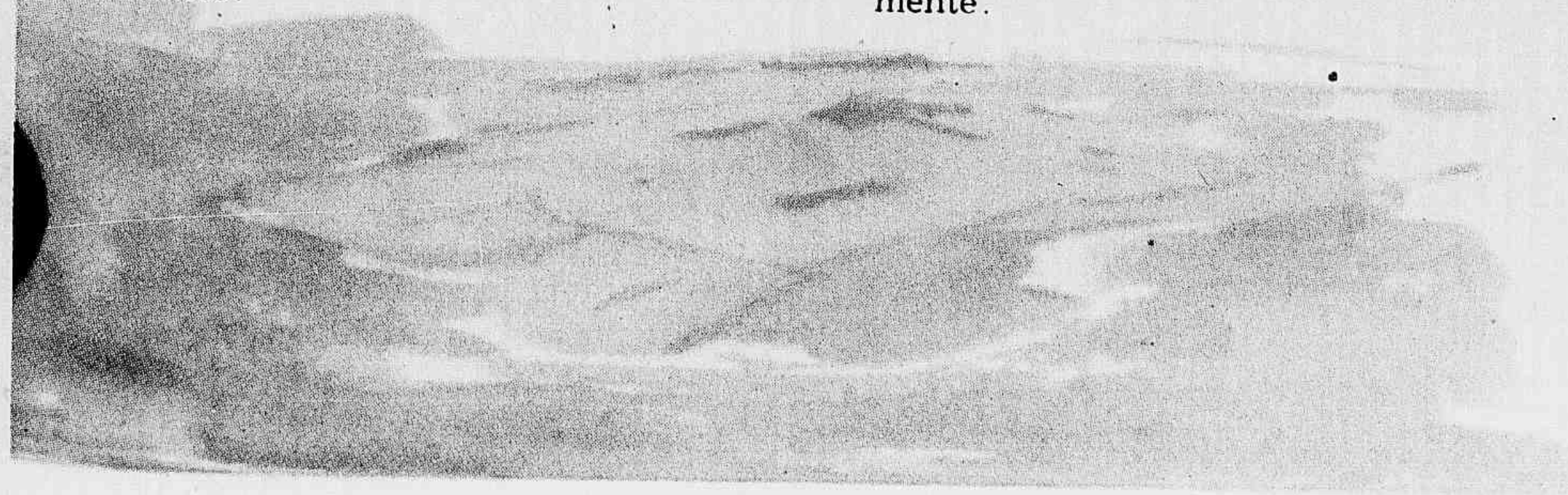
"Então, comuniquei imediatamente à minha tôrre de contrôle, em Vladivostok, e pedi permissão para perseguir o objeto. Concederam-me, acrescentando que eu forçasse a sua aterrissagem e o alvejasse, se necessário. Exigi uma confirmação desta última parte das instruções, mas o meu rádio deixou de funcionar e perdi contacto com a base.

O general molhou os lábios e virou a página.

"O objeto ia em disparada rumo ao oriente. Elevei a velocidade do avião ao máximo, até que, pouco a pouco, ganhei terreno. E quando atingimos a maior aproximação possível, consegui ver que o objeto parecia consistir de dois discos superpostos. Ambos giravam a uma enorme velocidade. Não pude saber se giravam um contra o outro ou não. E entre os discos havia uma parte mais escura que parecia fixa...

— Discos... giratórios? — disse o secretário, àsperamente.

O general moveu a cabeça, afirmativamente.



— De certo é uma aplicação do princípio giroscópico.

E prosseguiu a leitura:

"Mas o objeto ainda continuava fora do alcance do canhão. A perseguição prolongou-se até que compreendi que devia estar sôbre o Mar do Japão. O nosso combustível devia estar escasso, mas eu tinha a certeza de que os meus camaradas não me abandonariam, mesmo sabendo que não mais era possível retornar. Desde o momento em que perdi contacto com a tôrre de contrôle que os observava, freqüentemente, pelo espelho. E estava justamente a observá-los, quando percebi que explodiam. Não houve fumaça ou fogo. Mas sei que se desintegraram no ar."

O general tirou um lenço do bôlso e com êle enxugou a fronte. Depois continuou com a mesma voz sêca:

"Penso que um dos companheiros escapou. É que êle caiu num mergulho vertical, mas sob contrôle. E ao vê-lo, pela última vez, compreendi que êle voltava rumo à base..."

— Perdeu a cabeça — disse Courtney, sêcamente. — Ninguém pode culpá-lo por isso!

— Bem — disse o general. — Êsse Suvurov tem muita coragem. Ouçam isto:

"Eu estava disposto a aproximar-me do objeto. Disparei os canhões, sem resultado aparente. Já nos achávamos a onze mil metros e continuávamos em ascensão. De repente o objeto mudou de curso. Dirigiu-se para trás e pairou exatamente sôbre o meu avião. O avião perdeu o contrôle. Senti uma tremenda pressão de baixo para cima, como se o aparelho estivesse sendo arrastado para a estratosfera. Então fui assaltado por uma terrível dor nos ouvidos, enquanto a minha máscara de oxigênio começou a falhar. E, no momento em que a agulha do altímetro indicou 14.000 metros de altitude, perdi os sentidos. Daí por diante, nada recordo, até que o pára-quedas abriu, a uns mil metros da terra."

O general levantou a cabeça novamente.

— Êle ainda não sabe onde se encontra — explicou — pensa que caiu ao norte do Japão.

Um instante depois continuou:

"Ainda há um pequeno parágrafo: — "Agradeço às fôrças militares dos Estados Unidos pela bondade com que me acolheram; e peço urgentemente que me devolvam, o mais breve possível, ao meu comando."

Atirou as fôlhas datilografadas sôbre a escrivaninha do secretário e sentou-se. Houve um prolongado silêncio. O secretário apanhou um pesa-papel que reproduzia um B-47, e colocou-o sôbre a confis-fissão de Suvurov. Depois falou com uma calma exagerada:

— Não culpo êsse rapaz por estar transtornado com esta história, Bob. Mas acho que existem algumas falhas em tudo isso. Como, por exemplo, se êle estava inconsciente, de que maneira conseguiu abrir o pára-quedas?

Courtney tossiu.

— Explicarei isto, senhor. Fiz-lhe a mesma pergunta. Êle ficou um tanto embaraçado, mas pude entender que êles têm um instrumento barométrico, utilizável em saltos de pára-quedas a grandes altitudes. Se o pilôto desmaia, o pára-quedas abre, automàticamente, a 3.000 pés.

— Mas se o avião se desintegrou — disse o secretário, com ar intrigado, por que, então, êle não se desintegrou também?

— Mas êle não pensa que o seu avião se desintegrou, senhor. Acha que isto aconteceu com êles.

— **Êles?**

— Sim. Os que tripulavam os outros aviões... Mas, êle próprio nada mais sabe sôbre o que sucedeu... **depois**.

O secretário rodeou ràpidamente a mesa e, como se tivesse encontrado uma solução para o caso, falou:

—— Isto deve ser uma mistificação! Uma espécie de mistificação tìpicamente soviética!

O general abriu a pasta novamente.

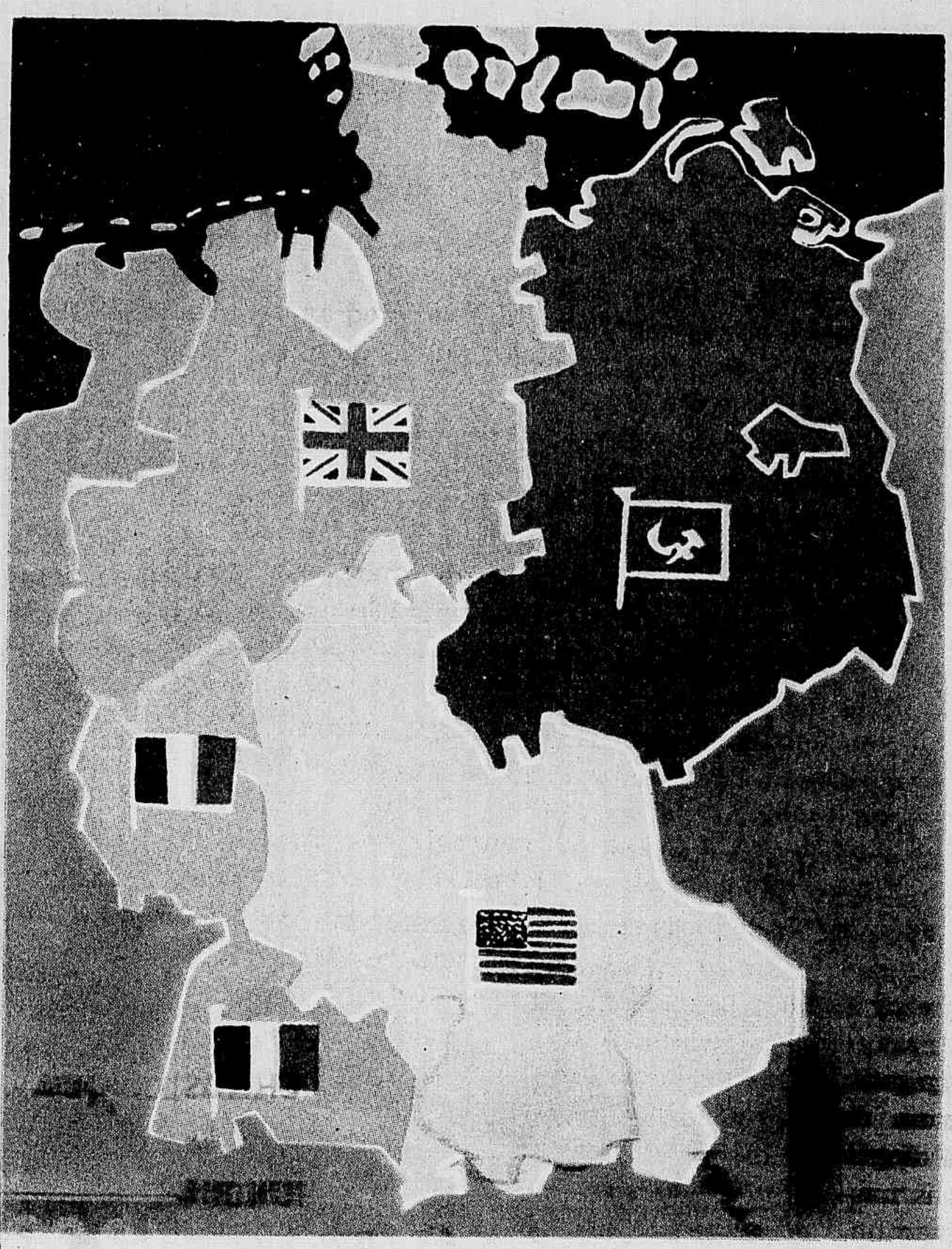
— O senhor já teve oportunidade de ver êstes objetos? Aqui está uma fotografia tomada por um dos nossos rapazes a 35.000 pés de altura, sôbre a península do Labrador. O objeto, escuro e arredondado, pode ser visto claramente. Naturalmente, os nossos intérpretes fotográficos decidiram que isto não passa de um balão meteorológico da Marinha, perdido na estratosfera.

"Pois bem: aqui estão os relatórios das tripulações de duas B-29, que realizaram

(Continua no fim da revista)

A NOVA NAÇÃO ALEMÃ

O POVO ALEMÃO TRANSFORMOU UM TÚMULO NUMA COLMEIA



A República Federal é formada pelas três zonas de ocupação, inglêsa, francesa e norte-americana, pràticamente fundidas. População: 47.600.000 (a Alemanha oriental tem 17.000.000).

AS tropas de Zhukov, as primeiras a varar a derradeira resistência alemã em redor de Berlim, encontraram a capital germânica transformada pela Raf, primeiro, e, mais tarde, pelos canhões aliados, numa sucessão de escombros, onde as ruas se tinham aberto em abismos e os últimos vestígios dos palácios fumegavam sinistramente. E a Alemanha inteira, com raras exceções, que podiam ser apontadas na zona centro-sul, fôra assim arrasada e revolvida pelas bombas e granadas dos Aliados.

De Berlim, principalmente, até ao Reno, em tôda essa área imensa martelada pela aviação anglo-americana, o espetáculo era de total ruína. Seus grandes portos, suas famosas usinas, o grande coração comercial alemão, enfim, estava mortalmente ferido. A Alemanha era como um grande túmulo!

Isso, porém, foi há sete anos. Então, multidões esfaimadas erravam nas grandes extensões de ruínas, tão vastas e tão trágicas que muitos chegaram a duvidar ver jamais renascer as cidades fulminadas. Tudo parecia haver ruído, inclusive a esperança. O mercado-negro e a prostituição se haviam espelhado como lepras sôbre os vestígios do imenso desastre. O espírito público havia naufragado no cinismo e no nihilismo.

Três milhões e meio de casas tinham sido destruídas, arruinando número igual de lares e levando centenas de milhares de pessoas à condição de trogloditas, nos antigos abrigos antiaéreos, gelados, ou nos velhos subterrâneos fétidos.

Mutilados de guerra, cobertos de uniformes transformados em trapos imundos, exibiam suas mutilações, implorando a caridade. Mas tanta miséria era ultrapassada pela dos oito milhões de expulsos, que os

russos, os poloneses e os tchecos tinham enxotado como ratos. A Alemanha, culpada de crimes terríveis, vítimas de castigos medonhos, parecia desmantelada, quebrada, esmagada, condenada implacàvelmente a dezenas de anos de expiação no frio, na fome e no desespêro.

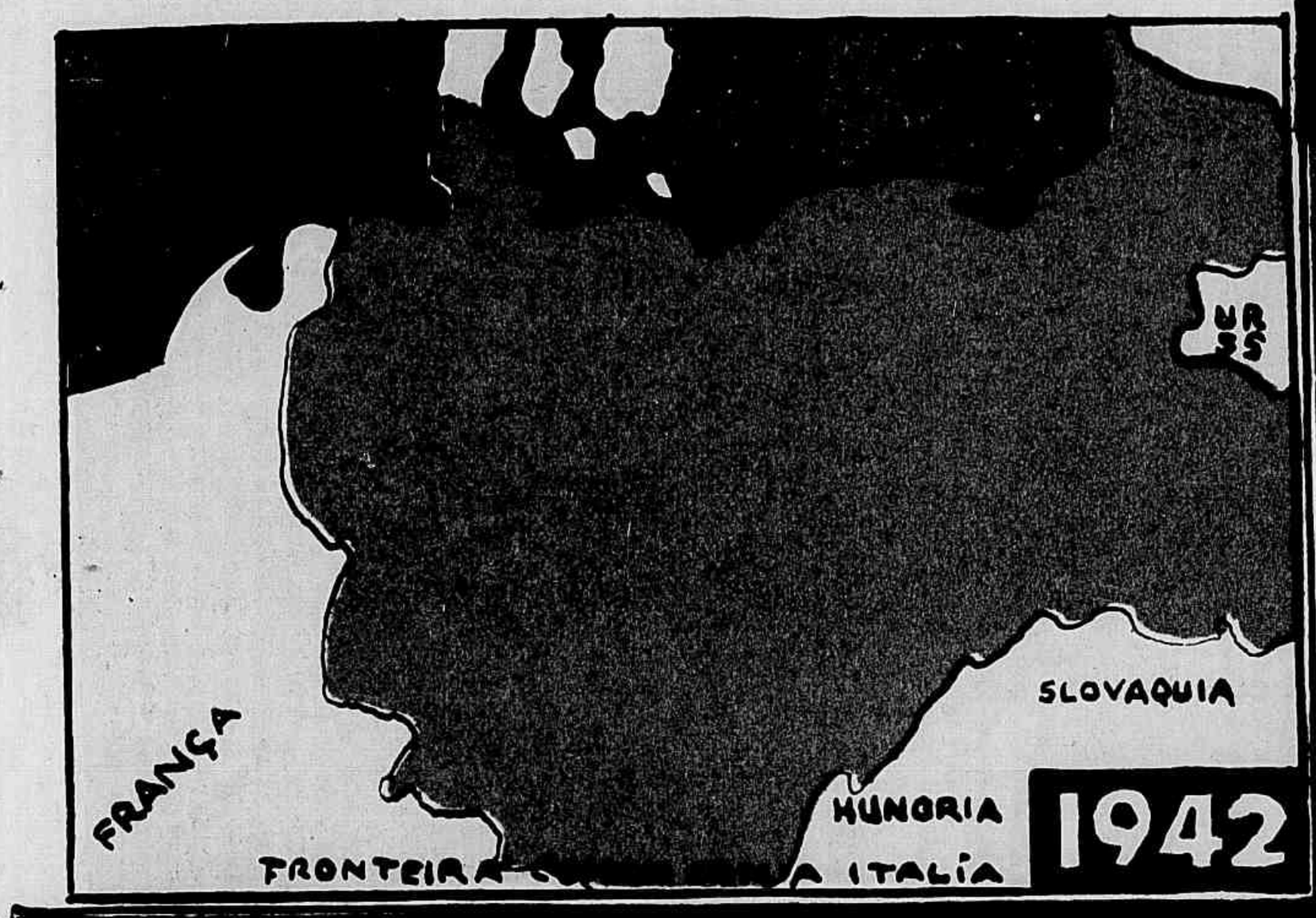
Sete anos. Hoje, as vitrinas estão cheias de luz e de mercadorias. A Koenigsallee, de Dusseldorf, como a Kurfürstendam, de Berlim, e tôdas as grandes artérias das outras grandes cidades são, à noite, **boulevards** de luz, cujo brilho faz esquecer o que pode ainda restar de trechos de paredes enegrecidas. O povo levantou a cabeça. Caminha com um destino e enfrenta a vida com êsse ar confiante que lembra mais a Alemanha imperial, anterior a 1914 que a Alemanha de antolhos e esgalgada, dirigida e nervosa de Adolf Hitler. A alegria de viver voltou às massas que acreditavam haver tudo perdido, para sempre. O último carnaval teve a duração de um mês, num crescendo de danças e excessos de mesa. A Alemanha dançou não com a ironia sinistra dos que zombam da miséria, mas com a fôrça e a alegria espontâneas de um povo laborioso que pára um instante para justo repouso. Porque, acima de tudo, a Alemanha trabalha!

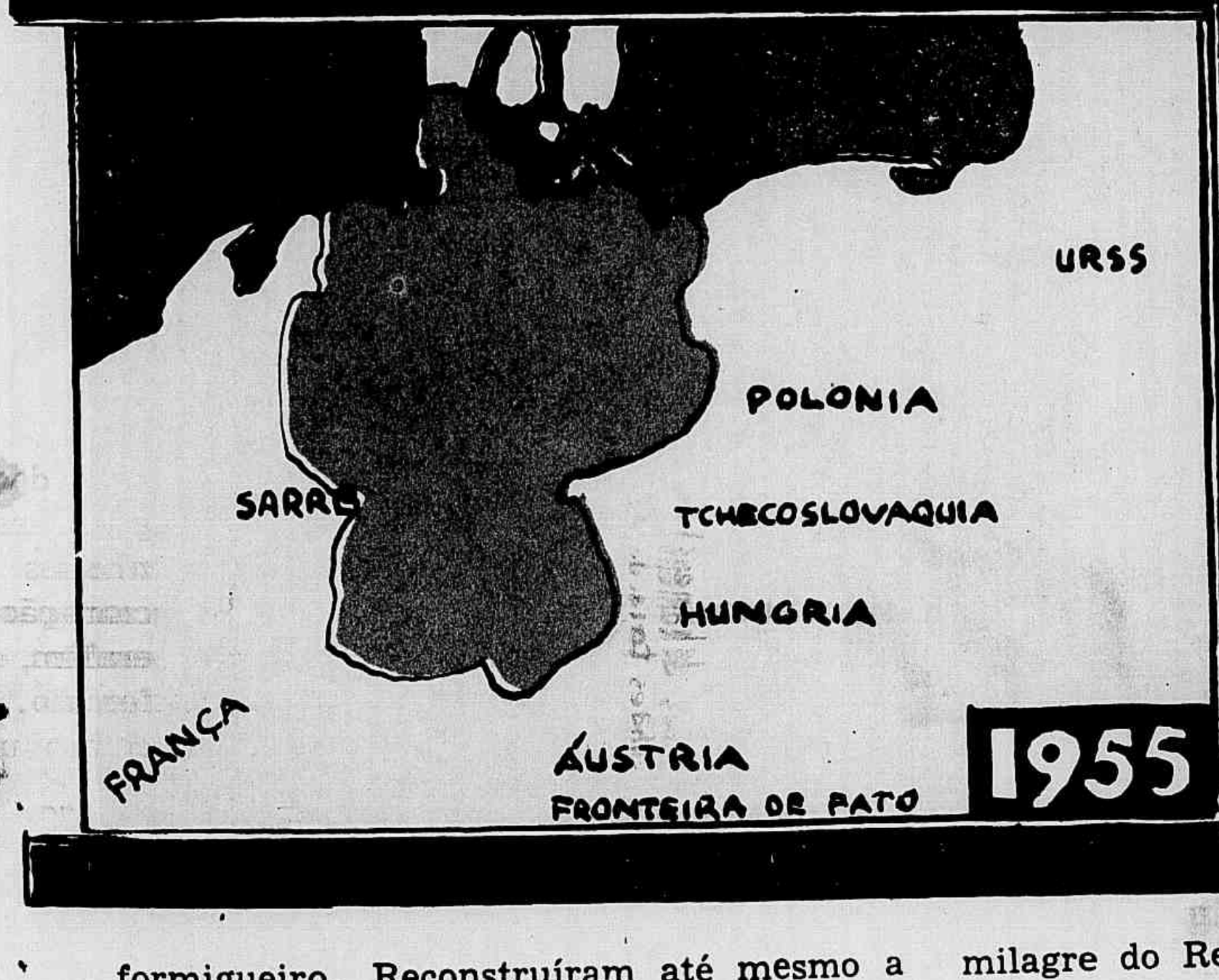


O Reno é uma sucessão de flotilhas. As estradas são os tapêtes rolantes dos caminhões que só têm de comparáveis, em todo o mundo, as prodigiosas estradas norte-americanas. As usinas, reconstruídas, aumentadas, fumegam sem cessar. A produção já atingiu uma vez e meia a de 1938. O Ruhr forja um milhão e um quarto de toneladas de aço por mês.

Os construtores levantam cêrca de meio milhão de casas por ano. As ruínas perderam a partida: são ainda gigantescas, medonhas e insolentes, mas resistirão apenas poucos anos mais à atividade de um povo de formigas, que reconstrói seu

DA ALEMANHA A 1955





formigueiro. Reconstruíram até mesmo a história reduzida a pó pela T.N.T. E os que pensaram haver dito adeus à velha cidade de Nuremberg enganaram-se. A Frauenkirch e a casa de Alber Dürer estão novamente de pé.

Êsse renascimento de uma nação teve um detalhe sôbre o qual todos devemos refletir. No dia 28 de junho de 1948, as autoridades de ocupação deram à Alemanha um presente talvez mais real ainda que o próprio milagre do Rentenmark de 1924 foi repetido: a Alemanha, saindo dos maiores desastres e das crises mais profundas caiu sôbre a estabilidade monetária, como um gato cai sôbre as quatro patas, enquanto sua vizinha, a França, jamais conseguiu recuperar uma moeda respeitável desde a morte do franco de Germinal.

O personagem central dêsse soerguimento espetacular não é um homem, mas um protótipo: o operário alemão. Como a

Plano Marshall: — uma moeda sadia. Na véspera, a Alemanha tinha uma moeda pletórica e depreciada; no dia seguinte teve uma moeda reduzida em quantidade de nove décimos, porém forte e dura. As perdas individuais foram pesadas e arbitràriamente divididas, porém a nova prosperidade alemã se lançou, literalmente, dêsse trampolim sólido. Do Elba ao Reno, a varinha de um feiticeiro tocou o país. O mercado-negro ruiu completamente, os estoques surgiram, as vitrinas se guarneceram, reapareceu a confiança, o dinheiro papel se cercou de respeito, a poupança, os investimentos e até o trabalho retomaram um sentido. Tôda a economia foi animada por um vigoroso espigão.

Em poucos meses, a produção de aço e a venda dos automóveis dobraram, depois triplicaram. O plebiscito das bôlsas estrangeiras ratificou ràpidamente o novo marco, Deutsch Mark, ou DM, surgido, como o resto, do caos. Valia, ao nascer, 23 cêntimos suíços. Vale hoje 93. O

S'CHLESWIG
HOLSTEIN

HAMBURGO

95%
RECONSTRUIM CORREDOR ABRÃO

BAIXO-SAXE

MINERAIS DE FERRO

HANOVER

CIDADELA DO SOCIALISMO
PORÉM O NEO-NAZISMO DETEM 11%
DOS VOTOS

MAG

HOLLANDA

RENANIA
WESTPHALIA

RUHR
(7 milhões de homens)
14 milhões tons. de Aço)

DUSSELDORF
(Q.G. DOS SINDI-

POLO

CATOS OPERA-
RIOS)

BELGICA

RENO-PALATINO

SARRE

INTEGRADO À ECONOMIA
FRANCESA - GOVÊRNO
INDEPENDENTE

FRANKFORT - SOBRE O MEN
(Feira do Oeste)

WORMS (LUTERO)

LUDWIGSHAFEN

ESTRADA DA EUROPA

RENO - AMPLA ARTERIA DE NAVEGAÇÃO

WURTEMBERGUE
BADEN

STUTTGART

WURTEMBERG
HOHENZOLLERN

BAYREUTH
(Festival WAGNER)

NUREMBERGUE

BAVIÉRA

CORREDOR AÉREO
BERLIM-MUNIQUE

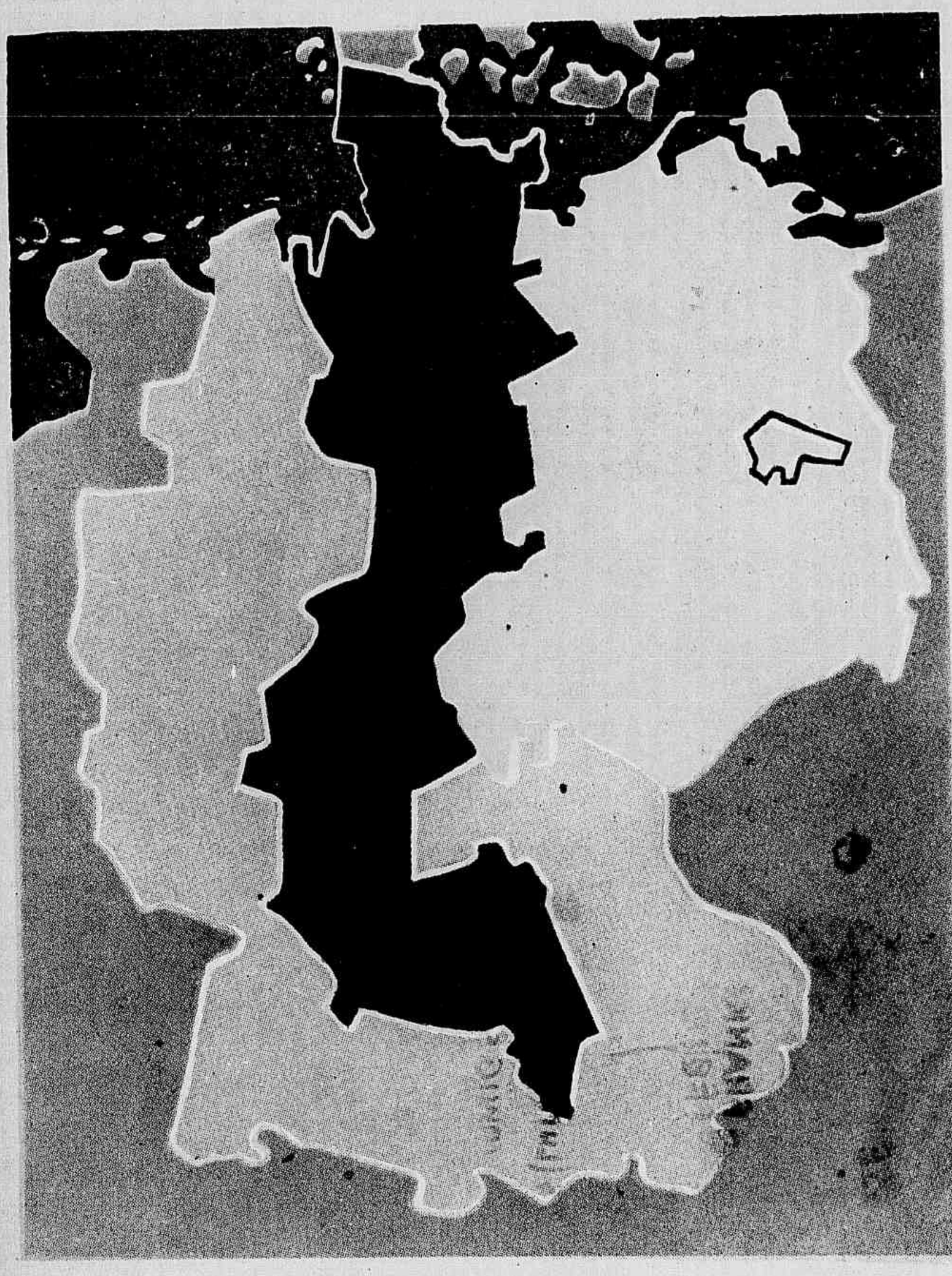
TCHECOSLOVAQU

MUNICH

AUSTRIA

OBERAMERGAU (Paixão)

nação inteira, atravessou êle uma crise profunda após a derrota. Ao pé do seu alto-forno ou diante da sua máquina-ferramenta, sob os "raids" aéreos violentos e intermináveis, conhecera uma forma de guerra pelo menos tão terrível como a do "front". Muitas vêzes retornou da fábrica para encontrar sua casa de subúrbio e todos os seus pertences arrasados. A cessação das devastações e das matanças trouxe-lhe outro pesadelo: o dos seus braços inúteis.



A República Federal conta com um número sensivelmente igual de protestantes (em vermelho) e católicos (em rosa). Os países de preponderância protestante elegem em maioria os socialistas, como ocorre com a a Alemanha oriental (em amarelo).

O OPERÁRIO RECONQUISTOU A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL — A primeira política dos aliados consistia em desmantelar a potência industrial alemã ou mesmo, segundo o plano Morgenthau, a fazer da Alemanha um "país pastoril". O operário alemão assistiu ao desmantelamento das usinas, que eram a sua razão de ser, e as grandes manifestações populares ocorridas nada foram comparadas com a estupefação que paralisou as massas.

Houve então um nihilismo do proletariado como havia um nihilismo das elites. Em 1945, 1946, 1947, até 1948 e 1949, os relatórios das autoridades de ocupação assinalavam a indolência dos trabalhadores, a mediocridade dos rendimentos de trabalho, o absentismo sistemático, o refúgio dos mais bem dotados nos comércios clandestinos. Era a época em que mais valia ser um "aproveitador" que um realizador. Tudo foi rápido e coincidiu com a reforma monetária. Salvo nas minas de carvão, onde o rendimento ainda não atingiu as suas duas toneladas de antes da guerra, a mão de obra alemã voltou a ser o que era: tenaz, zelosa e disciplinada.

A Alemanha inteira, a Alemanha dos diretores de ministério, dos engenheiros metalurgistas e dos comerciantes de todo gênero é uma imensa consciência profissional. E nota-se que é feliz por haver voltado a ser o que era, antes de ser modificada pelas convulsões da derrota. Exteriormente, o operário alemão de 1952 dá uma impressão de abastança, que o coloca quase no mesmo nível do operário norte-americano.

No entanto, vivendo melhor que seus colegas franceses, ganham um pouco menos do que êstes. Estão, também, protegidos melhor do que os operários franceses. O

seu seguro social garante, entre outros benefícios, seguro contra o desemprêgo, a doença e a velhice. Sua vida, entretanto, difere bastante da que leva o operário francês. O trabalhador alemão vive, em geral, sòbriamente, considera o preço da margarina como o reflexo do custo da vida, bebe água ou cerveja muito leve e quase nada sacrifica à elegância do vestuário. Em compensação, acha normal pagar pelo aluguer da casa o quinto ou o quarto do seu salário, mobilando-a confortàvelmente e prefere uma boa banheira ao aperitivo diário. Gosta, porém, de se oferecer, de tempos a tempos, uma boa diversão, cujo tema essencial é, quase sempre, comer muito bem. É a razão principal pela qual os domingos alemães parecem mais alegres, mais planturosos e, de certa forma, mais gordos que os domingos do resto do mundo. O alemão, em todos os tempos, deu uma impressão de abundância e de bem viver superior a seus recursos reais. Êsse traço característico não mudou.

NEM UMA SÓ GREVE, DESDE 1947 — Em Dusseldorf se encontra a Confederação Geral dos Sindicatos Alemães, formado de 16 enormes federações profissionais, contando com 5.641.000 aderentes. É o organismo sindical mais volumoso do mundo. Mas seus dirigentes são burocratas competentes e conscienciosos, nos quais se procuraria em vão o menor fermento revolucionário. Adoram os gráficos e as exposições doutorais, lembrando os sindicatos norte-americanos, pela demagogia pelo menos. Não gritam nem gesticulam jamais quando tratam das reivindicações mais imediatas e reconhecem, risonhos, que as condições do trabalhador se aproximam do seu nível de 1938, o que não é nada mal, após uma terrível derrota e os anos de desespêro.

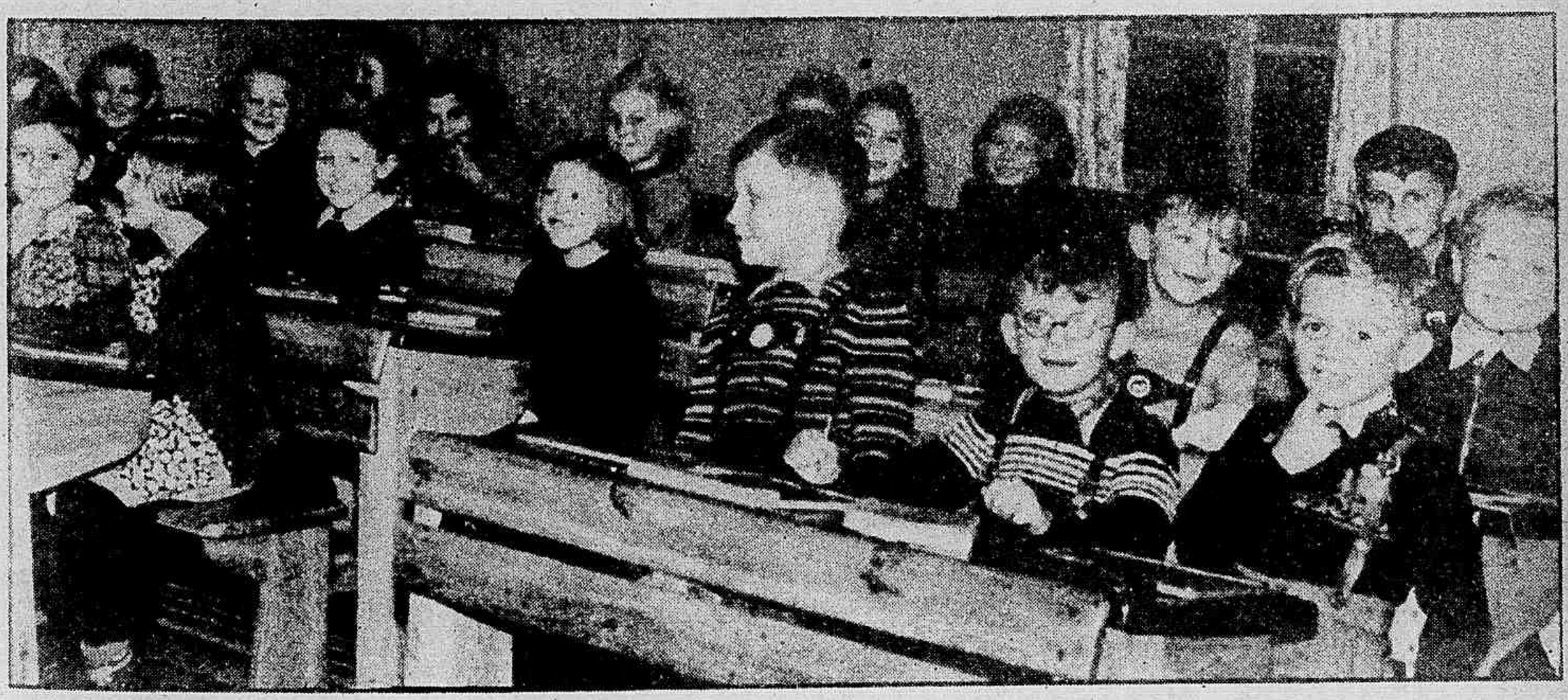
E a prova dêsse equilíbrio e dessa satisfação é que, desde 1947, apesar das provações de um punhado de comunistas, não houve no Ruhr uma só greve.

— "A greve é um desastre que precisamos evitar a qualquer preço!" — afirmam os alemães.

E um dos seus líderes sindicais assim resumiu o imperativo que torna solidárias as fôrças patronais e operárias na Alemanha:

— "A indústria é uma deusa sagrada. A qualquer preço, é preciso que ela marche e o sentido dessa necessidade fundamental tem que ser forte no espírito do mais humilde operário como no do primeiro dos magnatas."

A ALEMANHA DO OESTE PERDEU SEU CELEIRO — Assim está assegurado o futuro da colaboração dos produtores. Isto porque, grandes e graves problemas existem fora dêles, criados pela transformação do próprio mundo. Havia, outrora, **uma única Inglaterra**, isto é: um país obrigado pela fraqueza de sua agricultura a



ÊSTES NASCERAM NOS SUDETOS — A aula no campo de Waikraburgo. Essas crianças são os filhos dos refugiados sudetos. No seu campo, estabelecido em plena floresta e sob antigos "bunkers", êles conseguiram, à custa de trabalho e perseverança, fazer uma verdadeira cidade.

importar uma parte importantíssima de sua alimentação, que era forçada a pagar com gigantescas exportações industriais. A primeira continua sendo a Inglaterra. A segunda é o Japão. A terceira é a Alemanha Ocidental.

A semelhança desta última com a Inglaterra é realmente de espantar. A extensão territorial é quase exatamente a mesma: 245.000 quadrados uma, 244.734 a outra. A população é sensìvelmente igual e dá nos dois países uma densidade de população vizinha de 200 habitantes por quilômetro quadrado (no Brasil a densidade é de 7). A preponderância da indústria é esmagadora, representando as usinas na Alemanha ocidental 54% da economia e os campos 12%. Tudo porque a Alemanha do Oeste perdeu o seu celeiro, que ficou do outro lado da Cortina-de-Ferro, na Alemanha Oriental, rica em trigo e demais produtos alimentares.

APESAR DA VIGILANCIA TERRíVEL OU DA NEVE, DEZENOVE FUGITIVOS POR DIA! — Incessantemente, os alemães do lado oriental estão passando as barreiras, arriscando-se às balas dos vigilantes ou aos dentes dos grandes cães amestrados; para atingir o lado ocidental. De norte a sul da linha divisória, a fuga é constante. Só na região de Waikraburgo êsses fugitivos da Cortina-de-Ferro passaram dos 3.300 num só ano.

Mas Waikraburgo é apenas um exemplo. Junto mesmo dos postos de vigilância a fuga continua. E a invasão das cidades ocidentais por êsses "refugiados" é tal que chegam a perturbar a economia geral. Recentemente, numa carta dirigida a um jornal de Bonn, uma leitora pedia providências contra essa "invasão", alegando que "êles chegavam descalços e maltrapilhos e não tardavam a andar de automóvel".

Ainda no último inverno neve espêssa cobria os campos, as florestas da fronteira estavam quase impraticáveis e, no entanto, dezenove pessoas, em média, passavam diàriamente a Cortina-de-Ferro. E devemos contar também os sudetos, fugitivos da Tchecoslováquia, que sem cessar passam a fronteira, refugiando-se na Baviera. Quando o tempo se mostra menos inclemente, êsse número sobe a trinta e cinco ou quarenta, por dia!

A Alemanha ocidental, de um modo ou de outro, não cessa de receber os aluviões humanos (1.800.000), que não pode utilizar de imediato nem "reexportar". Aliás, êsses expulsos constituem, de início um explosivo social. Na Baviera criaram um primeiro partido, o W.A.U. ou Partido da Reconstrução, que obteve doze cadeiras no Bundestag e cujo fundador, o exaltado Alfred Loritz, foi chamado por muitos de "um novo Hitler". Hoje, o W.A.U. (que expulsou de suas fileiras, há dois anos, o seu próprio "pai", se desagrega, transferindo sua fôrça para nova organização, muito mais sólida, a B.H.E. ou Partido dos Refugiados Expulsos, cujo chefe é um sudeto, Waldemar Kraft, que teve pôsto subalterno nas SS. Chegaram com reivindicações, alegando que os bombardeios tinham realizado grandes injustiças. As ruínas tinham sido distribuídas de maneira imperfeita. Muitos tinham perdido absolutamente tudo, enquanto outros nada haviam perdido.

DEPOIS DOS NAZISTAS, OS DEMAGOGOS — Assim como os particulares, também as diferentes regiões da Alemanha pagaram pelo cataclismo preço desigual. Hoje, ainda, o fardo da reconstrução e dos "expulsos" está longe de apresentar uniformidade entre os "länder". Os próprios "expulsos" podem fazer valer, com lógica, que merecem uma compensação de tôda a Alemanha, pôsto que seu martírio foi devido a um só fato: o de ser alemães! A reforma monetária, por sua vez, fêz arbitràriamente as suas vítimas. A idéia de uma divisão geral dos encargos e dos sacrifícios flutua em tôdas as cabeças e dita planos imensos, mas confusos, de uma redistribuição geral da riqueza. Naturalmente, é idéia absurda. Não é possível repor em causa, mesmo em nome da eqüidade, uma estrutura social que começa penosamente a criar forma, tomando por base uma situação de fato.

Os três grandes partidos políticos, os cristãos-democratas, os liberais-democratas e os sociais-democratas, mostram-se prudentes ante êsses sonhos grandiosos, mas não é possível impedir uma formação política de acaso apoderar-se dos mesmos, e

será, talvez, capaz de fazer passar sôbre uma Alemanha ainda instável, uma violenta e perigosa corrente passional.

É êsse um perigo provàvelmente mais grave que o renascimento puro e simples do nazismo, ante o qual a opinião ocidental se hipnotiza talvez com exagêro.

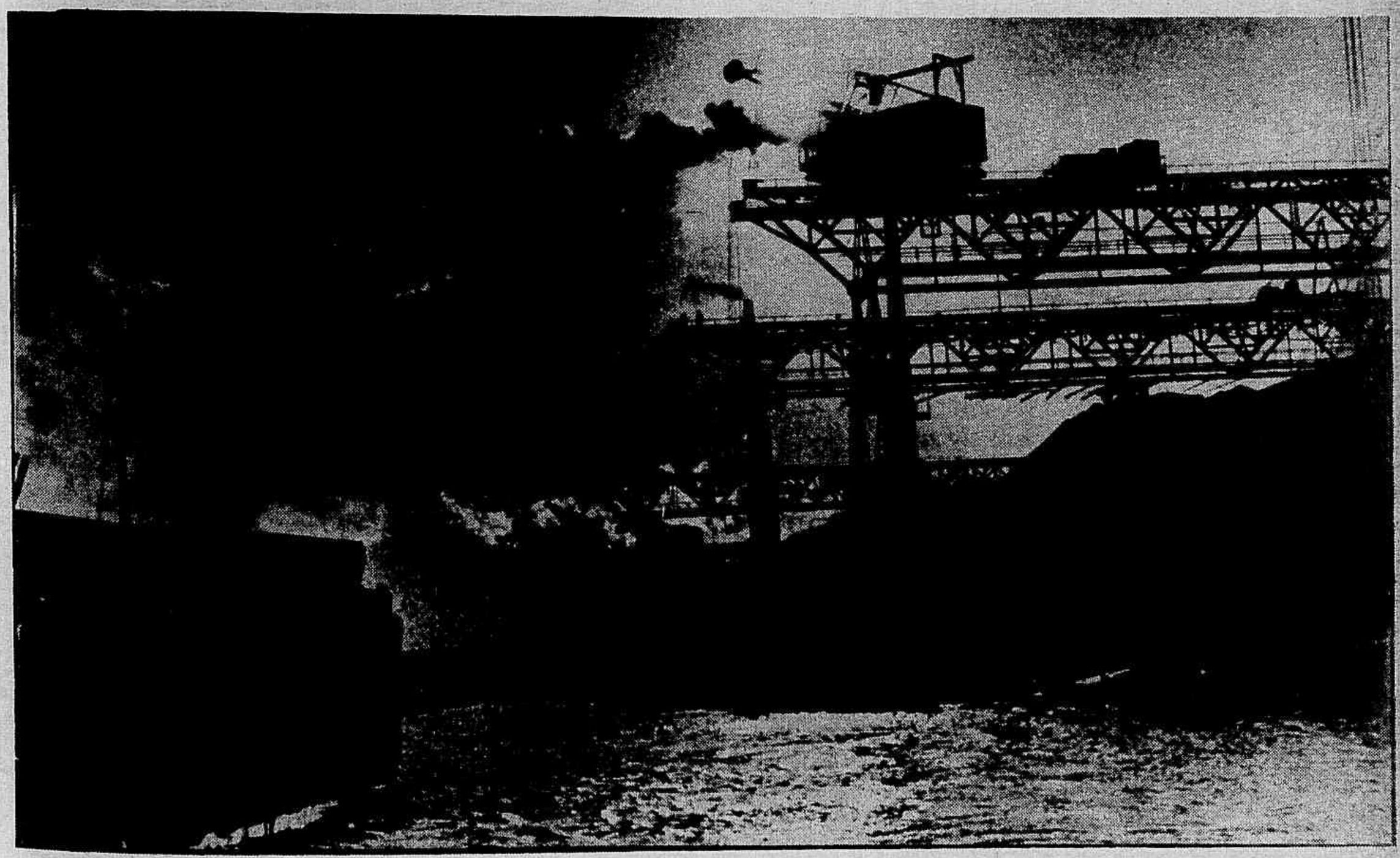
Mas é mais que improvável que os sobreviventes do hitlerismo, responsáveis pela derrota e o caos, venham, algum dia, a retomar as rédeas da Alemanha, pelo menos da Alemanha Ocidental.

Logo após a queda do nazismo, houve, porém, a invasão dos novos demagogos, prometendo tudo isto e o céu também. Êstes estiveram prestes a constituir séria ameaça ao povo alemão, prejudicando-lhe o programa de trabalho e pondo em perigo o novo regime, ainda em período experimental.

Em Bonn, o Parlamento da República se instalou numa escola normal, transformada e aumentada. A sala das sessões do Bundestag não é nenhum sombrio hemiciclo, mas uma sala quadrada, de côr clara, cujas duas faces laterais são imensos painéis envidraçados. De suas poltronas, os deputados podem ver o Reno e também o Petersberg, o grande hotel onde a Alta Comissão Interaliada estêve instalada, até recentemente.

Nenhuma paisagem pode ser mais européia. Os rebocadores que passam sôbre o Reno, com os pavilhões de quase tôdas as nações da Europa Ocidental, surgindo o rio como estrada comum e não mais como barreira destinada a delimitá-los e a detê-los. Essa vista e êsse símbolo deveriam compensar o inconveniente de haver escolhido para capital uma cidade secundária e excêntrica.

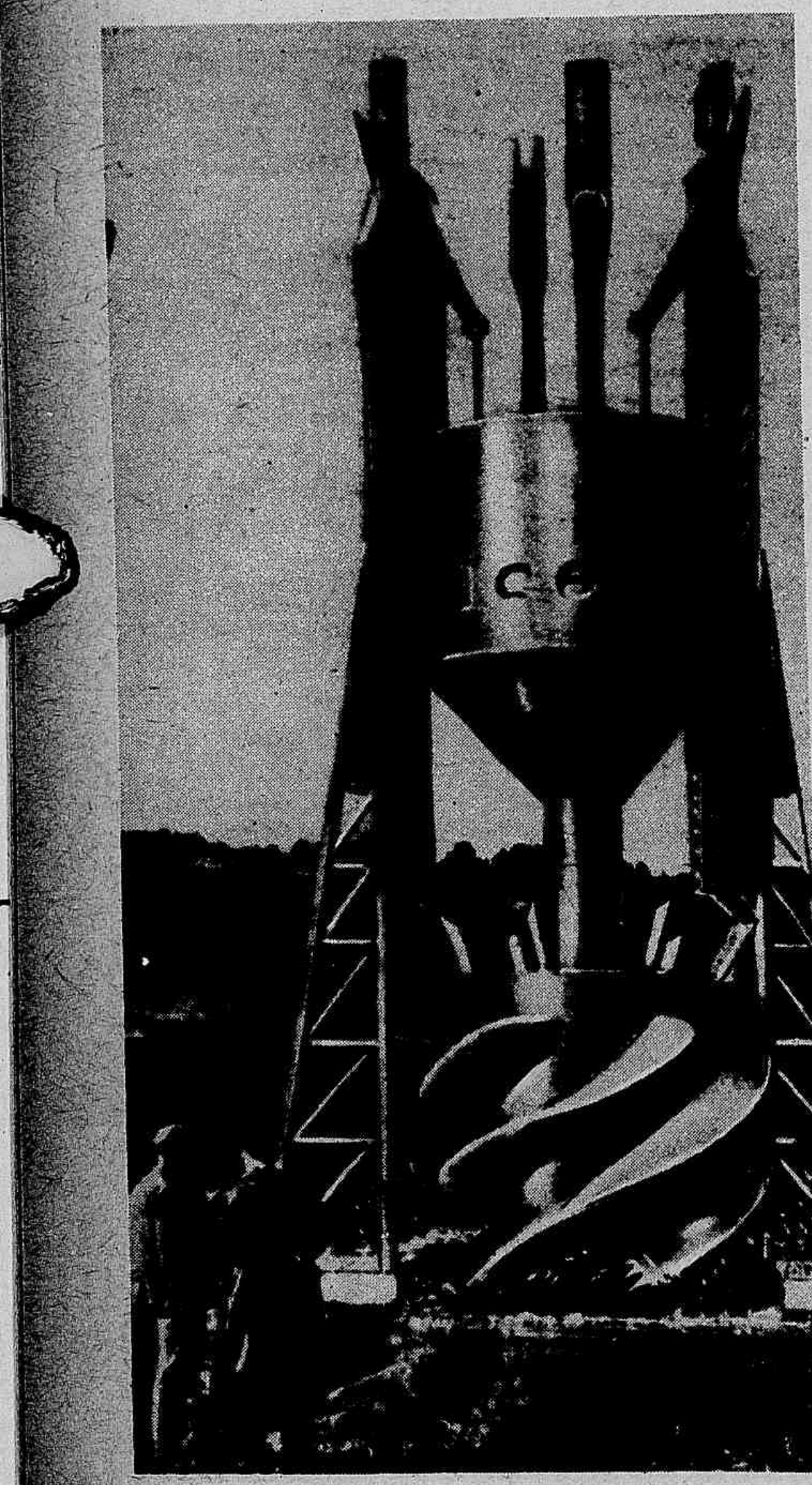
A constituição norte-americana, evidentemente, inspirou, de um certo modo, os que deram à Alemanha ocidental o seu estatuto político. O Bundestag, representando o povo alemão, corresponde à Câmara dos Representantes e a Bundesrat, representando os Estados, e o equivalente esquemático do Senado e o território de Bonn o distrito federal, livre da jurisdição de qualquer Estado, como independente sempre estêve das zonas de ocupação. Mas os modelos parlamentares franco-britânico dominam com o presidente, eleito em colégio restrito, e o chanceler geral, como "chefe de gabinete'. Ressurge a América do Norte com a estrutura federal, com os Estados iguais e particularmente



O RUHR, BASE DO SOERGUIMENTO — Êsse formidável grupo de usinas para a fabricação de aço em Ruhrort, pertenceu aos estabelecimentos Krupp e nada sofreu com a guerra. Por isso os trabalhos seguiram sem parar e até redobraram para, dêsse modo, aumentar a produção.

soberanos. Falta, todavia, uma Côrte Suprema para dar a êstes últimos um escudo jurídico, e uma cláusula singular e suspeita existe, prevendo que o direito federal prevalece sôbre os direitos dos Estados, quando êstes se encontrem em contradição.

A TALPA RUSSA



A EXPLORAÇAO do subsolo deverá ser revolucionada pela «talpa mecânica», perfuradora helicoidal construída por técnicos russos e dotada de uma cabine cilíndrica em que se instalam os exploradores dos Abissos. O interior da terra será alcançado sem riscos, através do canal que a máquina abrirá verticalmente. A cabine, como se vê é provida de janelas herméticas que podem ser abertas no momento oportuno. A «talpa» não faz marcha-a-ré, retonando à superfície, escavando sempre e, fazendo uma volta para retornar à superfície.

UMA FALTA DE GÔSTO: FALAR DE HITLER — Não sabemos se a vontade de defender e manter essa estrutura federal é forte em todos os "läander". Salvo na Baviera. Munich é, sem dúvida uma capital e o Estado bávaro uma realidade. O Landtag e o govêrno do ministro-presidente, se mantêm, com sentido definitivo, nos poucos palácios preservados de Munich. Tudo ali é diferente: o sotaque, os costumes, as reações populares, a cozinha e as afinidades.

O sentimento monárquico persiste — platônico mas forte. O ex-kronprinz Ruprecht, da Baviera, oitenta e muitos anos, antigo comandante do Exército (1914), é um simples particular perante a lei, mas um príncipe quase reinante perante seu povo. Quando se encontram, em alguma reunião pública, o ministro-presidente não hesita em testemunhar considerações, as mais ostentatórias a êsse vestígio da Alemanha das dinastias, ao qual estão ligadas as recordações dos bons velhos tempos.

Em Munich, Hitler fêz seu noviciado de agitador, aderiu ao partido nacional- socialista (do qual não foi o fundador, conforme muitos acreditam), tentou seu primeiro **putsch,** que acabou em debandada no nível da Feldernhalle. Mas a bela e grande cidade (40 dos seus imóveis destruídos) finge esquecer a desagradável notoriedade que conquistou com aquela personagem. O visitante tem quase a impressão de haver cometido uma "gaffe", uma falta-de-gôsto, pronunciando o nome do Fuherer desaparecido. Hitler conservou até ao fim um apartamento de celibatário, no terceiro andar de uma feia casa de Prinzregentstrass, mas só com muito esfôrço e teimosia o visitante encontrará quem lhe indique êsse local exato, tanto o esquecimento — real ou simulado — é profundo. O local é, agora, ocupado por pequenos escritórios.

O alemão, aliás, vivendo como agora vive numa imensa colmeia, pouco tempo tem para cuidar do passado. O futuro, sim, interessa. E o presente, que o obriga a bem usar todos os minutos do dia, a fim de aumentar o ritmo da produção e assim atender ao volume crescente da exportação.

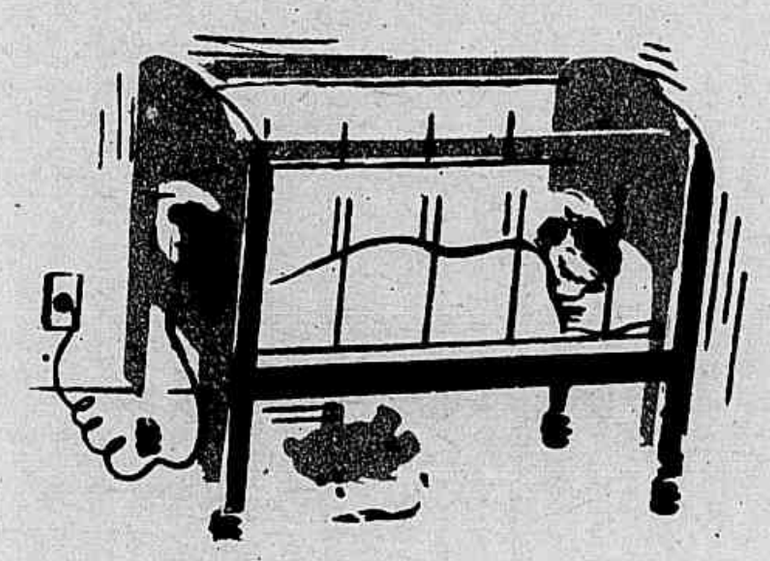
AGORA JÁ FIZERAM isto!

RÔLO de pintar, de material novo capaz de conter 27 por cento mais de tinta, sendo também mais fácil de limpar. Os cantos permitem atingir os ângulos das paredes ou quinas dos móveis, sem atingir a parte seguinte, que, hoje, muitos preferem pintar de côr diferente. Para os frinchos profundos há um acessório especial que facilita a pintura.

PARA LIXAR pontos difíceis há um novo tipo de lixa, fixada na ponta de uma pua elétrica, que atinge as concavidades mais caprichosas.

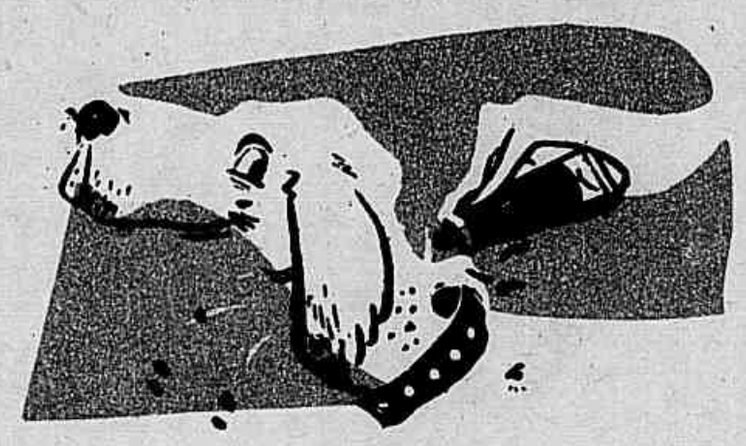
PARA desodorizar os aparelhos sanitários surgiu um novo líquido, o qual deitado (algumas gôtas sòmente) nesses aparelhos forma uma camada invisível, que cobre inteiramente a superfície do tirado com um detergente.

NOVO berço, com pés formados por molas em espiral e que, com a ajuda de um motor elétrico, silencioso, dá suave movimento ondulatório a êsse tipo de leito para crianças, podendo



êsse movimento ser regulado por um tempo determinado, calculando-se o tempo que leva a criança para adormecer.

NOVO tipo de coleira para os cães que tornará mais confortável a vida dêsses grandes amigos. Feitas com bonitos couros, possuem internamente um depósito próprio para receber



boa quantidade de poderoso inseticida, que terá ação eficiente durante um mês.

Afirmam seus fabricantes que essa coleira, embora usada apenas algumas horas por dia, dá permanente proteção aos cães, livrando-os da tortura das pulgas e outros parasitos.

PARA as passadeiras e tapêtes há um novo líquido que pode ser vaporizado sôbre essas peças protegendo-as eficientemente durante seis meses. Cobre as fibras com uma película protetora, sem manchar o tapête ou mudar-lhe a côr. Ao contrário, protege-o contra a poeira, os líquidos que sôbre ela possam ser derramados e resiste perfeitamente à ação do aspirador elétrico.

Da mesma forma, a fim de fixar os tapêtes e passadeiras no solo, há um novo líquido, que é passado no fôrro e evita que os tapêtes enrolem nas pontas, enruguem no centro, mesmo quando escovado.

Também une perfeitamente os diferentes pedaços de um tapête, sem necessidade de costurá-los.

LUTA EFICAZ

AO fim de 14 anos, os estragos causados pela tuberculose pulmonar diminuíram de forma notável, em todo o mundo, inclusive no Brasil. Segundo as estatísticas, a diminuição da mortalidade foi mais importante nos seguintes países: — Suécia, 72%; Noruega, 74%; Estados Unidos, 64%, França e Brasil, 50%.

As razões desta diminuição foram, antes de tudo, as grandes campanhas sanitárias e curativas da tuberculose, em seu início; segundo, a vacinação; terceiro, as melhores condições alimentares e, quarto, as melhoras nas condições gerais de trabalho.

QUE PODIA FAZER?

JAMES T. Williams, de Massachussetts, matou a sogra, a espôsa, três vizinhos e o cão da casa, servindo-se de um machado. Terminando o massacre e interrogado pelos jornalistas declarou:

— Todos êles me punham nervoso.

NEM ASSIM!

SE o Paulinho não quer dormir, diga-lhe que subirei para cantar alguma coisa.

— Não adianta, senhora. Acabo de fazer a mesma ameaça e êle nem ligou!

ATROPELAMENTO

CHOFER: — Por que ficam aí, de bôca aberta? Tratem de chamar o médico dêste povoado!

Alguém: — Mas... se foi justamente o médico dêste lugar, que o senhor atropelou!

EU SEI TUDO

UM TERMÔMETRO NO ESTÔMAGO POR 33 ANOS

EM Waynesburg, Pennsylvania, há trinta e três anos o sr. Lawrence Mylan procurava medir a febre com um termômetro na bôca. Sua mãe, nesse instante, perguntou se êle desejava um caldo quente e êle respondeu: — **"Mais tarde"**. Ao falar, porém, engoliu o termômetro.

O jovem Mylan não aceitou a idéia de deixar-se operar, mesmo porque o pequeno instrumento não lhe causava qualquer dôr ou mesmo um ligeiro incômodo. Entretanto, nos últimos meses (o sr. Mylan conta hoje sessenta e seis anos), o objeto começou a causar alguns distúrbios a ponto de ser necessária uma intervenção cirúrgica.





Nas duas fotos vemos, à direita, a radiografia do estômago de Lawrence Mylan, no qual aparece o termômetro; à esquerda, depois da operação, uma enfermeira mostra ao operado o objeto que se conservou intacto no seu estômago pela metade de sua vida!

★

SILÊNCIO... POR DEZ CENTAVOS!

NOS Estados Unidos (isto só poderia existir mesmo num país superadiantado...) existem os mesmos aparelhos que conhecemos nos nosso cafés, bares e restaurantes.

Coloca-se nêles uma moedinha para ouvir o disco de nossa escolha.

Até aí, nada de novo. Porém, lá, já agora, êsses mesmos aparelhos, com a mesma moedinha de dez centavos, **fica em silêncio por três minutos**, isto é: o tempo que duraria o disco! Nesse intervalo, se outro cliente tentar fazer a máquina funcionar, esta não se moverá... **pois foi paga para silenciar!**

★

ANÚNCIO...

ANÚNCIO interessante foi o publicado por um jornal de Sydney. Ei-lo: "Vendem-se 160 acres de terreno montanhoso, impróprio para loteamento ou plantio. Não tem água, sendo excelente para experiências com bombas atômicas.

SERÁ QUE A "MODA" PEGA?



EM Chicago, uma grande loja lançou nova moda, que parece destinada a alcançar grande êxito entre as jovens mamães. A iniciativa, motivada pelo fato de, nos Estados Unidos, ser ainda mais difícil que em qualquer outra terra, encontrar uma criada e muito menos uma "babá", embora os salários sejam mais elevados lá do que em outra qualquer parte. O engenhoso "achado" (que aliás é cópia do que sempre fizeram os índios Sioux, na América do Norte, quase tôdas as tribos sul-americanas e as mulheres de algumas regiões da China) consiste em uma espécie de "mochila" especialmente construída para receber o bebê, deixando à mamãe os braços e os movimentos inteiramente livres. Além do mais — e isso representa uma vantagem muito apreciada na América do Norte — obriga a jovem mamãe a fazer exercício, carregando pêso em local que não só facilita seus movimentos como dá ao seu corpo porte mais elegante.

NATUREZA



Novela de

NARCIS OLLER

ROMÃO estava desolado. Não fazia outra coisa que caminhar do leito para a janela e desta para o leito. Contudo, tinha sempre diante dos olhos o mesmo quadro: Antônia, sua mulher, estendida sob os lençóis, magra, e imóvel como um pedaço de madeira; lá fora, os feijões, perdendo suas fôlhas amarelecidas e deixando pender suas vagens macias e delgadas, num escaldamento irresistível.

Oh, Deus! Que tristeza! Vinte e um dias já tinham passado e Antônia se encontrava naquele mesmo estado, com os olhos fechados, não podendo sequer mover o corpo sem deixar de tossir: **hinc! hinc! hinc!** — como o ranger de uma lima noutro ferro; era um medonho estertor que tôdas as pessoas de casa já conheciam e estavam habituadas a ouvir. Ora ardente como o fogo, ora glacial como a neve, Antônia oscilava, sempre, entre a vida e a morte. E tinha uma aparência tão horrível que metia mêdo aos que lhe cercavam.

— Vai mal! — costumava dizer Romão para si mesmo. — Nem o médico, nem o veterinário, nem o sr. cura conseguiram alguma coisa... Nada do que lhe aplicaram serviu! Sangue-suga, emplastros, sangrias, cataplasmas, poções...

Nem mesmó a cruz e as orações!

Só restava, agora, a passiva resignação diante de tamanha desgraça.

Romão estava tão certo de que ia ser viúvo como de que morreria também êle, um dia. Sempre aquêle estertor a lhe martirizar os ouvidos; sempre aquela bôca escancarada, mais escura e mais ressequida do que um caniço apodrecido; aquêles olhos fundos, aquela côr de girassol. O semblante, desfigurado pela doença, não tinha mais do que o couro e os ossos. Tudo tão mudado, tão diferente! Nada mais havia que pudesse lembrar a Antônia de outrora...

Desviando o olhar do rosto da mulher, Romão contemplou aquêle corpo, completamente afundado no colchão, como se fôra numa fôrma, reduzido, enfim, às suas últimas dimensões. Compungido e nostálgico, concluiu que ela agora não mais passava de uma sombra do que havia sido em tempos idos.

E tinha sido tão forte... tão bela!

— Hinc... Hinc... Hinc...

QUE tens? Onde te dói? Queres um pouco do remédio?

Apanhou um frasco e molhou a bôca sêca e escura com o líquido pálido, que sempre enchia o quarto de um penetrante cheiro de éter; repetiu o gesto até que a doente, numa extrema exaustão, começou a rejeitar o líquido para não se engasgar; depois, reunindo tôdas as suas pobres energias num supremo esfôrço, ela abriu desmedidamente os olhos como para implorar que a deixassem tranqüila. Desvairado, Romão levantou-lhe a cabeça, enxugou-lhe os lábios e

Comparando o talento de Narcis Oller com o de Isla, o grande crítico russo Dobinsky disse que ambos eram, no naturalismo então em moda, "como as duas faces de uma medalha."

bateu-lhe bem de leve no ombro; depois de enxotar o gato, que se introduzia por baixo da cama, e da galinha, que com o bico e os pés, tentava abrir a porta, retornou à janela, enervado.

"Deus misericordioso! Quanta tristeza me despedaça a alma! E há muito tempo que êsses feijões não são regados; certamente vão morrer! E como estão amarelos e desmaiados! De se jurar que foi uma geada que os retardou! Tudo se consome na sêde: a terra endurece e as pobres hastes ficam retorcidas...

Ah! Como eram belos êsses canteiros! E pensar que tenho água suficiente para torná-los tão verdes como os do vizinho! Hoje é sábado: dia de ir buscar água para a rega. Mas como se Rosêta, a sua filha, e o empregado tiveram que sair para o mercado? E, para completar a desgraça, eis que o estado de Antônia se agrava e o médico diz: **"Não se afaste, Romão, pois ela pode morrer de uma hora para outra!"** Enquanto isso, não posso apanhar a água, e a doença fica nisso! Nem progride, nem recua! Deus meu, Deus meu! Mais uma semana, sem regar, e êsses feijões murcharão, morrerão completamente! E as despesas não se acabam nunca: médicos, farmacêuticos, todos exigem dinheiro... E eu amarrado, vendo perder-se tôda a plantação! É muita desgraça ver, com meus próprios olhos, a morte de todos êsses melões e macieiras e a destruição de tudo aquilo de que preciso, não sòmente para pagar aos que não curam minha mulher,



mas também por causa das sementes e dos adubos para o ano que vem!...

Olha, Romão, olha, de braços cruzados, o mal avançar... Aí. Se ninguém encontra um remédio para Antônia, eu tenho um, mas para as minhas plantações, e um remédio seguro! Mas a água está longe! A água está longe — gritou, enfim, com as pálpebras semicerradas e o olhar perdido nos confins do horizonte, como se lá procurasse alívio para o seu desespêro.

Nove ou dez canteiros, largos e alongados, semelhantes a colunas de regimentos em parada, estendiam-se a seus pés, marginando o rio. Todos êsses canteiros lhe pertenciam; mas, que infelicidade para êste camponês que nada mais queria do mundo do que o ouro necessário à prosperidade dessas culturas; e vê-las transformadas num imenso roseiral de outono, encravado no meio do saltitante verdor dos arredores!



Cada haste se despia de suas fôlhas e se curvava para a terra numa atitude de desfalecimento e abandono. Semelhante espetáculo dilacerava-lhe o coração.

E assim que comparava a sua miséria com a boa sorte dos outros camponeses, todo o amargor da inveja lhe subia do fundo da alma. Como estavam vivas as plantações do vizinho! **Hinc!... Hinc!... Hinc!...**

Romão, fora de si, tornou a olhar para o leito.

— Que tens? Onde te dói? Paciência! Queres um pouco do remédio?

Mas logo que aproximou o frasco dos lábios da mulher, Antônia foi assaltada por um ligeiro estertor.

— Antônia, minha boa Antônia, onde te dói? — insistiu, com doçura na voz, tocado e comovido por ver a espôsa num estado tão deplorável.

Afinal, havia sido ela a companheira de sua vida. Aquela que êle, cheio de ilusões e esperanças, conduzira, outrora, ao santo altar. A que lhe havia dado todos os seus filhos, dos quais apenas Rosêta restava para encantar a sua velhice. E com Antônia chorara a morte de todos os filhos desaparecidos; com ela, durante trinta anos, trabalhara para sustentar a casa.

E assim permaneceram por alguns minutos; êle a contemplá-la com ternura e receio; ela, com as pálpebras imóveis, a respiração ofegante, sempre estirada como um pedaço de madeira. Seu estertor, a princípio fraco, lento e intermitente, fazia-se mais freqüente, mais contínuo. As órbitas estava cinzentas e um suor frio lhe escorria dos lábios, da fronte e dos olhos.

O nariz, pouco a pouco, ficava mais delgado e pálido.

"Serão êstes os sinais da morte? Oh, Deus de misericórdia! Piedade! Estou só em casa e todos os camponeses vizinhos foram ao mercado!"

Ansioso por uma presença, seu olhar se fixava no horizonte, muito além daquela grande janela escancarada, que deixava penetrar a luz forte de agôsto.

Um sol de fogo, resplandescente, parecia querer consumir os olivais da planície. Sòmente o grito repentino de um pássaro e o murmúrio do rio ousavam perturbar o silêncio da natureza adormecida. Nem um estalo de chicote, nem um tilintar de guizo, nem o gemido de uma porteira, nada, abso-

O semblante desfigurado pela doença não tinha mais que o couro e os ossos. Tudo tão diferente! Nada mais havia que pudesse lembrar a Antônia de outrora!

lutamente nada se fazia ouvir. E a solidão era mais profunda com o ruído das águas e o pio dos pássaros, que chegavam e fugiam incessantemente, levando no bico as seivas roubadas aos feijões agonizantes.

E êsses pios, ao mesmo tempo zombeteiros e tristes, dilaceravam o coração do fazendeiro.

Romão se abateu sôbre a cadeira que estava à cabeceira do leito, desolado e pensativo. As horas passavam e arrebatavam a vida de sua mulher e de suas plantações, sem nenhuma esperança, sem nenhum consôlo. Com profunda aflição e as faces cheias de lágrimas, Romão ergueu-se e falou à mulher:

— Bem sabes, Antônia, que breve partirás para a outra vida, resignada como uma boa cristã. Rosêta e o empregado saíram. E hoje é o dia de apanhar água. Se não regar as plantações agora, tudo estará perdido... Para as plantações, o rio é um remédio...

Um remédio daqueles que os médicos não encontram para te curar...

A moribunda abriu vagarosamente os olhos e tentou mover a cabeça em sinal de assentimento.

"Quero dizer — continuou Romão, com voz sufocada — quero dizer entre... a esperança e a morte, compreende? Sim... É isso! Sempre fôste cuidadosa com a casa... Sempre fôste resignada e nem sei como falar!

Mas a desgraçada mulher, fazendo um esfôrço supremo segurou dèbilmente as mãos do marido, abriu mais uma vez os olhos, e, resignada, como sempre havia sido, com uma simples expressão do olhar, encorajou Romão a prosseguir.

— Quero dizer que... Sei que me vais perdoar...

Antônia concordava sempre movendo a cabeça apenas um nada.

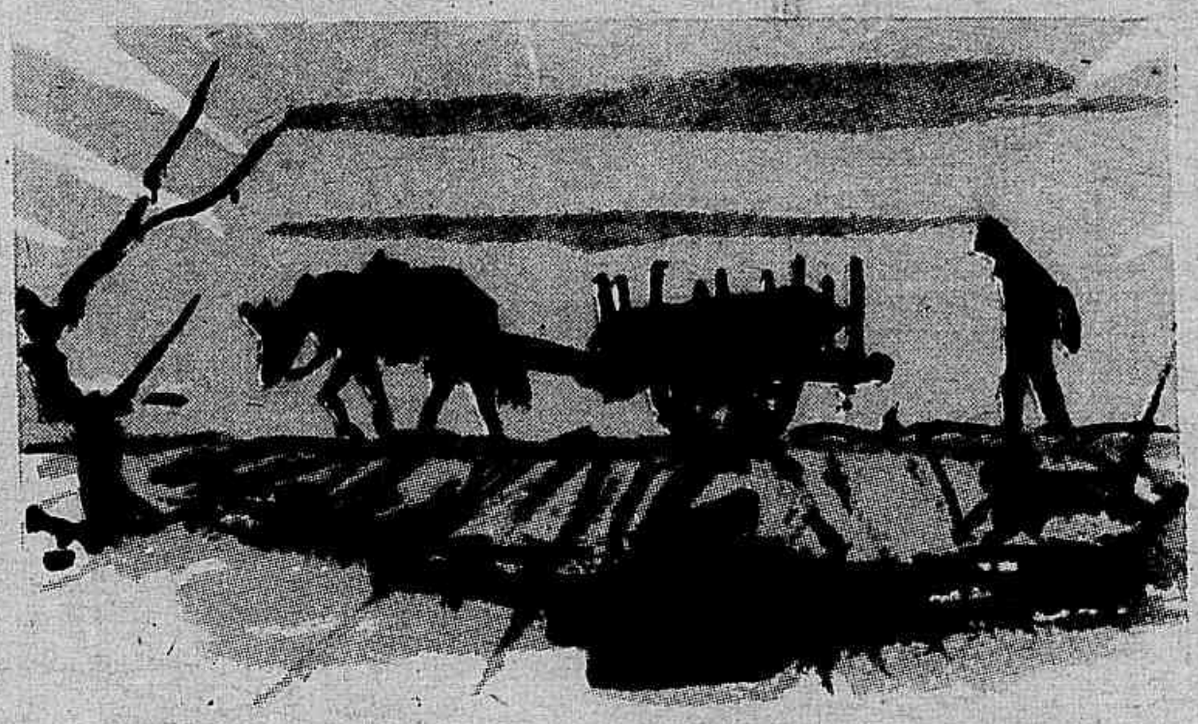
— O bom Deus, vai te levar; é fatal...

— Sim, sim.

— E como muito breve estarás ao lado de Nosso Senhor... é necessário que eu te vista, não é mesmo?

— Sim, sim...

— Quero dizer... sempre fôste resignada e hás de compreender. Quero dizer... Se eu fizer **agora** a tua última **toilette**, logo depois, poderei apanhar a água e regar os feijões... E a colheita será salva!



Uma centelha, semelhante àquelas que, por certo, cintilaram nos olhos dos mártires, passou pelo olhar quase extinto da moribunda, e sua cabeça fêz um derradeiro gesto de assentimento:

— Sim, sim...

Então, Romão, esfregando os olhos com os nós dos dedos, abriu as gavetas da cômoda, e, encorajado pelo murmúrio do rio, cujos soluços êle ainda ouvia, amortalhou a mulher ainda viva.

★ ★

VELOCIDADE ANIMAL

RECENTEMENTE, um zoólogo inglês, sem outra coisa mais importante que fazer, dedicou-se a praticar uma série de estudos e de experiências, que deram como resultado permitir-lhe estabelecer de modo absolutamente sério, a velocidade máxima, que podem alcançar na corrida diversos animais.

Se fôsse possível celebrar uma corrida na qual figurassem como concorrentes todos os animais da criação, o primeiro prêmio tinha que ser outorgado, com justiça, ao leopardo, cuja velocidade excede, por vêzes, mil duzentos e cinqüenta metros por minuto. O cavalo figura, depois, com mil, cento e sessenta metros. O mesmo faria o galgo.

A girafa (quem diria?) com novecentos metros por minuto. O tigre, com oitocentos e setenta metros. A rena ou rangifer com setecentos e setenta. O lôbo com quinhentos e setenta. A lebre com quatrocentos. Entre as aves, o pombo-correio bate o **record** de velocidade, com 1.200 metros por minuto.

EUCARISTIA E CONGRESSO EUCARÍSTICO

(QUE SABE O LEITOR A RESPEITO?)

ESTAMOS no mês do Primeiro Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Brasil. De tôdas as partes do mundo como de todos os rincões brasileiros os fiéis se locomoveram, dirigindo-se para esta capital, a fim de participar da grande festa católica. No entanto, muitos dêsses peregrinos (e entre êles alguns de nossos leitores) ignoram, em parte ou no todo, não apenas a significação do têrmo Eucaristia como a própria razão dêsses Congressos.

Eis porque, sempre atentos em informar detalhadamente tudo aquilo que realmente mereça divulgação e tenha, de uma forma ou de outra, utilidade para os nossos leitores, aqui estamos para esclarecimentos gerais, que satisfaçam a todos.

Para começar diremos que Eucaristia, do grego eucharistia, pròpriamente, significa "ação de graças". A palavra está formada de eu, bem, e de kharizesthai, dar uma graça, e que deriva, por sua vez, de kharis, graça. Trata-se, segundo a doutrina católica, de um sacramento, que contém Jesus Cristo, sob as aparências do pão e do vinho: Jesus Cristo está em pessoa na EUCARISTIA, e nela nos dá seu corpo em substância.

Segundo ensina a igreja católica, a eucaristia pode ser considerada sob um tríplice aspecto: **mistério de fé** (contém Jesus Cristo realmente, presente sob as aparências do pão e do vinho); **sacrifício** (é a representação da continuação do sacrifício da cruz); **sacramentado** (é o alimento da vida cristã). Trataremos ùnicamente do primeiro ponto do dogma, isto é: do **mistério da fé**, pois os dois outros se referem a pontos bastante conhecidos, tais como os da missa e da comunhão.

Para firmar sua fé na presença real de Jesus Cristo na eucaristia, a igreja se baseia nas palavras do Evangelho, que relata a promessa de Jesus Cristo a seus discípulos de lhes dar o pão da vida, que deveria ser a sua própria carne: "Minha carne é realmente um alimento, e meu sangue é realmente uma bebida."



Custódia do VI Congresso Eucarístico Nacional. (Belém — Estado do Pará.)

Alguns não entenderam claramente o sentido próprio dessas palavras e mostraram-se escandalizados, abandonando o Mestre.

Se Jesus havia falado em sentido figurado melhor teria feito prevenindo-os. Explicando-se, o Mestre os teria retido em seu redor. Porém não podia dar essa explicação sem desvirtuar seu pensamento. Ao contrário disso, voltando-se para os outros, perguntou: — "E vós outros? Não desejais deixar-me também?", como se tivesse dito: "Não pode haver acomodamento. Nenhuma atenuante é possível! É preciso aceitar esta doutrina tal como é, por mais surpreendente que possa ser... ou deixar de ser meu discípulo."

A promessa que fazia com tanta firmeza, êle a realizou na hora em que tal realização se tornava útil, no supremo repasto que precedeu a sua morte. Então, de fato, apanhou o pão, benzeu-o, partiu-o em vários pedaços, que deu aos discípulos, dizendo: "Tomai e comei; **isto é o meu corpo**." A seguir, terminada a refeição, apanhou o cálice e tendo rendido graças, deu-lhes o vinho, dizendo: **"Bebei, todos, pois que isto é o cálice do meu sangue**; o sangue da nova aliança e que será derramado por muitos em remissão dos pecados" (S. Mateus, XXVI, 26,28; S. Marcos, XIV, 22-24; S. Lucas, XXII, 19,20). O mesmo é encontrado na primeira epístola de S. Paulo aos corintianos, sendo acompanhado por um comentário, que não deixa qualquer dúvida sôbre o sentido que o apóstolo concedeu a êsse mistério: — "Aquêle — disse êle — que come êsse pão ou bebe indignamente o cálice do Senhor é culpado perante o corpo e o sangue do Senhor." (Epístola aos corintianos, XI, 27.)

A tradição católica sempre viu, nessas diferentes passagens da Escritura, a afirmação da presença de Jesus Cristo sob as espécies eucarísticas. Os Pais das Igrejas grega e latina se mostraram unânimes sôbre êsse ponto. Seu testemunho é confirmado pelas liturgias mais antigas, os cânones dos concílios e, finalmente, as pinturas das catacumbas, tôdas de tão eloqüente simbolismo, isto porque, para afastar dos olhos pagãos e deixar apenas entrever pelos catecúmenos um mistério tão exposto a ser mal interpretado por alguns, pondo em provação, perigosamente, a fé dos demais, a Igreja primitiva só escrevia por meio de imagens, observando, em todo o resto, a discipina do segrêdo.

Mais tarde, no século XI, quando ocorreu o primeiro ataque contra o dogma da presença real, provocou uma reprovação geral na Igreja. Condenado várias vêzes (em 1050, 1056, 1059, 1075 e 1078), Berenger foi forçado a retratar-se pùblicamente, negando suas idéias perante o papa S. Gregório VII, em 1079. A doutrina católica foi robustecida, em 1215, no quarto concílio de Latrão, numa definição solene, mais tarde reproduzida e desenvolvida no concílio de Trento. Ali foi realmente proclamado que não sòmente Jesus Cristo estava presente na eucaristia, mas que tôda a substância do pão e do vinho se transformava na do seu corpo e do seu sangue. É essa mudança que os teólogos chamam de **transubstanciação**.

A eucaristia é o grande mistério do amor de Jesus Cristo pelos homens. Ficar junto dos que amamos, sacrificarmo-nos por êles, unirmo-nos a êles, eis o tríplice voto do verdadeiro amor, limitado em sua fôrça e em sua duração.



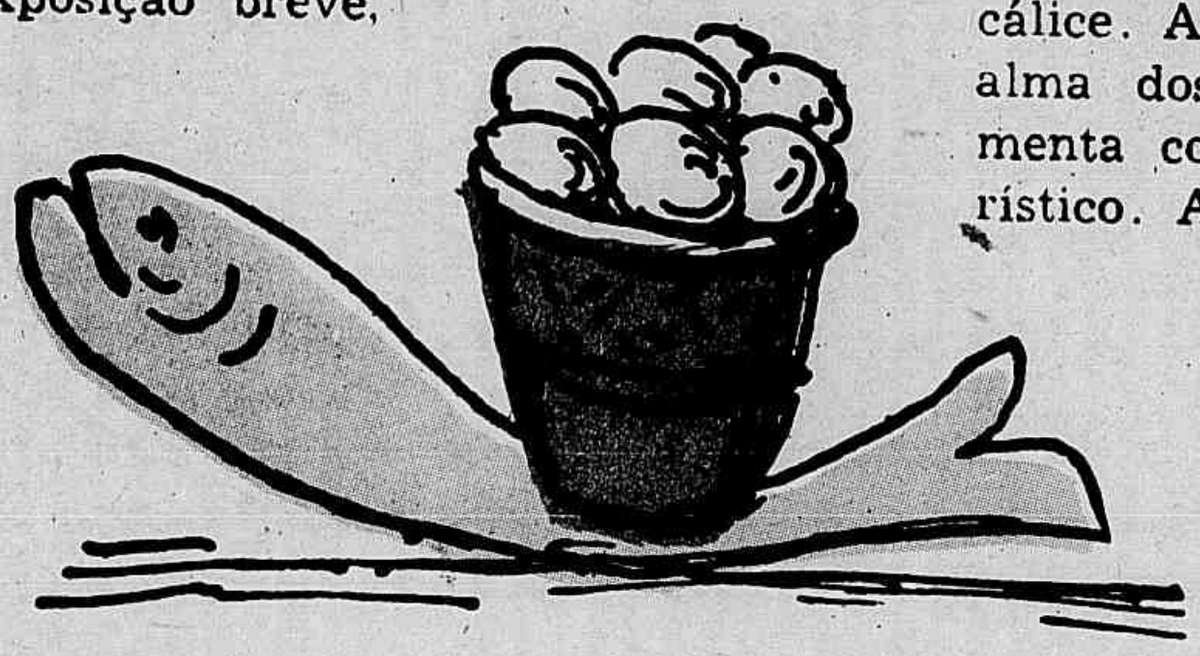
Símbolo eucarístico empregado nos primeiros séculos: o pastor com o balde cheio de leite.

Mas Deus, podendo realizá-lo, assim faz. Em resumo: para saber o que pode fazer o amor no coração de Deus é bastante pensar no que faz no coração do homem, juntando-lhe o infinito.

Tôdas as Igrejas do Oriente, mesmo aquelas que se separaram da Igreja romana, conservaram sua fé na presença real. Lutero, no século XVI continuou a crer nesse dogma, sustentando que a substância do pão e do vinho ficava ao lado do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Por sua vez, Zwingle viu na Ceia um simples símbolo. Calvino pregou que o corpo de Jesus Cristo, presente ùnicamente no céu, age de maneira miraculosa na alma dos crentes.

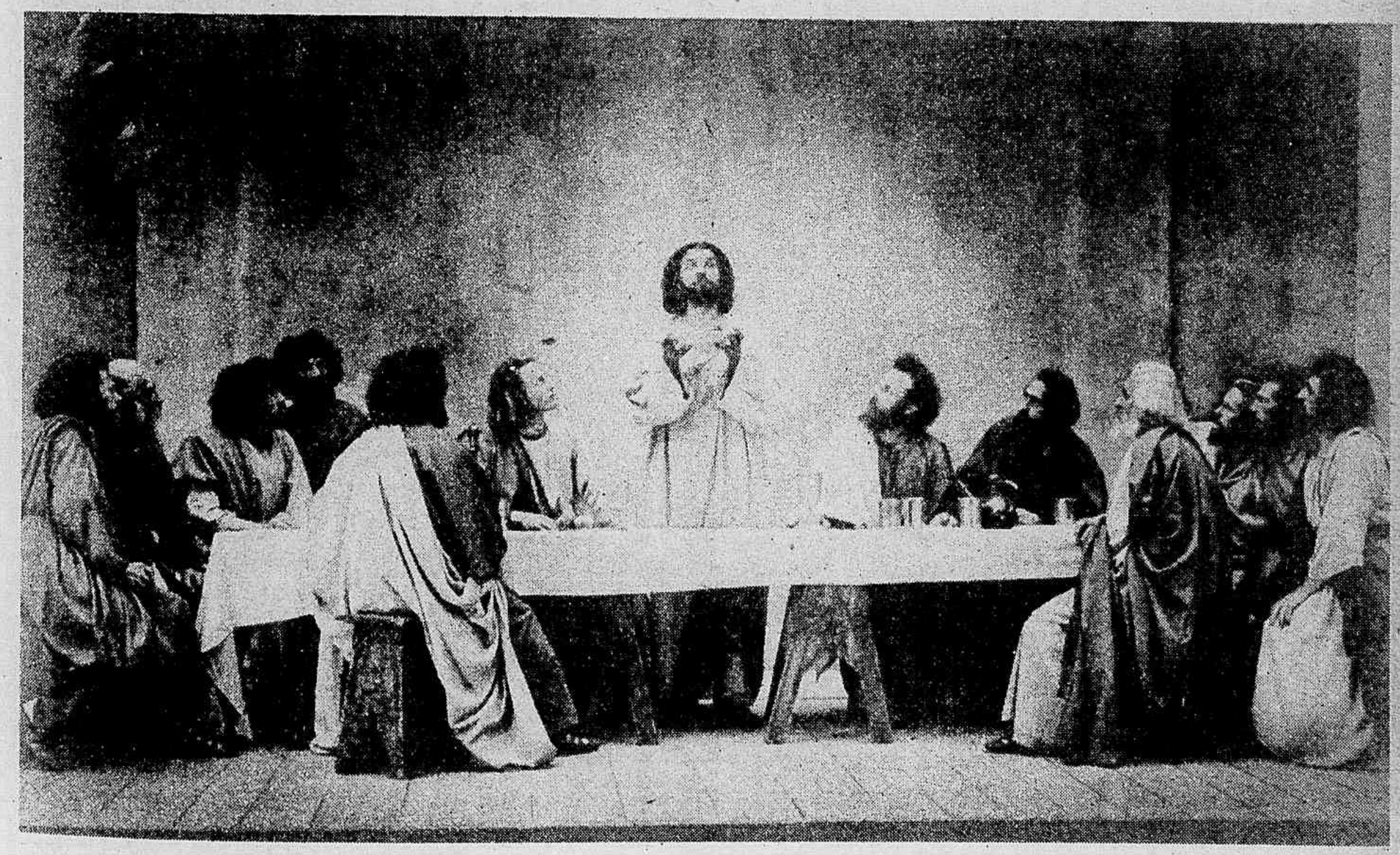
E se o simbolismo da antiga arte cristã é misterioso para todos os dogmas do cristianismo, o é muito mais — e com respeito à Eucaristia, o mais delicado segrêdo que a Igreja nascente tinha que

defender do olhar profano. Façamos, agora, uma exposição breve, ràpidamente incompleta, devido ao pouco espaço reservado para êste artigo. Os leitores não encontrarão coisas novas, porém para a grande maioria serão elas de grande utilidade. O símbolo mais antigo foi a videira, que surge nos centros mais antigos das catacumbas de Domitila, na Via Ardeatina, como o vestíbulo dos Flávios e a cripta de Ampliato, de fins do primeiro século. Uns setenta anos depois da ascensão de Jesus. Porque da videira se extrai o vinho para o santo sacrifício, porque recorda as divinas palavras pronunciadas pelo Senhor após a última ceia, encaminhando-se para o calvário: — "Eu sou a verdadeira videira". — Ego sum vitis vera — é êste, segundo todos os arqueólogos, um símbolo do Senhor e da Eucaristia. E é êle ainda mais significativo quando unido a uma pomba que voa para um cálice. A pomba representa a alma dos fiéis, que se alimenta com o mistério eucarístico. A seguir, a representação simbólica do bom pastor, que dá origem a outro símbolo mais claramente eucarístico: o do leite, que é o místico alimento dado pelo pastor ao seu rebanho. Vejam o desenho copiado da catacumba de Calixto, formosa pintura do bom pastor com o balde do leite (reconhecido pela côr branca). E, noutra cripta, quase vizinha, o recipiente com o simbólico alimento, pôsto sôbre uma ara, entre duas ovelhas, significando o altar eucarístico, rodeado pelos fiéis de cristo.



O peixe e os pães — símbolo encarístico. (Século II — Cemitério de Calisto, na Via Apia.)

Porém o símbolo mais arcano e solene da eucaristia é o peixe. Por um episódio do "Quo Vadis", em que Sienkiewicz reconstitui magistralmente a vida cristã sob a perseguição de Nero, temos a explicação dêste símbolo. Por sêde de dinheiro, Quilon se oferece ao tribuno Vinício para seguir a



E quando iam comer, Jesus apanhou o pão, benzeu-o e partiu-o em vários pedaços, que deu aos discípulos, dizendo: — "Tomai e comei; isto é o meu corpo..." (Cena da "Última Ceia".)

pista da jovem cristã Lígia, que o mesmo tribuno, a todo custo, queria tornar sua e que lhe fugira protegida pelo hercúleo Ursus. Pede, porém, a Vinício algum indício, que lhe sirva de pista, a fim de encontrar o esconderijo da fugitiva. Vinício não tem nenhum para dar.

— Não viste, nobre tribuno, na casa onde vivia a donzela, alguma estátua ou ara, que nos servisse de indício para conhecer sua fé? Não viste sôbre tua Lígia algum amuleto? Não surpreendeste nela algum signo, alguma palavra pronunciada ou escrita?

— Espera! Sim... Vi Lígia desenhar um peixe, na areia.

— Peixe? E quantas vêzes fêz isso? Várias?

— Uma só. Sabe, por acaso, o que isto significa?

— Adivinho!

Após rápido inquérito, voltou Quilon para dizer:

— Senhor: se foi realmente um peixe o que Lígia desenhou, significa que é cristã e que com os cristãos se oculta! E queres a prova? Pronuncia em grego: Jesus Cristo Filho de Deus, Salvador.

— Jesus Cristo Theou Uios Soter... — pronunciou Vinício. — E que tem isso?

— Reunindo as primeiras letras dessas palavras teremos ICTHUS!

— Peixe! — exclamou Vinício, assombrado.

— Eis por que o peixe se tornou o símbolo dos Cristãos — explicou Quilon, com orgulho.

Assim, a figura do peixe era quase o hieroglifo do nome do Senhor. E, como tal, nas antigas catacumbas de Priscila, está a inscrição: "Alexander In (Cristo)". Porém a palavra Cristo é substituída por um peixe. E se êste símbolo está unido ao pão, tem significação especial e significa a Eucaristia.

Pinturas ao fresco, de extraordinária importância, do princípio do século II, no cemitério de Calixto, na Via Ápia, representam um peixe junto com um cêsto de palha cheio de pães, entre os quais surge um copo rubro de vinho: verdadeira declaração da fé cristã, no dogma da presença real, pois que a união material do peixe com a cesta contém os elementos eucarísticos, pão e vinho, expressa claramente a compenetração das sagradas espécies com o próprio Cristo.

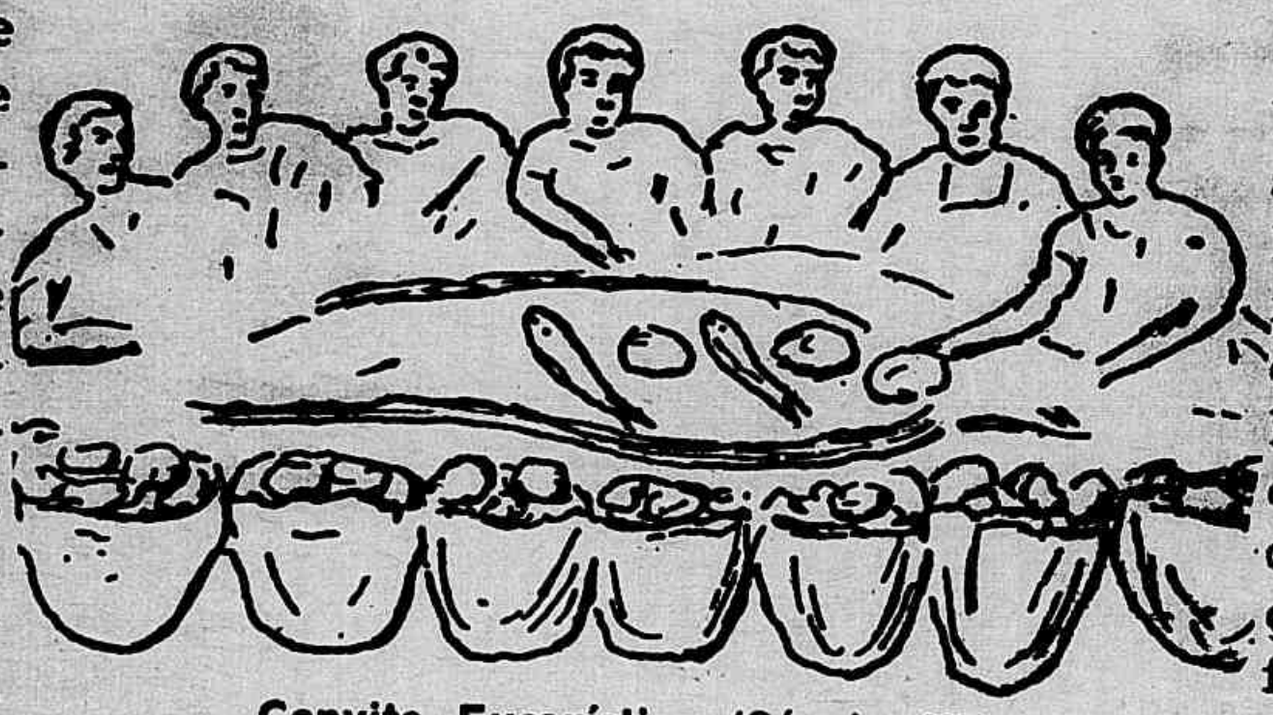


Ainda nas catacumbas de Calixto temos três representações alusivas ao grande mistério eucarístico. Na do meio, está representado um ágape com cestas de pães. O sentido eucarístico está melhor representado pela cena desenhada à esquerda, única, até agora, entre as pinturas das catacumbas. Representa uma pessoa vestida só de pálio, de pé diante de um trípode, sôbre o qual se vê um pão e um peixe, tendo a mão estendida em gesto evidentemente consagratório. Do outro lado do trípode está uma figura de mulher coberta com véu, que levanta os braços no gesto litúrgico da oração. Seja a mulher o símbolo da alma de uma mulher, como querem alguns, ou represente a Igreja, sob a alegoria da mulher orante, como opinam outros, o certo é que temos assim reproduzido o ato do sacrifício eucarístico e no justo instante da consagração, quando o pão se transforma em "icthus", isto é: no corpo de Cristo, filho de Deus Salvador.

E se desta venerada cripta passarmos para outra, próxima, conheceremos outro grupo simbólico, que merece a maior atenção. Trata-se de um fresco do princípio do século II, recém-descoberto, após penoso trabalho de cuidadosa limpeza de uma incrustação calcárea que o cobria inteiramente. Nêle está representada uma reunião litúrgica à qual não faltam as tradicionais cestas de pão, seis personagens figurados são os fiéis que assistem à ação litúrgica e se

dispõem a comer o pão eucarístico e a beber o cálice da salvação. Esta pintura, preciosa por sua antiguidade, podemos dizer que representa a Missa no século II.

E a esta reunião dos primeiros séculos se liga oportunamente o episódio daquela comunhão, nas catacumbas, que ficará memorável nos fastos da igreja perseguida, porque provocou a morte de Tarcísio, o primeiro mártir da Eucaristia. Foi na própria Via Ápia, antiga rua dos triunfadores romanos e que, mais tarde, foi a rua triunfal dos mártires; foi lá mesmo, o menino acólito, levando a Eucaristia aos cristãos encerrados nas prisões e que preferiu morrer a confiar aos profanos os divinos mistérios. Por isso mereceu do grande Damaso, o belíssimo elogio que foi esculpido sôbre seu sepulcro: "Tarcício Santo. Levando o Sacramento de Cristo, mãos profanas tentaram arrancar-lhe das mãos, porém preferiu morrer a ceder aos cães raivosos o Corpo do Senhor". Com estas palavras o poeta pontífice do século IV testemunha solenemente a fé da igreja na real presença eucarística. Êsses preciosos monumentos demonstram que a Igreja Católica, em seus dogmas, permaneceu pura e íntegra como nos primeiros séculos e ao mundo inteiro pode dizer: Olhai-me! Tal fui eu nas minhas origens, tal sou agora e tal serei até ao extremo. E diante dêsses monumentos devemos revigorar a nossa fé, temperados nos mais elevados sentimentos cristãos. Quanto aos Congressos Eucarísticos são êles reuniões de tôda a Igreja discente, que, presidida pela Igreja docente e com inteira submissão a ela, procuram, com a oração e o intercâmbio das idéias, manifestar, acrescentar e propagar a vida católica, procurando na glorificação da Hóstia consagrada o remédio das necessidades presentes da Igreja e o restabelecimento de tôdas as coisas em Cristo.



Convite Eucarístico (Século III).

A finalidade dêsses Congressos é, pois, exclusivamente, religiosa; a obra dos Congressos eucarísticos não aspira a outra coisa que a glorificação de Deus, por meio da Eucaristia, estendendo cada dia, mais e mais, o reinado social de Jesus Cristo no mundo. Assim, os Congressos eucarísticos constam de três partes principais: os atos religiosos, missas, comunhões, adorações diurnas e noturnas, solenes funções, procissões e bênçãos, com o Santíssimo; os atos de estudo, que compreendem as dissertações dogmáticas, estudos históricos, etc., sôbre a Sagrada Eucaristia, porém, sôbre tudo, os estudos práticos para buscar os meios de chegar ao reinado eucarístico de Jesus Cristo, nas almas e nas sociedades e, por fim, as assembléias, exposições, etc., destinadas à propaganda do conhecimento do Mistério da Fé. Podem ser nacionais, internacionais ou apenas regionais e locais, segundo a amplitude que se lhe dê. O primeiro internacional foi o celebrado em Lille, França, de 21 a 30 de junho de 1881, devido à colaboração que o bispo francês, Gaston de Segur (Mons. de Segur), emprestou à sra. Tamisier, iniciadora dessa obra.

O XVI Congresso, celebrado em Roma, em 1905, deu o maior impulso à obra; a partir dessa data, os Congressos se sucedem quase ano a ano e sempre com maior esplendor até à grande guerra, que sobrevém dias após o magnífico Congresso de Lurdes e impede que continuem sendo celebrados antes de 1922, em Roma.

Em muitas ocasiões os Sumos Pontífices aprovaram, abençoaram e enriqueceram com graças particulares esta obra dos Congressos eucarísticos. Assim, Leão XIII, com sua Encíclica Mirae Caritatis (1902), aprova solenemente a obra dos Congressos, como já antes, em diversas ocasiões, a enriquecera com graças e indulgências. Outros papas glorificaram também êsses Congressos, devendo ser citadas estas palavras de Pio XI: "Onde quer que se celebre um Congresso Eucarístico, seja uma grande urbe, seja uma modesta aldeia, Jesus tornará a entrar triunfante no íntimo dos lares como na vida pública."

ÊSTE MUNDO LOUCO...

DEFENDENDO OS ÚLTIMOS FIOS — Em Darien, Connecticut, os membros do Clube



dos Calvos acabam de adotar uma resolução: processar criminalmente todo oficial-barbeiro que por distração ou maldade cortem os fios de cabelo, que teimosa e gloriosamente persistem em nascer nas regiões já atacadas pela calvície.

MUITO CUIDADO — Um agricultor da região de Belfort, França, colocou um enorme cartaz à entrada das suas terras, dando aviso aos caçadores: "Cuidado! Não atirem senão no que estiver em movimento. Evitem fazer pontaria para o que esteja parado. Pode ser um dos meus trabalhadores".

FILHOS MÉDIOS? — Em New York, miss Shirley H. Long e mr. Michael A. G. Short contraíram matrimônio.

COMO FAZER? — Em Buenos Aires, um motorista de praça que acabava de ser multado por não haver respeitado o sinal vermelho, numa esquina, deixando de parar seu veículo, depois de pagar a multa e ainda por cima ouvir um longo sermão da autoridade, que falou sôbre os perigos e inconveniências da não observância das leis do tráfego, saiu da Inspetoria e, cautelosamente, parou corretamente diante do primeiro sinal vermelho que brilhou à sua frente... sendo imediatamente abalroado por um carro da polícia, que vinha velocíssimo, em sua retaguarda!

TENHA CALMA E... PAGUE — Num restaurante de Londres, o proprietário mandou colocar em tôdas as mesas um pequeno cartaz com estas palavras: "Em caso de ataque atômico, tenha calma. Pague a sua despesa e retire-se em ordem".

UTILÍSSIMO — Em Springfield, Massachussets, há uma "Sociedade dos Homens Casados", que se destina, acima de tudo, a "ensinar a todos os homens que estejam em vias de casamento como conservar **os princípios de liberdade e uso franco da palavra**".

VERDADE PROFUNDA — Em Los Angeles, Califórnia, um conselheiro municipal, em discurso para seus pares, declarou: "Nenhum homem ou lei promulgada pelo homem pode forçar os coelhos a mudar de hábitos".

DESFORRA — Imitando o latido dos cães e batendo furiosamente com uma barra de ferro nas latas de lixo colo-



cadas diante dos portões residenciais, numa rua de Orlando, Flórida, um cidadão declarou aos policiais que o agarraram que estava, simplesmente, procurando fazer o mesmo que os cães de propriedade dos seus vizinhos, que passavam a noite derrubando as latas de lixo e disputando, em lutas ruidosas, os pedaços de ossos e não o deixavam dormir.

UM NINHO ESTRANHO

CADA espécie de pássaro escolhe o mesmo material para a construção de seus ninhos, fazendo-o quase de idêntica maneira. Porém, às vêzes, ocorre que um pássaro-artista, decide quebrar a monotonia de sua raça.

Recentemente, o vigário de uma igreja de Stafford, Inglaterra, encontrou um ninho que logo chamou sua atenção por suas brilhantes côres. Aproximando-se viu que se tratava de um ninho feito com confete, do que é usado no carnaval. Os pedacinhos de papel estavam unidos entre si por fibras muito finas, arrancadas de certas plantas. A alegre morada parecia flamante, pois os confetes não haviam perdido ainda suas côres brilhantes. O religioso não tardou a saber que, próximo do local, poucos dias antes, fôra realizado um casamento, havendo os convidados lançado sôbre os noivos grande quantidade de confete.

▭

DEFINIÇÃO

QUANDO perguntaram ao poeta católico francês, Paul Claudel, que impressão lhe causara, durante sua visita a Tóquio, em 1923, o terremoto ali ocorrido, respondeu: "Foi como se alguém visse uma senhora respeitável e que repentinamente tirasse tôda a roupa e começasse a dançar como uma louca."

▭

O MOTIVO

IRRA! Estás com o rosto bastante inchado e vermelho, do lado direito.

— Natural! Minha mulher é canhota!



Entre as narrativas, tôdas envôltas num véu de mistério, a que agora oferecemos aos nossos leitores demonstra como da análise de um caráter, da comparação de atitudes e da aproximação de interêsses ou de ambições se conjectura, com aparência de verdade incontestável, a história de um crime e se desce aos recôncavos de um espírito, definindo-lhe as perversas intenções e a complexa psicologia.

FATAL ENTREVISTA

NAQUELA noite, 14 de junho de 1947, era oferecida lauta ceia numa **vila** romana, não distante da igreja que os italianos chamam de S. Pedro ad Vincula.

A mesa estava posta no terraço, ao ar livre, suave e delicioso ambiente de uma noite de estio na Itália. À claridade dos candelabros destacavam-se dez ou doze convivas, na sua maioria homens e, evidentemente, pelas maneiras e os vestuários, pessoas de alta posição social. Dois dêles ostentavam soberbas vestes escarlates, que denotavam tratar-se de príncipes da Igreja; e, naquele tempo, um cardeal quase igualava um rei. Contudo, havia naquele grupo um conviva que, seguramente, gozava ainda de maior consideração do que a atribuída aos dois cardeais. Êste era um homem de grande beleza física e de maior encanto de maneiras. Sentava-se à direita do anfitrião e vestia-se com magnificência que impressionava.

De fato, o seu manto era espessamente bordado a filigrana de ouro e pedras preciosas, rodeando-lhe o alto do peito um largo colar de ouro, encastoado de numerosas pérolas do melhor oriente e, negligentemente, por entre as pregas do seu barrete de veludo, enroscava-se uma fita de ouro, encrustrada de brilhantes, tão grandes que o seu valor parecia fabuloso.

Tal era o aspecto dêsse homem, favorito da fortuna até aos últimos momentos em que foi visto com vida.

A ceia ia ainda pouco adiantada quando apareceu um homem cujo rosto se ocultava numa meia-máscara, trazendo uma carta na mão. Dirigiu-se direito ao convidado de honra e entregou-lhe o que trazia. O soberbo cavalheiro quebrou o sêlo, leu ansiosamente o conteúdo, e respondeu em tom satisfeito: "Está bem. Irei" — e, ao mesmo tempo, guardou o papel. O mensageiro mascarado, curvou-se, em silêncio, saindo em seguida.

Naquela época era menos extraordinário semelhante incidente do que o seria hoje. A última metade do século XV foi uma

dessas eras terríveis da história em que o mundo parecia ter perdido inteiramente a noção da lei moral, abandonando-se, num comum impulso, a tôda sorte de perversidades. Estava-se na véspera da Reforma protestante, que separou as raças do norte



... um homem, com o rosto coberto por meia-máscara negra, trazendo uma carta...

das do sul, e essa não menos importante reforma católica, que, se tivesse ocorrido cinqüenta anos mais cedo, poderia, talvez, ter evitado o chisma religioso. Era na época de Ricardo II, na Inglaterra, de Luís XII, na França — e dos Bórgias em Roma.

Êste nome sinistro, destinado a tão má fama na História, era o da maior parte das pessoas presentes àquela ceia. Era uma reunião da família Bórgia; um encontro ominoso, que já parecia, por si mesmo, anunciar alguma próxima tragédia. A dona da casa, onde, se reuniam era uma mulher: a célebre Vanozza, que vivera com Roderigo Bórgia, como se fôra sua espôsa, na Espanha, antes dêle ingressar na Igreja. Agora, que o Bórgia atingia o papado e reinava com o nome de Alexandre VI, Vanozza viera para Roma, a participar da fortuna de seus filhos.

Três dêles estavam presentes à ceia. O cavalheiro, muito jovem e de ricas vestes, que acabara de receber a misteriosa mensagem, era o filho mais velho de Vanozza. Desde que o pai fôra elevado a papa, Francisco Bórgia passou a ser mimoseado com honras e riquezas. Criado duque de Gandia e general do exército da Igreja, casara com uma princesa napolitana e o papa, claramente, indicara a sua intenção de promover a fundação de um principado para a sua família, fora das rendas da Santa Sé, a fim de que, depois da sua morte, os Bórgias pudessem ainda reinar como príncipes soberanos na Itália.

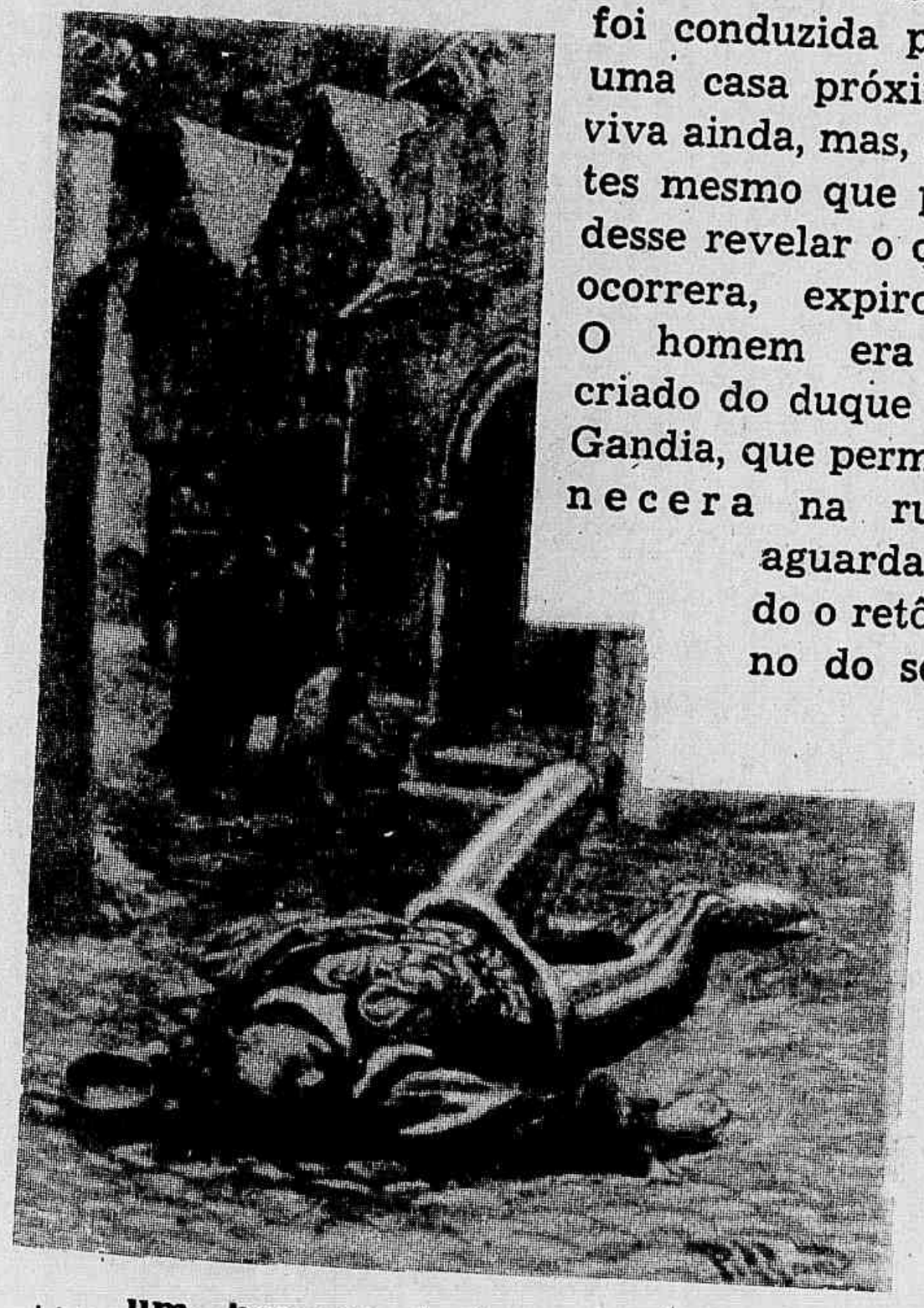
O segundo dos três irmãos, César Bórgia, era um dos cardeais que assistiam à ceia de sua mãe. Com muito maior habilidade do que seu irmão Francisco; e talvez ainda maior ambição, fôra constrangido pelas circunstâncias a ingressar na carreira clerical. Era arcebispo de Valência, como era igualmente cardial. Tinha sido designado pelo papa para ir presidir a cerimônia da coroação do novo rei de Nápoles, e para esta missão teria que partir no dia seguinte. E como motivo de despedida a César, Vanozza havia reunido os membros de sua família, àquela noite.

O seu terceiro filho, o duque de Squillace, também estava presente. Mas havia dois membros da família que não estavam entre os convivas. O primeiro era o próprio pontífice; o outro era a filha, dêle e de Vanozza, Lucrécia, cuja maravilhosa beleza e detestável reputação a fizeram comparada à desgraçada rainha da Escócia. Daquela infamada reputação a tem modernamente reabilitado a crítica histórica, que em singular pendor tem vindo levantando as condenações da posteridade e dos coevos e obtendo a admiração para outros vultos célebres de bem duvidoso conceito.

Às onze horas dispersou-se a reunião. César foi o primeiro a despedir-se de sua mãe, anunciando-lhe ser forçado a voltar ao Vaticano, a fim de receber ordens do papa antes de viajar. O duque de Gandia se ergueu, também, oferecendo-se para fazer parte do caminho com seu irmão. Seguiram, o duque montado num cavalo ricamente ajaezado e o cardeal, como sacerdote, em preito de simbolismo cristão, numa simples mula.

Juntos caminharam, através das ruas de Roma, então já silenciosas e desertas, até ao palácio do cardeal Sforza. Naquele ponto, o duque refreou o cavalo, informando ao irmão, César, que ali o deixaria, confiando-lhe ao mesmo tempo que tinha uma entrevista íntima, coisa vulgar naquele tempo e país dissolutos. Separaram-se, portanto, o duque seguindo a cavalo noutra direção, acompanhado de um único criado; César continuou seu caminho, para o Vaticano, onde se despediu do papa e recebeu a sua bênção. Na manhã seguinte ia a caminho de Nápoles.

Umas duas horas depois de se terem apartado os irmãos, os moradores da chamada Piazza della Giudecca, em outro bairro de Roma, foram despertados pelo alarido, os gritos aflitivos e o retinir de aço. Saindo precipitadamente de suas casas, a investigar a causa de tal desordem, encontraram um homem com a libré dos Bórgias, caído no meio da rua, literalmente ensopado no próprio sangue, enquanto quatro outros homens, rigorosamente embuçados se afastavam, apressadamente. A vítima foi conduzida para uma casa próxima, viva ainda, mas, antes mesmo que pudesse revelar o que ocorrera, expirou. O homem era o criado do duque de Gandia, que permanecera na rua, aguardando o retôrno do seu amo, partido para secreta entrevista. Na mesma noite, um catraeiro do Tibre, Jorge Schiavone, levava no seu barco, rio acima, uma carga de madeira. Tendo chegado à altura da igreja de S. Jerônimo, atracara o barco à margem e descarregara para o cais a madeira. Em razão da solidão do lugar e com receio dos ladrões, mal acabou sua tarefa procurou posição oculta e cômoda, na catraia, onde pudesse ver, sem ser visto, preparando-se para vigiar tôda a noite.



... um homem trajando a libré usada na casa dos Bórgia, caído na rua...

Justamente, no lado oposto aquêle em que estava amontoada a madeira, havia, ao lado esquerdo da igreja, um estreito e escuro boqueirão para o cais. Pela quinta hora da noite (2 da madrugada) pôde êle, com a vista habituada as sombras, descobrir dois homens, surgindo cautelosamente do boqueirão, olhando para cima e para baixo do solitário cais, revelando ansiedade e receio de que alguém os observava. Ignorando a presença do catraeiro, voltaram à viela, como seguros de nenhum perigo. Dois minutos mais tarde, dois outros homens, com o mesmo ar furtivo, saíram do corredor escuro, sondando os arredores. Convencidos, como os dois primeiros, de que o caminho estava livre de testemunhas e riscos, voltaram para a entrada do beco, dando sinal a pessoa oculta na sombra. Logo surgiu um homem, montado em cavalo prêto e que atravessou o cais dirigindo-se para a beira do rio, seguido dos dois primeiros, enquanto os dois que acabavam de dar o sinal se postavam à entrada do beco, para evitar que alguém mais os seguisse. Quando o cavaleiro avançou, o catraieiro percebeu o motivo de suas precauções. Deitado, atravessado na garupa do animal, às costas do cavaleiro, vinha um cadáver, com cabeça e braços pendentes e os pés amarrados, e ainda vestido com vestuário revelador de que o morto era pessoa de alta posição.

Chegados à beira da água, num ponto em que canos de esgôto descarregavam para o rio, os dois acompanhando, pegando o corpo um pela cabeça outro pelos pés, jogaram-no à correnteza, na qual caiu com sinistro chapinhar. Ouvindo isso, o cavaleiro, que conservara a cabeça voltada para o outro lado, talvez não podendo suportar

aquela cena, falou pela primeira vez, perguntando, em voz baixa:

— Tudo terminado?

— Sim, **signor** — respondeu um dos homens.

Então, o cavaleiro deu volta ao animal e olhou para a negra correnteza do rio. Seu



... **jogaram ao rio**...

olhar foi atraído por um objeto negro e frouxo, balouçando na superfície.

— Que é aquilo negro, que flutua? — perguntou, apreensivamente.

— É a capa dêle, **signor** — respondeu um dos homens, enquanto o outro, baixando-se e apanhando grandes pedras, atirou-as sôbre o pano escuro, até que o afundou. Apagado o último vestígio da sua obra, voltaram de novo, em silêncio no beco, sumindo nas trevas da noite.

Schiavone, a aterrorizada testemunha do drama, mais se encolheu no fundo da sua catraia, desejoso de que nunca fôsse descoberta a sua presença involuntária naquela cena.

Quando amanheceu, em Roma, os criados do duque de Gandia, que aguardaram no palácio, tôda a noite, a volta do amo, começaram a ser invadidos pelo receio. Depois de uma busca discreta por tôda a cidade, alguns foram ao Vaticano informar ao Pontífice que não mais tinham visto seu filho desde a noite anterior.

Alexandre era pai extremamente afetuoso, e de todos os filhos talvez fôsse Francisco o que mais amasse. Ao receber a notícia desmaiou. Recuperando-se, tentou consolar-se com a esperança de que o filho, cujo caráter era bem conhecido, tivesse sido detido na sua visita noturna até à aurora, à espera da noite para poder voltar com mais segurança. Foi breve desfeita a esperança. Nem naquele dia nem naquela noite, nem no dia seguinte, o formoso Francisco voltou da sua misteriosa entrevista; e um boato aterrador, vindo não se sabe de onde, atravessou Roma, anunciando que o duque de Gandia fôra assassinado!

Como a convicção da horrível verdade se apossasse gradualmente do espírito de Alexandre VI, o infeliz pai caiu em aflitivo desespêro. Foi tão intensa a sua dor que parecia ter ficado privado das suas faculdades; aquêle espírito tão fino e poderoso que tinha sugerido o mais profundo e respeitoso temor a todos os seus contemporâneos, ficou completamente perturbado, e o desgraçado papa, sentado nos seus esplêndidos aposentos, cuja decoração artística ainda hoje se admira, recusava tomar alimento e sòmente balbuciava de vez em quando, em voz entrecortada de dor:

— Informem-se, inquiram, pesquisem, mas consigam dizer-me, ao menos, por que forma o infeliz encontrou a morte.

O duque de Gandia era o único da família Bórgia realmente adorado pelo povo de Roma, a quem as suas maneiras benévolas e o caráter valente e franco haviam feito comparar a "um pombo num ninho de víboras". Por isso, o desejo de Alexandre VI foi correspondido, empreendendo-se imediatamente uma busca tal como não era uso naquele tempo em que os assassinatos entravam na ordem dos acontecimentos diários mais vulgares.

O primeiro resultado da investigação foi a descoberta da morte do criado, cujo corpo permanecia ainda na casa para onde fôra conduzido. Esta prova destruiu tôda a esperança de que o duque não tivesse sido também assassinado, e agora restava simplesmente procurar-lhe o corpo. O Tibre

era a sepultura vulgar de todos os que pereciam secretamente pela espada ou pelo punhal, e os pesquisadores, conforme percorriam as suas margens, perguntavam a todo aquêle, que habitualmente vivesse ou estacionasse à beira do rio se tinha visto, durante as duas últimas noites, alguma coisa que pudesse fornecer-lhes indício ou rastro. Foi por esta forma que obtiveram, afinal, a narrativa de Schiavone.

Quando Schiavone acabou de contar a sua história, não deixando dúvida em qualquer espírito de que vira o corpo do infeliz duque assassinado, perguntaram ao barqueiro porque não fôra imediatamente dar parte do acontecido ao governador da cidade. Foi em réplica a esta pergunta que êle deu aquela célebre resposta que, como a chama vermelha de uma tocha introduzida num quarto subterrâneo, ilumina tristemente o papado de Roma medieval.

— Desde que ando neste meu serviço, de barqueiro — replicou — **tenho visto deitar ao Tibre centenas de cadáveres; contudo, nunca tenho ouvido que se faça caso dêles; assim, determinei não me importar com o que vi na última noite. Se não fôsse perguntado sôbre êste assunto, não o teria, decerto, revelado, porque tenho que me ocupar dos meus negócios sem me intrometer com coisas tão perigosas.**

Não existia, portanto, nenhuma dúvida do fim que tinha levado o duque de Gandia. Ofereceu-se uma grande remuneração; trabalharam no Tibre mais de cem barqueiros e, na tarde de sexta-feira, o rio restituiu o corpo e desvendou o segrêdo! Veio à superfície o corpo do duque, ainda vestido como quando saíra de casa de sua mãe, com as luvas metidas no cinto e trinta ducados na algibeira. O morto fôra apunhalado em nove partes, sendo um golpe direito à garganta, e os outros oito na cabeça e peito.

Claro estava que não fôra o roubo o móvel do crime. O estado do cadáver denunciava quão furiosa fôra a vingança, que se não contentara com a simples morte da vítima, mas quisera saciar-se no corpo já sem vida. Certamente não tinha sido em nenhum duelo e menos ainda em qualquer rixa ocasional que a esperança dos Bórgias recebera aquela morte cruel.

A primeira suspeita — e a mais óbvia — foi relacionar a morte do duque com o fim da sua excursão noturna. Imaginou-se que tinha sido vítima de algum marido vingativo. Isso foi confirmado por ter sido visto nas proximidades do bairro dos judeus, cujo procedimento em cuidados de moralidade doméstica fazia contraste frizante com os dos italianos, que os rodeavam. Suspeita diferente entrou no espírito do papa, que atribuiu o assassínio a ódio político dos seus inimigos. A êsse tempo os Bórgias não tinham ainda encetado aquêle processo de secretos envenenamentos pelos quais, depois, segundo se afirma, repetida-



... como um perseguido pelas Fúrias.

mente, dizimaram o Sacro Colégio. Contudo, Alexandre VI já arreganhara os dentes contra uma daquelas famílias poderosas ou facções, que então dominavam no Estado Romano e ameaçavam, na sua própria cidade, a segurança e a autoridade dos papas, no momento em que êstes destituíam do seu trono algum monarca distante ou partilhando o Novo-Mundo entre os reinos de Portugal e Espanha. No correr do último ano, por exemplo, o papa enviara um poderoso exército destruir os territórios da grande casa Orsini, sendo o comando das fôrças papais confiado ao filho mais

velho do pontífice. Seguira-se a paz, porém justamente oito dias antes da conclusão da mesma, o chefe daquela família, Virgílio Orsini, que ficara prisioneiro nas mãos dos aliados do papa, o rei de Nápoles, morreu repentinamente, levantando tal fato as piores suspeitas.

Os Orsini tinham, assim, boas razões para buscar vingança e foi para êles que, naturalmente, se voltaram os primeiros pensamentos do pontífice, em busca dos autores do crime. O encontro do cadáver despertou o aflito pai de sua primeira estupefação. Assim, ordenou que nem uma só pedra deixasse de ser revolvida, na perseguição e castigo do assassino do seu filho. De repente, ordens tão imperativas dadas, foram também imperativamente revogadas. O inqüérito, iniciado com tanto ardor e conduzido com tanta energia, foi abandonado silenciosa e totalmente, no momento em que parecia mais provável ser coroado de êxito.

Como um homem que, caminhando apressado por um atalho escuro, é repentinamente surpreendido por uma luz forte de mais para poder suportar, assim o papa, horrorizado e ferido, recuou quando o cegou a luz da terrível e iniludível verdade. Passando da raiva à loucura, rasgou as próprias vestes, espargiu cinzas sôbre a cabeça e, arremessando-se pelos corredores do Vaticano, como perseguido pelas Fúrias, prorrompeu em choros e gritos dolorosos, diante dos cardeais reunidos, confessando-lhes tôdas as culpas que lhe sobrecarregavam a consciência.

Em seguida, e antes mesmo que os cardeais pudessem pensar em oferecer-lhe consôlo, o papa, participando-lhe a sua resolução de matar-se pela fome, em expiação dos seus pecados, fechou-se num quarto do palácio. Êstes estranhos contrastes das maiores perversidades e dos maiores remorsos podem ser encontrados, muitas vêzes, nos homens da Idade-Média, principalmente entre os das raças do sul. Sem dúvida, nesse instante, Alexandre era sincero.



Resolveu tomar alimentos.

Seu espírito forte, mas supersticioso, ficava aniquilado ante qualquer acontecimento no qual visse traçada a mão justiceira de Deus. Bom teria sido para alguns daqueles que ouviram a espontânea confissão de seu pai espiritual e soberano temporal, que a guardassem bem. Entre os cardeais que presenciavam a tremenda cena estavam uns dez cujas vidas estavam destinadas a ser cortadas prematuramente por mão invisível — quem sabe se a do mesmo ente que naquele instante de dor cruciante se aviltava perante êles na agonia do remorso.

Três dias seguidos, a porta do quarto se manteve fechada. Em vão, o cardeal de Segovia e os mais fiéis criados do papa rogaram, durante horas, que Alexandre lhes admitisse a entrada. Os únicos sons que chegavam aos seus ouvidos atentos eram gemidos ou gritos como os de um animal selvagem. No 3.º dia, Lucrécia interferiu. Ela não estava em Roma na noite do crime. Tendo se retirado, pouco tempo antes, para o convento de Sisto, recusara assistir à ceia em que sua mãe reunira a família. Após a morte do irmão, ao qual se mostrara dedicada, ela se enclausurara com o maior rigor, recusando comunicar-se com qualquer membro da família. Agora, porém, atendendo aos pedidos dos que conheciam sua influência sôbre o pai, apresentava-se no Vaticano.

De fato, ouvindo a sua voz, Alexandre abriu a porta e, pela primeira vez, consentiu em tomar alimentos. Durante os

(Continua no fim da revista)



UM fibricante de aparelhos para secar cabelos, dos usados nos salões de beleza, acaba de adotar novo (e já vitorioso) plano de aumentar as vendas dos mesmos. Adaptando um "medidor" na base do aparelho êste funcionará por vinte e quatro horas, mediante a colocação, no citado medidor, de uma moeda de 25 centavos. Êsse dinheiro é recolhido mensalmente e logo que a quantia assim depositada atinja o preço do aparelho, o medidor é retirado e o secador passa a ser propriedade do salão.

VÁRIAS partes do corpo humano tem, normalmente, diferentes temperaturas. O próprio corpo humano, considerado como um toto, está sempre mudando de pêso, quase minuto a minuto.

NO famoso presídio de Sing-Sing (Estados Unidos), tantas vêzes descrito em novelas policiais e apresentado no cinema, em certas ocasiões festivas, tais como os festejos do Natal e Ano-Novo, por exemplo, é permitido aos prisioneiros que delas participem, o uso de seus "smokings".

O petróleo, juntamente com os produtos dêle derivados, constitui normalmente cêrca de um têrço da tonelagem total da marinha mercante norte-americana.

UMA orquestra de hotel na cidade de New York interpreta sòmente músicas "astrològicamente harmônicas", ou música de compositores cujos horóscopos revelem que, durante a semana, êles estão em perfeita harmonia com as éstrêlas do céu.

NAS corridas de bicicletas realizadas anualmente em Paris e que duram seis dias consecutivos, nelas tomando parte cêrca de cem dos maiores corredores de todos os países, nenhum prêmio é distribuído aos ganhadores. Os contendores fazem a corrida mediante um salário fixo, pago pelas grandes fábricas de bicicletas e baseado na sua popularidade, e é tudo que conseguem ganhar, com exceção, é claro, de pequenos prêmios que lhes são oferecidos por políticos locais, comerciantes e fãs.

A grande maioria dos trabalhadores das plantações da Costa Rica sòmente vai à cidade aos sábados; nesses dias os cinemas da cidade de S. José, capital do país, apresentam, sem solução de continuidade, dez películas diferentes, começando às nove da manhã e terminando à meia-noite!

SEIS cientistas americanos, alguns dêles não católicos, estão colocados entre os setenta membros vivos da "Academia Pontifícia de Ciências", famosa associação honorária da Igreja Católica Romana, para a qual se ingressa mediante o reconhecimento papal de determinadas realizações no campo da ciência.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO...

Adquira a última palavra!

PARA A SUA COSINHA!

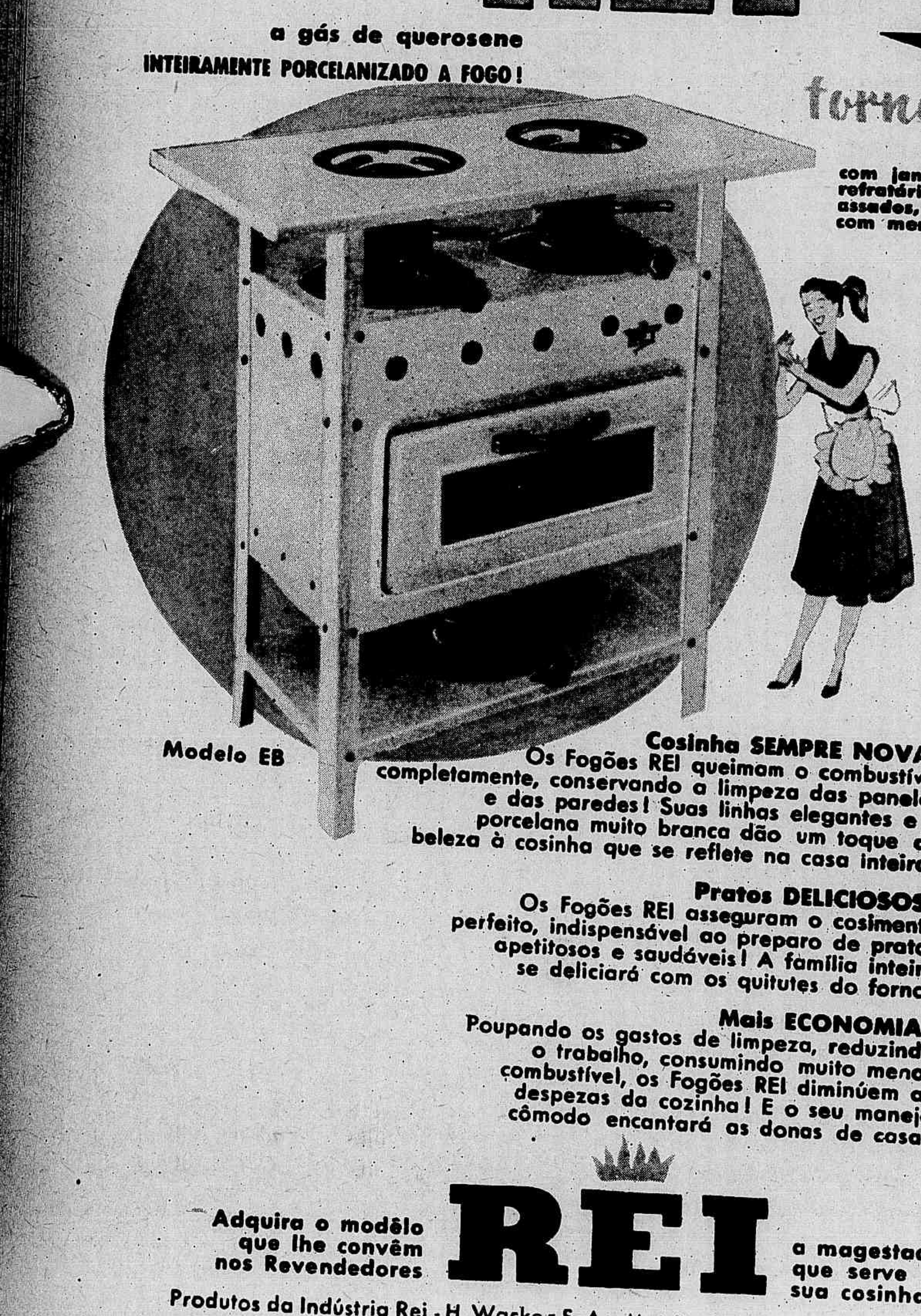
FOGÃO REI DE LUXO

a gás de querosene

INTEIRAMENTE PORCELANIZADO A FOGO!

forno REI

com janela de vidro refratário! Gostosos assados, pudins, bolos... com menos trabalho!



Modelo EB

Cosinha SEMPRE NOVA!
Os Fogões REI queimam o combustível completamente, conservando a limpeza das panelas e das paredes! Suas linhas elegantes e a porcelana muito branca dão um toque de beleza à cosinha que se reflete na casa inteira!



Pratos DELICIOSOS!
Os Fogões REI asseguram o cosimento perfeito, indispensável ao preparo de pratos apetitosos e saudáveis! A família inteira se deliciará com os quitutes do forno!



Mais ECONOMIA!
Poupando os gastos de limpeza, reduzindo o trabalho, consumindo muito menos combustível, os Fogões REI diminúem as despezas da cozinha! E o seu manejo cômodo encantará as donas de casa!



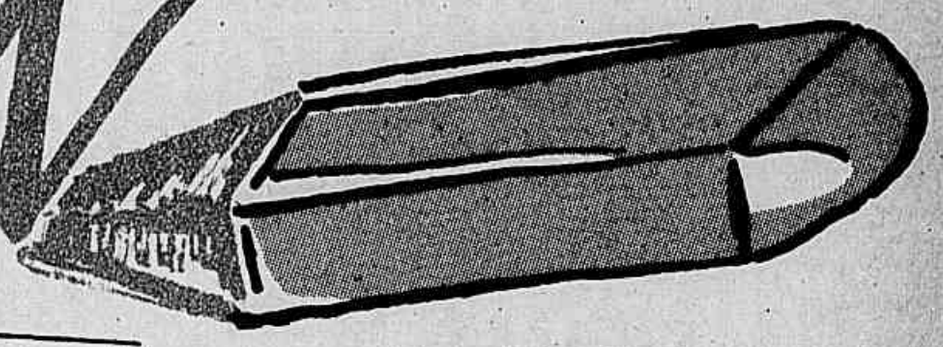
Adquira o modêlo que lhe convêm nos Revendedores

REI

a magestade que serve na sua cosinha!

Produtos da Indústria Rei - H. Wacker S. A. - Matriz : Rua das Marrecas 5 - Rio

O BATON



Conclusão do número anterior

Por MARY ROBERTS RINEHART

— Suponho que a senhora queira dizer... que **isto caiu, com ela...?**

— Quero dizer que jamais Elinor se mataria! Então o senhor acha que uma mulher possa pensar em passar **baton** nos lábios... antes de fazer o que estão querendo crer que tenha feito?

Êle sorriu, com esfôrço evidente, que não conseguiu esconder a surprêsa e o desagrado.

— Se soubesse da natureza humana tudo o que sei; tudo o que aprendi a conhecer, dia a dia, hora a hora nada disso lhe causaria surprêsa!

— Então, Elinor Hammond se atirara da janela do seu consultório, com um **baton** para os lábios na mão, o senhor mesmo vai espionar a residência de Hammond, como fêz ontem à noite, e trata de se retirar... quase direi **fugir**, quando eu apareço... e quer que nada disso me surpreenda?

Êle pareceu perturbado. Não me reconhecera até então.

— Ah! Então foi você a pessoa com quem cruzei, no jardim? Bem... Creio que posso confiar em você. E, se quer saber, receava pela sorte de mr. Hammond. Não gostara da atitude dêle, no tribunal, da sua maneira de olhar e temia que acabasse metendo uma bala na cabeça!

— De qualquer maneira, você não poderia impedir êsse ato de desespêro, ali mesmo, do jardim...

Êle pareceu achar graça nas minhas palavras e depois explicou:

— A irmã dêle, Margaret, telefonara pedindo minha visita, pois estava preocupada com mr. Hammond.

— Por mim não confio no que diz Margaret. Ela detestava Elinor!

Levantei, calçando as luvas, enquanto êle me observava em silêncio. Repentinamente falou, em voz surda:

— Por que não deixa tudo ficar como está? Ela está morta e não podemos trazê-la à vida...

— Tenho a certeza de que não foi suicídio! — insisti, uma última vez, antes de sair.

Na sala-de-espera fiquei surpreendida ao ver Margaret. Estava curvada sôbre a janela da qual Elinor havia saltado. Cheguei a pensar que também pretendia atirar-se. Gritei o seu nome, nervosamente e ela se voltou, muito pálida:

— Oh! É você, Luísa? Confesso que me assustei...

Sentou-se e cruzou as pernas, sem me perder de vista. Depois disse:

RESUMO DO NÚMERO ANTERIOR — Elinor cai ou é atirada da sala-de-espera do consultório do dr. Barclay, psiquiatra. A sua tia, que não suportava seus modos um tanto livres, desconfiou que "havia romance entre ela e o médico". O marido, o jovem viúvo Hammond, ficou acabrunhado, pois sempre fôra escravo das vontades de Elinor, que tinha inimigas e rivais na alta-roda. Também a enfermeira do dr. Barclay não lhe dedicava grande estima. O inquérito conclui pelo "suicídio por causa ignorada". Porém, sua prima não aceita êsse veredito, porque encontrou, na rua, junto do corpo, o "baton" para lábios, que Elinor usava no momento de cair, pois que sua bôlsa, fechada, ficara na sala-de-espera. Considerava que ninguém se lembraria de pintar os lábios, antes de atirar-se de um 12.º andar! Vai visitar o médico, a fim de interrogá-lo sôbre êsse detalhe.

— Elinor deve ter escorregado, Luísa. Não é difícil. Você mesma pode experimentar...

Porém eu recusei. Não tinha o menor desejo de aproximar-me da janela, principalmente estando Margaret às minhas costas. Ela explicou que ali fôra pagar uma conta que Elinor ficara devendo ao médico. De qualquer maneira, minhas pernas tremiam, quando cheguei em baixo, na calçada. Tardei um pouco, acionando o motor do automóvel, esperando vê-la sair e de fato Margaret não tardou a reaparecer. Imediatamente olhou para o alto do edifício e, depois, foi observar o meio-fio e a grade do esgôto, o que me fêz compreender que também ela notara a falta do **baton** e a sua significação. Margaret, porém, não me viu e chamou um táxi que passava. Não sei por quê, decidi segui-la. O veículo de aluguer tomou a direção do bairro residencial da cidade. Numa ruazinha estreita e sossegada, deteve-se e Margaret saltou. Ainda sem notar a proximidade do meu automóvel, olhou algum tempo para uma casa de portas estreitas, após o que aproximou-se e tocou a campainha. Permaneceu no seu interior cêrca de quinze minutos e eu já me impacientava censurando minha estupidez, quase convencida de que essa visita de Margaret nada tinha com o caso Elinor, quando ela reapareceu... e eu me recostei no fundo do veículo, literalmente estupefata. A mulher que reconduzira Margaret até à porta da casa era mrs. Thomson, a encarregada da limpeza do consultório.

Tão logo Margaret passou por mim, sem me ver, saltei do automóvel e caminhei na direção da outra, que se deixara ficar na porta, a olhar noutra direção. Só deu por mim, quando parei à sua frente:

— Se está vendendo alguma coisa, não estou necessitada — começou a dizer.

— Não sou vendedora — expliquei. — Desejo apenas falar com a senhora...

— A respeito...? — perguntou, revelando a suspeita que lhe assaltava o espírito.

— De um crime. Há muitos detalhes que estão ainda duvidosos e sei que você deixou de contar alguma coisa, no inquérito. Rerifo-me à morte de mrs. Hammond...

— Não foi um crime — disse ela. — O "coroner"...

— Sei tudo isto. Não obstante, acho que foi um homicídio. Em caso contrário, que estaria miss Hammond fazendo aqui?

Mrs. Thompson ficou nervosa, mas logo recobrou a calma.

— É a primeira vez que a vejo — disse ela. — Veio agradecer por meu depoimento...

— E pagar por isso, suponho.

— Ninguém veio pagar-me nada! — ela, enfurecida. — E agora será melhor que dê o fora! Se pensa que pode me subornar para que minta, está completamente enganada! Boa-tarde!

Entrou e bateu a porta. Voltei para a casa, inteiramente desorientada. Teria ela falado? Teria escondido algo no inquérito? O médico, pelo menos êle, sabia mais do que havia dito!

Naquele dia, cheguei atrasada para o almôço, e encontrei minha mãe indignada.

— Não compreendo... Você nada tem que fazer e sempre chega atrasada para as refeições!

— Tinha muito o que fazer, mamãe. Estava ajudando a desvendar o mistério que envolve o assassinato de Elinor.

— Assassinato? — repetiu ela, levando a mão à garganta. — Quem seria capaz de tal ato?

— Margaret!

— Uma mulher na situação de Margaret, não comete crimes! — disse mamãe, dogmàticamente. — Francamente, Luísa! Não sei o que aconteceu com você. Esta mania de suspeitar de amigos...

— Ela não é minha amiga. Elinor, sim, era minha amiga!

— E quer provocar escândalo? Assassinato! Era só o que faltava! Se continuar assim, com essas idéias absurdas, Luísa,, acabará aparecendo em todos os jornais. E eu não quero que isto aconteça!

Depois dessa ameaça, ela saiu e eu fiquei pensando no que o dr. Barclay e mrs. Thompson sabiam; mais tarde fui falar com a cabeleireira de Elinor.

A moça que me atendeu disse algo que eu desconhecia.

"Aqui estava eu, esperando por mrs. Hammond! Andava sempre bem arrumada! Naturalmente que ela não veio e..."

— Quer dizer que você a esperava **no dia em que ela morreu?**

— Isto mesmo — disse ela. — Mrs. Hammond tinha marcado para as quatro horas. E quando, a caminho de casa, vim a saber da história, quase enlouqueci. Era tão alegre e comunicativa! Entretanto, nas últimas semanas estava um tanto mudada: mas...

— Há quanto tempo você vinha notando essa mudança? — perguntei.

— Penso que desde a Páscoa. Lembro-me de que eu gostava muito de um chapéu novo que ela usava e que acabou presenteando a mim. E na ocasião disse uma coisa engraçada; disse que **chapéus novos eram perigosos!**

Devo ter saído com melhor aparência do salão de beleza, entretanto, meu espírito se achava conturbado. Por que eram perigosos os chapéus novos? E por que Elinor mudara **desde a Páscoa?**

Naquela noite, Fred jantou conosco. Logo ao chegar, sentou-se à mesa e ficou a apertar a comida com o garfo. Margaret não pôde acompanhá-lo; estava com dor de cabeça, segundo explicou, acrescentando que ela se encontrava acamada e que passava a maior parte do tempo falando a respeito de Elinor. Era uma coisa triste, certamente. E até mamãe parecia muito infeliz.

— Quero que você coma alguma coisa, Fred — disse ela. — Tente esquecer tudo! Você foi um bom marido. Pode ter a certeza!

Então pergunte a Fred se havia sucedido alguma coisa a Elinor desde a Páscoa. Êle fitou-me por algum tempo, depois disse!

— Não me recordo, Luísa. Exceto que ela começou a procurar o tal psiquiatra, mais ou menos nessa época.

— E por que ela o procurou, Fred? — interrogou mamãe. — Nunca notei nada de extraordinário em Elinor!

— Ora... — disse êle, em tom displicente. — Êle tem boa aparência. Talvez ela apenas gostasse de olhar para êle. Naturalmente com o fim de variar...

Logo depois, Fred se retirou e concluí que êle estava ressentido com o médico por causa das visitas que Elinor lhe fizera. E indaguei a mim mesma se aquilo não seria uma tentativa de erigir uma defesa contra a suspeita que o martirizava. Talvez êle, agora, a imaginasse menos perfeita para suportar melhar a sua morte!

Tive um sono perturbado aquela noite e levantei-me atrasada para o café, na manhã seguinte. Quando mamãe terminou a leitura do jornal, comecei a folheá-lo. Ao chegar à última página, encontrei uma coluna que relatava a tentativa de assassinato de mrs. Thompson, fato ocorrido na noite anterior.



Há muitos detalhes que você deixou de contar no inquérito...

Li a notícia duas vêzes. Ela não havia morrido, porém seu estado era desesperador. Segundo as declarações prestadas à polícia pela família, ela encontrava-se na janela quando foi alvejada. **Mas ninguém ouvira o tiro!** O marido, ao voltar de uma reunião, na cidade, deparou-se com a espôsa ferida. Dizia ainda que ela estava inconsciente e que o hospital não permitia que ninguém a entrevistasse.

Então compreendi que **ela sabia alguma coisa, que a tornava perigosa**! E lembrei-me de Margaret, entrando na casa da rua Carlos; parecia vê-la, procurando o **baton** de Elinor, na rua. A mesma Margaret, que detestava Elinor e que, agora, estava de posse de Fred, do retrato do velho Joe Hammond, dos lençóis de sêda de Elinor... e, repentinamente, lembrei-me do revólver automático de Fred, que se encontrava guardado na gaveta da escrivaninha... E, pensando no revólver, finalmente, decidi-me. Caminhei diretamente para a delegacia do distrito e disse ao homem que estava sentado por trás de uma enorme escrivaninha que desejava ver o comissário de dia.

— Êle está ocupado — respondeu-me o homem com indiferença.

— Muito bem. Se está muito ocupado para tratar de um assassinato, irei então à chefia da polícia.

— Que... Quem foi assassinado?

— Direi sòmente a êle.

Um oficial ia passando e o homem o chamou.

— Esta moça descobriu um crime — disse êle. — Quer falar com o capitão. Mas só com êle!

Realmente, o capitão não tinha muita ocupação, mas também não mostrou interêsse. Quando revelei que se tratava do caso de Elinor Hammond, êle interrompeu, dizendo que o caso já estava encerrado e que, além do mais não era da jurisdição do seu distrito. Como não era a autoridade competente e como julgava que eu ou estava desequilibrada ou apenas procurando publicidade, resolvi desistir.

Ao me ver sair, o homem da portaria riu para mim, com um olhar estúpido.

— Podemos ver o cadáver? — perguntou.

Passei o resto da tarde tentando decidir o que fazer. Ao chegar em casa, encontrei mamãe no "hall"..

— Está um policial aqui à sua espera — disse ela. — Que fêz você, Luísa?

— Nada. Deve ser a respeito de Elinor. Quero falar com êsse homem **a sós**, mamãe.

— Acho que você está louca — disse ela, furiosa. — Bem sabe que Elinor levava vida tumultuosa e que praticou o suicídio. Ela era cheia de coisas...

Acompanhou-me até à sala-de-visita, e antes de que eu pudesse falar ao detetive, adiantou-se e disse que de certo tempo para cá eu me estava comportando de maneira muito estranha e que iria pôr-me na cama e chamar um médico.

— Permita que ela própria se explique — pediu o policial, meio risonho. — E então, miss Baring? Que sabe a respeito do assassinato?

Então falei acêrca de Elinor e do **baton**; disse-lhe que ela marcara hora no salão de beleza e que lá deveria estar um pouco antes de morrer; finalmente, demonstrei minha convicção de que mrs. Thompson conhecia **alguma coisa** que poderia ser importante para a solução do problema.

— Pelo que ouvi, não acredita que mrs. Hammond tenha praticado o suicídio?

— E o senhor? Acredita?

— Talvez... E quem é o assassino?

— Penso que é a cunhada dela!

Mamãe quase teve uma síncope, ao ouvir o que eu dizia. Levantou-se afirmando que eu estava adoentada e não sabia o que dizia... Porém o detetive não lhe deu atenção.

— Fale-me a respeito dessa cunhada — sugeriu.

— Encontrei-a no consultório do doutor Barclay, ontem — declarei. — Ela insistia em dizer que Elinor, sem dúvida alguma, havia caído da janela. Talvez isto pareça sem importância, porém ela também conhecia o detalhe do baton, **pois o andou procurando na rua**. E acho que estêve no consultório, no dia em que Elinor morreu. Mrs. Thompson sabia de tudo e, na minha opinião, foi Margaret Hammond quem tentou matar esta testemunha!

— Matá-la? — perguntou o detetive surpreendido. — Refere-se àquela mulher da rua Carlos? — fitou-me com firmeza e prosseguiu: — Por que você pensa que foi miss Hammond quem praticou êsse atentado?

— Porque ontem, pela manhã, ela foi procurar mrs. Thompson em sua casa. Eu a segui, até lá! Novamente mamãe se enfureceu. Ela não podia compreender o meu comportamento. Mas alegou que Margaret havia estado acamada na noite passada, com dor de cabeça. Seria fácil verificar isto! Os empregados.

O detetive demorou mais algum tempo. Depois se levantou, dizendo:

— Quero que aceite um conselho, miss Baring — disse êle. — Não se meta mais no assunto; deixe isto conosco!

Naquela tarde, foi minha mãe quem ficou de cama, enquanto eu aguardava, ao pé do telefone. E quando, finalmente, o detetive chamou, as notícias deixaram-me exatamente como eu me encontrava antes. Mrs. Thompson havia recuperado a consciência e feito declarações. Ela não sabia por quem nem porque havia sido alvejada, mas insistia em que a visita de Margaret fôra uma visita de agradecimento por seu depoimento no inquérito. E que não recebera dinheiro ou outra recompensa!

Entretanto, havia mais coisas. Parecia que mrs. Thompson, desde o inquérito, se encontrava muito preocupada e que tinha telefonado a Margaret... A verdade é que alguém entrou no consultório do médico, enquanto ela estava no "hall".

— Mas tudo muito natural — explicou o detetive. — Tinha sido uma pessoa a quem nunca prestamos atenção: **o carteiro**!

— O carteiro? — murmurei.

— Exatamente. Falei com êle. Viu miss Hammond no consultório, e recorda-se dela muito bem. Diz que ela estava sem chapéu e lia uma revista.

— Mas, êle viu mrs. Thompson?

— Não; mas foi vista pela mesma!

— Então foi êle quem atirou contra ela!

— Na noite de ontem — explicou o detetive — êle estava com a família num cinema. E lembre-se disto, miss Baring: o tiro pode ter sido acidental. Atualmente, muita gente anda armada...

Tudo, então, estava tomando um aspecto quase engraçado! — Elinor havia, de fato, praticado o suicídio e mrs. Thompson havia sido atingida por alguém que praticara tiro ao alvo, no meio da rua! Sòmente eu não acreditava nessas coisas simples! E acreditei muito menos, depois de uma ligeira visita que me fêz o dr. Barclay.

— Sinto muito ter de importuná-la — disse êle. — Não quero tomar o seu tempo...

— Mas... não é uma visita profissional? — perguntei.

— Certamente que não. Por que havia de ser? — perguntou, surpreendido.

— Porque mamãe está pensando que começo a enlouquecer — respondi sêcamente. — Afinal, Elinor Hammond morreu... deixemo-la em paz! E mrs. Thompson recebeu uma bala? Mas, por que se preocupar? Cuidado com os jornais: lembre-se do nome de família! Nada de escândalos, por favor!" É o que vive a repetir para mim!

— Você está um pouco perturbada, não é mesmo! É melhor ir deitar um pouco. Mais tarde conversarei com você. Combinado?

— Isto é muito simples e interessante — respondi, àsperamente. — Enquanto isso alguém foge ao crime que cometeu. Talvez sejam dois, os criminosos! E todos procuram impedir que eu continue a pesquisar. Até mesmo a polícia!



Êle tem boa aparência. Talvez ela apenas gostasse de olhar para êle... para variar. Apenas isso, e nada mais.

Senti que minhas palavras o abalaram profundamente.

— Você procurou a polícia?

— E por que não? Acha que a polícia não deveria saber? Só porque não quer que ela saiba que **Elinor foi empurrada da janela de seu consultório**...

O dr. Barclay comprimiu os lábios, mas controlou-se.

— Você se mete em coisas que não compreende... Por que não desiste dêsse assunto?

— Porque não havia **assunto**... até que inventei êste! — repliquei furiosa. — Por que todo mundo diz a mesma coisa? Como posso saber se não foi o senhor quem a empurrou? Ou o carteiro? Mas êste se encontrava no cinema, com a família...

— O carteiro? — repetiu êle, fitando-me. — Não entendo... O carteiro?

Suponho que foi o seu espanto que me fêz rir. Ria e chorava também, sem poder parar. De repente, e sem aviso, êle bateu-me na face e puxou minha cabeça para trás.

— É melhor que vá deitar; mandarei um calmante da farmácia.

— Não tomarei nada que o senhor me enviar!

Êle não prestou atenção.

— Acredite ou não — disse êle — mas não vim aqui para discutir com você! Vim pedir apenas que não saia à noite, sòzinha, até que lhe diga que não mais há perigo! Entendido?

— Não seja ridículo! — gritei. — Por que não devo sair à noite?

— Porque pode ser desastroso — disse êle, sumàriamente. — Principalmente, desejo que você evite a casa dos Hammond...

Saiu e bateu a porta. Eu ainda estava enfurecida, quando o telefone tocou. Era Margaret!

— Acho que devemos agradecer a você a visita que tivemos, da polícia, aqui em casa, esta noite! — disse ela, com voz amarga. — Por que não nos deixa tranqüilos? Estamos bastante perturbados para suportarmos mais isto!

— Muito bem — disse eu, com indiferença. — Agora quero fazer uma pergunta. Por que você visitou mrs. Thompson, ontem pela manhã? E quem tentou matar essa infeliz à noite?

Ela deixou escapar um grito escandalizado e desligou.

Estávamos a sós, eu e Annie, quando Fred chegou.

— Posso entrar? — perguntou, delicadamente. — Passava quando vi luz...

Notei que Fred tinha melhor aparência. Foi logo dizendo que Margaret se encontrava acamada e que a casa estava só.

Quando se despediu, fui acompanhá-lo até à porta. Dirigiu-se para casa, enquanto eu fiquei a observá-lo. Então, no momento em que me voltava para entrar em casa, alguma coisa bateu contra a minha cabeça. Não ouvi o estampido. Mas logo tudo se fêz escuro e senti um desfalecimento. Lembro-me apenas de que, quando acordei, estava deitada em minha cama com uma atadura em redor da cabeça.

— Esta idéia de sair quando o senhor tinha recomendado prudência! — dizia mamãe.

— Fiz o que pude — retrucou uma voz masculina. — Mas esta sua filha é muito teimosa!

Era o dr. Barclay. Êle estava ao lado da cama no momento em que abri os olhos. E lembro-me de haver dito: — "Mas você me bateu..."

— Devia ter batido mais — afirmou êle. — Agora, veja onde você se encontra!

Então, pude vê-lo melhor. Um dos seus olhos estava quase fechado, o colarinho em desordem. Fitei-o, atentamente.

— Que aconteceu? — perguntei. — Parece que andou brigando.

— Mais ou menos...

— E... que houve com a minha cabeça?

— Foi o resultado de sua desobediência!

Então comecei a lembrar o que ocorreu; o momento em que qualquer coisa bateu em minha cabeça, fazendo-me cair, veio, repentinamente, à memória.

— Uma bala passou, raspando, por sua cabeça — disse êle, tomando-me o pulso. — E fui forçado a cortar um pouco dos seus cabelos. Mas não se incomode com isso; logo êles crescerão de novo e mais bonitos ainda! E agradeça a Deus por haver escapado!

— Quem fêz isso? Quem atirou contra mim?

— O "carteiro", naturalmente! — disse êle. E, não querendo prolongar a palestra, retirou-se do quarto.

Depois disso, dormi. Ao despertar, porém, vi que o dr. Barclay vinha entrando no quarto, com o seu ôlho direito completamente fechado. Foi logo dizendo que eu estava com uma horrível aparência.

— Bem se vê que o senhor não se olhou no espelho! — disse eu, em revide.

— Oh, isto? — disse êle, tocando com a mão o ôlho inchado. — Sua mãe pôs uma faca molhada na manteiga em cima do lugar da pancada.

Depois pediu-me que desculpasse a sua má aparência, porque havia passado tôda a noite ocupado com os interrogatórios da polícia.

— Dr. Barclay, juro que não sairá dêste quarto enquanto não me contar tudo o que houve e o que sabe sôbre o meu caso — declarei imperiosamente.

— Está bem. Vou obedecer, embora você não tenha feito o mesmo. Por onde começo?

— Com o carteiro!

Êle principiou a narração. Durante a primavera, Elinor tinha ido procurá-lo, contando uma história muito estranha. Dizia que estava sendo seguida e que por isso se achava num estado de grande tensão nervosa. E, na realidade, ela estava amedrontada. Parecia que o seu perseguidor usava um uniforme de carteiro. Em qualquer lugar onde ela estivesse, o homem aparecia, rondando, mas sempre a uma cautelosa distância. Tudo isso me pareceu fantasia, porém ela jurava que não.

Nesse instante, tive um lampejo de inteligência.

— Agora que tudo está acabado, pára de ser detetive e cuida de fazer o cabelo crescer, dêste lado...

— Quer dizer que... era o homem que mrs. Thompson viu entrando no seu consultório?

— Ela já o identificou! O verdadeiro carteiro havia estado lá, mais cedo, e viu mrs. Hammond lendo a revista. Porém, retirou-se antes de mrs. Thompson chegar. **Aquêle que ela viu foi o que matou Elinor!**

E, antes de que êle pronunciasse o nome, eu já havia compreendido tôda a trama.

— Foi Fred, hein?

— Foi Fred Hammond, sim!

Aproximou-se e segurou minha mão.

— Há muito tempo que eu estava preocupado — explicou. — Tentei convencer Elinor, dizendo-lhe que devia viajar; porém, ela não quis aceitar o conselho. Num baile, vi que ela estava com um "A"



escarlate pregado no vestido; então imaginei que aquilo era o fim.

— O senhor não sabe o que está dizendo — gritei, nervosamente. — Êle a adorava!

— Mas tinha verdadeira obcessão pela espôsa! Êle a amava, sim, não há dúvida! Porém tinha mêdo de perdê-la. E, acima de tudo, era ciumento!

— Mas, se a amava realmente...

— A linha que separa o amor do ódio é coisa muito tênue. E é possível que êle a tenha destruído por mêdo de que acabasse pertencendo a qualquer outro.

— E por isso matou-a!

— Matou-a, sim — disse o dr. Barclay, falando vagarosamente. — Êle sabia que ninguém prestaria atenção ao carteiro; assim, estêve em meu consultório e...

— Mas êle devia estar louco! — disse eu.

— Não podem pensar em mandá-lo para a cadeira elétrica...

— Ninguém quer condenar Fred à cadeira elétrica — disse o médico, que, depois de hesitar um instante, prosseguiu. — Eu cheguei atrasado, na noite passada. Mas pude surpreendê-lo exatamente no momento em que disparava a arma contra você. Atraquei-me com êle e lutamos desesperadamente. Depois de fazer isto no meu ôlho, conseguiu fugir, mas, pouco adiante, desesperado, disparou um tiro no próprio peito.

Barclay continuou a narração com tôda a calma. Não havia mais dúvida quanto à culpabilidade de Fred. Mrs. Thompson identificara sua fotografia como sendo a do carteiro que vira entrar no consultório. E a bala com que fôra atingida era do revólver de Fred. Quanto à pobre Margaret há muito vinha suspeitando de que o irmão estava doente.

— Ela foi visitar-me ontem, depois de saber que mrs. Thompson havia sido baleada. Queria que o irmão fôsse internado num hospital; mas ficou furiosa quando falei em polícia. Por outro lado, pensei que o caso estava encerrado. Com mrs. Thompson agonizante e o desaparecimento do uniforme...

— Desaparecimento do uniforme? Como? — perguntei.

Êle o queimou, na lareira. Na noite passada, encontramos alguns botões...

— E por que êle tentou matar mrs. Thompson? — perguntei. — Ela sabia de alguma coisa?

— Justamente porque ela se lembrava de haver visto um carteiro entrar e sair do meu consultório. — Margaret encontrou o uniforme, no sótão! Ela sabia, portanto. Mas não ousou interrogar Fred. Fechou-se em seu quarto e tentou pensar no que deveria fazer. Foi falar com mrs. Thompson porque julgava que esta sabia que ela havia encontrado o uniforme. Mas a pobre senhora nada sabia. A verdade é que agora está provado que naquela noite êle saiu de automóvel com o fim exclusivo de eliminar a única testemunha que podia comprometê-lo, exceto você mesma, naturalmente.

— Eu?

— Isso mesmo! — disse o médico, com ar zangado. — Você deve estar lembrada de que a avisei, tentando evitar que saísse de casa!

— Mas por que me atacaria? Êle sempre gostou de mim. Por que tenraria assassinar-me?

— Porque você teimava em esclarecer o assunto. Porque você constituía uma constante ameaça, insistindo o tempo todo na afirmação de que Elinor havia sido assassinada! E, também, porque você telefonou para Margaret perguntando o motivo de sua visita a mrs. Thompson e quem havia tentado contra a vida dela!

— Acha que estava ouvindo a nossa conversa?

— Sim. Nos últimos dias êle ouvia tudo. Temia a indiscrição da irmã. Entretanto, ela daria a vida para protegê-lo, e êle sabia disso! Mas, aqui estava você, uma inocente com uma bomba de dinamite nas mãos. Foi quando Margaret pediu-me que viesse avisá-la do perigo que corria...

— Sinto muito; não passo de uma louca e cega!

— A culpa foi da sua obstinação. Não obstante, gosto de mulheres teimosas assim como você!

Mas, na situação em que eu estava, na noite anterior, era mesmo impossível obedecer ao dr. Barclay. Então, êle resolvera ficar vigiando a casa dos Hammond, durante tôda a noite e, quando Fred entrou

pela porta da cozinha de nossa casa, êle se encontrava do lado de fora. Fred parecia estar calmo, tomando o café que lhe ofereci. Então saí para a rua com êle. A princípio seguiu rumo a sua casa e perdeu-se de vista. Mas logo retornou, colocando-se à minha espera por trás de um renque florido, e já com o revólver na mão; mal acabou de disparar a arma, o dr. Barclay o agarrou.

— É tudo Luísa; não procure pensar nessas coisas.

Levantou-se, com decisão, dizendo:

— Chame alguém para tratar de sua cabeça...

— E... por que não você mesmo? — perguntei, tìmidamente.

— A minha especialidade não é esta.

Ergui os olhos para êle. Estava com a barba crescida e com o ôlho cada vez mais arroxeado. Mas tinha um aspecto forte e sadio. Depois de observar-me por algum tempo, baixou a cabeça, ràpidamente, e, para a maior surprêsa minha, beijou-me no rosto.

— Agora que tudo está acabado — disse êle — desista de ser detetive e trate de fazer o cabelo crescer neste lado da cabeça.

E, quando desviei a vista para seguir-lhe os passos até à porta, vi mamãe, no corredor, sorrindo maliciosamente.

★



— É para você!

O AVISO

(Continuação da página 48)

missão noturna na Coréia. Não devemos esquecer que os aviões voavam em áreas separadas; contudo, seis tripulantes, de ambos os aparelhos, testemunharam a presença de um objeto que voava paralelo a êles, emitindo chamas azuis.

— Mas êsses objetos foram descritos como sendo de pequenas dimensões!

— É muito difícil calcular o tamanho de uma coisa que se desloca no ar, e ainda mais à noite! — disse o general. — Mesmo supondo que êles sejam pequenos, temos que aceitar a possibilidade da existência de outros de maior tamanho!

— Observei — disse Courtney, sêcamente — que quase nada dissemos em nossas declarações à imprensa. Na realidade, declaramos apenas que foram vistos, e nada mais.

O general fuzilou-o com um olhar.

— Que diabo mais poderíamos acrescentar?

— Um momento, Bob — falou o secretário. — Coronel, diga-me a que hora do dia êsse pára-quedista caiu em Kodiak?

— Esta mesma pergunta fiz eu à turma de salvação, senhor. Êles não souberam o que responder. Os nativos, por sua vez, não ligam muito para o tempo. Mas, tenho certeza de que a descida teve lugar em plena luz do dia, porquanto dois dêles asistiram.

— Em outras palavras: se esta história é verdadeira, êle fêz um percurso de três mil milhas em cêrca de três horas — ou talvez em menos tempo!

Courtney concordou.

— Provàvelmente, em menos ainda; de outro modo êle se teria sufocado ou congelado.

O secretário se ergueu, caminhou até o outro lado da sala e olhou o mapa, por algum tempo. Depois voltou, vagarosamente.

— Acho que o fundamental, nestas ocasiões, é evitar o excitamento. Isto pode dificultar a clara reflexão. Deixemos que a imaginação conceba até o impossível. Imaginemos que tudo isso não passa de algum mecanismo perdido nos céus; qualquer coisa que pode voar a velocidade supersônica... e que é capaz de criar seu

próprio campo magnético; êste representado por uma enorme faixa radiotransmitida, tem o poder de destruir os aviões que dêle se aproximam mediante o emprêgo de uma onda sonora concentrada ou outro método qualquer. Agora, pergunta-se: **Quem criou êsses objetos? E de onde vêm?**

Os outros dois olharam para o chão, primeiro, depois para o teto, mas nada disseram.

— Se a história de Suvurov é verdadeira — continuou o secretário — não podemos suspeitar dos russos. Deve ter sido mesmo uma grande surprêsa para o Comando de Vladvostok!

— A surprêsa deve ter sido maior ainda no Kremlin! — disse o general. — Seis novos caças a jato às voltas com um objeto estranho! Um só retorna! Santo Deus! Êles devem ter ficado como loucos!

— E desde que não saibam quem seja o responsável — disse àsperamente o secretário — **certamente vão jogar a culpa para cima de nós!**

— Quem mais seria capaz de lançar uma arma secreta sôbre a Sibéria? Em último caso, poder-se-ia suspeitar do Japão...

— Mas êles teriam protestado imediatamente — objetou o general. — E, depois, fariam o maior barulho do mundo contra nós, na O.N.U.!

— Não; não os russos, general! — falou Courtney. — Êles acham que nós só lhes falamos na única linguagem que podem entender: **a fôrça!**

— Mas êles nada fizeram... Nem mesmo reagiram!

— Sei que estão ainda em dificuldades — disse o secretário. — Depois de tudo, foram forçados a levar o pilôto de volta para Moscou. Tiveram que interrogá-lo e, naturalmente, preocuparam-se também com essa história fantástica...

Neste instante o telefone interno, sôbre a escrivaninha, chamou. Êle o apanhou.

— Sim? É para você — disse, dirigindo-se ao general.

Êste tomou o fone, ouviu o que lhe diziam e desligou vagarosamente.

— Mensagem da base 42 — disse êle, com voz alterada. — Suvurov morreu. **Pneumonia!**

Courtney se ergueu dirigindo-se para a janela.

— Isto foi muito mau! — disse êle; pigarreou, consertando a garganta e prosseguiu: — Eu gostava dêle. Pobre diabo! Era um bravo.

O silêncio reinou na sala. O general conservava os olhos voltados para o secretário, enquanto Courtney continuava olhando para fora, através da janela. De repente, o telefone tocou de novo.

O secretário atendeu.

— Sim? — repetiu êle. — Como? (Sua expressão se transformou.) Não! Tem certeza?

A seguir, a confusão de frases entrecortadas e interrogações continuou por mais algum tempo, depois cessou. O secretário pousou o fone e falou, com voz rouca.

— Era o secretário da Defesa, cavalheiros! Acaba de conferenciar na Casa Branca. O embaixador russo estêve presente, e tão excitado que a muito custo pôde falar. E, segundo parece, pediu ligação para Moscou. Houve uma completa mudança na política do Kremlin. Êles estão retirando a Cortina de Ferro! Será que isto significa, realmente, o comêço da paz?

Os três homens trocaram longos olhares entre si. Durante um minuto nenhum dêles falou. Depois, Courtney ergueu o braço e apontou para fora da janela.

— Olhem! — murmurou êle.

Os outros acorreram. Um ponto luminoso, rubro e estático, permanecia um pouco acima da linha do horizonte. A mais de cinqüenta milhões de milhas de distância, brilhava o grande planêta.

O general molhou os lábios.

— Aquêle é... Aquêle é Marte, não é?

Courtney concordou.

— O Deus da Guerra!

Novamente o silêncio reinou entre aquêles homens. Então o secretário falou, como se estivesse expressando o pensamento de tôda a humanidade.

— Talvez êles nos estejam enviando um aviso — um aviso, para que não continuemos com essas guerras-suicidas, antes que seja tarde demais — disse, com voz trêmula. — É provável que nos estejam mandando simplesmente um mensageiro da paz!

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: — nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indício, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lane — anunciou a sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a guardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela reprêsa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança, descobre que George conhece-o detalhadamente. Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da reprêsa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura. Com êle discute a situação do seu constituinte, procurando convencer ao policial que Felix é inocente e decidem examinar a casa dos Rattery. Ali pouco mais descobrem além do que já havia conseguido a polícia local. Lena, interrogada, parece inocente de tudo, até ao instante em que lhe é revelado que a polícia sabe ter estado ela ao lado de George, quando êste atropelou um menino, matando-o e fugindo. Nigel, que conhece a situação de Phil, na casa, pede licença para levá-lo para sua companhia e da sua espôsa, no hotel, pretextando ser necessário afastar o menino da casa, antes do entêrro do pai. Lena concorda e também Violeta, agora sentindo-se amparada pela irmã e disposta a lutar contra a sogra, que protesta violentamente, sendo, porém, obrigada a calar por Lena, que a insulta pesadamente.

George e Nigel notam que Felix se esquiva de Lena Lawson, como se temesse estar a sós com ela. O inspetor e Nigel, em vista do laudo pericial que confirma o envenenamento e sabedores, pela leitura do Diário, que havia veneno para ratos na garage, vão a mesma, a fim de falar com Carfax.

Êste revela que conhecia o interêsse de Rattery por sua espôsa, mas que não o matou. Se quisesse vingar-se ou apenas afastar o intruso, simplesmente o expulsaria da sociedade, onde não tinha tostão. A êsse tempo queixando-se do abandono em que Felix a deixára, Lena confessa a George que o amava tanto que, desconfiada de ter sido êle o assassino de Rattery apanhára a garrafa do remédio e a entregara a Phil, recomendando ao menino que a escondesse. Mais tarde, informado pela espôsa Nigel interroga o menino, que, sabendo que o desaparecimento da garrafa prejudicava a defesa de Feliz, logo se prontifica a indicar onde a mesma se encontrava. Mas ao apanhá-la, sôbre o telhado, deixa-a cair ao solo, onde se espatifa.

— Bem... O mal já está feito. Não adianta discutirmos... Resta-me apenas ir apanhar os cacos. A propósito... A garrafa estava vazia?

— Não. Estava cheia quase até à metade.

— Santo Deus! E há cães ou gatos, soltos, no jardim?

Sem esperar resposta, Nigel já se atirava novamente para a escada, quando uma exclamação queixosa de Phil o deteve: Os nós da corda se haviam de tal forma apertado em redor de sua cintura, que êle não conseguia soltar-se. Nigel perdeu mais de um precioso minuto, restituindo-o à liberdade. A impaciência e o mêdo lhe davam, porém, asas — o pensamento de que a garrafa de líquido envenenado se espalhara pelo quintal não era justamente reconfortante. Mas um espetáculo tranqüilizador se ofereceu a êle, logo que desceu e chegou à quina da casa. Blount, de joelhos, o chapéu bem pôsto na cabeça, calcava o lenço sôbre a grama. E já tivera tempo, conforme Nigel verificou, de recolher e amontoar ao seu lado várias dezenas de cacos da garrafa. O inspetor levantou a cabeça, nesse instante, dizendo, num tom de censura:

— Por pouco recebo isto sôbre a cabeça. Não sei a que espécie de folguedo vocês se entregavam, lá em cima. Mas...

Nigel, nesse instante, ouviu um grito abafado, às suas costas. Phil voou de junto dêle, atirando-se contra Blount, com pés e mãos ameaçadores, para tentar arrancar-lhe o lenço embebido no líquido da garrafa. O furor enegrecia os seus olhos e tôda a sua fisionomia revelava grande cólera. O chapéu de Blount caiu um pouco para o lado e seus óculos oscilaram perigosamente. Porém o inspetor não tardou a dominar seu pequeno agressor com tranqüilidade absoluta e sem rudeza inútil.

— Leve esta ferazinha para que lave as mãos — disse êle a Nigel, empurrando o menino na sua direção. — Não acredito que tenha sujado as mãos no líquido derramado, mas sempre é bom ter cautela. E trate de escolher um adversário do seu tamanho, da próxima vez, menino! Temos que conversar, depois que você tiver lavado as mãos... Sr. Strangeways, por favor, leve o menino para a companhia da viúva, até que eu queira interrogá-lo.

Phil se deixou conduzir, sem resistência. Nigel sentiu que o menino estava profundamente abatido, receioso e mesmo assustado: mas não pôde achar nenhuma palavra de simpatia, apropriada para a circunstância. Qualquer coisa se quebrara, àquela manhã, além da garrafa e seria necessária muita paciência para reparar o desastre.

XI

De volta ao jardim, Nigel encontrou o inspetor ocupado em confiar o lenço manchado e os cacos da garrafa a um policial; o lenço, empregado em recolher o líquido de sôbre a grama, tinha sido torcido sôbre um recipiente especial, a fim de recuperar uma parte do líquido derramado.

— Foi uma felicidade a terra estar sêca e endurecida — comentou Blount. — Se estivesse fôfa, teria dado um trabalhão...

Tocou o lenço com a ponta da língua.

— Amargo... Justamente conforme eu suspeitava. O senhor prestou um grande serviço descobrindo essa garrafa, embora não houvesse necessidade de atirá-la sôbre a minha cabeça, sr. Strangeways. A propósito, por que o jovem Phil tentou arrancar meus olhos e meus cabelos?

— O pobre menino está um pouco fora de si...

— Notei isso.

— Deploro o incidente da garrafa. Phil me confiara que havia escondido o que procurávamos na goteira e eu, desastradamente, autorizei o menino a subir ao telhado, a fim de reaver a garrafa, que estava prêsa, por um cordão, à chaminé. Porém ela escapuliu de suas mãos...

— Nada disso, sr. Strangeways...

O inspetor limpou os joelhos das calças, ajustou os óculos e conduziu Nigel ao ponto em que a garrafa havia caído. Então prosseguiu:

— Se o jovem Phil tivesse dito a verdade, a garrafa teria caído ao pé da casa, nesse canteiro florido. O fato dela haver ido parar quase no extremo do gramado, prova que êle a atirou lá do alto, de propósito, com o intituito de quebrá-la. Vamos nos sentar, lá além, longe dos ouvidos indiscretos, se é que dispõe de alguns instantes, a fim de relatar-me como tudo ocorreu.

Nigel repetiu para o inspetor a confissão feita por Lena a Geórgia e o que fizera Phil, na noite de sábado.

— Phil é um menino muito inteligente — continuou Nigel. — Pelo que lhe confiei deve ter imaginado que a garrafa comprometia Felix, que é quase um deus para êle; ora, já me havia dito que conhecia o esconderijo. Assim, só lhe restava um meio de ajudar Felix: atirar a garrafa, lá do alto do telhado, e reter-se com a esperança de que a terra bebesse totalmente o líquido, quando lá chegássemos. Um projeto que deve enaltecer um tão jovem espírito, convenhamos. Como a maioria das crianças, principalmente dos filhos únicos, egocêntricos, Phil soma uma grande desconfiança pelos estranhos e uma quase idolatria pelos que vêm a considerar como seus amigos verdadeiros. Não acreditou, sem dúvida, quando lhe disse que o encontro da garrafa não prejudicaria, necessàriamente a Felix. Talvez acredite que Felix tenha envenenado seu pai... Apesar de tudo está decidido a protegê-lo. Eis porque se atirou contra quem atrapalhava os seus planos...

— Sim. A explanação me parece plausivel. O menino tem tope, sim senhor! E, se quer saber, com corda ou sem corda, eu não ousaria arriscar-me sôbre aquêle telhado inclinado. Principalmente, porque sou atacado de vertigens...

— Vertigens! — exclamou Nigel, com os olhos brilhantes. — Eu sabia que a memória voltaria em pouco tempo! Estamos, finalmente, sôbre uma pista!

— Hein?

— George Rattery era sujeito a vertigem, embora não em tôdas as circunstâncias... Receiava aproximar-se de uma escavação qualquer, enquanto que os precipícios dos Alpes o deixavam indiferente. Você deve estar lembrado de que em seu diário, Felix Lane relata o incidente da pedreira...? George Rattery teve a vida salva, naquele dia, porque recusou aproximar-se do bordo da escavação, alegando que era sujeito a vertigens.

— Recordo-me, perfeitamente.

— Pois bem. Há pouco perguntei a Phil por que tivera a idéia de ali esconder a garrafa e êle explicou que, certa vez, o pai subira ao telhado, a fim de alcançar uma bola de tênis, que fôra lançada à goteira. Mais ainda: Phil acrescentou que o pai era um alpinista dos melhores. Que devemos concluir de tudo isso?

— Que Felix Lane, por alguma razão desconhecida, mentiu em seu diário — declarou o inspetor.

— Com que intenção?

— É o que perguntarei a êle, quanto antes.

— Mas, qual poderia ser seu motivo? Êle não escreveu aquêle diário para ser lido por estranhos, certamente! Por que, então, teria mentido a si mesmo?

— Hmmm! O senhor mesmo deve reconhecer que a declaração relativa à pseuda vertigem de Rattery era mentirosa!

— De acôrdo. Mas, por outro lado, não posso admitir que Felix seja o autor dessa mentira.

— Mas o fato me parece indiscutível. Cairnes o escreveu com a própria mão! Terá o senhor uma explicação melhor a sugerir?

— Sim... Sugiro que o mentiroso tenha sido George Rattery.

Blount abriu muito os olhos. Pareceu, momentâneamente, o diretor de um banco ao qual fôsse dizer que o diretor do Banco da Inglaterra havia falsificado seus balancetes.

— Ora, ora... sr. Strangeways — falou, finalmente. — O senhor não pretende que eu aceite isso!

— É o que pretendo realmente, inspetor Blount. Deixe-me resumir a teoria que tenho sustentado desde o início: Rattery desconfiava de Felix; havia confiado suas suspeitas a um terceiro e foi êsse terceiro quem o matou, acobertado pelo assassino intencional. Suponhamos, agora, que as suspeitas de Rattery já estivessem despertadas no dia do famoso piquenique. Êle conhecia, sem dúvida, a existência da pedreira. As pessoas que residem durante certo tempo num determinado lugar, sempre voltam aos pontos de antigos piqueniques. De pé, junto do bordo da pedreira, Felix chama seu companheiro, para mostrar-lhe qualquer coisa. George fica imediatamente alertado — fôsse pela agitação de sua voz fôsse por seu evidente nervosismo — "Felix pretende atirar-me no abismo?" — pensou então. Talvez George ignorasse a existência da pedreira até que

★



— Presumo que você esteja procurando a outra luva de borracha, querida...

Felix cometeu a imprudência de indicá-la? Pouco importa. A hora de uma explicação franca ainda não tinha chegado, pois que George não possuía provas que confirmassem suas suspeitas. É forçado, assim, a desempenhar o papel de vítima inocente, até que tenha as provas formais das intenções criminosas de Felix; mas, na dúvida, não se atreve a chegar no bordo da pedreira. Só tem um meio de safar-se do mau momento: — invocar um pretexto plausível, a fim de não avançar muito e arriscar-se a pôr Felix de sobreaviso. "Oh, não! Para mim isso não serve! Sofro de vertigens!" Essa foi a primeira desculpa que se apresentou ao espírito de um alpinista experimentado.

Blount quebrou um longo silêncio com estas palavras:

— Sua teoria é aceitável, sim. Mas, sr. Strangeways, é uma teia de aranha finamente trançada... mas que um vento mais forte destroçará.

— As teias de aranha são destinadas a apanhar as môscas e não a desafiar o tempo! — replicou Nigel com acrimonia.

— Que môsca já apanhou nessa tua teia? — perguntou Blount em tom cético.

— Tôda minha argumentação e mfavor de Felix Cairnes repousa na teoria de que uma terceira pessoa conhecia mais ou menos exatamente seus projetos. Essa pessoa teria podido descobri-los pessoalmente, embora seja pouco provável, dado que Felix escolhera esconderijo seguro para seu diário. Suponhamos que George tenha comunicado suas primeiras suspeitas a êsse terceiro. Quem era, na sua opinião, o seu confidente — homem ou mulher — mais indicado.

— Tenho horror a essas adivinhações.

— Mas não se trata de adivinhar. Peço apenas que utilize a pequenina máquina que se enferruja por trás dessa fronte larga.

— Rattery desprezava a espôsa para confiar-lhe seus segredos. Não teria, da mesma forma, confiado em Lena, se realmente seu romance, acabou mal, conforme Carfax declarou. Confiaria no próprio Carfax? Não é impossível... Mas tenho minha preferência pela velha senhora Rattery... Rattery e ela pareciam entender-se às mil maravilhas.

— Você esqueceu alguém... — disse Nigel.

— Quem? Não se refere ao... jovem Phil?

— Não. Estava pensando em Rhoda Carfax, pela qual Rattery nutriu tão forte e criminosa simpatia.

— A sra. Carfax? O senhor está querendo simplesmente desorientar o meu inquérito, sr. Strangeways! Que razão a sra. Carfax tinha de assassinar Rattery, se me faz o favor! Além do mais, seu marido nos disse que ela jamais se aproximou da garagem. Não teve, assim, ocasião para roubar o veneno.

— O depoimento do marido não tem valor.

— Mas foi confirmado por outros. Reconheço, porém, que a sra. Carfax pode ter entrado, à noite, na garagem. Mas de fato tem um alibi para a tarde de sábado. Acredite, sr. Strangeways... Ela não podia ter envenenado o remédio de Rattery.

— Às vêzes, tenho a impressão de que você tem mesmo o estôfo de um detetive. Então, está de ôlho em Rhoda Carfax, sem deixar a coisa transparecer?

— Estudei a posição da sra. Carfax como à dos demais, sem qualquer preferência.

— Que homem consciencioso! A bem dizer, não suspeito de Rhoda Carfax. E como você muito bem dizia, a velha sra. Rattery é o suspeito número um!

— Alto lá! — protestou Blount. — Não deve esquecer Felix Cairnes. Eu apenas disse...

— Sei o que pretendeu dizer. Deixemos, porém, Felix, momentâneamente, para nos ocupar de Ethel Rattery, se me permite. Você leu o diário de Cairnes. Encontrou nêle algum móvel susceptível de ser aplicado à megera?

O inspetor Blount se acomodou melhor na poltrona. A seguir empunhou o cachimbo, o qual ficou coçando uma das faces, em vez de levá-lo à bôca. Finalmente, respondeu:

— A sra. Rattery, isto é: a mãe da vítima defende acima de tudo o bom nome da família. "A vida humana não tem importância, quando a honra está em jôgo"... Foi o que ela declarou a Cairnes. Além do mais, êste pretende ter ela dito ao neto que jamais devia corar de sua família, aconte-

cesse o que acontecesse. Mas, é claro, são indícios fracos...

— Tomados separadamente, sim. Tem, no entanto, grande significação, se a êles juntarmos os fatos seguintes: a sra. Rattery teve ocasião de envenenar o tônico, pois que ficou só, na casa, com Violeta, até o retôrno de George... e estava ciente da perseguição que êle movia a Rhoda.

— Por favor, desenvolva o seu pensamento, sr. Strangeways.

— Sabemos que a sra. Rattery chamou Carfax e pediu-lhe que usasse de sua autoridade de marido, a fim de abafar o escândalo. Zangou-se com Carfax quando êle declarou estar disposto a conceder o divórcio, caso Rhoda desejasse recuperar a liberdade. Suponhamos que essa providência junto de Carfax tenha sido a última cartada da megera. **Jogou... e perdeu a partida**. Mas previra êsse revés e tomara suas precauções: mataria George, se fôsse preciso, mas não deixaria que o escândalo atingisse o nome da família. Suplicou a George que renunciasse a Rhoda, insistiu junto de Carfax para que assumisse uma atitude firme. Falhou numa e noutra coisa e por isso recorreu à estriquinina. Que pensa da minha teoria?

— Também já tinha pensado nessa solução, confesso. Mas não a adotei por duas razões... Primeiro porque não admito que a mãe envenene o filho para salvaguardar a honra familial!

— Em regra geral, não. Mas Ethel Rattery é um remanescente das matronas romanas da mais rude espécie, e seu cérebro não deve andar muito certo... Não podemos esperar que venha a agir normalmente. Sabemos que é autocrática e maníaca da honra familial. Além do mais, essa velha puritana considera o escândalo passional como a mais infamante das vergonhas. Adicionados, êsses três elementos anulam a sua primeira objeção. Qual a segunda?

— O senhor apóia a teoria de que George confiou suas suspeitas relativas a Felix Cairnes a sua mãe, que o assassino conhecia o projeto da canoa e que o veneno era uma espécie de segurança, tomada contra a possibilidade de um fracasso daquele primeiro atentado criminal. A isso respondo: se a sra. Rattery havia resolvido matar o filho, mas só em caso de fracasso da sua providência junto de Carfax, bem podia ter tomado essa providência muito antes. Os acontecimentos se desenrolaram de tal sorte, que George podia estar morrendo afogado no instante exato em que sua mãe obtinha a certeza da atitude de Carfax... Ora, isso é inaceitável, deve concordar!

— Você está embrulhando as duas teorias. Sugiro que a sra. Rattery conhecia o projeto da canoa, seja! Mas sugiro, igualmente, que a mãe e o filho discutiram o assunto e que George lhe comunicou a sua decisão de representar o mais tempo possível o papel de vítima inconsciente e isso com o intuito de obter a confirmação das intenções criminosas de Felix. A que se arriscava, em suma? A nada, pois que, no minuto psicológico, desarmaria a Felix, anunciando-lhe que o seu Diário se encontrava nas mãos de um advogado. De fato, George não tinha a menor intenção de se deixar afogar, **e sua mãe sabia isso muito bem**. Mas estava resolvida a envenená-lo, se Carfax recusasse intervir no romance da espôsa.

— Sim, naturalmente. Apresentada dessa maneira, a teoria é aceitável. Hmmm! Êste caso é realmente estranho. A sra. Rattery, Violeta, Carfax e Cairnes, todos tinham um motivo e tiveram a ocasião de assassinar George Rattery. Por outro lado, miss Lawson teve também sua ocasião, em-

★



— Guardei êste lugar para uma pequena camarada. Você é minha camarada?

bora não lhe conheçamos o motivo. Nenhum suspeito tem alibi... E é isso o que me aborrece mais.

— Esqueceu Rhoda Carfax...?

— Não. É que seu alibi parece inatacável. Das dez e meia às seis da tarde estêve no torneio de tênis em Vheltenham; a seguir, jantou no Plough, com várias amigas. Retornou já passadas as nove horas. É claro, continuaremos a estudá-la também, mas nada nos faz supor, até ao presente, que ela tenha aparecido em Severnbridge no correr da tarde. Não era um torneio tão importante assim e a sra. Carfax, nos intervalos, conversava com diferentes conhecidos.

— Neste caso, creio que podemos retirá-la da lista. Que faremos, agora?

— Quero interrogar a velha Rattery mais uma vez. Era o que estava para fazer, quando o senhor apareceu com aquela maldita garrafa.

— Posso assistir à entrevista?

— Se quiser... Mas deve contentar-se com o papel de espectador, sem o direito de abrir a bôca, por favor!

XII

A sra. Rattery recebeu os dois homens no quarto. Ofereceu a Nigel a gorda mão, que emergia de um tufo de velhas rendas, apontou uma cadeira para Blount e sentou-se numa cadeira de espaldar reto, com as mãos pousadas sôbre os joelhos.

Suas primeiras palavras quase sufocaram de espanto aos dois homens.

— Decidi que êsse doloroso caso foi um acidente, inspetor. É a melhor explicação para todos. Um acidente. Nessas condições, não necessitamos mais dos seus serviços. Quando pretende retirar seus homens de minha casa?

Por natureza — e por experiência — Blount não se deixava impressionar nem perdia pé com facilidade. Se lhe acontecia ter uma grande surprêsa, nada deixava transparecer. Mas, esta vez, sua máscara de impassibilidade caiu. Nigel, que levava um cigarro aos lábios, amarrotou-o vivamente. "Louca! Louca varrida!" — pensou. Porém o inspetor acabou encontrando a própria voz.

— Por que acredita que tenha sido um acidente? — perguntou polidamente.

— Meu filho não tinha inimigos. Os Rattery, por outro lado, não praticam o suicídio! Portanto, só pode mesmo ter sido um acidente.

— Sugere, talvez, que seu filho tenha acrescentado **acidentalmente** estriquinina ao remédio, antes de beber uma colherada? Não lhes parece improvável? Como poderia explicar uma tão fatal inadvertência?

— Não sou detetive, inspetor — respondeu a megera com monstruoso desdém. — Cabe ao senhor descobrir as circunstâncias do acidente. E quanto mais cedo será melhor! O senhor deve compreender, sem grande esfôrço, que a presença da polícia nesta casa me é bastante desagradável...

— Geórgia não vai acreditar, quando eu lhe contar — pensou Nigel. — Êsse diálogo chega a ser de um cômico irresistível, embora eu não sinta o menor desejo de rir. Por quê?

Nesse instante, Blount dizia com uma doçura ameaçadora:

— Por que, afinal, êsse desejo de convencer a mim — e de convencer a si mesma — que seu filho foi vítima de um acidente? Pode explicar?

— Tenho o dever de salvaguardar a reputação da família.

— A reputação de sua família vale mais que o interêsse da justiça? — perguntou Blount.

— A pergunta é impertinente, creia!

— Talvez. Porém outros diriam que impertinente é o seu desejo de ditar sua própria linha de conduta aos representantes da polícia.

— Nigel conteve, com esfôrço, o seu desejo de aplaudir. Enfim, ali estava o Blount que conhecia de longa data! A megera corou fortemente diante dessa oposição inesperada; baixou o olhar para a aliança incrustrada nas carnes de seu gordo anular.

— É hora de falar de justiça, inspetor? — murmurou, finalmente.

— Se lhe disser que tenho a prova de que seu filho foi assassinado, não há de querer que o seu assassino pague por seu crime?

— Assassinado? O senhor tem prova do que está dizendo?

A voz da sra. Rattery caiu, bruscamente para um sussurro, e apenas acrescentou esta palavra:

— Quem?

— Não sabemos, ainda. Mas a senhora mesma pode nos ajudar a encontrar a resposta...

Enquanto Blount relembrava com a megera os acontecimentos de sábado, a atenção de Nigel foi atraída para uma fotografia pousada sôbre um aparador, à sua direita. A grande moldura, dourada, estava cercada de medalhas, de um "bouquet" de sempre-vivas e de dois grandes vasos, cheios de rosas mal dispostas e começando a desfolhar-se. A fotografia representava um homem moço, vestindo uniforme de oficial. O marido, certamente. Os bigodes frisados e os longos "favoritos" não dissimulavam os traços finos e singularmente afeminados, que melhor teriam servido a um poeta que a um soldado. "Phil Rattery é o retrato vivo do avô" — pensou Nigel, que falou, num sôpro, para o retrato: "Se me tivessem dado a escolher entre um obus dos Boers e a companhia de Ethel Rattery até o fim dos meus dias, eu teria, como você, preferido um fim glorioso e rápido. Mas que olhos estranhos tem você! A loucura salta, às vêzes, uma geração, segundo dizem... Com antepassados tais que Ethel e você, não surpreende que Phil seja um feixe de nervos. Pobre menino! É indispensável, realmente, aprofundar a história dessa família."

Uma pergunta de Blount chamou Nigel ao presente.

— A senhora recebeu o sr. Carfax, sábado à tarde?

O rosto da interrogada ficou mais sombrio. Nigel chegou a olhar para a janela, acreditando que o sol tinha sido encoberto por uma nuvem. Mas todos os **stores** do quarto estavam arriados.

— Sim — respondeu ela, finalmente. — Porém, essa visita não tem qualquer interêsse para o senhor.

— Eu mesmo julgarei o assunto. Recusa dizer-me o objetivo dessa entrevista?

— Recuso.

— Não teria pedido ao sr. Carfax que procurasse interromper o romance de sua espôsa? Não o teria acusado de ser culpado da situação vexatória e não o teria, ainda, injuriado, quando êle se declarou disposto a conceder o divórcio a espôsa, caso ela desejasse recuperar a liberdade?

O rosto da sra. Rattery ficou rubro e careteante. Nigel esperou que ela desandasse a chorar; mas, ao contrário, exclamou, com voz estrangulada de indignação:

— Êsse indivíduo, Carfax, é um ser miserável! Disse-lhe a minha maneira de pensar, apenas! O escândalo já era bastante penoso sem necessitar dò encorajamento dêle!

— Por que não falou com seu filho, se acha a sua conduta condenável?

— Falei, sim... Mas George tinha uma vontade inflexível... Nisto saiu a mim, acrescentou a megera com mal dissimulado orgulho.

— Teve, alguma vez, a impressão de que o sr. Carfax alimentava uma animosidade secreta contra seu filho, motivada da sua aventura com suá espôsa?

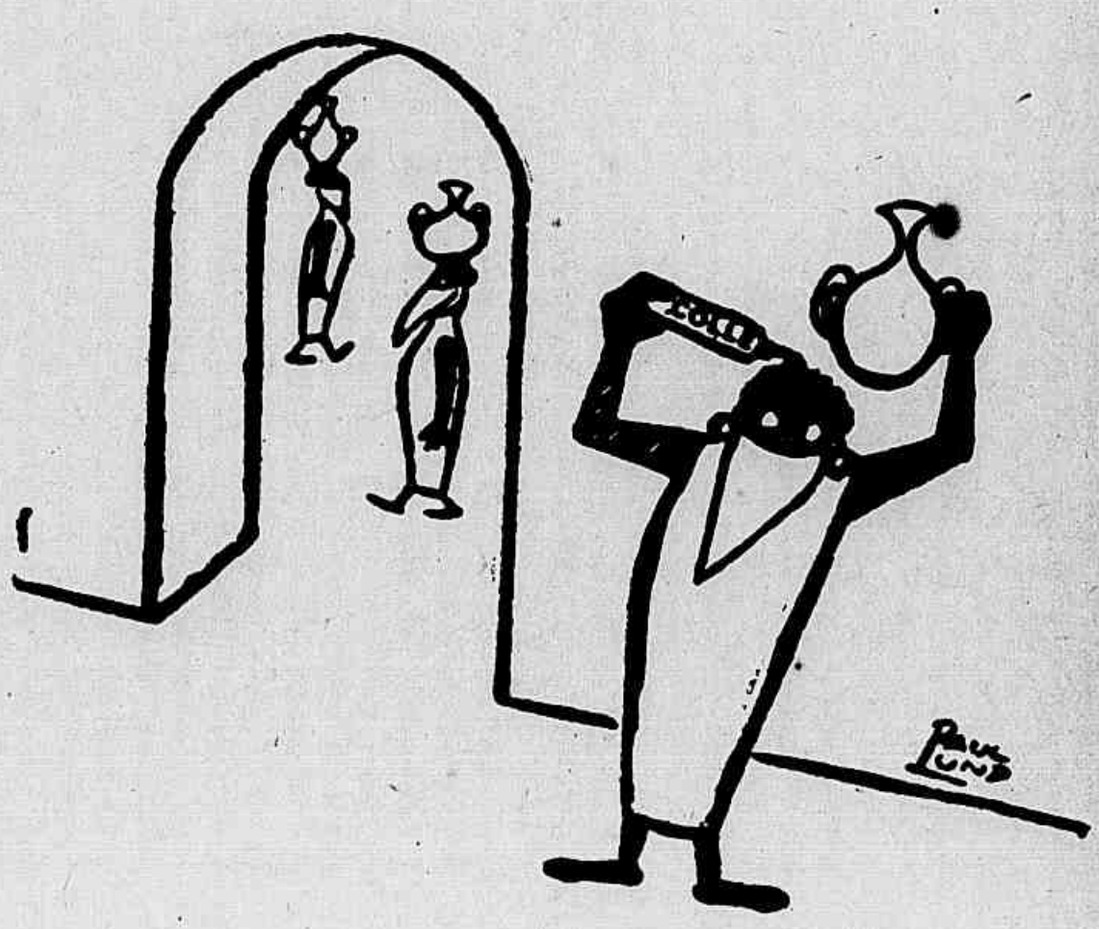
— Não, eu...

A sra. Rattery emudeceu repentinamente. Um brilho de astúcia passou por seus olhos, e ela concluiu:

— Nada notei, pelo menos, embora Carfax se mostrasse extremamente agitado. A indiferença que afetava parecia, de fato, das mais estranhas... E, pensando bem... "Uma verdadeira víbora!" — pensou Nigel.

— O sr. Carfax saiu diretamente da casa, depois de deixar o seu quarto...? Foi o que entendi, pelo menos...

★



A ESTREANTE

Blount apoiou ligeiramente sôbre a palavra "diretamente", como se estivesse fazendo a pergunta ao próprio Carfax.

— Horrível, inspetor Blount! — murmurou Nigel, entre dentes. — É proibido e mesmo deselegante, procurar influir no espírito das testemunhas."

Mas já a interrogada respondia:

— Sim... Creio que sim. Isto é... Não. Agora estou pensando que não pôde ter saído diretamente. Eu estava junto da janela e só vi afastar-se pela alamêda um ou dois minutos depois de descer do meu quarto.

— George Rattery, naturalmente, revelou à senhora, a existência do diário de Felix Lane?

Blount se servira da velha armadilha, que consistia em deixar escorregar, incidentalmente, uma pergunta fundamental no momento em que a atenção da pessoa interrogada está concentrada sôbre outro assunto. Sua manobra, porém, falhou, a menos que o gêlo do tom afetado pela megera tenha sido um pouco forçado.

— O diário do sr. Lane? Não entendo o que quer dizer...

— Perdão! Seu filho, com certeza, lhe havia revelado como conseguira descobrir os sinistros projetos do sr. Lane. Êste preparava um atentado contra a vida de George!

— Senhor! Penso que devo merecer maior respeito, mesmo da polícia! Como quer que acredite nessa tolice?

— Mas é a verdade!

— Se assim é, que está esperando para prender o sr. Lane, em vez de prolongar uma entrevista extremamente desagradável para mim?

— Cada coisa em seu tempo... A senhora teria notado certa hostilidade entre seu filho e o sr. Lane? Nem teria, por acaso, desejado saber a razão da presença do último em sua casa?

— Êle vivia entre nós por causa de Lena, essa criatura desmiolada. Mas não insista sôbre êsse assunto, por favor.

— Não acredita que Lena tenha sido o pomo de discórdia entre George e Felix? — perguntou Nigel para si mesmo. Depois, em voz alta, perguntou:

— Que disse Violeta, exatamente, durante sua discussão com o marido, a semana passada?

— Francamente, sr. Strangeways! Até isso! Um pequenino incidente doméstico tem que ser objeto de um inquérito policial? Êsse zêlo é inútil e fora de propósito!

"Incidente?" "Inútil?" Se dão tão pouca importância a essa discussão, por que dizia a Phil, ontem: "Violeta vai precisar de você! A polícia pode descobrir a discussão que ela teve com seu pai, a semana passada, os criados podem ter ouvido tudo... e não será preciso muito mais para que ela seja suspeitada... "Suspeitada de que, senhora Rattery?"

— Pergunte a minha nora. Ela responderá melhor do que eu!

A megera não cedia. Blount se ergueu para sair e Nigel se aproximou distraìdamente, para olhar de perto o retrato, cercado de flores. Com um dedo pousado sôbre a moldura, voltou-se para a sra. Rattery, perguntando:

— Seu marido, não é mesmo? Ouvi dizer que morreu gloriosamente na África do Sul... Em que combate?

Essa pergunta inocente produziu um efeito incrível sôbre a megera, que se levantou bruscamente e atravessou o quarto com uma horrível rapidez de movimentos, lembrando de alguma forma a ligeireza de um inseto, como se tivesse cinqüenta pernas em vez de duas, naquele instante. Interpôs-se entre Nigel e a fotografia, exclamando:

— Retira as patas, rapaz! Quando vai acabar de espionar e ser intrometido?

Cheirando terrìvelmente a cânfora, ofegante, com os punhos fechados, ela recebeu as desculpas de Nigel. Depois disse, dirigindo-se a Blount.

— A campainha fica à sua direita, inspetor. Se quiser ter o trabalho de tocá-la, a criada o conduzirá até à porta.

— Acharei o caminho. Obrigado...

Ao se ver só, com Nigel, no jardim, Blount retirou o lenço do bôlso e tratou de enxugar o suor do rosto.

— Irra! Que velha terrível! — exclamou. — Confesso que quase me derruba!

— Não diga isso! Você a enfrentou com calma e habilidade admiráveis! Daniel na cova dos leões... Mas, aondé estamos, agora?

(Continua no próximo .número)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1955

1 — DOMINGO: — Reúnem-se em Viena os representantes da Inglaterra, França, Estados Unidos, Rússia e Áustria. — Revela-se estar em declínio na América-Latina e Europa a influência soviética. — O papa proclama o "Dia do Trabalho" como Feriado Católico, sob a denominação de "Dia de S. José, o Trabalhador.".

2 — SEGUNDA-FEIRA: — Parece próxima a restituição da soberania alemã. — Os Estados Unidos exportam mais para os países da "Cortina-de-Ferro". — Lançada a candidatura do general Perón à Presidência da República, por um novo período, que iria de 1958 a 1964. — Falece nesta capital o general Estilac Leal, uma das mais brilhantes figuras do nosso Exército e cujo nome era apontado por um partido à Presidência da República. — Nomeado o sr. Alkindar Monteiro Junqueira para a presidência do I.B.C.

3 — TÊRÇA-FEIRA: — Periga a situação do imperador Bao Dai, do Viet-Nam, sendo possível a proclamação da República a qualquer momento. — Suspensas temporàriamente a aplicação da vacina Salk. — A Venezuela anuncia oficialmente a sua retirada da Organização Internacional do Trabalho. — A França anuncia que não fabricará bombas atômicas. — O Partido Peronista louva o govêrno argentino por sua decisão de separar a Igreja do Estado. — Nomeado ministro da Agricultura o sr. Bento Munhoz da Rocha.

4 — QUARTA-FEIRA: — Falece, em Paris, o industrial Louis Breguet, um dos principais impulsionadores da aviação francesa. — Proclamada a completa soberania da Alemanha Ocidental, pondo fim à ocupação aliada. — Deixa Londres o sr. Ademar de Barros, quando chega à mesma cidade o cônsul-geral do Brasil na Inglaterra, sr. Sherman Lisboa. — Exonerado, a pedido, o sr. Ivo d'Aquino Fonseco do cargo de consultor-geral da República. — Designada a Delegação que representará o Brasil na VIII Assebléia da Organização Mundial de Saúde.

5 — QUINTA-FEIRA: — Entram em vigor os acordos que concedem plena soberania à Alemanha Ocidental e pelo qual 500 mil alemães passarão a integrar o plano defensivo do Ocidente. — Continua muito tensa a situação no Viet-Nam Meridional. — Novas e violentas explosões atômicas experimentais em Las Vegas. — Nomeado inspetor-geral do Exército o gen. Euclides Zenóbio da Costa.

6 — SEXTA-FEIRA: — A rainha Elizabeth II dissolve o Parlamento, marcando



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS
Cr$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-8968
End. Telegr.
« B A N C O C I O »
Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

o início da campanha eleitoral britânica, expressando ao mesmo tempo que se realizem negociações proveitosas com a União Soviética. — A Grã-Bretanha formula queixa no Tribunal Internacional de Justiça, de Haia, contra a interferência da Argentina e do Chile nos territórios britânicos da Antártida. — O govêrno de Formosa revela que começou a minar as águas diante da costa chinesa, a fim de diminuir a ameaça de invasão pelos comunistas. — Extinto pelo presidente Eisenhower o cargo de Alto Comissário Norte-Americano na Alemanha Ocidental. — Apresentado pelo Partido Peronista o anunciado projeto de separação da Igreja do Estado, a ter efeito dentro do prazo máximo de oito meses. — Nomeado presidente do Banco do Nordeste do Brasil S. A. o sr. José Costa Pôrto. — Regressa de Portugal o sr. Almirante Amorim do Vale, ministro da Marinha.

7 — SÁBADO: — Enquanto aumenta a ameaça de queda definitiva do imperador Bao-Dai, os chanceleres dos quatro grandes discutem em Paris a sorte do Viet-Nam meridional. — A Rússia denuncia os Tratados de Amizade assinados com a França e a Inglaterra, como represália pela ratificação dos Acordos de Paris, por êsses países. — Assinado pelos chanceleres da França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Alemanha Ocidental e Luxemburgo, o documento instituindo a União da Europa Ocidental. — Posse do sr. Munhoz da Rocha, no Ministério da Agricultura.

8 — DOMINGO: — Grande expectativa em Viena, onde cresce a esperança de ser, finalmente, conseguida a assinatura do Tratado de Paz. — Depondo em favor da continuação do auxílio ao estrangeiro, adverte o almirante Radford que os Estados não podem dispensar a colaboração de seus aliados. — Violento choque entre grupos católicos e peronistas, em Buenos Aires, sendo presos numerosos manifestantes, inclusive alguns sacerdotes, à saída da missa na Catedral.

9 — SEGUNDA-FEIRA: — Marca para domingo próximo, em definitivo, a assinatura do Tratado de Paz com a Áustria. — Consideradas acima das melhores expectativas as derradeiras experiências com armas atômicas em Las Vegas. — Emissário do "premier" Nehru viaja para Pequim com o objetivo de procurar aliviar a tensão no Extremo Oriente. — Falece nesta capital o sr. ministro Ataulfo Nápoles de Paiva, la Academia de Letras. — Posse do novo Delegado do Tesouro Brasileiro, em New York, sr. Luís Vicente Belfort de Ouro Prêto.

10 — TÊRÇA-FEIRA: — Eisenhower declara-se "disposto a tudo" para ajudar a paz mundial. — A Rússia começa a dificultar os trabalhos em prol da assinatura do Tratado de Paz com a Áustria. — Promovida pela Rússia imediata conferên-

cia dos países comunistas, em Varsóvia. — Prorrogado o acôrdo comercial entre o Brasil e a Alemanha ocidental. — O presidente Perón anuncia que "não quer brigar com a Igreja, mas apenas obter a separação entre a Igreja e o Estado". — Determinada, a pedido do próprio estabelecimento, a liquidação extra-judicial do Banco de Crédito Geral S. A., com sede nesta capital.

11 — QUARTA-FEIRA: — A Rússia propõe novo plano de desarmamento geral, afirmando que a situação atual exige medidas imediatas e eficazes tendentes a diminuir a tensão internacional e a fortalecer a confiança recíproca entre os povos. — A Rússia aceita a proposta ocidental, fixando para o dia 15, em Viena, a assinatura do Tratado de Paz com a Áustria. — Dois barcos colidem em águas japonêsas, indo um dêles a pique em apenas dois minutos. Pereceram no desastre mais de 200 pessoas. — Fôrças rebeldes voltam a atacar as fôrças do "premier" Dinh Diem, no Viet-Nam Meridional. — Festejado nesta capital o centenário do nascimento do marechal Hermes da Fonseca, que foi presidente da República.

12 — QUINTA-FEIRA: — Acôrdo em dois ou três "princípios importantes" relativos ao desarmamento, entre o Oriente e o Ocidente, na Conferência pelo desarmamento, que se realiza em Londres. — Protesta a China Comunista junto do govêrno norte-americano pelo envio de aviões a jato sôbre seu território como "parte de um plano de intimidação e impedir a libertação de Formosa". — A China comunista promete solenemente combater ao lado da Rússia e dos países comunistas em caso de guerra na Europa. — O general Juarez Távora aceita a indicação do seu nome à Presidência da República nas próximas eleições, pelo P.D.C.

13 — SEXTA-FEIRA: — As fôrças francesas deixam Haifong, agora ocupada pelos comunistas, encerrando um período de domínio de 70 anos dessa região da Indo-China. — Grave divergência entre o Afganistão e o Paquistão, tendo o govêrno inglês tomado imediatas medidas no sentido de evitar que a situação atinja um estado irremediável. — Autorizada a execução do programa de inoculação da vacina Salk, contra a paralisia infantil. — Ameaçado o gabinete do "premier" Mário Scelba, sob a mira dos partidos esquerdistas italianos. — O general Talor substitui o general Ridgway, na chefia do E. Maior do Exército norte-americano.

14 — SÁBADO: — Revela-se que altos dirigentes russos visitarão a Iugoslávia, numa ofensiva de reaproximação de Moscou e Belgrado. — Assinado em Varsóvia um tratado de amizade e assistência mútuas entre a Rússia e os sete países da Europa Oriental, reunindo 260 divisões militares, sob um comando único, contra as potên-

EU SEI TUDO



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

à venda nas boas perfumarias

Laboratórios VINDOBONA

R. Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo



Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME: .....

RUA: .....

CIDADE: .....

ESTADO: .....

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado ..... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

cias ocidentais. O tratado terá a duração de vinte anos. — Fôrças francesas isolam o bairro europeu de Saigon e adverte aos brancos que devem permanecer em suas casas, "até que terminem as manifestações contra o colonialismo... e pela proclamação da República".

15 — DOMINGO: — Assinado entre grandes manifestações populares o Tratado de Paz com a Áustria, que restitui ao mesmo tempo a independência e a liberdade dêsse país. — Novos distúrbios em Buenos Aires provocados pela polícia, em ação contra os manifestantes católicos. — Ameaça de guerra na América Central. — Os aliados acompanham com atenção as gestões de Moscou junto do govêrno do marechal Tito.

16 — SEGUNDA-FEIRA: — O Parlamento peronista preparado para aprovar, na semana corrente, a separação da Igreja do Estado, em prosseguimento do programa de hostilidades ao catolicismo na Argentina. — O govêrno da Nicaragua desmente categòricamente a notícia de que estaria sendo preparada em seu país a invasão de Honduras. — O govêrno norte-americano aprova a distribuição equitativa da vacina Salk. — O marechal Tito anuncia aos ocidentais que "a Iugoslávia falará aos visitantes moscovitas como uma nação livre e de igual para igual".

17 — TÊRÇA-FEIRA: — A Rússia, parece, está pleiteando alívio na tensão internacional, inclusive porque a corrida atômica com as potências ocidentais, principalmente os Estados Unidos, estaria sacrificando a economia soviética. — Os Estados Unidos negociam com a Alemanha uma fórmula de assistência militar, a fim de apressar o rearmamento alemão. — Demite-se o gabinete presidido pelo dr. William Deew, por ter sido derrotado na votação do projeto relativo à alta dos aluguéis de dez. — Os Estados Unidos interessados em comprar 3.000.000 de sacas de café brasileiro a mais que na última safra. — Nomeado superintendente da Moeda e do Crédito o sr. Prudente de Morais Neto.

18 — QUARTA-FEIRA: — Suspensas por duas semanas as conversações sôbre o desarmamento. — A Câmara dos Deputados argentina, por sua maioria peronista, começa a preparar a lei que separa a Igreja do Estado, sob protesto da oposição. — Prognósticos favoráveis aos Conservadores para as próximas eleições inglêsas.

19 — QUINTA-FEIRA: — Anuncia-se que a Conferência dos Quatro Grandes será realizada durante os festejos do 10.º aniversário da O.N.U. e em San Francisco. — O govêrno francês envia mais tropas de choque para a Argélia, numa tentativa de pôr um fim à desordem ali reinante. — Moscou anuncia o fuzilamento de três cidadãos turcos, presos na Rússia com vasto material de espionagem. — Segundo o "premier" Scelba, a Itália está mais disposta que nunca a apoiar o bloco ocidental contra os comunistas. — Tropas israelitas penetram em território egípcio, fazendo ir pelos ares uma posição militar, na zona de Gaza, alegando tratar-se apenas "de uma represália". — Parte para o Japão, chefiada pelo ministro do Trabalho, missão industrial brasileira.

20 — SEXTA-FEIRA: — França, Inglaterra e Estados Unidos repelem tentativa russa de tornar a Alemanha unificada uma

nação neutra. — Parte para Belgrado missão soviética presidida por Nikita Kruechev, secretário-geral do Partido Comunista. — O Senado argentino aprova o projeto de lei de reforma da Constituição, em vista da separação da Igreja do Estado, o qual já fôra aprovado pela Câmara. — Estuda-se a possibilidade de suspensão de qualquer vacina antipoliomielítica em épocas epidêmicas, projetando igualmente reduzir a dosagem de inoculação da vacina Salk.

21 — SÁBADO: — Empenha-se o chanceler Adenauer numa rápida campanha para reamar a Alemanha ocidental, a fim de contrabalançar à campanha soviética de neutralizar o país, pois o desejo do Krenlim é criar um novo Estado pára-choques no coração da Europa. — Pede a Itália que as fôrças norte-americanas evacuadas da Áustria sejam transferidas para o seu território através dos Alpes, a fim de defendê-la. — Reafirma o marechal Tito que "a Iugoslávia não aderirá ao bloco oriental". — Novos choques na fronteira egípcio-israelita, com duelos de morteiros e artilharia, durante duas horas, na faixa de Gaza.

22 — DOMINGO: — Belgrado garante a Washington, em documento oficial, que manterá sua firma política de independência perante a Rússia. — Às vésperas das eleições inglêsas, aumenta a confiança geral na vitória dos Conservadores. — Tropas francesas empreendem esforços desesperados tendentes a acabar com os focos rebeldes na Argélia. — Empréstimo de 50 milhões de dólares dos Estados Unidos à Itália.

23 — SEGUNDA-FEIRA: — O presidente Ibañez, do Chile, reorganiza seu gabinete, após rápido inquérito no seio do exército, do qual redundou a prisão de dois generais e um coronel. Aguardam-se novas alterações ministeriais, sendo delicada a posição do govêrno. — Estouram novas bombas no centro de Argel, com grave prejuízo para o comércio e a segurança pessoal dos cidadãos franceses. — A polícia efetua duas centenas de prisões. — Nomeado superintendente das Emprêsas Incorporadas ao Patrimônio Nacional o sr. Odilo Costa Filho.

24 — TÊRÇA-FEIRA: — Repele o presidente Eisenhower como absurda a tentativa russa de tornar a Alemanha unificada um país netro e "pára-choques". — Moscou alerta a Itália de que o estabelecimento ali de tropas norte-americanas retiradas da Áustria poderá ter "desagradáveis conseqüências". — George Meany, presidente da Federação Norte-americana do Trabalho, critica os governos da União Soviética, Espanha, Iugoslávia e Argentina, porém declara que só os soviéticos constituem ameaça para a liberdade humana e a paz mundial. — A Tchecoslováquia ratifica unanimemente, o tratado de amizade e defesa mútua, assinado em Varsóvia por oito países do oriente europeu.

25 — QUARTA-FEIRA: — A Rússia decide entregar a base naval de Pôrto Artur à China Comunista. — Inaugurada em New York a Conferência Pan-Americana do Café para estudar a restauração dos preços mínimos. — Movimento grevista nos portos britânicos paralisando totalmente os trabalhos em Londres, Liverpool, Manchester, Hull e Birmenhead. — O chanceler Adenauer declara-se contrário à unificação de uma Alemanha neutralizada como a Áustria, não admitindo ainda qualquer sistema de segurança européia sem a participação dos Estados Unidos. — O govêrno peronista, que-



brando uma tradição secular não assiste ao ofício religioso em comemoração à data da independência argentina. — No Chile realizam-se manifestações de protesto contra a perseguição que o peronismo vem movendo aos católicos na Argentina.

26 — QUINTA-FEIRA: — Em Belgrado a delegação soviética, que anuncia ter sido Laurentis Béria, executado o ano passado, o culpado pelo rompimento de relações entre a Rússia e a Iugoslávia, em 1948.

27 — SEXTA-FEIRA: — Cêrca de setenta cadeiras a mais, na Câmara, é o marco da grande vitória Conservadora nas eleições gerais inglêsas, até ao presente. — Apela Adenauer para um acôrdo relativamente ao desarmamento fiscalizado, "a fim de acabar com a guerra-fria". — Numa atmosfera de frieza tem início a conferência russo-iugoslava. — Comprovada a sabotagem no desastre do avião "Constellation" da Air-India, no qual morreram 11 comunistas chineses, no mês passado. Foram efetuadas dezenas de prisões.

28 — SÁBADO: — Recomendada a criação de uma "reserva de emergência" pelos produtores de café. — O Congresso norte-americano concede a verba de 300 milhões de guerra, como reforço, a fim de apressar a produção de bombardeiros a jato, para ataques com bombas de hidrogênio. — A polícia alemã impede que três mil comunistas da zona soviética penetrem na zona ocidental de Berlim com o objetivo de dissolver um comício dos ex-combatentes. — Melhora a tensão no oriente, em parte pela ação decidida do "premier" Nehru, da Índia.

29 — DOMINGO: — A China comunista decide libertar quatro aviadores norte-americanos aprisionados desde antes do fim da guerra na Coréia. — Agrava-se de minuto a minuto a situação interna na Inglaterra, em razão das greves portuária e ferroviária, que estrangula a economia da grande nação. — Reúnem-se em Tóquio cientistas atômicos de todo o mundo.

30 — SEGUNDA-FEIRA: — França, Inglaterra e Estados Unidos, por seus chanceleres, reunir-se-ão em New York, a fim de traçar os planos estratégicos para a próxima conferência dos quatro grandes. — Considera-se a libertação dos 4 aviadores norte-americanos pela China comunista, um índice da melhoria da tensão no oriente. Os Estados Unidos esperam que outros prisioneiros norte-americanos sejam também libertados. — Espera-se que, a pedido de sir Anthony Eden, a rainha Elizabeth II decretará o Estado de Emergência em tôda a Inglaterra, a fim de enfrentar a situação criada pelo prolongamento das greves portuárias e ferroviárias. — Os cientistas reunidos em Tóquio, entre os quais se encontram russos e chineses, estudarão as radiações atômicas à luz de documentos reunidos para êsse fim.

31 — TÊRÇA-FEIRA: — A rainha Elizabeth, atendendo a solicitação do **premier** Eden, proclama o Estado-de-Emergência para todo o país. — A greve dos portuários e ferroviários inglêses começa a afetar a economia da Grã-Bretanha. — Brasil e Estados Unidos concluem acôrdo relativo à utilização pacífica da energia atômica, comprometendo-se os Estados Unidos a fornecer 6 quilos de urânio 235 enriquecido até o máximo de 20. — Nomeado diretor do S.A.M.P.S. o sr. Aarão Burlamaqui Benchimol.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Sec. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº .....

NOME .....

RUA ..... Nº .....

CIDADE ..... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

UM NOVO IDIOMA INTERNACIONAL: O ANTIBABEL

NOVA TENTATIVA NO SENTIDO DE ENCONTRAR UMA LÍNGUA UNIVERSAL — INVENÇÃO DE UM ADVOGADO ITALIANO O "ANTIBABEL" — COMO FUNCIONA O SEU MÉTODO.

VÁRIAS têm sido as tentativas do homem no sentido de encontrar uma língua universal, que possa servir a todos os povos do globo terrestre, trazendo como finalidade precípua a melhor compreensão entre os mesmos. Assim foi que surgiram o Volapuk, o Esperanto, o Interlíngua, para citar só as tentativas mais vitoriosas e difundidas.

O último plano de idioma universal foi idealizado por um advogado italiano, de nome Gaetano Magli, e essa nova língua foi chamada de "Antibabel".

Conforme é do conhecimento dos leitores a construção da projetada Tôrre de Babel não foi possível devido, precisamente, à confusão de línguas, o que acarretou a desinteligência dos homens que nela trabalhavam.

Pois o plano dêsse advogado italiano é, justamente, criar uma língua universal para a melhor compreensão dos povos, a fim de que êles não deixem de realizar grandes obras pelo simples fato de não conhecer o que dizem.

— "Pupam decedid pacov fedeb."



Os leitores certamente suspeitarão de que a frase acima transcrita está eivada de erros tipográficos, mas a verdade é que está absolutamente certa; pelo menos é o que nos assegura o advogado Gaetano Magli, criador do "Antibabel". Tal frase no nosso idioma quer dizer:

"É necessário ter fé."

O projeto do "Antibabel" foi apresentado em novembro de 1954 à Segunda Conferência Internacional da UNESCO para a sua devida apreciação em todos os seus detalhes e particularidades.

Há dois anos o referido advogado italiano, participando da Conferência de Paris, submetera o seu plano à apreciação dos delegados das várias nações e o mesmo chegou a ser pôsto na "ordem do dia", para discussão.

Porém, a súbita demissão de Tôrres Boddet, presidente da assembléia, impediu que fôsse aberta a discussão.

Em 1954, o advogado Gaetano Magli, que ùltimamente alterou o seu nome para Gaj Magli — que êle considera mais eufônico — ganhou novas esperanças de ver o seu

plano coroado de êxito e, novamente, apresentou-se à UNESCO.

Realmente, de acôrdo com o artigo 1.º dos seus Estatutos, é faculdade da UNESCO: **"incrementar o mútuo conhecimento e compreensão entre os povos por todos os meios capazes de interessar à humanidade."**

Assim, está êsse organismo perfeitamente apto a sugerir o uso de uma língua comum ao mundo inteiro. Existem, portanto, boas



Emmanuel Kant, filósofo alemão

probabilidades no sentido de que o projeto seja levado a sério. Se vitorioso fôr, o "Antibabel" se tornará o idioma-oficial e correremos o risco de ter que aprender uma nova língua. Também poderá o nome de Gaj Magli vir aumentar a lista dos "benfeitores da humanidade".

Cabe aqui, neste caso, uma biografia antecipada e em rápidos traços, do homem que poderá vir a ser famoso. Gaj Magli é bacharel em letras, direito e filosofia. É poliglota, filólogo e enciclopedista. Ao contrário do que se pensa a seu respeito, à primeira vista, não se trata de um visionário ou de um exaltado. É um burguês pacato e gentil que se intitula **idealista!** É político militante, tendo sido durante algum tempo um dos dirigentes do partido democrata-cristão italiano. Nas horas vagas dedica-se a invenções ou criações revolucionárias. Criou um novo método de estenografia universal, aplicável a tôdas as línguas, e um livro de desenhos animados, que se assemelha aos "cartoons" de Walt Disney, e que é um útil instrumento para ensinar os mudos a falar. A êste seu método de ensino para os mudos denominou "Alfabetofonia", que é o conjunto dos seus desenhos animados, combinado com notas musicais. Por meio dos desenhos e da harmonia traduzindo a idéia ilustrada êle consegue provocar as primeiras sílabas de quem nunca ouviu uma, sequer. A idéia de criar uma língua universal ocorreu-lhe quando era ainda estudante universitário. Um dia, ao compulsar o "Dizionario dei sinonimi", de Tommaseo, em cujo prefácio se fala de um certo De Pinheiro, autor de um projeto de língua universal, tal fato o animou a realizar uma obra meritória.

A guerra e o após-guerra só nos têm convencido de que os homens parecem ter esquecido os princípios de igualdade e fraternidade; foi quando mais se acentuaram os motivos de incompreensão entre as nações.

Lendo o projeto de De Pinheiro dêle se deduz que os homens se odeiam, não se entendem, nem compreendem... **porque falam idiomas diversos!**

A incompreensão nasceu em Babel, segundo êle. Assim, necessário era que se criasse o "Antibabel". O incansável advogado italiano sabia que no mundo já surgiram no mínimo quinhentos projetos de uma língua universal; que o Esperanto vem contando com o entusiasmo de milhares de adeptos, há setenta anos; e sabia, ainda, que, apesar de tudo, muita gente tem prazer em ser poliglota, em falar várias línguas!

O "Antibabel", naturàlmente, tem a seu favor o fato de ser mais eclético do que o Esperanto. Enquanto êste idioma se compõe ùnicamente de línguas européias e se escreve com caracteres latinos, aquêle amalgama tôdas as línguas do mundo. O Esperanto não tem caracteres do chinês, do árabe, do africano, etc.

O Antibabel, antes de tudo, está baseado em números e êstes correspondem às diversas letras. Vejamos como funciona o

método. Tomemos, como exemplo, o alfabeto latino. O número 1 corresponde à letra A. O 2 ao B. O 3 ao C. O 4 ao D. O 5 ao E. O 6 ao F. O 7 ao G. O 8 ao H. O 9 ao I. O 0 ao J. Para simplificar são usados apenas números simples. Assim, a letra K corresponde ao número 1 encimado por um ponto. A letra L corresponde ao número 2 com um ponto em cima. O M ao número 3 também com um ponto em cima; assim, até o T. A letra U, por outro lado, corresponde ao número 1 com um ponto embaixo. O V ao número 2 com um ponto em baixo; assim até o Z, que corresponde ao número 6 com um ponto em baixo.

Dessarte, exprimindo em concreto a palavra latina "Deus", temos em algarismos: 4519. Para expressar a palavra "Mundo" em russo, que é "Mir", temos 398. A mesma regra se aplica aos alfabetos diversos do latino, pois um sistema de prefixos em algarismos arábicos, que todo o universo conhece, indica qual a língua original e torna mais fácil a tradução.

Notem os leitores que Gaj Magli aboliu o R e o S, alegando que milhões de chineses são absolutamente incapazes de pronunciá-lo. Na realidade, nem êle mesmo pronuncia com facilidade tais letras. Naturalmente, as regras do Antibabel não param aqui. Os nomes geográficos se traduzem, por exemplo, com as cifras que indicam a própria posição no mapa (e o harmonioso nome do Cabo da Boa Esperança, passará a ser 33º 56S — 18º 28' E (que se pronuncia Cotev Amalmec); os elementos químicos serão indicados com o próprio número atômico; os nomes dos personagens falecidos com as datas do nascimento e morte, com o que — afirma o inventor — as massas ganharão instrução. Assim Alexandre Magno será 356/323 e Emmanuel Kant 1724/804.

O sr. 710/31729 (assim se traduz em Antibabel o nome de Caj Magli) está convencido de que o seu método para um idioma-universal será uma grande arma de paz e fraternidade entre os homens.

O **Antibabel** será uma lingua universal (se vitoriosa a tese do seu criador) e será usado ao lado das outras línguas, pois todos os povos continuarão falando o próprio idioma, mais o referido antibabel, que se tornará **oficial** no mundo inteiro. O seu autor, antes mesmo de saber o que decidirá a UNESCO, já mandou imprimir e pôs à venda o seu vocabulário **Antibabel** em italiano, inglês, francês e alemão. Brevemente o publicará em mais doze línguas.

Não sabemos se tal tentativa para a criação e adoção de uma língua universal sairá vencedora ou se fracassará como tantas outras. Só o tempo o dirá.

Cabe aqui a frase já transcrita acima: **"Papum decedid pacov fedeb"** (É necessário ter fé!).

★

ESSAS CRIANÇAS...



— Que conta é esta da confeitaria sôbre cento e oito sorvetes de creme?

★

FECUNDIDADE CRESCENTE

NO livro "Des Monstres", de Ambroise Paré, famoso cirurgião francês (1517-1590) lê-se a seguinte referência:

"Madame de Maldemaure deu à luz **um** bebê no primeiro ano de seu casamento; **gê**meos no segundo, triplos no terceiro, **quá**druplos no quarto; quintuplos no **quinto** e sêxtuplos no sexto. Ao dar à luz êstes **últimos** morreu. Teve vinte e um filhos em seis anos."

★

PENSAMENTO...

Amor nasce da recordação, vive da inteligência e morre pelo esquecimento. — **R. Lulio**

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com tôda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de tôdas as graças, e de tôdas as formas necessárias para fascinar o espírito." — JOSÉ DE ALENCAR

NO MUNDO DOS VERBOS

Carta de leitor atencioso (V. M., Rio) faz que ingressemos no terreno árido dos verbos, onde nem sempre são unânimes os ensinamentos dos gramáticos. Adotamos, na conjugação, as formas consagradas pelo **Vocabulário Ortográfico da Academia Brasileira de Letras**, que está oficializado.

1. **Verbos pronominais**. Na conjugação enclítica dos verbos pronominais, cai o **s** da primeira pessoa do plural.

LEMBRAR-SE

Pres. Ind.
lembro-me
lembras-te
lembra-se
lembramo-nos
lembrai-vos
lembram-se
Imperativo
lembre-me (1)
lembra-te
lembre-se
lembremo-nos
lembrai-vos
lembrem-se

2. **Verbos com o pronome *o* enclítico**. Observam-se as seguintes regras:

a) se o verbo termina em vogal, acrescenta-se **o, a, os, as**, conforme a palavra substituída;

b) se o verbo termina em **r, s** ou **z**, suprime-se essa consoante e acrescenta-se **lo, la, los, las**;

c) se o verbo termina em **m** ou em ditongo nasal, acrescenta-se **no, na, nos, nas**.

Pres. Ind.
faço-o
faze(s)-lo
fá(z)-lo
fazemo(s)-lo
fazei(s)-lo
fazem-no
Imperativo
faça-o
faze-o
faça-o
fazemo-lo
fazei-o
façam-no

3. **Magoar**, com **o**, de **mágoa** (não **mágua**). Pres. Ind.: **magôo, magoas, magoa**, etc. Pres. Subj.: **magoe, magoes, magoe**, etc.

4. **Enxaguar**. Pres. Ind.: **enxáguo, enxáguas, enxágua**, etc. Pres. Subj.: **enxágüe, enxágües, enxágüe**, etc.

5. **Perder**. Pronuncia-se: **perco** (ê), **perdes** (é), **perde** (é), etc. Pres. Subj.: **perca** (é), **percas** (é), **perca** (é), etc.

▭

A. S. (Nesta) — Os grupos **io, ia** constituem ditongos orais crescentes. Assim, os vocábulos **diário** e **ânsia** são paroxítonos (ou graves).

Entangüído significa inteiriçado, tolhido no frio. Em Monteiro Lobato encontramos: "Vegetação entangüida de frio."

JOSÉ RICARDO NETO

---

(1) É possível o emprêgo do imperativo na primeira pessoa do singular, como no seguinte passo de Camões:

Alma minha gentil, que te partista
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E **viva eu cá** na terra sempre triste.

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR
DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXIX — N.º 2 — JULHO — 1955

DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DELIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA.

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFICEIS.

TERCEIRO TORNEIO DE 1955
JUNHO A SETEMBRO

LOGOGRIFO — 1

Vivo quieto em meu canto,
Questão não quero **levantar** —
8-3-4-9-2
Mas, no **atoleiro**, garanto —
8-9-2-9-8-3-2-3
Vi **pequeno crustáceo** do mar
— 4-7-3-4-5-9

Vi **espécie de periquito** —
6-7-2-5-1-7-2-5
Cantando na lama a **ondear** —
4-2-9-10-1-5-2
Vi em **apêrto** um mosquito —
8-7-1-5-8-7
Perdido num charco a voar.

Conheço mui bem os **perigos**
— 10-5-2-8-3-10
Sou da vida, eu sou **mundano**
— 8-3-2-2-9-10-8-2-9
Sei bem que os meus inimigos,
Me chamam de louco, d'insano.

Mas num **momento decisivo** —
4-2-5-10-8
Jogo contra os meus algozes,
Versos tortos, de improviso,
Mal feitas rimas, mui **velozes**.

Dr. Legnar (Urupês)

★

ENIGMAS

Ao Gumercindo Leite

— 2 —

Junte na trave a corrente
Sem dar o menor cavaco,
Por ser prisão resistente
Pra **indivíduo velhaco**.

Mavicaro

———

— 3 —

Conseguiu o Zé Vicente,
Rapaz muito preguiçoso,
Um alto cargo sòmente
Por ter padrinho **teimoso**.

José Coelho Vieira (Maceió)

— 4 —

Certa mulher encantadora,
Tem lá sua pretensão...
De querer ser causadora
Dessa grande **murmuração**.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

———

— 5 —

Desde que cautela tenha,
Nunca o mal fará a gente,
E a doença que venha;
Aqui não há **indolente**.

Guilherme Tell (Rio)

———

— 6 —

O povo leu a história
Do gigante da Maré,
E viu a nossa vitória
Sôbre a gente da **ralé**.
Onde?

Iza Abel (Rio)

★

CHARADAS SINCOPADAS

7 — Três (duas) — **Pessoa velhaca** não engana a homem **valente**.

Antomar (João Pessoa)

———

8 — Três (duas) — Revela **ignorância** das leis trabalhistas aquêle que executa **trabalho negligente**.

Beatriz Cardoso, CEP (S. Paulo)

Um concurso diferente!...

PEDIMOS AOS SRS. COMERCIANTES INFORMAREM AS SUAS FREGUESAS E FREGUESES

CR$ 10.000,00 P/ OS CONSUMIDORES — 176 DÚZIAS DE óLEO DE CEDRO P/ OS COMERCIANTES QUATRO VÊZES POR ANO

Coloque num envelope 1 rótulo de óLEO DE CEDRO acompanhado de seu nome completo e enderêço, assim como o local em que foi comprado o vidro de óleo, RUA E NÚMERO. Remeta a carta para:

«CONCURSO DO «óLEO DE CEDRO» — Av. Rio Branco, 137, sala 616 — Rio de Janeiro.

Com esta carta a pessoa estará habilitada aos sorteios que se realizarão nos dias 31-3-55 — 30-6-55 — 29-9-55 — 29-12-55, às 21,30 horas da noite na Rádio Vera Cruz.

Serão distribuídos os prêmios seguintes: PARA OS CONSUMIDORES: 25 prêmios de Cr$ 50,00, 1 prêmio de Cr$ 250,00, 1 prêmio de Cr$ 500,00, 1 prêmi ode Cr$ 1.000,00, 1 prêmio de Cr$ 2.000,00 e 1 prêmio de Cr$ 5.000,00.

PARA OS PROPRIETÁRIOS DAS CASAS COMERCIAIS QUE VENDEM O NOSSO PRODUTO: 25 prêmios de 1 dúzia de óLEO DE CEDRO, 1 prêmio de 40 dúzias e 1 prêmio de 100 dúzias, tudo correspondente aos prêmios dados aos consumidores.

Tôdas as cartas recebidas serão colocadas no Auditório da Rádio Vera Cruz, nos dias do Concurso, quando então um Cego, contratado pela Rádio, irá escolhendo as cartas a serem premiadas.

O MÁXIMO DE HONESTIDADE NUM CONCURSO DIFERENTE!...

O resultado dêste concurso será publicado em diversos jornais e revistas, inclusive na Revista do Rádio.

Quaisquer informações na Av. Rio Branco, 137 — sala 616
Telefones: 32-9415 e 32-9309

9 — Três (duas) — Com **os intestinos** tenho o máximo **cuidado**, porquanto reconheço **que pouco a pouco enfraqueço.**

Cysneirense Júnior (Muriaé)

---

10 — Três (duas) — Não há **lance difícil** quando no leilão, **se vende por qualquer prêço**.

Fusinho, CEC (Bangu)

---

11 — Três (duas) — O **conselho** da família deu **informação** do procedimento do juiz.

Fiote (Cuiabá)

---

12 — Três (duas) — Num **momento** o **dono da casa** morreu.

H. França (Recife)

---

13 — Três (duas) — Num **discurso rápido, exponha**, sr. **ministro**, a verdadeira situação econômica do país.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

14 — Três (duas) — Eis que **uma grande porção** de ladrões **furta** Bagdá.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

À confrade Heron Silpes:

15 — Três (duas) — Se você **disser** que já montou num **cavalo recém-domado que ainda não inspira confiança**, eu digo **que é mentira**.

Ismênia (Recife)

---

16 — Três (duas) — Há um **boato falso** sôbre o resultado **final da peleja**.

P. Del Debbio (S. Paulo)

---

17 — Três (duas) — De mulher **cheia de agrados**, ninguém **me separe**.

Ruvina (Pôrto)

---

18 — Três (duas) — Um **desmaio nervoso** dá-se, às vêzes, **por pouca coisa**.

Seamva (Santos)

---

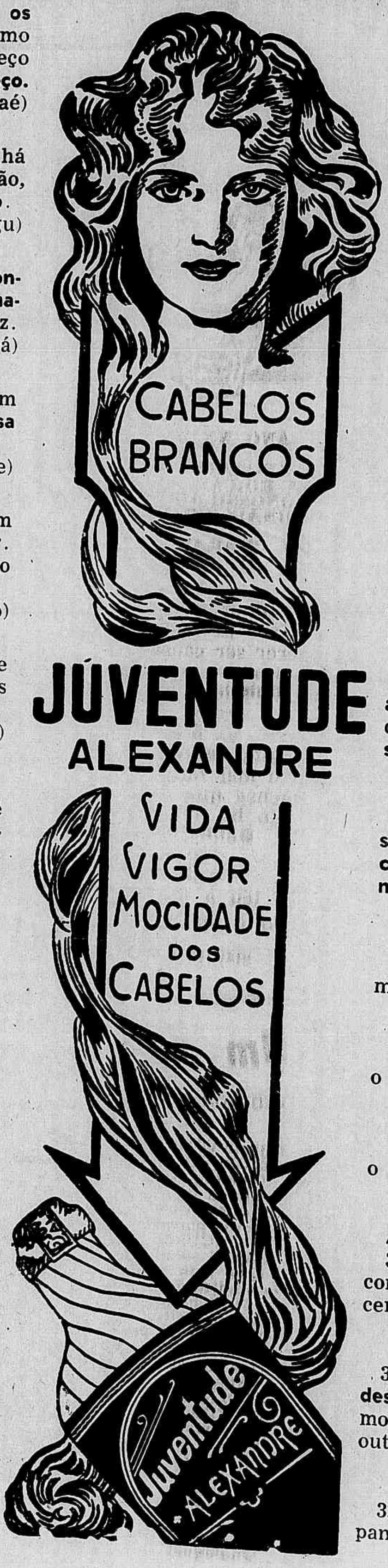
19 — Três (duas) — O **diabo é um bocado** feio!

Tonnew (Rio)

---

20 — Três (duas) — Usando **de lôgro**, eu consegui esta **correia**.

Tartarim (Itajubá)



CHARADA ANTIGA — 21

Porque **estás**, menino feio, — 1
Desta maneira a **gritar**? — 3
Acaso não tens receio
De que eu possa te **esganar**?

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

★

CHARADAS CASAIS

22 — Três — O **criminoso** deve estar **preparado** para receber o justo **castigo**.

Cysneirense (Muriaé)

---

23 — Três — Palestrando em um **sítio onde esperam antas**, aprendi o **nome dado a fontes perenes de águas minerais**.

Cysneirense Júnior (Muriaé)

---

24 — Três — Certos indígenas costumam enfeitar as **árvores** com **chifres de gado vacum**.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

---

25 — Duas — Poucas serão as pessoas que terão o **ensejo** de ver a sua própria **lousa sepulcral**.

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

26 — Duas — **A taça em que se deitava o vinho para cada conviva** foi oferecida pelo **homem virtuoso**.

Fiote (Cuiabá)

---

27 — Três — **Imagina** só o meu **projeto**!

H. França (Recife)

---

28 — Duas — O dinheiro **dá**, o **dinheiro** tira.

Malba Tantan, P.S. (Santos)

---

29 — Três — De **bom grado** o que é útil não se **destrói**.

Ismênia (Recife)

Ao distinto amigo Alvazil:

30 — Três — Quem trabalha com **cuidado**, por certo vencerá tôda **dificuldade**.

Manduca, ACCB (Salvador)

---

31 — Cinco — O rapaz foi **desacatado** por ter dito que a moça fôra **ludibriada** pelo outro.

Oarcim

---

32 — Três — Quem acompanha um **partido**, é **parcial**?

Pompeu Júnior (Botucatu)

33 — Duas — Seu maior **defeito** é querer fazer música com **piano ruim**.

P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)

---

34 — Duas — O **defeito habitual** na China torna um homem **falho**.

R.A.C.H.A. (Rio)

---

35 — Quatro — É de gênio **àspero** tôda a mulher **que rejeita carinhos**.

Ruvina (Pôrto)

---

36 — Duas — Admiro o homem **erudito** que vence pelo **trabalho**.

Santorum (Rio)

---

37 — Três + — Atente ao **sinal** do seu **amigo**.

Uedath (Niterói)

Agradecendo à distinta Ismênia:

37-A — Três:

O mendigo bem feliz,
Apanha a "beata" e diz,
De modo **positivo**:
"Na vida **material**
Tudo é carnaval"
— Eis aí seu lenitivo.

Bisilva (Manaus)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

38 — Duas-duas — É uma vida **obscura** e de **grande quantidade** de sacrifícios a do **soldado raso**.

Antomar (João Pessoa)

---

39 — Uma-duas — **Apesar de hesitar** um momento, eu resolvi **guiar** aquêle grupo de turistas.

Beatriz Cardoso, CEP (S. Paulo)

---

40 — Três-três — **Corrompe** e causa **vexames**, as loucuras daquele homem **extravagante**.

Dr. Legnar (Urupês)

---

41 — Uma-três — Amigo por **"excelência"**, o dr. Lavrud merece de todos os confrades uma **afeição especial**, uma **afeição extremosa**.

Gomes Júnior, CEC (Maceió)

---

42 — Duas-uma — O marujo ficou em completo estado de **embriaguês**, após ingerir as **bôrras** de um **vinho fraco**.

Joaquim A. Pimentel (Itapaci)

---

43 — Duas-uma — Motorista tolo é aquêle que se **empola** na hora da **aflição** quando vê com defeito a **bomba manual de encher pneumático**.

Jorela (Curitiba)

---

44 — Duas-duas — Sujeito **preguiçoso, sem energia**, só anda **devagar**.

José Coelho Vieira

---

45 — Duas-uma — Por haver derramado **o arroz em casca** e comido o **pão-de-ló**, levei grande **surra**.

Mavicaro

---

46 — Três-duas — Você **treme** só pensando na resposta, entretanto **não** há razão, garanto que ela vai ser bem **branda**.

Oarcim

---

47 — Três-uma — **Demora** no serviço, sem **arrependimento** algum, o **preguiçoso**.

Seamva (Santos)

---

48 — Uma-duas — De **"tudo"** não **graceje** para não passares por **pessoa indolente e preguiçosa**.

Paulistinha (Rio)

---

49 — Uma-duas — **Amanhã, atenção**; não deixe de ler o **matutino**.

Segon (Rio)

---

50 — Uma-uma-uma — Da linha **férrea** pode-se **ver** a **deusa egípcia** e só uma **pessoa parva** não a verá.

Eva Dio (Rio)

Academia de Acordeon
MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

COMO APRENDER A DANÇAR



6ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

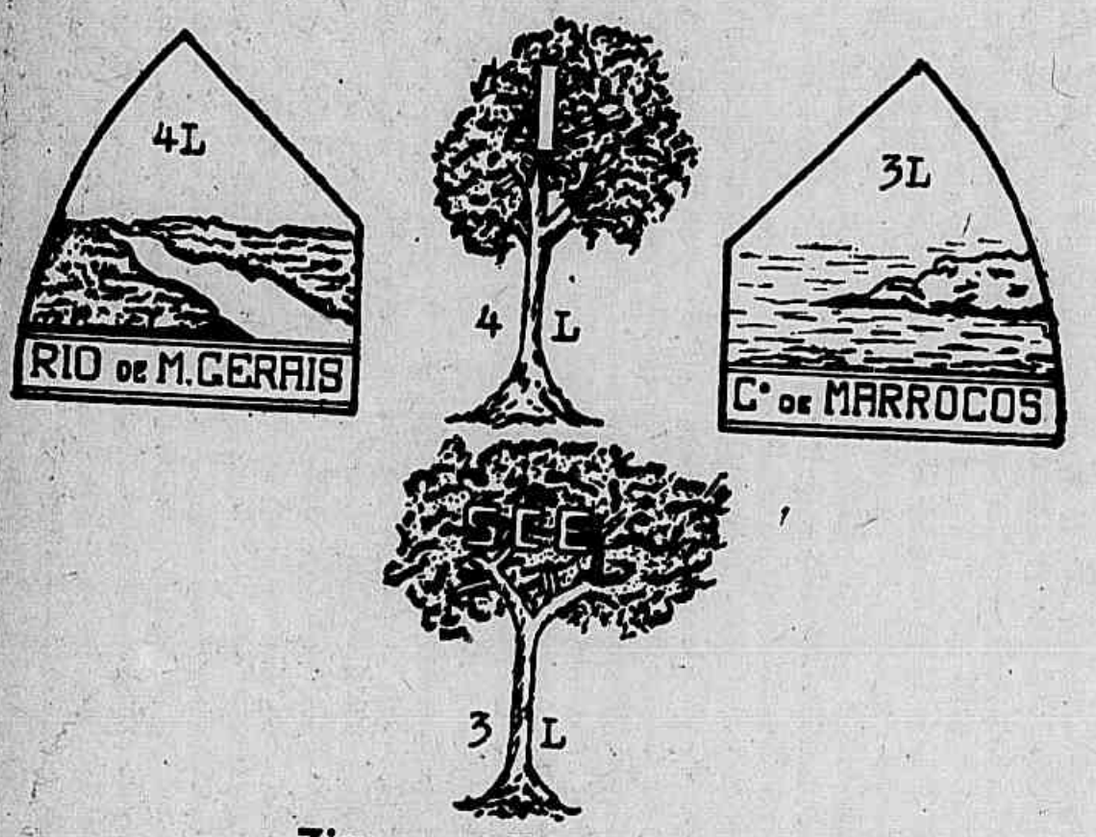
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade número 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 55,00 Caixa Postal 649 — São Paulo

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL — À venda na Livraria Clássica Editôra Praça dos Restauradores Nº 17 — LISBOA

ENIGMA FIGURADO — 51

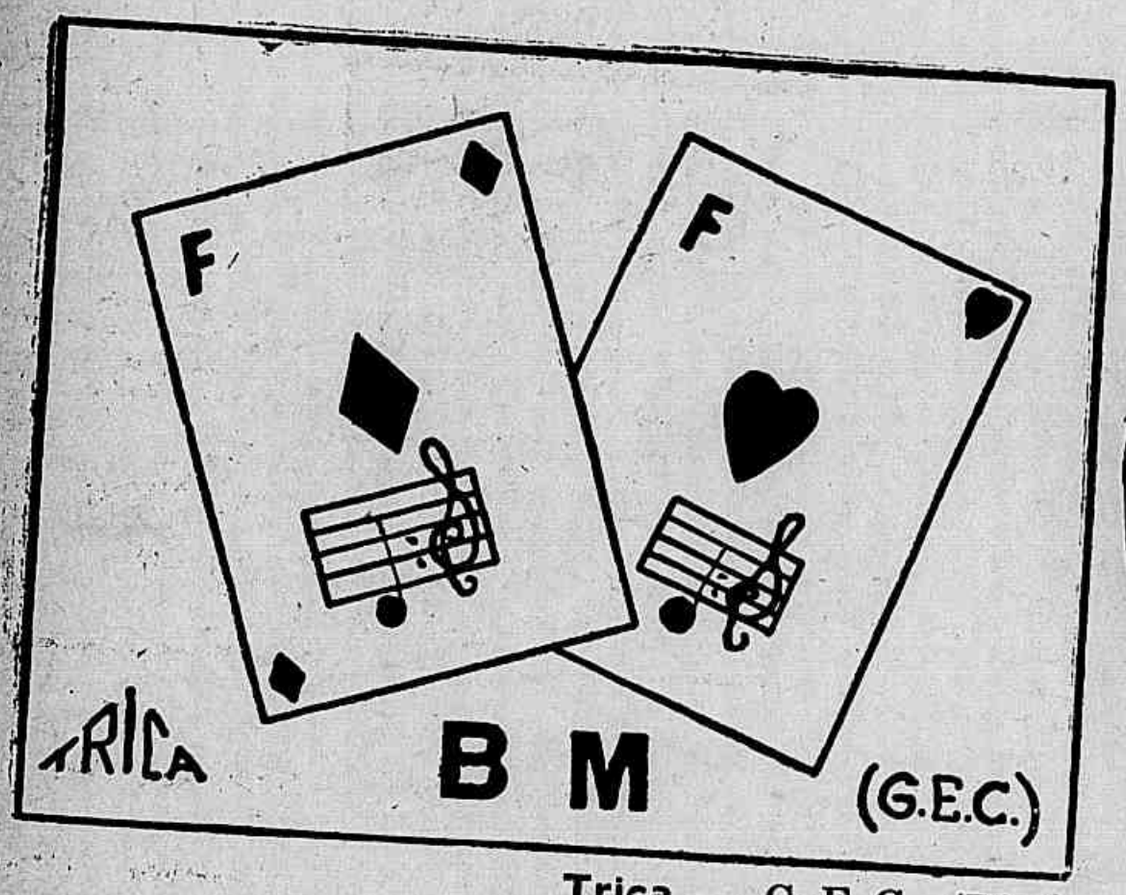
Póstumo



Zigomar, T.E.M. (Belo Horizonte)

★

ENIGMA FIGURADO — 52

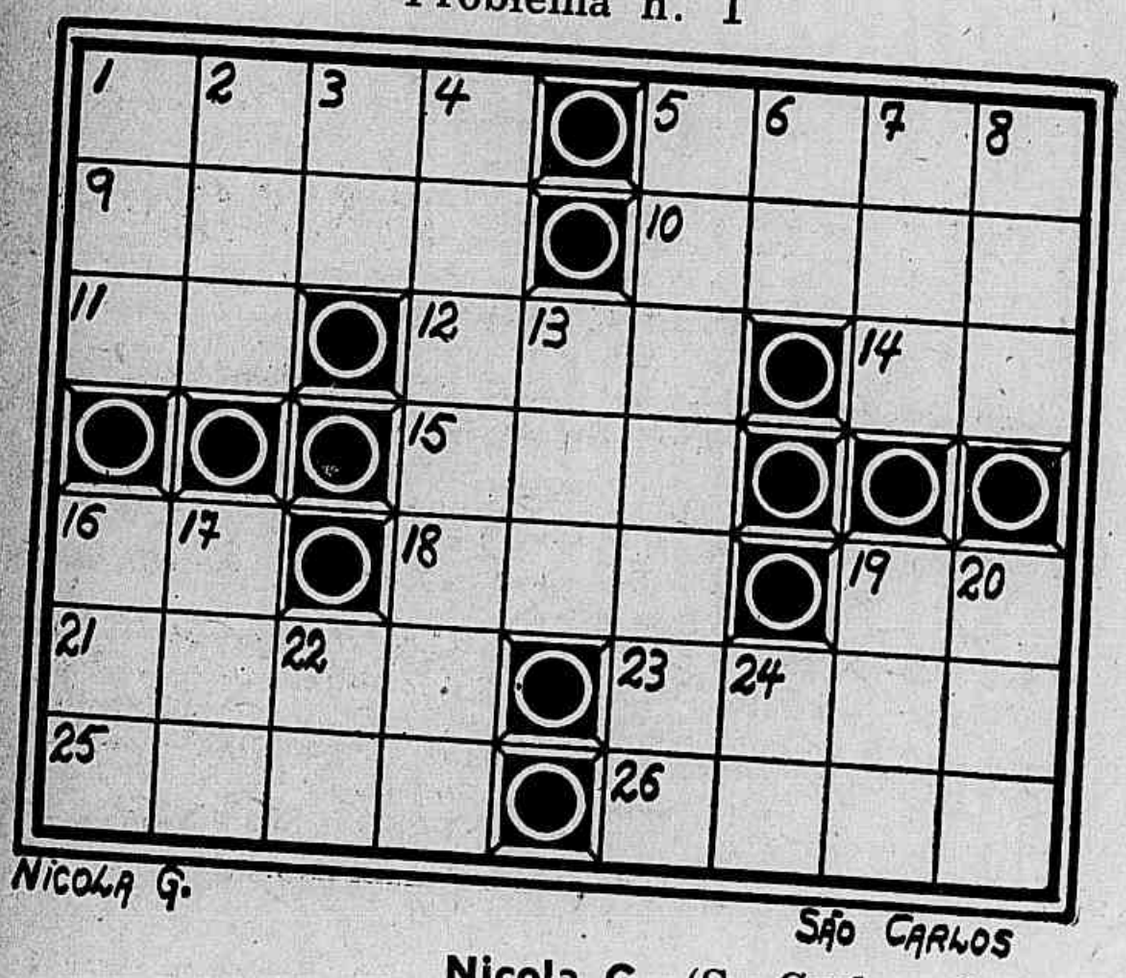


Trica — G E C (Rio)

★

PALAVRAS-CRUZADAS

Problema n. 1



Nicola G. (S Carlos, S. P.)

Horizontais: 1 — Tulha subterrânea; 5 — Indivíduo que sabe fingir; 9 — Rezar; 10 — Camada inferior da sociedade; 11 — Arrieira; 12 — Criada; 14 — Grito de dor ou de alegria; 15 — Partido; 16 — Ama de crianças; 18 — Verme que aparece nas feridas dos animais; 19 — Indivisível; 21 — Verbal; 23 — Carta geográfica; 25 — Simples, sem mistura; 26 — Levantar.

Verticais: 1 — Ruído; 2 — Raiva; 3 — Nota musical; 4 — Resposta de um deus a quem o consultava; 5 — (Bras.) Nome de uma árvore cuja madeira é própria para construções; 6 — Basta!; 7 — Fôlha de palma da índia portuguêsa; 8 — Soberano; 13 — Maior; 16 — Caritativo; 17 — Unidade das medidas agrárias; 19 — Salto brusco; 20 (fig) Imensidão; 22 — Fluido; 24 — O mais.

Problema n. 2



P. Del Debbio, C E P (S Paulo)

Horizontais: 1 — Bílis; 4 — Exprimir por mímica; 6 — Indivisível; 7 — Pôpa; 9 — Fragmento de qualquer objeto que se desbasta; 12 — Tinhorão; 13 — Cêsto de palha de carnaúba, provido de alça; 15 — Lírio; 17 — Agir; 18 — Fruta-do-conde; 19 — Espécie de dança; 21 — Além; 22 — Desacompanhado.

Verticais: 1 — Remate; 2 — Prep. indica lugar; 3 — A pátria; 4 — A poesia; 5 — Chuva; 8 — Imensidão; 10 — Pentagrama musical; 11 — Atormentar; 14 — Malôgro; 16 — O espectro solar; 18 — Outra coisa; 20 — Tecido fino como escumilha.

ALBUM DE NUS ARTÍSTICOS

● Recebemos maravilhosos albuns de nus artísticos, editados na França. Verdadeiras obras de arte! Peça catálogo ilustrado.

GRÁTIS

Preencha o cupon abaixo, a máquina ou a lápis para não borrar. Remeta-nos em envelope fechado.

À «LIVROS DE ARTE»

Caixa Postal 1.207 — SÃO PAULO, Capital

Solicito que me enviem grátis um catálogo ilustrado de ALBUM DE NUS ARTÍSTICOS

NOME: .....

RUA: ..... **Nº** ..... **Cx. Postal** .....

CIDADE: ..... **ESTADO:** .....

E. S. T.

3.º TORNEIO DE 1954

Totalistas: Seamva, Sertanejo II, Malba Tantan, Ronega, Buridan, Ziul, Oarcim, El Principe, P. Del Debbio, Amiz, Uedath, Tonnew, Oicaroh, Dom Roal, Durmel, Manduca, Pompeu Júnior, Florentino, Toberal, O Sineiro, Olin, Breque, Nostradamus, Tarcísio, Cantagalo, Debrito, Jayreis, Plapece, Ordisi, Ruvina, Farani, Asil, R. Said, Megos, Conde de la Fére, Dr. Zinho, José Coelho Vieira, Alguém, Édipo, Antero, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Varetas, Bisilva, Gomes Júnior, Dr. Barreto Cardoso, Dimas da Costa Morais, Uma lista sem assinatura, Seu Gumeli, Ralvo Ilvas, Almiro Lessa, Bael, Caio Loti, Clissal, Dr. Anquinhas, Mme. Stael, Rubem, Salrac, Theodoro Várzea, Marcus, Jasbar, Zigomar, Malheiros, Fanzio Liso, Donatila Borba, Águia, Yema, O. Janz, Juça Pirolito, Botucarahy, Dopasso, Alvasco, Narciso, Milon, Heron Silpes, Cartos, De Souza, Paraná, Lidaci, Nel-Son, Sinhô, Ivelise.

2.º lugar: Zenon, Sefton, H. França, Simplício e Simplório, Roama, Mavicaro, Ismênia, J. C. Trindade, Íris, Dr. Legnar.

JULIÃO RIMINOT

O veterano confrade e amigo **Julião Riminot**, de S. Paulo, estêve no Rio, vindo à nossa redação dar o seu cativante abraço.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos as seguintes:

Artigas — de Montevidéu; **Revista de Palavras-Cruzadas** — Capital; **Charadismo e Cruzadismo** — Capital; **O Charadista** — Lisboa; **Brasil Enigmista** — Capital; **Paraíba Enigmista** — João Pessoa, e outras.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 29 de maio:

Kiapp (Capital) — Inscrito com muito prazer.

Ed Vepp (Recife) — A sua inscrição data de outubro de 1947. — Feita as anotações de seu novo enderêço.

Tarcísio (Santos) — Como pede.

Rafinha (Pôrto Alegre) — Gratos pelos trabalhos que enviou; alguns foram aproveitados para o Almanaque de 1956.

Jalbaim (?) (Rio) — Inscrito; mande o seu nome e enderêço.

A todos — Muitos dos trabalhos em nossas pastas foram aproveitados para o Almanaque de 1956.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, Rua Visconde de Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 **Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates**

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME.....

RUA..... **Nº**.....

CIDADE..... **ESTADO**.....

O MENDIGO

(Continuação da página 9)

nariz reto e cabelos ruivos. Falava constantemente da América Central, onde ocupara elevado cargo em companhia comercial norte-americana, ao qual renunciara pelo desejo de tornar-se escritor. Não lhe dedicávamos grande simpatia, porque era um tanto presunçoso e não estávamos, os demais, em idade própria para tolerar essa arrogância. Por sua vez nos desprezava e não hesitava em dizer o que achava que merecíamos ouvir. Nem sequer nos mostrava seus trabalhos, antes de publicá-los, porque não lhe importava nosso elogio nem receava a nossa censura. Sua impertinência nos irritava e, no entanto, mais de um, entre nós, tinha a convicção de que sua maneira de proceder era justificada. Seria possível que sua enorme fé no próprio gênio não tivesse algum fundamento? Tudo sacrificara para ser escritor! A tal ponto que sua confiança em si mesmo contagiou a alguns de seus amigos. Agora, eu recordava sua jovialidade, suas esperanças no futuro e o desinteressado de suas atitudes. Era difícil imaginar que aquêle destrôço humano era o mesmo homem! No entanto, não tinha mais dúvidas.

Assim, levantei-me, paguei a consumação e atravessei a praça, tentando encontrá-lo. As recordações acudiam em tropel à minha memória. Algumas vêzes, em minha vida, havia pensado no que fôra feito daquele homem, mas nunca imaginei que tivesse caído em tal estado de abandono. Podemos contar por centos e mesmo por milhares, os jovens que se sentem atraídos pela Arte, porém a maior parte dêles não passa da mediocridade, tropeçando com grandes dificuldades para não morrer de fome. Não obstante, aquêle quadro era deprimente e tentava descobrir o que acontecera. Que dificuldades frustrara seus projetos e quais tinham sido as ilusões perdidas, que o haviam derrotado afinal?

Não estava sob a arcada e era menos provável, ainda, poder encontrá-lo entre a multidão que cercava um rinque de patinação. A noite já descera inteiramente e receava não dar com êle. Ao passar diante da igreja o avistei, sentado num dos degraus.

Não encontro palavras para descrever o aspecto doloroso que oferecia. A miséria acabara com o desgraçado, quebrando-o pouco a pouco e deixando-o, por fim, abandonado, como os restos de um naufrágio, após a tormenta.

Aproximei-me dêle e perguntei:

— Recorda-se de Roma?

Nem sequer estremeceu. Também não respondeu às minhas palavras, como se eu não estivesse presente. Olhava fixamente para três corujas negras, que ao pé do primeiro degrau se empenhavam em despedaçar alguma coisa. Não sabendo o que fazer, tirei, então, do bôlso, uma nota de dez pesos e a deixei em suas mãos.

Nem sequer olhou para o dinheiro, porém, com os dedos secos, semelhantes a garras, fêz com a nota uma bolinha que atirou para o ar e foi cair entre as corujas, que brigavam.

Instintivamente, observei uma delas, que apanhara o dinheiro com o bico, levantar vôo, logo perseguida pelas outras.

Três dias mais permaneci na cidade e, no entanto, não tornei a vê-lo, depois dessa noite em que desapareceu, por assim dizer, de minha vista, no momento em que me voltei para as feias corujas.

★

CURIOSIDADES ARITMÉTICAS

UM matemático paciente descobriu as seguintes curiosidades do número 142.857. Se o multiplicarmos por qualquer número de 1 a 6 obteremos produtos cujas cifras serão as mesmas que compõem o original.

Além do mais, e com a única exceção dos primeiros algarismos, a órdem dêstes continua sendo a mesma.

Vejamos, pràticamente:

$$142.857 \times 1 = 142.857$$
$$142.857 \times 2 = 285.714$$
$$142.857 \times 3 = 428.571$$
$$142.857 \times 4 = 571.428$$
$$142.857 \times 5 = 714.285$$
$$142.857 \times 6 = 857.142$$

Ao multiplicar por 7 obtém-se o estranho número de... 999.999.

UM CRIME ANTES DO BAILE

(Continuação da página 25)

Retornamos ao térreo, onde se encontravam os convidados. Ao entrarmos na sala-de-estar percebemos que todos discutiam sôbre o caso. Ronnie Norton centralizava as atenções, e logo que nos viu, rompeu a multidão e aproximou-se com um ar agressivo e desagradável. Então falou como se ignorasse completamente a existência de Paul Duncan.

— Tudo bem, tenente? Então? O **homem** conseguiu fazê-lo acreditar que é mesmo inocente?

Walsh o encarou com indisfarçável irritação.

— Que deseja, Norton?

— Nada! Apenas está claro que Duncan assassinou Sharon. Para isso houve motivo e oportunidade! Eu o vi segui-la na escadaria. Provàvelmente, ela lhe disse que havia contado sua história ao pai; então, êle perdeu a cabeça e matou-a. Acredito, mesmo, que não tenha havido premeditação. Talvez a sua intenção fôsse apenas a de intimidá-la...

Walsh se voltou para o outro.

— Foi assim que aconteceu, Duncan?

— Não.

— Êle está mentindo! — gritou Norton.

Duncan cerrou os punhos, ameaçador. Segurei-lhe o braço, antes de que pudesse avançar; depois de fazer algum esfôrço, relaxou os músculos.

O tenente voltou a encarar Norton.

— Você também estêve lá em cima, Norton?

— Não.

— Pode provar?

— Naturalmente! (E alteou a voz, dirigindo-se a todos os convidados:) — Todos vocês viram que em permaneci, aqui em baixo, durante todo o tempo?

Ninguém respondeu. Pareciam esmagados pelo assombro. Ronnie ficou rubro de cólera e repetiu a pergunta:

— Alguém me viu subir para o primeiro pavimento?

E saiu interrogando um por um:

— Você viu? Você? Você...?

Todos disseram que êle não havia deixado o salão da festa, o que o fêz voltar-se, tiunfante, para Walsh.

— Compreende agora, tenente...

— Não, não compreendo nada — respondeu Walsh. — O fato de que ninguém o haja visto subir, não prova que você não tenha subido.

— Está me acusando de mentir?

— Isto não é uma acusação. Digo-lhe, porém, que esta sua atitude hostil não me agrada.

Ronnie Norton murmurou algo que ninguém apreendeu, depois concluiu, em voz alta:

— Está bem! Se julga que fui eu quem matou Sharon, prenda-me; leve-me de uma vez e deixe Paul Duncan, o assassino, em paz!

Walsh passeou pelo quarto, examinando cada pessoa de perto. Possuía muita argúcia e capacidade investigadora. Mas pareceu-me que daquela vez êle se encontrava muito perturbado. É certo que tinha muitas provas contra Paul Duncan. Na ausência de maiores evidências, seria fácil considerá-lo culpado, embora só existissem provas circunstanciais. E, além disso, qual o assassino que convida espectadores para testemunhar o seu crime?

Walsh parou de andar e encarou George Webster. Além de Webster, havia a sua secretária particular, a atraente Ann Foster.

— Miss Foster — perguntou o tenente. — Desde quando conhece Paul Duncan?

Ela fêz ligeira careta. Depois sorriu:

— Desde quando comecei a trabalhar na firma. Creio que êle aqui chegou em 1946.

— Vocês dois eram... amigos?

— Naturalmente.

— Muito amigos mesmo? — continuou Walsh.

— Sim! Aliás, todos os que trabalham na firma são muito amigos, entre si.

— Não é a isso que me refiro — prosseguiu Walsh, delicadamente. — Não pretendo embaraçá-la, mas é meu dever perguntar. Você o amava?

Miss Foster corou.

— Por que faz essa pergunta?

— Pode ser importante.

— Não vejo de que maneira! (E voltou-se para mr. Webster.) — Que direito tem êle de intrometer-se em minha vida particular? — perguntou.

Webster tocou no braço dela.

— Responderei por você — disse êle. E virou-se para Walsh. — Até esta noite — começou — só uma coisa me entristecia:

o fato de que o noivado de minha filha com Duncan dilacerava o coração de Ann. Percebia que ela o amava e naturalmente sofreria com isso.

Todos os presentes ficaram inquietos com mais essa revelação. A tensão cedeu lugar ao embaraço, mas, no momento em que Walsh tornou a falar, a perturbação era geral.

— Miss Foster; sou forçado a pedir que venha comigo até à cidade.

— Por quê?

— Porque — disse Marty Walsh, com absoluta calma — estou prendendo-a, como assassina de Sharon Webster!

— Isto é ridículo — gritou Norton.

— Você matou miss Sharon! — repetiu Walsh, fixando em miss Foster um olhar acusador. — Não conheço detalhes, mas sei o bastante para sustentar o que digo!

— Ouça, tenente — disse mr. Webster. — O senhor não pode acusar ninguém sem provas. Por que imagina que Ann assassinou minha filha?

— Ela revelou o motivo **quando acusou a Ronnie Norton** — explicou o policial. — **Ciúme**! Esta palavra, mr. Webster, tem sido um verdadeiro trampolim para a perpetração de uma infinidade de crimes.

— Mas não fui eu — disse Ann, com voz sumida.

— Sim. Tenho a certeza! — disse Walsh em tom solene. — Você subiu ao quarto de miss Sharon e com ela teve uma discussão. Com ou sem premeditação, você matou-a! Paul Duncan só subiu mais tarde, quando viu o cadáver e teve mêdo de dar alarma.

— Mas Ann era a melhor amiga de Sharon! — disse Webster, furioso. — O senhor tem que nos apresentar mais prova.

— E tenho-a!

— Qual?

— Esta! — Walsh estendeu o indicador da mão direita e tocou num pequeno broche que Ann Foster usava. — De quem é êste broche, miss Foster?

— Meu! — disse a jovem irresolutamente. — Quase todo mundo, aqui, sabe que é meu.

— Mas você o deu de presente a Sharon Webster, não é verdade? Ou foi apenas emprestado? Até esta noite você julgava ser possível conquistar Paul Duncan. Acompanhou miss Webster, até ao quarto, inteirou-se da verdade, discutiram, etc. O fato é que ela nunca mantinha êste broche fora da caixa. Então, dirigiu-se para a gaveta da escrivaninha, onde o havia guardado, e ia devolvê-lo. Neste momento você viu o revólver. E como estava com ódio no coração, e completamente transtornada, apanhou a arma e tornou-se assassina!

— Mas, como pôde saber isso? — balbuciou Ann. — Como...?

— No momento em que Paul Duncan encontrou o cadáver de miss Webster, notou que havia um pequeno escaravelho verde, próximo à mão direita da morta. É que, depois que você cometeu o crime, lembrou-se do broche. Imaginou que êle deveria ter caído perto do cadáver, e que, se alguém o encontrasse, logo reconheceria como sendo seu e assim... — Sua voz caiu ao nível de uma simples palestra.

— Eis o que houve, miss Foster! Foi um assassinato praticado friamente.

— Não é verdade! — gritou Ann, desesperada. — Foi um acidente! Sim. O broche é meu. E ela sempre o admirou. Como não era de valor, presenteei-o a Sharon. Quando ela abriu a gaveta para m'o devolver, depois da nossa discussão, vi a arma. Mas não tinha a intenção de atirar! Pensei que ela se amedrontaria e... desmancharia o noivado. Então o revólver disparou... E ela tombou...

Sua voz estava trêmula. De repente, começou a chorar, cobrindo o rosto com as mãos.

— Desconheço até que ponto vai a sua culpa, miss Foster — disse Walsh. — Mas sei que matou sua amiga!

A acusada não mais protestou. E mediante visível esfôrço, reconquistou o autocontrôle. Depois de algum tempo de silêncio, encaminhou-se para Paul Duncan.

Eu quero apenas que você tenha a certeza disso, Paul — disse ela, revelando grande dose de coragem. — Jamais eu consentiria que você sofresse qualquer prejuízo moral. Caso você fôsse prêso, eu contaria tôda a verdade!

Os dois trocaram um longo olhar. De repente, Ann Foster virou a cabeça, orgulhosamente e disse com voz firme:

— Estou pronta, tenente.

NEBLINAS DA HISTÓRIA

(Cont. da pág. 76)

três dias seguintes, Lucrécia ficou com o papa. Não é possível saber o que se passou entre pai e filha; mas certo é que, quando Lucrécia o deixou o papa tinha pôsto de parte as aparências de pesar inconsolável. Novamente se apresentou em público, e a vida no Vaticano retomou seu curso ordinário. Teria Lucrécia, com aquela fina e pressentida sensibilidade de mulher, adivinhado, desde o princípio, a solução do enigma que tão vagarosamente se entranhara no próprio espírito do pontífice? Tê-lo-ia convencido de que, a não ser que decidisse eliminar a sua angústia pela tragédia, os punhais que tão cruelmente acabaram com a vida de seu filho poderiam igualmente não lhe poupar a própria?

Durante êste tempo, enquanto o pai do assassinado se abandonava a semelhantes excessos de pesar, observou-se que a mãe mostrava, em singular contraste, insolente desprêzo pelos vulgares preceitos do luto. O parentesco entre sua santidade e o infeliz príncipe eram, por assim dizer, **inoficiais**; era sabido de todos — mas não pùblicamente manifestado. Vanozza, por outro lado, ocupava reconhecida posição de mãe do morto. Todavia, em vez de ordenar luto à gente de sua casa, deu ela própria poucos sinais de pesar.

Era uso entre os romanos distribuir esmolas e mandar dizer missas por alma do que partira para o julgamento supremo. Nem uma nem outra coisa fêz Vanozza. Quando o corpo do duque foi levado para uma sepultura na igreja da Madonna del Popolo, não se viu ninguém no cortejo fúnebre representar a mãe. E quando os mais próximos parentes foram a casa dela apresentar-lhe as condolências viram-se despedidos com frívolos pretextos.

Segredava-se, então, que a mãe desnaturada se conservava retirada para ocultar, não o desgôsto, mas a satisfação pelo assassínio. Havia motivos para tais imposições. A bela espanhola era conhecida como mulher de gênio arrebatado e de cólera implacável. Quando, um ou dois anos antes, a soldadesca francesa em Roma saqueara a

sua residência, na ignorância de que era moradia da mãe dos Bórgias, Vanozza mandou chamar seu filho favorito, César, para a vingar, e não descansou enquanto o insulto não foi lavado no sangue de centenas de homens inocentes. Recordando êste incidente, era natural que, se perguntasse, nas conversações da época, por que essa mulher vingativa não levantava sequer um dedo para procurar e castigar os assassinos de seu filho primogênito?

Decorridos três meses incompletos desde o assasínio, a célebre **vila** romana, perto de S. Pedro ad Vincula, era cenário deslumbrante de outra festa ainda mais suntuosa do que fôra a última. Outra vez Vanozza reunia os membros da casa Bórgia para fazer honra a seu filho favorito. Em 5 de setembro, César Bórgia voltara a Roma, depois de ter colocado a coroa de Nápoles na cabeça do rei Frederico. Encontrando-se às portas da cidade com uma procissão de cardeais e de diversos embaixadores estrangeiros, foi escoltado em triunfo até ao Vaticano, onde o recebeu o santo padre, primeiro num consistório público, e depois em audiência particular.

Mal acabaram estas cerimônias, César Bórgia foi ter com sua mãe, que à primeira

★



notícia de sua vinda, logo se desembaraçara dos poucos sinais de luto que ainda mantinha pelo duque de Gandia. Agora festejava o moço cardeal na sua volta, como o festejara na sua partida. Chegara a sua vez de sentar à mesa à direita de sua mãe e de receber tôdas as homenagens dos seus parentes. Se o pensamento de alguns dêles se dirigiu irresistìvelmente para o vulto que ocupara o lugar, pelos menos não ousou deixar cair dos lábios nenhuma palavra de referência que fôra intempestiva e de mau agouro. Desde o dia do regresso de César a Roma, dizem os historiadores, ninguém mais pronunciou, na presença dêle ou da mãe, o nome do duque assassinado.

Pouco tempo depois, César Bórgia, usando pela última vez as vestes de carmezim, apresentou-se no consistório e formalmente pediu autorização para resignar o cargo cardinalício. Foi, a seu pedido, inteiramente despojado do seu caráter eclesiástico, e reentrou no mundo. O resto da sua carreira não cabe aqui ser descrita: como êle foi feito duque de Valentinois pelo rei de França; como casou com uma princesa de Navarra; como, a poder de inúmeros crimes, conseguiu ser quase o soberano de uma grande parte da Itália; e como, depois de se ter livrado de tôda a vingança humana, morreu finalmente numa obscura escaramuça nos Pirineus.

★



TAIS são os fatos provados, de onde se inferiu que César Bórgia fôra o instigador ou o mandante do assassínio de seu irmão. Historiadores italianos, não prescindindo de que semelhantes procedimentos pudessem deixar de ser autenticados por testemunhas, permitiram-se construir, omitindo as suas próprias deduções, uma confissão do crime. Representaram César Borgia chamando um afamado bandido espanhol, Michelotto, que tinha andado algum tempo a seu serviço, e explicando-lhe em conversa as razões que o decidiam a remover do seu caminho o duque de Gandia. Será possível que se tivesse dado tal chamamento; porém que fôsse para Michelotto ser confidente de Bórgia e para ouvir os motivos porque assim agia seu amo, dificilmente se aceita; e tanto mais quanto êles se tornaram evidentes para o mundo inteiro, comtraprovados na sua subseqüente vida.

Essa mocidade extraordinária — pois César Bórgia tinha menos de trinta anos — reunia as habilidades de um grande homem com os instintos selvagens de um animal feroz. Parece que, semelhante ao monstro de Frankenstein, tinha sido criado com todos os atributos humanos, exceto de senso moral. Como um doido perigoso, que, com a maior velhacaria, tranqüiliza os que o rodeiam iludindo-os de que está lúcido, e depois, num momento inesperado, irrompe em excessos que destroem a ilusão enganadora, assim o filho de Alexandre VI, depois de se ter mostrado hábil negociador, valente soldado, feliz governador, e na véspera de consolidar o seu poder, tudo perdia por qualquer ofensa brutal, ferindo as consciências, mesmo as daquela época perversa. Terá sido num dêsses momentos em que em sua alma se soltava a fera doida, que César Bórgia perpetrou o mais repugnante de todos os seus crimes? Talvez porque no assassínio do duque de Gandia entrou certa política diabólica. É verdade que o primeiro efeito produzido foi quase o de privar seu pai de juízo. Mas tão depressa passou o primeiro choque, o resultado foi outro e bem visível. Alexandre Bórgia, diante de uma perversidade ainda maior do

que a sua própria, tremeu. O pontífice que era o terror de Roma e de tôda a cristandade estava aterrado pelo próprio filho.

César tinha cedido a entrar, contra vontade, na carreira eclesiástica, na qual o pai muito dêle esperava, e invejara sempre as honras e grandezas de seu irmão mais velho na carreira militar. Porém, desde aquêle momento, nunca mais teve de se queixar do tratamento do papa para com êle. Alexandre VI continuou a usar a tiara, mas César era o poder oculto detrás do trono. A seu pedido foram criados cardeais, e pelas suas mãos destruídos. Parece que o único ente que César amava era sua mãe.

A parte que esta teve no presumido crime — se a teve — ficou oculta. É evidente que todo o seu amor foi dado ao segundo filho; e sabe-se que sempre desejara vê-lo colocado na posição que Alexandre naturalmente conferira ao filho mais velho. A parcialidade dela era tão patente que Francisco cessara de lhe tributar as naturais atenções de afeto filial cavando dêste modo bem fundo o abismo entre os dois.

Com efeito, houve quem acreditasse que não só Vanozza fôra cúmplice na trama, mas planeara propositadamente a famosa ceia na vila para auxiliar a execução, e que fôra por sua conveniência que o mensageiro mascarado entregara o fatal convite, atraindo o duque ao ponto onde os assassinos o estavam esperando.

Provàvelmente, nenhuma luz mais do que esta virá iluminar a escuridão que oculta o intervalo entre a separação dos dois irmãos defronte do palácio Sforza naquela noite, e a aparição do homem à cavalo com o seu fardo, saindo da estreita viela ao lado da igreja de S. Jerônimo.

Fica sempre a possibilidade de ser atribuído o funesto acontecimento à vingança particular de um desconhecido qualquer, que tivesse razões para odiar o visitador da meia-noite à sua residência. É menos provável que os proscritos Orsini, a quem se atribui também o fato, tivessem ousado vingar-se numa afronta que lhes poderia trazer as mais sanguinolentas represálias. Subsiste o mistério, embora o julgamento da história desse, há muito, o seu veredito, pronunciando culpado César Bórgia.

OS PAIS TÊM RAZÃO...

MUITAS crianças já ouviram de seus pais o conselho de **não comer coisas quentes e frias**, uma logo após outro — porque **faz mal aos dentes**. Agora, a ciência veio trazer provas de que o conselho é acertado. Dois dentistas, em recente experiência, fizeram ferver em água um certo número de dentes recém-extraídos, mergulhando-os depois em água gelada. Outro grupo de dentes foi também fervido, porém êste foi deixado esfriar lentamente. Ambos os grupos foram depois submetidos a experiências para determinar sua resistência.

Conforme já suspeitavam, os dentes submetidos a variações bruscas de temperatura, comportaram-se muito pior que os outros. Os pesquisadores acreditam que o calor e o frio são os responsáveis reais da cárie dentária, um problema sério em todo o mundo: combinações tais como café quente e sorvete fazem estalar o esmalte protetor dos dentes e facilitam a cárie.

★



— Agora, creio que já apanhamos tudo!

★

BASEANDO-SE num livro religioso, calculou um estatístico que as nove décimas partes dos vocábulos inglêses são de origem saxônica; porém, segundo alguns estudiosos, as quatro sextas partes dos mesmos "vieram com o Conquistador" (Guilherme da Normandia).

A águia pode viver vinte e oito dias sem alimento. O condor, por sua vez, pode jejuar quarenta dias.

CORRESPONDÊNCIA

INQUÉRITO — Agradecemos o interêsse e a presteza com que os leitores de EU SEI TUDO têm atendido ao nosso pedido. São incontáveis as cartas que nos chegam. Tôdas estão sendo atentamente estudadas, a fim de que, pouco a pouco, estejamos em condições de atender à maioria — porém sem desgostar a minoria, **totalmente pelo menos**. Como fàcilmente se entende, é êsse trabalho delicado mas para cuja solução satisfatória não nos faltam, felizmente, rêcursos e boa-vontade. Breve voltaremos ao assunto.

José Costa Oliveira (S. Luís do Maranhão) — Não editamos a obra, o que talvez venha a ser feito, embora sem data marcada.

Abelardo Falcão (B. Horizonte). — Não recebemos as fotografias, mas apenas seis páginas datilografadas. O assunto será estudado. O segundo item a Administração resolverá, comunicando-se diretamente com o amigo.

Miriam Doyle Carr (Niterói) — Vamos estudar a possibilidade. Dêsse autor, entretanto, as livrarias têm quase tôdas as obras para vender.

EU SEI TUDO

N.º 458 — Ano XXXIX **N.º 2 — Julho — 1955**

SUMÁRIO:

O mendigo (conto de W. Somerset Maugham) 5
Remendo para um coração infantil 10
Curiosidades da nossa terra — Caçando Jacarés Enterrados 14
Esta terra vertiginosa 15
Um crime antes do baile (conto de Roy Cohen) 20
Pescadores de beleza 27
Quantos anos podemos viver? 33
A fôrça de um juramento (romance, continuação) .. 35
O aviso (conto de Arthur Gordon - Policromia) 43
A nova nação alemã: O povo alemão transformou um túmulo numa colmeia 49
A talpa russa 58
Agora já fizeram isto (Para pintar, para lixar, para desodorizar, para o bebê, para as passadeiras, para os cães) 59
Luta eficaz 59
Que podia fazer 59
Nem assim! 59
Atropelamento 59
Um termômetro no estômago por 33 anos 60
Será que a "moda" pega? 60
Silêncio... por dez centavos! 60
Anúncio 60
Natureza (conto) 60
Velocidade animal 61
Eucaristia e Congresso Eucarístico (Que sabe o leitor a respeito?) 64
Êste mundo louco 65
Um ninho estranho 70
Definição 70
O motivo 70
Neblinas da História — Fatal entrevista 70
Esteja em dia com o mundo 71
O baton (conto, conclusão do número anterior) 77
O diário de Felix Lane (romance, continuação) 79
Memento EU SEI TUDO — O mundo há 60 dias .. 89
Um novo idioma universal: o antibabel 97
Nos domínios da gramática 103
Charadas — Quebra-cabeças 106

A CAPA Recebe o Brasil os peregrinos vindos de todos os horizontes, a fim de conosco celebrar o Congresso Eucarístico Internacional. Sôbre o assunto, os leitores encontrarão informações detalhadas e curiosas na página 65 desta edição.